

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

JAMILLE ALMEIDA DA SILVA

**A AMAZÔNIA NA TELA DA TV ESCOLA: UM OLHAR PARA AS FONTES NA
PERSPECTIVA DO JORNALISMO AMBIENTAL**

PORTO ALEGRE
Outubro/2019

JAMILLE ALMEIDA DA SILVA

**A AMAZÔNIA NA TELA DA TV ESCOLA: UM OLHAR PARA AS FONTES NA
PERSPECTIVA DO JORNALISMO AMBIENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

PORTO ALEGRE
Outubro/2019

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Jamille Almeida da
A AMAZÔNIA NA TELA DA TV ESCOLA: um olhar para as
fontes na perspectiva do Jornalismo Ambiental /
Jamille Almeida da Silva. -- 2019.
258 f.
Orientadora: Ilza Maria Tourinho Girardi.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Jornalismo Ambiental. 2. Amazônia. 3. TV Escola.
4. Fontes jornalísticas. 5. Função social e educativa.
I. Girardi, Ilza Maria Tourinho, orient. II. Título.

JAMILLE ALMEIDA DA SILVA

**A AMAZÔNIA NA TELA DA TV ESCOLA: UM OLHAR PARA AS FONTES NA
PERSPECTIVA DO JORNALISMO AMBIENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi – PPGCOM/UFRGS
Orientadora

Profa. Dra. Cláudia Herte de Moraes – UFSM
Examinadora

Profa. Dra. Eloisa Beling Loose – UFRGS
Examinadora

Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo Porcello – Fabico/UFRGS
Examinador

Prof. Dra. Cassilda Golin Costa – PPGCOM/UFRGS
Suplente

Serei Luz

*Aonde quer que eu vá
Serei luz (serei luz)
Em cada caminho que passar
Vão saber*

*Que se não der para adiantar
Te atrasar não vou
Se não der para melhorar
Piorar não vou*

*Não der pra somar
Vou multiplicar, dividir
Diminuir jamais (jamais)
Jamais*

*Quero ser luz, caminhar na luz
Seguir os passos e os ensinamentos de Jesus
Não basta ser do bem
Tem que fazer o bem
Abrir os braços, a cabeça, o sorriso, coração
E sem olhar a quem / Sem olhar a quem*

*Aonde quer que eu vá / Serei luz /
E em cada caminho que passar/ Vão saber*

*Aonde quer que eu vá / Serei luz /
E em cada caminho que passar/ Vão saber*

*Que, desde moleque, eu já saquei
Já entendi bem
Que o corre ia ser dobrado para ser alguém
Mas o sonho falou mais alto
E quanto mais alto parecia ser
Mais aumentava a vontade de vencer*

*E aí, hoje eu 'tô aqui
Cantando minha mensagem de amor e paz
Pra quem quiser sentir
E aí, dá pra sentir*

*Seja amém (amém), seja axé (axé) ou shalom (shalom)
Não me importa sua cor, credo, gênero, religião
Somos irmãos*

*Eu aprendi com pai e mãe, e a rua
Que o sol se põe pra contemplar a lua
Vem lá de cima o sinal de respeito
Ergue o braço direito, tem que ser desse jeito*

*Eu aprendi com pai e mãe, e a rua
Que o sol se põe pra contemplar a lua
Vem lá de cima o sinal de respeito
Ergue o braço direito, tem que ser desse jeito*

*Aonde quer que eu vá / Serei luz /
E em cada caminho que passar/ Vão saber*

*Aonde quer que eu vá / Serei luz /
E em cada caminho que passar/ Vão saber*

Serei Luz, Natiruts, 2018

DEDICATÓRIA

À Amazônia e aos povos que a habitam e a todas as pessoas que sabem o valor desse tesouro para o Brasil e o para o mundo.



O arco-íris na Amazônia por Marcos Amend¹

¹ Por Suzana Camargo em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/dia-da-amazonia-em-prosa-e-imagens/>

AGRADECIMENTOS

Quanto mais a gente agradece, mais coisas boas acontecem! Guiada por essa reflexão e sentimento, eu registro aqui minha gratidão e meu respeito a todas as pessoas e instituições que foram fundamentais para realização e finalização desta dissertação.

Agradeço ao CNPq pela bolsa concedida, possibilitando o financiamento e desenvolvimento desta pesquisa, bem como a minha participação em eventos científicos. Sou grata também à UFRGS e à Fabico por me acolherem desde 2008 em seus espaços e me possibilitarem chegar até este momento. Obrigada a todas e a todos que fazem desta Universidade uma das melhores Federais do Brasil! Minha gratidão por cruzarem o meu caminho e por acreditarem em mim. Aqui também agradeço ao PPGCOM, por todo o suporte, dedicação e empenho recebido dos coordenadores, professores e técnicos administrativos. Um ambiente acolhedor faz toda a diferença!

Um agradecimento especial para minha orientadora, professora Ilza Girardi. Com sua forma de ver e viver a vida, agradeço pela oportunidade de conviver com a senhora e poder sentir sua generosidade, bondade, integridade, dedicação e afeto por tudo que acredita. Agradeço, de coração, pela paciência, por esta experiência, e por sempre acreditar em mim. Desejo que o Universo retribua em abundância à senhora toda a energia que dedica ao ensino, pesquisa, extensão e, principalmente, às pessoas!

Ao Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental, minha gratidão por todo esse tempo de convívio, trocas e experiências. Sempre serei grata a todos pela acolhida, pelo respeito e pela generosidade. Desejo que suas pesquisas sigam engajadas, reflexivas e transformadoras. Que o Universo possa retribuir a vocês todo o carinho e afeto que recebi!

Agradeço também as professoras que fizeram parte da minha banca de qualificação, professora Cláudia Moraes e professora Eloisa Loose. Obrigada pela leitura atenta e pelos caminhos sugeridos, os quais me ajudaram a direcionar a pesquisa e chegar até aqui.

Meus agradecimentos a banca examinadora, formada pela professora Cláudia Moraes, professora Eloisa Loose, professor Flávio Porcello e professora Cida Golin. Agradeço a oportunidade de aprender um pouco mais com vocês e pela disponibilidade de fazer parte deste final de ciclo.

Minha gratidão eterna para minha família - minha base, meu suporte! Sem vocês, o caminho até aqui teria sido muito mais difícil. Só posso agradecer por todo o amor incondicional, carinho, suporte, doação, afeto, cumplicidade, generosidade, paciência (muita), força (muita) e lucidez que vocês tiveram comigo. Minha mamis/guardiã, Maria de Lurdes Furno da Silva; minha tia/mestra, Jussara Peres; meu tio/guardião, João Carlos Degar; minha mãe/persistência, Ivone de Fátima Almeida; minhas avós/lutadoras, América Furno da Silva e Carmen Dora Santos; meu irmão/generosidade, Jônatas Almeida e com ele meus sobrinhos (Théo e Davi) e cunhada (Nathiely); minha tia/salvação, Marlene Degar; e todas as outras pessoas que fazem parte da minha família do coração e biológica, minha profunda e eterna GRATIDÃO! As minhas companheiras e companheiro de quatro patas e amor incondicional: Nina, Mel, Sol, Lulu e Dudu Mio. Foi por esses braços de gigantes que consegui trilhar esse caminho e permanecer em pé. Foi com eles e por eles que eu escolhi continuar caminhando.

RESUMO

Esta dissertação tem como temática central a análise dos tipos de fontes de informação e suas funções em programas jornalísticos com enfoque ambiental na TV Escola. Entendendo que o Jornalismo precisa considerar a importância de contemplar uma diversidade de vozes que apresente uma diversidade de saberes, o objetivo desta pesquisa está direcionado para estudar a diversidade de fontes jornalísticas acionadas nos episódios do programa Nova Amazônia conforme a perspectiva do Jornalismo Ambiental. Também se propõem a classificar as fontes de informação de acordo com as tipologias construídas pelos estudos do Jornalismo e identificar a contribuição das fontes mapeadas de acordo com as funções do Jornalismo Ambiental. A fundamentação teórica inicia pelos saberes do Jornalismo Ambiental, destacando o seu papel educativo e social para contribuir com a transformação e mobilização dos sujeitos, e a contribuição da Educação Ambiental nesse processo. Em seguida, discute a importância das fontes no Jornalismo e na cobertura ambiental, como também apresenta a TV Escola e as questões ambientais. Contextualiza a região Amazônica e apresenta informações sobre o seu contexto atual. Por meio da Análise de Conteúdo, seis episódios da série Nova Amazônia são analisados pela perspectiva dos referenciais apresentados, buscando destacar a classificação e a contribuição de cada fonte acionada nos episódios. A pesquisa sinaliza que a série Nova Amazônia da TV Escola é um excelente exemplo da confluência da Educação com Jornalismo, pois enquanto os principais objetivos da TV Escola são capacitar, aperfeiçoar e atualizar educadores da rede pública, a série Nova Amazônia decorre de um trabalho jornalístico que traz um novo olhar sobre a região Amazônica, unindo pesquisa científica à sabedoria dos povos da floresta para mostrar temas regionais que influenciam no meio ambiente do planeta. Das análises efetuadas, verificamos que nos seis programas selecionados houve contribuição de 60 fontes: 15 especialistas, nove oficiais, 14 povos da floresta, cinco pessoas locais, oito institucionais, dois notáveis, seis empresariais e um turista. A contribuição predominante das funções das falas foi informativa, com 43 contribuições, seguida da fala na função educativa, com 14 contribuições e, por último, houve apenas três contribuições de fala na função política. Os programas analisados cumpriram com a função pedagógica do Jornalismo ambiental proposta por Bueno (2007) no cuidado das reportagens e na mediação com as fontes, de modo a levar informações relevantes sobre a região Amazônica ao público em geral, inclusive no que se refere a alternativas sustentáveis de emprego e renda. Uma característica forte presente nos programas analisados é o sentimento de orgulho e de pertencimento de quem vive na Amazônia, desde os ribeirinhos do Catalão, até aqueles que vivem em grandes centros, como Manaus. Os programas analisados apresentaram realidades de natureza e sociedade que transcendem o universo pessoal do cidadão que o assiste e vive longe da Amazônia. Observa-se que além da função educativa, o Jornalismo Ambiental também defende as funções participativa e transformadora, por esse motivo, programas que estimulem a consciência ambiental do seu público, tornando-os sensíveis aos diversos problemas da Amazônia, são primordiais para promover o debate, a discussão e a reflexão sobre o papel do cidadão nas mudanças urgentes por um mundo ambientalmente saudável e equilibrado. Precisamos aprofundar o debate para que não só a informação vire conhecimento, mas também ação, reflexão e transformação, e o Jornalismo Ambiental é uma alternativa essencial nesse processo.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental. Amazônia. TV Escola. Fontes jornalísticas. Função social e educativa

ABSTRACT

This dissertation has as its central theme the analysis of the types of information sources and their functions in journalistic programs with environmental focus in TV Escola. Understanding that journalism needs to consider the importance of contemplating a diversity of voices that present a diversity of knowledge, the objective of this research is to study the diversity of journalistic sources triggered in the episodes of the Nova Amazônia program according to the perspective of Environmental Journalism. They also propose to classify the sources of information according to the typologies built by journalism studies and to identify the contribution of mapped sources according to the functions of environmental journalism. The theoretical foundation begins with the knowledge of Environmental Journalism, highlighting its educational and social role to contribute to the transformation and mobilization of subjects, and the contribution of Environmental Education in this process. It then discusses the importance of sources in journalism and environmental coverage, as well as TV Escola and environmental issues. It contextualizes the Amazon region and presents information about its current context. Through Content Analysis, six episodes of the Nova Amazônia series are analyzed from the perspective of the references presented, seeking to highlight the classification and contribution of each source triggered in the episodes. The research indicates that the TV School Nova Amazonia series is an excellent example of the confluence of Education with Journalism, because while TV Escola's main objectives are to train, improve and update public school educators, the Nova Amazonia series is the result of journalistic work. It brings a new look on the Amazon region, combining scientific research with the wisdom of the forest peoples to show regional themes that influence the planet's environment. From the analyzes carried out, we found that the six selected programs contributed 60 sources: 15 experts, nine officers, 14 forest peoples, five local people, eight institutional, two notable, six business and one tourist. The predominant contribution of speech functions was informative, with 43 contributions, followed by speech in the educational function, with 14 contributions and, lastly, there were only three speech contributions in the political function. The analyzed programs fulfilled the environmental journalism pedagogical function proposed by Bueno (2007) in the care of the reports and in the mediation with the sources, in order to bring relevant information about the Amazon region to the general public, including with regard to alternatives. sustainable employment and income. A strong feature present in the programs analyzed is the feeling of pride and belonging of those who live in the Amazon, from the riverside of Catalão, to those who live in large centers, such as Manaus. In addition to the educational function, Environmental Journalism also defends the participatory and transformative functions, therefore, programs that stimulate the environmental awareness of its public, making them sensitive to the various problems of the Amazon, are essential to promote debat, discussion and reflection on the role of the citizen in the urgent changes for an environmentally healthy and balanced world. We need to deepen the debate so that not only information becomes knowledge, but also action, reflection and transformation, and Environmental Journalism is an essential alternative in this process.

Keyword: Environmental Journalism. Amazon. TV Escola. Journalistic sources. Social and educational function.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Vista aérea do Bioma Amazônia.....	50
Figura 2	Mapa da Amazônia Internacional, Amazônia Legal e Região Norte do Brasil	54
Quadro 1	Programas que integraram a série Nova Amazônia 2012 a 2015	61
Fórmula 1	Intervalo	62
Quadro 2	Demonstrativo de apuração do número do primeiro programa para análise	63
Quadro 3	Programas selecionados para análise	63
Quadro 4	Transcrição do programa Consciência Ambiental	68
Quadro 5	Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Consciência Ambiental	84
Gráfico 1	Representação das fontes em percentuais no programa Consciência Ambiental	85
Gráfico 2	Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Consciência Ambiental	86
Quadro 6	Transcrição do programa Amazônia Empreendedora	94
Quadro 7	Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Amazônia Empreendedora	105
Gráfico 3	Representação das fontes em percentuais no programa Amazônia Empreendedora	105
Gráfico 4	Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Amazônia Empreendedora	108
Quadro 8	Transcrição do programa Sinais da Natureza	112
Quadro 9	Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Sinais da Natureza	129
Gráfico 5	Representação das fontes em percentuais no programa Sinais da Natureza	129
Gráfico 6	Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Sinais da Natureza	131
Quadro 10	Transcrição do programa Olhares sobre a Floresta	136

Quadro 11	Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Olhares sobre a Floresta	150
Gráfico 7	Representação das fontes em percentuais no programa Olhares Sobre a Floresta	151
Gráfico 8	Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Olhares sobre a Floresta	152
Quadro 12	Transcrição do programa Comunidade do Catalão	157
Quadro 13	Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Comunidade do Catalão	178
Gráfico 9	Representação das fontes em percentuais no programa Comunidade do Catalão	179
Gráfico 10	Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Comunidade do Catalão	181
Quadro 14	Transcrição do programa Mamíferos Aquáticos	185
Quadro 15	Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Mamíferos Aquáticos	202
Gráfico 11	Representação das fontes em percentuais no programa Mamíferos Aquáticos	203
Gráfico 12	Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Mamíferos Aquáticos	204
Quadro 16	Resumo Geral da classificação das fontes entrevistadas nos programas	209
Gráfico 13	Especialistas.....	209
Gráfico 14	Oficiais.....	209
Gráfico 15	Povos da Floresta.....	210
Gráfico 16	Pessoas Locais.....	210
Gráfico 17	Institucionais.....	210
Gráfico 18	Notáveis.....	210
Gráfico 19	Empresariais.....	210

Gráfico 20	Turistas.....	210
Gráfico 21	Total das classificações das fontes nos episódios.....	211
Figura 3	Rios na Amazônia - Autor desconhecido, Editora Horizonte	218
Figura 4	Autora no Parque Unipraias em Balneário Camboriú, SC, 2017	218
Figura 5	Bois em pasto aberto vizinho à Área de Proteção Ambiental Raimundo Irineu Serra, em Rio Branco (AC)	231
Figura 6	Vetores importantes para o risco de extinção da fauna para o bioma	232
Figura 7	Área degradada no Município de Colniza, noroeste de Mato Grosso ...	233
Figura 8	Formações de corais na foz do Amazonas	235
Figura 9	Desmatamento da Amazônia	237
Figura 10	Manejo de Madeira na Amazônia.....	238
Figura 11	Energia obtida a partir de biomassa é mais barata que energia eólica ou solar	239
Figura 12	Área desmatada no Estado do Pará	241
Figura 13	Desmatamento da Amazônia 1.....	243
Figura 14	Índios da Amazônia	244
Figura 15	Queimada na Amazônia	246
Figura 16	Focos de queimadas na Amazônia	248

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Biomias Continentais Brasileiros	52
Tabela 2	Percentual de ocupação do Bioma Amazônia nos Estados Brasileiros	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACERP	Associação da Comunicação Educativa Roquette Pinto
ANP	Agência Nacional do Petróleo
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFB	Constituição Federal do Brasil
CPNq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
EA	Educação Ambiental
EU	União Europeia
FABICO	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FURG	Universidade Federal de Rio Grande
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
ICV	Instituto Centro de Vida
IMAZON	Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia
IPCC	Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
ISA	Instituto Socioambiental
MCTIC	Ministério Da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
MEC	Ministério da Educação
MMA	Ministérios do Meio Ambiente
MPF	Ministério Público Federal
ONGS	Organizações Não Governamentais
PF	Polícia Federal
PNE	Plano Nacional de Educação
PNEA	Plano Nacional de Educação Ambiental
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PRODES	Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite
RAISG	Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada
RP	Relações Públicas
SAD	Sistema de Alerta do Desmatamento
SEPLAN - MT	Secretaria de Planejamento de Mato Grosso
SICOM	Sistema de Comunicação de Governo do Poder Executivo Federal
SUDAM	Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TV	Televisão
UCs	Unidades de Conservação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNISINOS	Universidade do Vale dos Sinos

SUMÁRIO

	PREÂMBULO	13
1	INTRODUÇÃO	17
2	A VISÃO DO JORNALISMO AMBIENTAL	23
3	FONTES NO JORNALISMO E A COBERTURA AMBIENTAL	31
4	TV ESCOLA E AS QUESTÕES AMBIENTAIS	36
5	UM OLHAR PARA AMAZÔNIA	42
5.1	AMAZONAS, BIOMA AMAZÔNIA E AMAZÔNIA LEGAL	48
5.2	ESTUDO DO IBGE SOBRE A AMAZÔNIA LEGAL	55
5.3	AMEAÇAS À AMAZÔNIA LEGAL: UM RECORTE DA REALIDADE..	58
6	PERCURSO METODOLÓGICO	60
6.1	A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	60
6.2	ANÁLISE DE CONTEÚDO	63
7	ANÁLISE DOS PROGRAMAS.....	66
7.1	CONSCIÊNCIA AMBIENTAL	68
7.2	AMAZÔNIA EMPREENDEDORA	93
7.3	SINAIS DA NATUREZA	111
7.4	OLHARES DA FLORESTA	135
7.5	COMUNIDADE DE CATALÃO	156
7.6	MAMÍFEROS AQUÁTICOS	185
7.7	RESUMO GERAL DOS EPISÓDIOS	209
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	213
	REFERÊNCIAS.....	219
	ANEXO I – REPORTAGENS PARA ILUSTRAÇÃO DE UM RECORTE SOBRE A AMAZÔNIA	229
	ANEXO II – REPORTAGENS ENTRE AGOSTO E OUTUBRO DE 2019 SOBRE QUEIMADAS NA AMAZÔNIA	246

PREÂMBULO

Como no teatro, este preâmbulo convida o leitor a compreender como cheguei à temática discutida nesta dissertação de título “A Amazônia na tela da TV Escola: um olhar para as fontes na perspectiva do Jornalismo Ambiental”. Antes de partirmos para o ato principal, a leitura da pesquisa realizada no curso de mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), preciso contar como foi chegar até aqui. Ainda em tempo, peço licença, ao leitor, para continuar narrando essa história em primeira pessoa.

Esta dissertação de mestrado faz parte da caminhada que venho construindo desde a minha graduação em Comunicação Social – habilitação em Relações Públicas (RP) na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Uma pergunta surge neste momento: como uma graduada em RP construiu uma dissertação guiada pelo olhar do Jornalismo Ambiental e ligada à linha de Jornalismo e Processos Editoriais?

A resposta para essa pergunta segue por dois caminhos que, como dois rios que fluem em paralelo com suas especificidades e conexões, acabam desaguando no mesmo oceano. O primeiro caminho está ligado a minha descoberta e encantamento com as práticas e saberes da Educação Ambiental (EA) desde a graduação. O meu despertar para EA aconteceu quando fui apresentada ao personagem infantil Brasileco (Brasileiro Ecológico) por sua idealizadora Malu Furno. Esse encontro me possibilitou fazer parte do grupo de pessoas que, junto com a Malu, já vinha dando vida às ações lúdicas do personagem.

O Brasileco tem sua história contada no livro “Brasileco – o início da aventura”, no qual descobrimos que a sua missão é aprender e ensinar sobre os cuidados com a natureza e com o meio ambiente. Ele também tem músicas e videoclipes. E com a criação de um boneco do Brasileco com dimensões humanas, começamos a participar de atividades em escolas e em eventos ligados à EA. E esse convívio com o Brasileco, realizando atividades vinculadas ao campo da Comunicação, me fez perceber que uma das primeiras sementes espalhadas por ele germinou em mim. Passei a repensar os meus hábitos e desejos de vida. Passei a me relacionar e a perceber o ambiente com outros olhos. O personagem, por meio de suas mensagens e ações, me tornou sensível para as problemáticas ambientais e contribuiu para que eu entendesse a necessidade de agirmos, se quisermos viver em um planeta ambientalmente saudável.

A partir desse momento, consigo perceber que as águas que estavam correndo pelo rio da minha vida, começaram a ganhar volume, conforme iam cruzando terras desconhecidas e se juntando a outros também pequenos cursos d'água. Comecei a buscar espaços dentro do curso de graduação que me possibilitassem entender a relação Comunicação e EA. Foi, então, que reencontrei a professora Ilza Tourinho Girardi, ministrando a disciplina Comunicação e Educação Ambiental. Com minhas águas tímidas, acompanhei, paralelamente, como as águas daquele rio tão volumoso e extenso fluíam e conseguiam compartilhar a sua experiência e sabedoria.

Aqui chegamos ao segundo caminho ou no outro rio. Esse outro caminho está relacionado aos sentimentos de admiração e inspiração que a minha orientadora, professora Ilza, despertou em mim, desde esse reencontro. Com a bagagem teórica de quem é uma referência nacional e internacional, aliada à firmeza crítica, tem me mostrado os descaminhos provocados pelo homem no meio ambiente e a importância do Jornalismo como informação, educação, sensibilização, conscientização e engajamento é capaz de colaborar para a mudança do olhar da sociedade sobre as suas responsabilidades no processo de degradação, preservação e conservação ambiental.

Com a professora Ilza trilhei o caminho do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) na graduação com um tema transversal, oportunizado pela sua sabedoria e bondade. Neste mesmo tempo, também tive a oportunidade de ter a minha primeira experiência como bolsistas de iniciação científica, participando da pesquisa O estado da arte da pesquisa em Jornalismo de meio ambiente e Jornalismo ambiental no Brasil, coordenada pela professora Ilza. Também comecei a dialogar com os integrantes do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental CNPq/UFRGS nesse processo. Com essas oportunidades e vivências, eu percebi que as águas do meu rio precisavam encontrar novas fontes de vida. Eu comecei a compreender que o Jornalismo Ambiental poderia fortalecer o meu percurso, ao unir informação, educação, atenção ao lado social do processo comunicativo, cidadania, sensibilidade, pensamento crítico e sistêmico.

Então, após a conclusão da graduação e antes mesmo da colação de grau, houve a oportunidade de me inscrever para seleção de Ingresso de Diplomados na UFRGS e me candidatei ao curso de Jornalismo, o que me permitiria continuar os estudos em uma área afim para aprofundar conhecimentos que já haviam despertado o meu interesse durante a graduação em RP. Assim, na semana anterior à minha formatura em RP, eu iniciei uma nova jornada de graduação em Jornalismo na mesma FABICO da UFRGS que me acolheu anos atrás.

No decorrer da minha caminhada no Jornalismo, que ainda está em andamento, tive a oportunidade de voltar a dialogar com professora Ilza, como sua bolsista de iniciação científica, junto à pesquisa “O Jornalismo Ambiental na concepção dos jornalistas que fazem a cobertura de meio ambiente na América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e Países Africanos de Língua Portuguesa”. Com as nossas águas em conexão novamente, senti que estava se aproximando o momento em que era necessário dar vazão a todo esse volume aquático que se encontrava em fluxo. Assim, chego neste mestrado e na pesquisa em Jornalismo Ambiental, o grande oceano que nos permite fluir em conjunto, que nos possibilita unir os nossos esforços e conexões com a perspectiva educativa e transformadora que atravessa o saber do Jornalismo Ambiental. E é por essa convergência temática que optei olhar para TV Escola do Ministério da Educação e as questões ambientais. Chego, assim, ao programa Nova Amazônia e a sua proposta de mostrar a região amazônica por um olhar que une pesquisa científica à sabedoria dos povos da floresta, mostrando um lugar onde ainda há muito a ser descoberto – segundo informações da TV Escola.

Ao escolher navegar pela Amazônia, adentrei na maior floresta tropical do planeta Terra com o olhar de quem mora na outra ponta do mapa do Brasil, mais especificamente, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Então, ao ver a Amazônia daqui, reconheço que entro no desconhecido, sem saber como é viver no território amazônico, mas conhecendo e reconhecendo a sua importância vital para a manutenção dos ciclos naturais que permeiam o equilíbrio da terra como, por exemplo, o regime das chuvas na composição dos rios. Entendendo assim que a Amazônia também está aqui em Porto Alegre!

Por meio de uma visão sistêmica, de que tudo está interligado e de que fazemos parte de uma teia da vida (CAPRA, 1998), encontro nos rios voadores a expressão dessa conexão entre todas as partes para formar o todo. Assim, os rios voadores², fluxos aéreos maciços de água sob a forma de vapor, têm papel fundamental para a existência dos rios terrestres e no regime das chuvas em diferentes regiões do Brasil. Percebo, então, a existência de uma inter-relação entre a Floresta Amazônica e as águas que circulam por Porto Alegre, sendo em mim,

² Por explicação dos pesquisadores da Embrapa, os rios voadores se formam da seguinte forma: “A região amazônica é peculiar em relação à recepção das massas de ar provenientes do Oceano Atlântico. Uma vez sobre a floresta, estas massas se condensam e formam as chuvas torrenciais, típicas da região. Com a evapotranspiração intensa da floresta, incrementada pela temperatura elevada, são formadas massas úmidas em grandes quantidades que se deslocam na orientação norte-sul da Cordilheira dos Andes, que funciona como anteparo, até chegar aos Estados da região centro-sul. Parte destas massas também é exportada para o Caribe e o Oceano Pacífico, o que coloca a Floresta Amazônica em condição de grande importância mundial quanto a sua influência no regime de chuvas sobre uma grande extensão territorial da América Latina”. Informação disponível em:<<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/32923145/rios-voadores-e-floresta-amazonica-influenciam-nas-chuvas-de-boa-parte-do-territorio-nacional>>

na professora Ilza e em todos que fazem parte dessa rede que acredita no Jornalismo Ambiental com um olhar para sustentabilidade da vida no Planeta, da solidariedade, da justiça social e da construção da paz para todos os povos, respeitadas suas diferenças.

Assim, naveguei até aqui, pelo olhar de vários autores, seus artigos, livros, dissertações e teses, para concluir esta dissertação e contribuir com o conhecimento na área do Jornalismo ambiental. E aonde vou parar? Não sei! O que sei, é que os conhecimentos me tornam cada vez mais responsável, então, ainda que eu queira parar, sei que vou continuar navegando e espero que este navegar me leve a novos rios, onde eu possa, com suas águas, fertilizar novos solos em harmonia com a natureza.

1 INTRODUÇÃO

Eu sempre gostei de ouvir histórias. Mas, quem não gosta de ouvir uma boa história? Uma história bem contada, com detalhes que fazem com quem está ouvindo ou lendo se sinta parte do enredo, tem o poder de despertar a curiosidade e o interesse do ouvinte ou do leitor. Na última fase da escrita, participei de uma imersão para despertar o meu poder interior; em certo momento, o palestrante perguntou: que história você vai contar da sua própria história? E ele também apresentou mais uma questão ao explicar como o nosso cérebro funciona, focando no lado racional (intelectual) e no lado inconsciente: que nenhum conhecimento (estudado – aprendido pelo lado racional cognitivo) é mais poderoso do que uma história ou que uma experiência vivida, pois essas histórias ficam guardadas no nosso inconsciente.

Então eu lembrei de que muitos jornalistas relatam que para envolver o leitor/ouvinte/expectador é interessante que a informação chegue com uma boa história. E assim, alguns jornalistas conseguem se comunicar com quem está do outro lado de uma forma que aquela história virará informação, que virará conhecimento no inconsciente das pessoas. E como já relatei no preâmbulo, foi o poder da história de um menino, o Brasileco, e as vivências que tive ao levar a história dele as crianças de escolas e comunidades que fizeram despertar, decisivamente, o meu olhar para o meio ambiente com seus encantamentos e fragilidades. A história lúdica e fictícia do personagem, mas carregada de informações científicas que ilustram como as ações do ser humano estão transformando o nosso Planeta Terra, me tocou de tal forma que refletiu nas minhas escolhas acadêmicas.

Ao iniciar o diálogo na educação ambiental e na comunicação e, posteriormente, com a interlocução com o Jornalismo ambiental, percebi que sim, é possível contar histórias que despertem engajamento e transformação. Ao escolher estudar a TV Escola, pelo olhar do Nova Amazônia, percebo que as entrevistas, realizadas pelos repórteres com as fontes convidadas para o desenvolvimento da temática de cada episódio, contam histórias dos entrevistados e de suas relações com a Amazônia, suas realidades e seus sonhos.

Assim, as histórias contadas pela série Nova Amazônia chegam aos expectadores (professores, alunos e sociedade) como informação com potencial para transforma-se em conhecimento construído para além dos muros da escola. Conhecimento esse que poderá transformar o olhar do expectador sobre o Bioma Amazônia que, por possuir e representar tantas riquezas, está em perigo constante.

Feitas essas considerações iniciais, voltemos ao lado racional e, para iniciar esse estudo, se faz necessário tratar de Jornalismo, educação e questões ambientais.

O capítulo V da Constituição Federal do Brasil (CFB) trata da Comunicação Social e estabelece, em seu art. 220, que a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição. Nos § 1º e 2º, do mesmo artigo, é estabelecido que nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social e que é vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Apesar de vetar a censura, o art. 221 da CFB estabelece princípios que deverão ser seguidos na produção e na programação das emissoras de rádio e televisão, sendo eles: I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Em 1999 a Lei nº 9.795 dispôs sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), sendo que, em seu art. 3º, foram estabelecidas formas para tornar o processo educativo ambiental mais amplo, incluindo o item IV que incumbe os meios de comunicação de massa de colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente, incorporando a dimensão ambiental em sua programação.

Apesar da prática educativa prevista, somos impactados pela ótica desgastada das questões ambientais a todo o momento pela mídia. Temas como: poluição do ar, alimentos transgênicos, o uso de agrotóxicos, desmatamento, consumo desenfreado, poluição dos recursos hídricos, exploração dos minérios, produção inconsciente de resíduos sólidos e crimes ambientais atravessam o cotidiano dos cidadãos brasileiros.

Bacchetta (2000) contribui com essa discussão ao lembrar que, muitas vezes, a imprensa utiliza de uma forma sensacionalista para abordar a temática ambiental, pois só confere destaque quando ocorre uma catástrofe. Dessa forma, a imprensa "contribui para gerar indiferença na opinião pública, a não se interessar por algo que considera fora do seu alcance e sem solução. Desta maneira, se cria uma desilusão e conformismo perante a destruição da Natureza" (BACCHETTA, 2000, p. 2). Por isso, precisamos aprender a enxergar o nosso

ambiente de outras formas, utilizando outras lentes e outros saberes. Nesse caminho, o Jornalismo ambiental tem capacidade de contribuir com essa transformação das práticas.

Entendemos que o Jornalismo precisa dar espaço para a realidade que transcenda o universo pessoal do cidadão que o lê/assiste, mostrando uma realidade que não faz parte da sua vida, mas que afeta a vida de muitas pessoas, inclusive a sua indiretamente, o envolvendo e o transformando. Deve-se trabalhar com a ótica da integração entre os assuntos e não com o pensar de forma fragmentada, ao separar a natureza da sociedade. É preciso considerar a importância de se contemplar uma diversidade de vozes que apresente uma diversidade de saberes, o que consiste no interesse principal desta investigação e que gerou a seguinte questão de pesquisa: **Quais são os tipos de fontes de informação e suas funções, segundo o Jornalismo Ambiental, acionadas pelos episódios da série Nova Amazônia, transmitido pela TV Escola?** A partir do problema proposto, o **objetivo geral** está direcionado para estudar a diversidade de fontes jornalísticas acionadas nos episódios do programa Nova Amazônia conforme a perspectiva do Jornalismo Ambiental. Delimitamos três **objetivos específicos**: mapear as fontes acionadas nos programas; classificar as fontes de informação de acordo com as tipologias construídas pelos estudos do Jornalismo; e identificar a contribuição das fontes mapeadas de acordo com as funções do Jornalismo Ambiental descritas por Bueno (2007) sobre a temática de cada episódio. Explicamos que as tipologias para a classificação das fontes foi criada pela autora, após a leitura flutuante dos episódios e inspirada na literatura de referência. Para isso, o *corpus* desta pesquisa é composto por 06 episódios da série Nova Amazônia, com duração média de 25 minutos, que compõem a programação da TV Escola desde o ano 2016.

Com o propósito de entendermos o cenário do que já tem produzido com a temática desta pesquisa, buscamos os termos “TV Escola”, “Nova Amazônia” e “Jornalismo Ambiental” no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes³), no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes⁴ e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁵. Destacamos que, apesar de realizarmos as buscas de forma independente, nos interessam os trabalhos que relacionam esses termos no seu desenvolvimento.

³ Portal de Periódicos da Capes. Disponível em: < <http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

⁴ Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Disponível em: < <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

⁵ Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Disponível em: < <http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

Após esse mapeamento, encontramos no Portal de Periódicos da Capes, 51 resultados para “Jornalismo Ambiental”. Lembramos que foi utilizada a opção disponibilizada pelo sistema de busca chamada de “é (exato)” – essa opção delimita as pesquisas, pois buscamos a utilização dos termos em conjunto e não em separado como costuma aparecer nas buscas. Desse total, nenhum resultado apresentou relação com os termos “TV Escola” e “Nova Amazônia”. Nesses 51 resultados, muitos textos são de autoria dos integrantes do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS). A busca pelo termo “Nova Amazônia” apresentou quatro resultados, mas nenhum com relação ao programa de televisão. Já o termo “TV Escola” encontrou 80 resultados, sendo dois relacionados à educação e meio ambiente, mas não compreendem os programas da série Nova Amazônia, não sendo nenhum relacionando ao Jornalismo.

No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes a pesquisa por “Nova Amazônia” encontrou nove resultados, mas nenhum apresentou relação com o programa de televisão. Já o termo “TV Escola” identificou 72 resultados, mas nem todos estavam relacionados ao canal educativo. Apesar de buscarmos os termos entre aspas, técnica do sistema de buscas para delimitar os resultados, a maioria dos trabalhos estava ligada aos estudos de televisão em geral. Identificamos quatro dissertações e duas teses defendidas em diferentes áreas do conhecimento (Educação (dois), Comunicação (dois), Ciência da Informação (um) e Extensão Rural (um)) que buscaram relacionar o papel da comunicação e da educação no desenvolvimento das atividades da TV Escola. No entanto, nenhuma dessas pesquisas trabalha com a perspectiva do Jornalismo. Também foram identificados mais dois trabalhos no campo da Educação (uma dissertação e uma tese) que buscaram analisar alguns vídeos da TV Escola pela perspectiva da Educação Ambiental, mas nenhum deles trabalhou com o programa Nova Amazônia. O trabalho mais recente, localizado na pesquisa exploratória, está relacionado ao ano de 2012. Assim, por esse sistema de buscas, percebemos que a temática ambiental ainda é pouco estudada quando o assunto é a programação da TV Escola.

Em relação à pesquisa com os termos “Jornalismo Ambiental”, ainda no Portal de Teses e dissertações da CAPES, também utilizamos o recurso de busca com os termos entre aspas e encontramos 55 resultados em diferentes áreas do conhecimento. Nenhuma dissertação ou tese apresentou resultados com a TV Escola e nem com o programa Nova Amazônia. No entanto, destacamos oito trabalhos que buscaram relacionar o Jornalismo Ambiental com o campo da educação ou o movimento contrário – o campo da educação trabalhando com o Jornalismo ou com Jornalismo Ambiental. Dos oito trabalhos, quatro são dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Educação que estabeleceram a

relação educação e Jornalismo, buscando entender as possibilidades educativas do Jornalismo e da mídia.

Das quatro dissertações, destacamos a dissertação defendida por Marcio Vieira Oliveira (2005), Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na FURG, intitulada “Jornalismo Ambiental como instrumento de Educação Ambiental: o Jornal Agora na conservação das dunas do Cassino”, como exercício de diálogo entre as temáticas em questão. O trabalho investigou como a mídia impressa pode atuar como instrumento de divulgação de informação sobre meio ambiente na perspectiva de contribuir com o processo de educação ambiental dos seus leitores. Em suas considerações, o autor informa que jornais acabam contribuindo com a formação da ideia de que o ser humano não faz parte do ambiente.

Em relação aos outros quatro trabalhos, todos defendidos em Programas de Pós-Graduação em Comunicação, três teses de doutorado e uma dissertação de mestrado, estes foram destacados, pois estabelecem ligações entre Jornalismo, Jornalismo Ambiental, educação e meio ambiente. Entre tais trabalhos, realizando mais um recorte, encontramos em destaque a tese de Maria Schirley Luft (2010), defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, intitulada “Jornalismo Ambiental na Amazônia: as fontes de informação na cobertura dos desmatamentos no jornal O Liberal do Pará”, que busca discutir o Jornalismo Ambiental na Amazônia e contribuir com o debate sobre papel das fontes no Jornalismo. Essa discussão é importante para este projeto, pois demonstra a importância dos diferentes saberes ao analisar as questões ambientais na Amazônia.

As buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações apresentaram resultados semelhantes aos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Os outros trabalhos identificados na busca não apresentaram vínculos com o projeto, exceto a tese defendida por Nadia Helena Schneider (2010), no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, intitulada “TV Escola na era digital: trajetória e perspectivas educacionais e culturais”. A autora buscou verificar a consistência da proposta da TV Escola, de tentar ampliar o processo de ensino-aprendizagem com uma modalidade específica de formação à distância, tendo a televisão como suporte (e o site na internet como uma extensão) contando, futuramente, com as possibilidades da TV digital. A partir do olhar da Economia Política da Comunicação, Schneider (2010) busca entender como está sendo explorado o potencial da TV Escola com o foco nas possibilidades das ferramentas tecnológicas que estavam surgindo. Cabe destacar uma de suas considerações sobre o canal educativo, ao informar que apesar de enfrentar vários problemas, é um espaço capaz de

democratizar o processo de disseminação da informação e do conhecimento. Ressaltamos que a escolha das palavras-chave pode ter deixado de fora algum trabalho pertinente. No entanto, a proposta deste mapeamento está direcionada em saber quais as contribuições existentes no campo em relação a esta investigação, e não em esgotar toda a produção sobre a temática em discussão.

Sendo assim, foram observados estudos que analisam a TV Escola pela perspectiva da comunicação e da educação, não trazendo para discussão o Jornalismo. Já as questões ambientais são tratadas na TV escola pelo campo da educação ambiental sem incluir o Jornalismo. Também não foram identificados estudos relacionados à série Nova Amazônia. A carência desses estudos reforça a importância da colaboração científica da presente pesquisa.

Esta dissertação é apresentada em oito capítulos. Após essa introdução, seguimos no segundo capítulo com A visão do Jornalismo Ambiental onde são explicitados conceitos e a ligação entre Jornalismo ambiental e a educação ambiental. No terceiro capítulo são discutidas as Fontes no Jornalismo e a cobertura ambiental. O quarto capítulo apresenta a TV Escola e as questões ambientais. No quinto capítulo é apresentado Um olhar para Amazônia, incluindo reportagens que mostram realidades sobre questões ambientais e dos povos amazônicos. No sexto capítulo, Percurso Metodológico, é apresentado o caminho que foi utilizado para a seleção e do *corpus* que serviu para análise e das ferramentas adotadas durante a seleção e análise dos dados. No sétimo capítulo, Análise dos Programas, são apresentadas a transcrição completa dos vídeos, a classificação e a análise das fontes e das suas contribuições. O oitavo capítulo apresenta as Considerações finais sobre o estudo efetuado.

2 A VISÃO DO JORNALISMO AMBIENTAL

Entendemos que o Jornalismo Ambiental, antes de sua especificidade, é Jornalismo. Dessa forma, ele está guiado pelo compromisso com o interesse público e com a popularização do conhecimento, possibilitando a ampliação do debate pelos cidadãos. Como salienta Traquina (2004, p.27), o Jornalismo, pelo polo ideológico, é um “serviço público que fornece cidadãos com informação de que precisam para votar e participar na democracia e age como guardião que defende os cidadãos dos eventuais abusos de poder”.

Dessa forma, entendemos que o Jornalismo precisa dar espaço para a realidade que transcenda o universo pessoal do cidadão que o lê/assiste/escuta. É preciso mostrar uma realidade que o envolva e que ele não saiba que existe (GIRARDI; SCHWAAB, 2008). Além disso, o Jornalismo deve superar o enfoque que dá para as questões ambientais ao enfatizar uma perspectiva de destruição da natureza. Deve-se trabalhar com a ótica da integração entre os assuntos e não pensar de forma fragmentada, ao separar a natureza da sociedade.

Ao avançarmos nessa discussão, buscamos explicitar as especificidades do Jornalismo Ambiental. Dessa forma, encontramos em Gelós (2008) que o Jornalismo Ambiental não é uma especialização do Jornalismo científico, como muitos costumam afirmar, pois este tem um olhar amplo e global da realidade. Para ele, o Jornalismo científico tem sua atuação exclusivamente no conhecimento científico e suas fontes pertencem ao mundo acadêmico, não concedendo espaço para outras fontes. Nesse ponto, ele afirma: “o Jornalismo Ambiental considera um espectro mais amplo de fontes e visões, que incluem desde os saberes tradicionais até o conhecimento gerado pela ciência e pela técnica” (2008, p. 70-71).

E por esse entendimento, ele afirma que o Jornalismo Ambiental:

Se trata de Jornalismo especializado dedicado a informar, divulgar e opinar sobre temas ambientais nos meios de comunicação. É a especialização mais ampla e completa em relação as especializações do Jornalismo que existe nos meios, pois engloba com igual ênfase os aspectos científicos, sociais, políticos, econômicos, culturais, ambientais e éticos. Sua amplitude se manifesta na sua interdependência com esses campos (GELÓS, 2008, p. 70)

Wilson Bueno (2008) contribui com as discussões sobre Jornalismo Ambiental, ao salientar que esse desempenha três funções principais: 1) **a informativa**: que supre a necessidade dos cidadãos de estarem informados sobre as questões ambientais, com um enfoque para os impactos ambientais em sua rotina; 2) **a pedagógica**: com destaque para as causas e soluções relacionadas aos problemas ambientais, estimulando o pensamento crítico e

a participação dos cidadãos para resolução dos problemas; e 3) **a política**: envolvimento da população frente aos problemas ambientais e, principalmente, na defesa do ambiente em relação aos crimes ambientais realizados por determinadas empresas e setores (como o agronegócio), sem esquecer as ações tomadas pelos governantes.

Assim, para desenvolver essas funções, o Jornalismo Ambiental deve estar atento a determinadas singularidades. Uma das principais questões está direcionada para o saber ambiental, “que não se confunde ou é privilégio de instâncias especializadas e que, na verdade, é resultado da articulação de múltiplos saberes, com forte e benéfica influência dos saberes, experiências e conhecimento tradicionais” (BUENO, 2008, p. 110).

Bueno (2008) aprofunda ainda mais essa reflexão, ao defender que o Jornalismo Ambiental não é propriedade dos que detêm o monopólio da fala, pois deve estar conectado com o pluralismo e a diversidade. Ele deve potencializar "o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés" (p. 111). Dessa forma, as fontes no Jornalismo Ambiental devem ser todas as pessoas, tendo como missão cruzar as diferentes visões, experiências e conhecimentos que contribuam para estabelecer uma relação de bem viver entre o homem e a natureza. Destacamos, assim, que compartilhamos com Bueno o nosso entendimento sobre o que é meio ambiente:

O complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas, não se limitando ao meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas incluindo as interações sociais, a cultura e expressões / manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.). (BUENO, 2009, p.116-117)

Encontramos nas produções do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS) contribuições que ajudam a perceber a diferenciação entre Jornalismo de/sobre meio ambiente e Jornalismo Ambiental (GIRARDI et al., 2012). Dessa forma, o primeiro aborda as questões ambientais de maneira superficial e imparcial, trabalhando com o conceito de ambiente de uma forma restrita ao separar a sociedade e a natureza (concentrando a atenção para natureza). Destaca-se ainda que essa abordagem parte do viés econômico, não demonstrando as conexões culturais, sociais, entre outras, com os aspectos ambientais. Por outro lado, o Jornalismo Ambiental opera com as seguintes perspectivas:

O Jornalismo Ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena. Para sua concretização é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as

conexões, superar a fragmentação reiterada. Fundem-se, desta forma, a natureza do Jornalismo especializado com as demandas socioambientais que acabam por compor o horizonte de reflexão dos paradigmas emergentes. (GIRARDI et al., 2012, p. 148).

Observamos, por essas conexões, que o Jornalismo é considerado uma forma de produção de conhecimento e, por isso, revela a realidade por um olhar diferente (MEDITSCH, 1997). Compreendemos, assim, a importância do Jornalismo Ambiental em buscar no seu fazer o conhecimento específico de cada sujeito envolvido na construção de uma notícia, reportagem, produtos audiovisuais e outros formatos. A importância de contemplar a diversidade de saberes é essencial para que os diferentes conhecimentos ganhem visibilidade, transcendendo as barreiras científicas, e oportunizando que outros olhares contribuam com a construção da uma realidade retratada. Dessa forma, o jornalista deve enxergar o outro e deixá-lo falar para apreender a realidade e construir narrativas que possibilitem amplificar os diferentes saberes pela pluralidade de vozes.

Como afirma Conde (2008, p. 27), ao analisar as contribuições de Robert Park sobre a notícia como forma de conhecimento, se o sujeito está “a uma maior distância do ponto em que se origina a notícia, mais alheio o indivíduo estará dessa realidade, e menor será o impacto que a mudança anunciada pela informação terá sobre a sua realidade”. É preciso romper as barreiras geográficas, culturais, sociais para que tenhamos igualdade na informação, no conhecimento e na ação-reflexão.

Belmonte (2017, p. 120) sinaliza que “não há uma maneira única de compreender o Jornalismo Ambiental, nem apenas um caminho para transformar, mobilizar e promover debates com informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade, fundindo-se com as demandas socioambientais”. O autor ainda destaca que, com as mudanças que estão ocorrendo nas redações tradicionais, reportagens relevantes sobre a temática socioambiental ficam prejudicadas devido à ausência de condições necessárias para realização de um trabalho mais profundo. No entanto, ele lembra que as questões ambientais estão ganhando destaque e importância em novos projetos jornalísticos, como na Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo-Pública, no Repórter Brasil e na Nexo.

Em relação à didatização dos conhecimentos, Loose e Girardi (2009) salientam que o Jornalismo, como uma fonte de novos saberes, deve investir-se de responsabilidade e ética para conscientizar a população sobre as problemáticas que cercam seu dia-a-dia e instruí-las nas tomadas de decisão que privilegiem o bem comum. Nesse contexto, estão presentes traços didáticos imprescindíveis para que públicos heterogêneos possam entender fatos complexos, mas muitas vezes corriqueiros, fazendo com que a didatização dos conhecimentos se torne

quase uma obrigação, em especial no Jornalismo Ambiental, em função de especificidade de termos e minúcias dos eventos científicos, difíceis de serem compreendidos até por jornalistas especializados na área.

Para Moraes e Girardi (2016), o Jornalismo Ambiental é considerado um espaço educativo por investir na construção do conhecimento sobre os temas ambientais de forma a atingir a pluralidade e a complexidade.

A pluralidade satisfaz um preceito básico da educação, que está relacionado a indicar as várias vozes, conceitos e aspectos que devem ser levados em conta, colocados em diálogo, quando tratamos de determinados temas relevantes para a coletividade. A complexidade, por sua vez, é uma nova forma de compreensão que exige um olhar de consolidação dos conhecimentos (e de suas “partes”), formando desta forma uma consciência de que a natureza é, em si, complexa e sistêmica. (2016, p.17)

Em seus textos e falas, a jornalista ambiental Liana John sempre destacou o caráter educativo do Jornalismo Ambiental. Nesse sentido, John (1996) destaca a importância do profissional do Jornalismo ter conhecimentos mínimos necessários para evitar equívocos ao tratar de matérias sobre o meio ambiente. Para a autora, apesar de o Jornalismo ter aumentado o olhar para o meio ambiente nos últimos anos, a imprensa brasileira ainda carece de uma cultura ambientalista e os espaços franqueados aos assuntos ambientais sempre dependeram de fatores alheios ao conteúdo educativo, conquistando as primeiras páginas somente em assuntos ambientais relacionados ao Primeiro Mundo ou no caso de implicações no comércio ou na política externos. A maior parte dos espaços para assuntos nacionais restringem-se a acidentes ambientais passíveis de uso sensacionalista e os poucos espaços existentes na grande imprensa decorrem do interesse e da iniciativa de jornalistas interessados no assunto.

Nesse mesmo sentido, para Dornelles e Grimberg (2012), o meio ambiente é pauta em espaços periféricos e apresentam abordagem sensacionalista.

O meio ambiente é pauta, mas em geral ocupa espaços periféricos e recebe uma abordagem com base nos critérios de raridade, espetáculo, beleza física, o inusitado, o inesperado e ações criminosas, principal tema da editoria de polícia. Entretanto, outros acontecimentos são noticiados sem que haja uma ligação visível com o meio ambiente, como é frequente nas editorias de economia ou política. (DORNELLES; GRIMBERG 2012, p.69).

Em 2001, Liana John afirma que os jornalistas ambientais contribuem com a educação ambiental dos sujeitos e também está em conexão com as funções pedagógica e política de Bueno (2007)

Mesmo sem formação como educadores, os jornalistas ambientais acabam contribuindo para a formação de cidadãos “ambientalmente educados”, em suas tentativas de explicar as Ciências da Vida e da Terra numa linguagem comum. Além de ser facilmente compreendidos, ainda pretendem levar o leitor à ação, contribuindo com a diminuição das agressões ambientais e proporcionando o aumento da qualidade de vida. (JOHN, 2001, p.87)

Para Bueno (2007) é necessário que os repórteres estejam dispostos a cumprir com a função pedagógica do Jornalismo ambiental, como integrante do processo global de educação ambiental, sendo necessários cuidados no trabalho de mediação com o público.

Não subestime a inteligência de leitores, telespectadores etc., mas não atrole as informações. A carência do ensino formal brasileiro e a complexidade das informações na área (alguns temas são absolutamente novidade para a maioria das pessoas) exigem um cuidado imenso neste trabalho de mediação. Leia e releia a matéria antes de publicá-la e tente colocar-se no lugar do outro. Lembre-se: o telespectador, o leitor, o radiouvinte não estão, de maneira geral (viva as exceções), “estudando” a reportagem, mas a “consumindo” como lazer ou entretenimento. O repórter não deve dar aula de ecologia ou de ciência, mas estabelecer uma conversa, cativar a audiência que pode estar sendo assediada, no mesmo momento, por muitas outras informações e temas. (BUENO, 2007, p. 52-53)

Segundo John (2001), para que educação ambiental leve a ação de transformação, as pessoas precisam ter acesso ao que está acontecendo para que possa ter clareza e transparência na informação. Para tanto, cabe ao Jornalismo ambiental:

Explicar novos conceitos, técnicas, tecnologias e descobrir que relação têm elas com a destruição ou preservação dos recursos naturais; com a integridade e funcionamento dos ecossistemas ou do meio ambiente urbano. Também cabe ao jornalista ambiental acolher e investigar denúncias e disseminá-las no meio mais adequado, provocando reações locais ou globais, conforme o caso. (JOHN, 2001, p.87)

A autora lembra que, no Brasil ainda temos outro entrave para vencer, pois antes de ter a motivação ambiental, é preciso se reconhecer cidadão e assumir o seu papel no cotidiano: “antes de informar e formar cidadãos “ambientalmente educados”, muitas vezes ainda é necessário explicar o que é cidadania” (JOHN, 2001, p. 88).

Nesse sentido, a posição de Liana John converge com o sujeito ecológico descrito por Isabel Carvalho (2008) e a necessidade de fazer repensar a posição dos indivíduos no mundo. A falta de cidadania leva à aceitação e manipulação do capitalismo sobre a existência dos sujeitos. Não falar, não reclamar, leva ao esquecimento, a normalidade. E, assim, ações negativas ganham força para se estabelecer e se enraizar. Uma ação ou pensamento quanto mais é feito, mais se torna normal e tende a gerar um padrão. Assim tudo fica limitado ao esquecimento, o que retorna à ausência de cultura ambiental descrita por John (2001, p.91) ao indicar que em todas as mídias ainda falta, de qualquer modo, uma certa “cultura ambiental,

agravada pelo excesso de trabalho e pelo tempo escasso para a pesquisa e edição adequada das matérias”.

Assim, a falta de “cultura ambiental” nos veículos de comunicação resulta na ausência de prática, costume, hábito, de mostrar/estimular, em seus conteúdos a discussão ambiental. Logo, essa questão parece ficar “esquecida”, ou sem importância.

É verdade que ainda há muitos redutos da imprensa, insistindo em priorizar o escândalo ou o exótico, em detrimento do educativo, na cobertura de questões ambientais. Há redatores e editores, inclusive, bastante descomprometidos com o efeito de suas palavras sobre a sociedade e sobre a construção da cidadania. Eles preferem atentar para o arranjo de letras nas suas manchetes. E esquecem as consequências do que publicam. Com eles, o público repete slogans “ecológicos”, sem saber como agir em defesa do meio e da qualidade de vida, na sua rotina diária. Uma sociedade urbana a favor da proteção das florestas distantes, mas contra a árvore que suja a calçada. (JOHN, 2001, p. 93)

Passadas duas décadas, os textos de John (1996; 2001) permanecem atuais no sentido de que o Jornalismo Ambiental ainda carece de importância na imprensa, seja por falta de interesse das redações, seja por falta de profissionais especializados no tema. Entretanto, faz-se urgente alertar os veículos de comunicação da necessidade em olhar para sua função pedagógica, contribuindo para construção de cidadãos sensivelmente educados para as questões ambientais.

Para que isso aconteça, Liana John salienta que se faz imprescindível a sobrevivência daqueles que levam a informação: “jornalistas meio ambientais, meio missionários (...), que resistem a ideia de transformar uma sociedade alheia ao próprio impacto ambiental, em uma parte consciente da sua indissociabilidade do todo ou numa sociedade provida de Cidadania Ambiental. Assim, com maiúscula mesmo”. (JOHN, 2001, p. 94)

Em relação à formação de cidadãos sensivelmente educados para as questões ambientais, é possível novamente identificar convergência entre os pensamentos de Liana John e Isabel Carvalho, o que pode ser verificado na fala de Isabel, em entrevista dada aos alunos da disciplina Debates interdisciplinares sobre Jornalismo Ambiental do PPGCOM/UFRGS, em 13 novembro de 2018. A seguir, destacamos a fala completa da professora e pesquisadora sobre essa relação⁶:

De que maneira a senhora observa o papel do Jornalismo ambiental nessa discussão maior das questões ambientais? Qual seria o papel ou a função do Jornalismo na formação do que a senhora vem chamando em suas pesquisas de um habitus ambiental?

⁶ Entrevista concedida por Isabel Carvalho aos alunos da disciplina Debates interdisciplinares sobre Jornalismo Ambiental do PPGCOM/UFRGS, em 13 novembro de 2018, com perguntas previamente definidas.

Eu diria que os jornalistas, a imprensa, as mídias, sejam elas impressas, digitais, de qualquer natureza, vocês vão por excelência produzir conteúdo e formar opinião pra qualquer tipo de mídia que vocês trabalhem como jornalistas. E eu acho que o papel do jornalista é importantíssimo na formação de uma sensibilidade ambiental. Eu não vou nem dizer consciência. Pra usar um conceito ainda melhor que consciência, que inclui consciência e vai além, é uma sensibilidade ambiental. Sensibilizar as pessoas pra importância das questões ambientais. Sensibilizar esteticamente. Afetivamente. Cognitivamente. Sensibilidade pra mim engloba um conjunto maior de percepções do que só um convencimento racional. Você pode estar muito convencido de alguma coisa, ter plena consciência daquilo e agir completamente diferente. Apenas o convencimento racional não é suficiente para mobilizar uma atitude, uma mudança de atitude em relação às coisas, à vida. Por isso que acho sensibilidade um conceito interessante. E eu penso que o jornalista tem sobretudo em relação a esse e outros campos, não só em relação ao meio ambiente, em relação à política, a vários campos importantes pro nosso funcionamento como sociedade, pro nosso laço societário, uma responsabilidade muito grande.

Em relação a isso eu vejo o Jornalismo Ambiental muito próximo ao trabalho do educador ambiental. Eu acho que tem um trabalho que também é o trabalho de educação no sentido da formação do outro, de opinião, da formação do leitor, da formação daquele pra quem a mídia está endereçada. Às vezes eu acho que os conteúdos que estão nas mídias eles têm um efeito igual ou até maior do que uma intervenção educativa no campo da Educação. Acho que é muito próximo o papel, a função social de um jornalista e de um educador no que diz respeito a difusão de informações e a formação de um habitus ambiental, de uma atitude ambiental. Habitus aí tem esse sentido de uma disposição interna, ou seja, de uma atitude em relação ao meio ambiente.

Nesse sentido eu vejo tanto o educador quanto o jornalista muito próximos. Acho que os movimentos ambientais também tiveram e tem esse papel também de formar opinião. Mas acho que os jornalistas têm um lugar muito privilegiado porque as mídias tem uma visibilidade muito grande. E uma responsabilidade igual também. É uma responsabilidade de produzir bons conteúdos e trabalhar nesse processo de formação. De hábitos, de atitudes, de uma orientação ecológica que faça sentido pras pessoas. É isso que eu concluiria compartilhando com vocês essa responsabilidade, eu sou educadora, estou no campo da educação ambiental, mas acho que a gente trabalha em um campo muito parecido. Teria que cada vez mais articular esses campos de trabalho, da educação e do Jornalismo pra gente funcionar melhor em termos de informação ambiental.

Para Isabel Carvalho (2018) é preciso sensibilizar as pessoas para a importância das questões ambientais e o jornalista tem fundamental papel nesse processo, pois é um formador de opinião que conta com o privilégio de mídias de grande visibilidade, o que acaba por lhe conferir também uma grande responsabilidade com os conteúdos a serem produzidos. Para a autora e educadora ambiental, o Jornalismo ambiental e a Educação Ambiental trabalham em campos parecidos e podem atuar de forma mais articulada no que diz respeito à difusão de informações e a formação de um habitus ambiental, ou seja, de uma atitude em relação ao meio ambiente.

E, nesse sentido, é preciso considerar a Educação Ambiental como processo interdisciplinar, pois “muito tem se falado em educação ambiental sobre as relações entre a natureza e a cultura. Tematizar esta questão, numa abordagem interdisciplinar, requer um

esforço de sintonia com o mundo da vida. Isto é, buscar compreender essas relações a partir da ótica da complexidade e da diversidade” (CARVALHO, 1998).

Para Carvalho (1998) não é possível ignorar a relação entre cultura e natureza, pois ambas afetam-se reciprocamente, em diálogo permanente, sendo necessário criar uma nova postura interdisciplinar que faça contraponto àquela que congela o conhecimento escolar por áreas e possa conviver com diferenças e pluralidade de pontos de vista.

A melhor imagem para caracterizar a relação natureza-cultura nesta perspectiva seria a de um diálogo permanente. Uma relação de mão dupla onde um lado interage com o outro e vice-versa. Por isso, se as culturas se desenvolvem dentro dos limites e possibilidades da natureza que as circunda, este entorno natural também está, ao mesmo tempo, sendo modificado pela ação da cultura que ali se estabelece. Assim, as paisagens naturais condicionam hábitos e inspiram o imaginário dos povos. Ao mesmo tempo, a ação destes povos sobre a face da terra tem criado novas paisagens no mundo natural. Uma relação de mão dupla, quer dizer que cultura e natureza estão em permanente comunicação.

[...] Tudo isso faz parte de uma sensibilidade que é a base do que poderíamos chamar de uma postura interdisciplinar. Essa nova postura depende de uma vivência que o conhecimento escolar muitas vezes congela: a experiência do deslocamento, da viagem no sentido metafórico, isto é, do trânsito entre as formas de conhecer. Isto significa sair dos lugares habituais, que se pretendem universais, de onde aprendemos a olhar as coisas e identificá-las de um único ponto de vista. Pode parecer simples, mas na verdade isso exige uma imensa coragem e disponibilidade para deixar o porto seguro de nossas certezas e conviver com as diferenças e a pluralidade de pontos de vista. (CARVALHO, 1998, p. 26).

Assim, o Jornalismo Ambiental assume importância na interdisciplinaridade ao buscar diferentes fontes que possam tratar a temática ambiental sob diferentes olhares, de modo a contribuir para “uma educação dos afetos, que forma pessoas amorosas e sensíveis para com a natureza, a uma educação para cidadania, que forma sujeitos atentos para os problemas socioambientais, capazes de interferir nas decisões da sociedade” (CARVALHO, 1998, p. 34).

No próximo capítulo iremos tratar sobre a importância das fontes jornalísticas, bem como apresentar a classificação que será utilizada na análise desta pesquisa. Também discutiremos a necessidade da cobertura ambiental.

3 FONTES NO JORNALISMO E A COBERTURA AMBIENTAL

Enquanto continuarmos a comprometer o nosso pequeno planeta, jornalistas ambientais continuarão sendo os olhos, através dos quais o público enxerga a verdade. (Gary Gray in Frome, 2008, p.63)

Com a evolução da imprensa no século XIX, o Jornalismo assume outras características, ou seja, passa do conceito de porta-voz partidário para oferecer ao público leitor uma maior diversidade de informação. Traquina (2004) destaca que o novo Jornalismo privilegia a informação e não a propaganda (governamental no caso), ocorrendo, assim, a separação entre os fatos e opiniões. A partir desse momento, cita o autor, surge uma nova figura no Jornalismo, o repórter. Esse deveria cobrir o cotidiano, apurando os fatos, e sendo capaz de oferecer um verdadeiro espelho da realidade.

Dessa forma, os jornalistas foram incorporando ao seu fazer novas técnicas, como a descrição de testemunhas e dos cenários e a utilização de entrevista para apurar os fatos. Com essa transformação também emerge outra possibilidade: o recurso a fontes múltiplas. Antes os jornalistas relatavam o que acontecia e emitiam suas opiniões, sem consultar às fontes. Com a prática estabelecida, agora era preciso apresentar uma diversidade de pontos de vista no mesmo artigo (TRAQUINA, 2004).

Com essa breve retomada aos fatos do passado sobre a trajetória do Jornalismo, é possível compreender e sinalizar o surgimento do uso de fontes jornalísticas. Logo, para compor uma reportagem ou ma notícia, o jornalista busca fontes de informação que conheçam o assunto ou tenham interesse nele. Destaca-se aqui o papel do repórter para mediar as informações passadas pelas fontes, avaliando e confrontando os dados com outros conhecimentos.

Neste ponto, faz-se necessário definir, então, o que são as fontes no Jornalismo. Schmitz (2011) busca em Gans (1980) a definição de que as fontes jornalísticas são pessoas que os jornalistas entrevistam ou observam, buscando informações ou sugestões de pauta em relação ao lugar em que essas pessoas ocupam na sociedade. Gans (1980) sugere ainda uma denominação para os tipos de fontes e destaca a influência que elas exercem em relação às decisões dos jornalistas. Seriam os tipos: institucionais, oficiosas, provisórias, passivas, ativas, conhecidas e desconhecidas.

Já para Pinto (2000), as fontes são pessoas, grupos, instituições sociais, vestígios de falas e documentos, que foram preparados por alguém. Dessa forma, "as fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço

temporalmente situados" (PINTO, 2000, p. 278). O autor propõe uma classificação, que as tipifica conforme natureza (pessoais ou documentais), origem (pública ou privada), duração (esporádicas ou permanentes), âmbito geográfico (locais, nacionais ou internacionais), grau de envolvimento nos fatos (primárias ou secundárias), atitude face ao jornalista (ativa ou passiva), identificação (explicitadas ou confidenciais) e segundo a metodologia ou estratégia de atuação (proativas ou reativas).

Pinto (2000) contribui ainda com essa discussão, segundo ele, com uma visão funcional e utilitária, ao elencar os motivos pelos quais os jornalistas procuram as fontes: a obtenção de informação inédita, a confirmação ou não de informações obtidas com outras fontes, o esclarecimento de dúvidas e o desenvolvimento de materiais, o lançamento de ideias e debates, o fornecimento de avaliações e recomendações de peritos e a atribuição de credibilidade e legitimidade a informações obtidas pelo repórter. Destaca-se aqui o interesse do jornalista em relação às fontes, e não tanto das fontes em relação às possibilidades oferecidas pelos espaços midiáticos, pois o objeto de análise foi construído pelo olhar do repórter. Logo, as fontes consultadas foram pesquisadas e observadas para compor o enredo de cada programa, diferentemente de uma notícia, que pode ser pautada pela fonte. No entanto, também destacamos que, apesar das fontes consultadas terem sido uma escolha do programa, elas também possuem interesse em aparecer e divulgar suas opiniões e conhecimentos.

Ao refletir sobre a relação entre jornalistas e fontes, Chaparro (1994) utiliza a expressão “revolução das fontes” para explicar o processo de organização e institucionalização das fontes junto ao Jornalismo – interferindo, muitas vezes, na pauta jornalística por serem geradoras de conteúdos. Para ele, as fontes conseguiram se profissionalizar e garantir espaços nas redações, como é o caso dos trabalhos realizados pelos assessores de imprensa.

Schmitz (2011) lembra que a maioria das informações jornalísticas vem de diferentes tipos de fontes, sendo utilizadas pelos jornalistas para reforçar ou confirmar os fatos noticiados. Ele destaca que uma notícia para ser polifônica deve convergir uma diversidade de opiniões, relatos, testemunhos. Assim, ele destaca que é preciso classificar essas fontes para entender a força de cada uma dentro dessa pluralidade e diversidade, pois quem fala pode se destacar por sua notoriedade, especialização ou testemunho.

O autor propõe o seguinte agrupamento de fontes (SCHMITZ, 2011, p. 25-27): oficiais (alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos – são as preferidas da mídia); empresarial

(representa uma corporação empresarial da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio); institucional (também chamada de fonte independente, representa uma organização sem fins lucrativos ou grupo social); popular (manifestam-se por si mesmo – pessoas comuns); notável (pessoas que se destacam por seu talento ou fama); testemunhais (representa aquilo que viu ou ouviu como participante ou observadora); especializada (pessoa de notório saber específico – especialista ou intelectual); referência (bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta).

Pinto (2000) salienta a carência de estudos sobre as fontes jornalísticas, apesar de sua dimensão central para a compreensão do Jornalismo que é um campo fundamental na produção e reprodução da vida social. Para o autor se faz necessária análise das fontes e suas convergências e conflitos no contexto social, pois há certo misticismo as envolvendo.

Existe alguma dose de mistério e de magia à volta do problema das fontes em geral e, também, das fontes jornalísticas. Às fontes de onde nasce a água pura e fresca surge associada a ideia de origem da vida e de fecundação, mesmo, ou sobretudo, quando já não se vai à fonte, mesmo quando às fontes sucederam os fontanários e, mais tarde, a redes de distribuição domiciliária. De modo análogo, no terreno da informação mediatizada, a sofisticação que conhece nos dias de hoje o abastecimento noticioso das redações pode levar a mitificar as fontes jornalísticas, a relação dos jornalistas com elas e a relação delas com os jornalistas. (PINTO, 2000, p. 277).

Para Pinto (2000) uma forma de abordar a interação entre fontes e jornalistas consiste na tipificação e classificação dos diferentes tipos de fontes segundo a natureza (pessoais ou documentais); a origem (públicas/oficiais ou privadas); a duração (episódicas ou permanentes); o âmbito geográfico (locais, nacionais ou internacionais); o grau de envolvimento (primárias ou secundárias); a atitude (espontâneas ou resistentes); a identificação (explicitadas ou anônimas); e segundo a estratégia de atuação (preventivas ou defensivas). Para o autor, pelas diferentes propostas de agrupamento e classificação das fontes no Jornalismo relacionadas, (PINTO, 2000, p. 292), salienta “que a multiplicação e diversificação das fontes representam, certamente, um sinal da complexificação da vida social: desdobram e alargam as instâncias que produzem discursos e iniciativas (...)”. Dessa forma, percebemos a intervenção de novos atores nos fatos do cotidiano, permitindo a construção de uma diversidade nas fontes de informação.

No Jornalismo Ambiental, Bueno (2007) entende que boas fontes são fundamentais na produção de reportagens comprometidas com a causa ambiental, com o interesse do público, com a cidadania e com a qualidade da informação. E segundo o autor, há falhas na utilização de fontes na promoção do debate ambiental que sistematicamente exclui a experiência dos

cidadãos comuns, em detrimento daquelas no âmbito da academia, do universo político e da comunidade empresarial.

Esta atitude elitista, autoritária e não democrática exclui do debate falas e experiências de cidadãos comuns, que têm informações, conhecimentos e vivências fundamentais para ampliar e para oxigenar esta pauta e este debate, estas fontes podem ser os representantes dos povos da floresta, os agricultores familiares, os pescadores artesanais, os mateiros, os operários e trabalhadores em geral, os integrantes das nações indígenas, as ONGs ambientalistas e a vigilante dona de casa. (BUENO, 2007, p 43-44).

Bueno (2007) destaca que a marginalização de protagonistas importantes no processo de degradação do meio ambiente ocorre por diversos motivos, dois em especial. O primeiro refere-se à fragmentação do sistema de produção jornalística que pode reduzir as questões ambientais a focos específicos, como ciência e economia. O segundo motivo da exclusão dos cidadãos comuns, como fontes, decorre da visão da ciência e da tecnologia como atividades neutras, que privilegiam fontes que transitam em ambientes científicos e tecnológicos. Assim, para o autor, o Jornalismo e a comunicação precisam rever esses conceitos e práticas, democratizando o debate ambiental com abertura das fontes para que a sociedade seja protagonista e não refém de visões e interesses determinados.

As fontes para o Jornalismo ambiental podem ser encontradas em toda parte e não apenas nas empresas, nas universidades, nos laboratórios sofisticados, porque, como temos insistido, a pauta ambiental legítima não encerra uma vertente meramente técnica. (BUENO, 2007, p.47).

Para Bueno (2009), a cobertura ambiental não pode ser reduzida a um olhar, seja ele econômico, científico ou político, pois compromete sobremaneira a crise ambiental legítima e sua perspectiva inter e multidisciplinar. A posição de Bueno (2009) converge com a de Frome (2008) em relação à necessidade de diversidade e pluralidade das fontes na busca de um olhar que não se restrinja a fontes oficiais e de especialistas que já possuem credibilidade legitimada em função de cargos que ocupam.

A mídia quer vida, seja na batalha, na guerra, no incêndio florestal ou na explosão de uma bomba e, um edifício do governo federal, para dar conformidade à história. Harmonia é tediosa: ela não contém história alguma. Quando os repórteres cobrem questões ambientais, na **maioria das vezes, eles recorrem a autoridades e fontes oficiais, acessíveis e respeitáveis**. O repórter irreverente, de pensamento independente, que vasculha arquivos e entrevista dissidentes, está sujeito a pagar o preço de uma reclamação ao editor por esse pecado imperdoável, de “perder a objetividade”. Conseqüentemente, a mídia moderna, que forma a instituição da sociedade e que se supõe que seja a guardiã das outras e as mantenha na linha, é limitadora de seus próprios jornalistas talentosos assim como suas audiências. (FROME, 2008, p.45) (**grifo nosso**).

Na mesma perspectiva de Bueno, entendemos que o saber ambiental das pessoas, que vivem e sofrem os problemas da degradação do meio ambiente, deve ser ouvido e suas falas,

que muitas vezes incorporam soluções simples de dimensão local, devem ser incluídas no debate do Jornalismo ambiental que não deve se restringir a questões complexas que necessitam de tecnologias de última geração propostas por especialistas ou fontes oficiais.

Após esse contexto, torna-se possível apresentar a classificação das fontes que serão utilizadas no desenvolvimento deste trabalho. Destacamos que essa tipologia foi criada a partir da literatura aqui apresentada e também pela leitura flutuante dos episódios que compõem o *corpus* da análise, adequada aos objetivos da pesquisa.

- **Especialistas** – Profissionais ligados a instituições de ensino e pesquisa, logo com reconhecido saber científico, ou com conhecimento específico sobre a temática trabalhada no programa;
- **Oficiais** – Pessoas que ocupam cargos públicos ou estão exercendo essa função, pertencendo ao Executivo, Legislativo, Judiciário, Ministério Público, fundações, em nível federal, estadual ou municipal;
- **Povos da Floresta** – Integram esse grupo os índios, que vivem em comunidades/territórios indígenas, e os ribeirinhos, que vivem em comunidades à beira dos rios. Usamos essa nomenclatura, pois, além de aparecer no programa, caracterizam esses sujeitos que vivem dentro da mata ou vivenciam profundamente suas relações com o bioma amazônico;
- **Pessoas locais** – Compreendemos nesse grupo todas as pessoas que deram depoimentos em relação à temática abordada no programa e que vivem no território amazônico, mas não se enquadram na classificação anterior.
- **Institucionais** – Pessoas que integram o terceiro setor, movimentos sociais, organizações sindicais e cooperativas;
- **Notáveis** – Destacam-se aqui as celebridades locais, artistas, comunicadores e pessoas com reconhecimento social;
- **Empresariais** – Pessoas que representam o setor comercial, empresas, organizações privadas, executivos;
- **Turistas** – Pessoas identificadas como turistas e que estão a passeio na região amazônica.

A seguir, apresentamos a TV Escola, destacando sua trajetória e seu papel na sociedade brasileira e a importância e necessidade da televisão.

4 TV ESCOLA E AS QUESTÕES AMBIENTAIS

A televisão (TV) é considerada uma das grandes invenções do século XX e, segundo Sabino, Silva e Pádua (2016), a mais poderosa de todas. Para os autores, a televisão representa um dos meios de comunicação de massa mais democratizado, permitindo interatividade entre sons e imagens que despertam leituras que possibilitam facilmente a captação de visibilidade pelos sentidos dos telespectadores.

Apesar do avanço de tecnologias mais avançadas, como a internet e os telefones celulares, a televisão se mantém, nesse início do século XXI, como o principal meio de comunicação, o que é referendado por Porcello (2015) para quem esse meio de comunicação atinge o público em diversas plataformas, suportes e dispositivos e, no Brasil continua sendo a principal fonte de informação para os brasileiros, estando presente em 97% dos domicílios, influenciando diretamente nos processos políticos, na esfera econômica, na implantação de costumes, nos hábitos e na linguagem das pessoas.

A última pesquisa divulgada do Sistema de Comunicação de Governo do Poder Executivo Federal (SICOM) para a utilização de critérios técnicos de mídia na implementação das ações de comunicação refere-se ao ano de 2016 e foi conduzida pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE, atualmente *IBOPE Inteligência*). Tal pesquisa abrangeu as 27 unidades da Federação (interior e capital) e trouxe informações sobre cobertura, penetração e afinidade, além de demais dados técnicos para identificar e selecionar a melhor programação de acordo com os objetivos de comunicação de cada ação, sendo que, entre os objetivos específicos estão a verificação do nível de inserção dos veículos estatais e públicos nos hábitos de informação da população brasileira e a avaliação que os seus consumidores fazem do conteúdo veiculado. Segundo os resultados da pesquisa, o veículo de comunicação mais utilizado naquele ano (2016) foi a televisão com 63%.

Para Schneider (2010), desde a sua criação, a TV se consolidou como principal meio de comunicação legitimando valores e estimulando comportamentos.

No âmbito comunicacional, desde seu surgimento, na primeira metade do século XX, a televisão se consolidou como principal meio de comunicação de massa. Sua principal característica, enquanto mídia, diz respeito ao tipo de difusão do conteúdo. Normalmente, um produto televisivo é criado para atender a um público-alvo bastante diverso e é inegável a força que ela tem como produtora de sentidos e significados, principalmente, como produtora de socialização. Neste sentido, a TV legitima valores e estimula comportamentos, através de seus programas, imagens e mensagens, ocasionando uma reconfiguração sociocultural da qual faz parte. (SCHNEIDER, 2010, p.44)

No Brasil, a televisão surgiu na década de 1950 e a TV educativa surge pela primeira vez em 1968, abrindo espaços para a difusão de informações que não encontram trânsito nos grandes veículos de comunicação, buscando atender à realidade local com produção de programas com informações e enfoques direcionados ao perfil de suas audiências, incluindo veiculação de programas produzidos por produtoras independentes com apresentação de conteúdos com carga informativa de interesse de seu público, dentro de suas filosofias educacionais e culturais.

Nesse sentido, para Andrade (2002), a TV é um dos elos entre Comunicação e Educação, os quais inicialmente foram instituídos com espaços sociais e papéis delimitados e distintos. Entretanto, ao longo do tempo Comunicação e Educação foram se aproximando, criando espaços de interseção cada vez mais amplos, se inter cruzando e abrindo desvios e trilhas em comum, tornam-se parceiros em alguns trechos de seus respectivos caminhos com ampliação do diálogo com sistemas que trabalham a informação e o conhecimento sob outros formatos como rádio, TV, jornal, recursos da informatização.

Em relação ao papel do Jornalismo nesse processo, Azambuja (2008) defende que o Jornalismo Educativo oferece mais elementos e explicações para que o telespectador tenha condição de aprender novos conceitos e construir mais conhecimento do que o Jornalismo factual, que se resume a responder as questões: “o que”, “quem”, “quando”, “onde”, “como” e “por que” (e ainda “para que”), pois essas questões engessam o texto numa estrutura fria e rígida, não necessariamente neutra.

Para Vizeu (2009) há uma preocupação pedagógica no Jornalismo que se legitima como o lugar de “poder mostrar”, de “poder dizer” e de “poder analisar”. O Jornalismo se auto-referencia como um lugar de mediação, de dessegredização, de revelação da verdade e orientação de homens e mulheres na contemporaneidade. (VIZEU, 2009, p.80).

Em seus textos e falas, Liana John sempre destacou o caráter educativo do Jornalismo ambiental. Porcello *et. al.* (2016) também contribui com essa visão, destacando que diversos teóricos convergem na definição de três parâmetros na cobertura de temas ambientais: a visão sistêmica, a defesa da sustentabilidade e a função pedagógica, sendo que nesta última o Jornalismo contribui também para a formação de uma cidadania consciente.

A veiculação de informações pertinentes é fundamental para que o público compreenda a sociedade que o rodeia, dialogue e contribua para a construção de um mundo melhor. Mais do que somente informar, cabe ao Jornalismo Ambiental esclarecer a sociedade a respeito de temas de interesse público, fomentando discussões e promovendo mudanças de atitude. (PORCELLO, *et. al.* 2016, p. 5).

Para evidenciar aproximações entre Jornalismo e educação, Empinotti e Paulino (2018) concluindo que, historicamente, ambos são produtos consolidados pelo advento do capitalismo, enquanto, epistemologicamente, confluem ao se enquadrarem ao âmbito cultural. Para as autoras, Jornalismo e educação, apesar de se utilizarem de métodos e técnicas distintas, almejam contribuir com a conservação e geração de cultura, como também com interação entre culturas. Isto porque, a escola foi criada como espaço formal de educação, a ser complementada pelo ambiente familiar que é influenciado pelos meios de comunicação que por sua vez dependem do trabalho do Jornalismo.

A sociedade contemporânea, midiática, depende dos meios para fazer circular grande parte do conhecimento produzido. Se a escola foi criada como espaço formal de educação, a ser complementada pelo ambiente familiar, hoje os meios de comunicação têm papel indispensável como terceiro elemento educativo. (EMPINOTTI e PAULINO, 2018. p.61)

Sobre a importância da educação, em 1988, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) emitiu o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XX: Educação um Tesouro a Descobrir, no qual os organizadores tratam da educação como forma para reduzir desigualdades sociais. Neste relatório é dada ênfase sobre a utilização dos meios de comunicação, em função do seu poder de sedução, independente do juízo que se faça sobre a qualidade dos seus produtos, cabendo ao sistema escolar e universitário servir-se deles para os seus próprios fins, elaborando programas educativos destinados a ser difundidos pela rádio e pela televisão nas escolas, como já vem ocorrendo no Japão, onde 90% das escolas já utilizam a televisão como instrumento pedagógico. Sobre o uso da televisão no ensino, o relatório é bem específico:

O sistema escolar tem uma responsabilidade específica em relação aos meios de comunicação e, sobretudo, em relação à televisão, quanto mais não seja pelo fato de ela ocupar um lugar cada vez mais importante na vida dos alunos, a julgar pelo tempo que lhe consagram: mil e duzentas horas por ano na Europa Ocidental, cerca do dobro nos Estados Unidos, ao passo que essas mesmas crianças passam na escola apenas cerca de mil horas. É importante que os professores formem, desde já, os alunos para uma “leitura crítica” que os leve, por si mesmos, a usar a televisão como um instrumento de aprendizagem, fazendo a triagem e hierarquizando as múltiplas informações transmitidas. É preciso insistir, sempre, nesta finalidade essencial da educação: levar cada um a cultivar as suas aptidões, a formular juízos e, a partir daí, a adotar comportamentos livres. (UNESCO, 1988, págs. 115/116)

Para utilizar as vantagens do poder de comunicação da televisão, poucos anos após o Relatório da UNESCO, o Brasil criava o projeto da TV Escola que foi implementado, a partir de 04 de setembro de 1995, integrando um conjunto de ações destinado a democratizar o ensino básico e elevar a qualidade da educação brasileira constante no Planejamento Estratégico do Ministério da Educação para o período de 1995-1998.

O Portal do MEC⁷ apresenta a TV Escola como uma televisão pública do Ministério da Educação que se destina a professores, educadores, alunos e ao público em geral interessado em aprender. Desde 1996, essa televisão capacita, aperfeiçoa e atualiza educadores da rede pública. Atualmente a sua programação exibe séries e documentários estrangeiros e produções próprias nas 24 horas do dia. Criada, inicialmente, para fortalecer o ensino fundamental, a TV Escola ampliou a sua área de atuação, passando a atingir também o ensino médio já no início da década de 2000. Da mesma forma, a programação inicial foi gradativamente ampliada e em 2002 já contava com 14 horas diárias de programação própria. Na última década, a programação foi ampliada, ao máximo, atingindo 24 horas diárias a serviço da educação. A TV Escola proporciona material de qualidade aos professores, sem nenhuma intenção de substituí-los. Logo, “a TV Escola não vai “dar aula”, ela é uma ferramenta pedagógica disponível ao professor: seja para complementar a sua própria formação, seja para ser utilizada em suas práticas de ensino” (TV ESCOLA, 2016).

Os principais objetivos da TV Escola são o aperfeiçoamento e valorização dos professores da rede pública, o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem e a melhoria da qualidade do ensino no Brasil. A transmissão da sua programação acompanhou a evolução tecnológica, passando de analógica para digital, além da utilização das mídias digitais disponíveis com distribuição para todo o país. A TV Escola é uma plataforma de comunicação baseada na televisão e distribuída também na internet. Na televisão ela é distribuída por satélite aberto analógico e digital para todo o território nacional, atingindo entre 15 e 20 milhões de antenas parabólicas. Além da distribuição por satélite aberto, o sinal da TV Escola é distribuído pelas operadoras de TV por assinatura.

A TV Escola passou a ser mais valorizada a partir da aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) em 2001, através da Lei nº 10.172/2001. O PNE deu destaque à Educação à Distância e a Tecnologias Educacionais, como meio eficaz na universalização e democratização do ensino para reduzir os déficits educativos e as desigualdades regionais do Brasil. O item 6 do PNE (2001) apresenta o seguinte diagnóstico:

O País já conta com inúmeras redes de televisão e rádio educativas no setor público. Paralelamente, há que se considerar a contribuição do setor privado, que tem produzido programas educativos de boa qualidade, especialmente para a televisão. Há, portanto, inúmeras iniciativas neste setor.

Ainda são incipientes, no entanto, aquelas que concretizam um trabalho em regime de cooperação, capaz de elevar a qualidade e aumentar o número de programas produzidos e apresentados. O sistema também se ressentiu da falta de uma rede

⁷ Informação disponível em: <http://portal.mec.gov.br/tv-escola>

informatizada que permita o acesso generalizado aos programas existentes. Entretanto a regulamentação constante na Lei de Diretrizes e Bases é o reconhecimento da construção de um novo paradigma da educação a distância. (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6.1, 2001)

Pelo PNE (2001) ficou estabelecida a importância estratégica do ensino à distância e foram estabelecidas Diretrizes a serem seguidas, conforme item 6.2.

Ao estabelecer que o Poder Público incentivará o desenvolvimento de programas de educação a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional introduziu uma abertura de grande alcance para a política educacional. É preciso ampliar o conceito de educação a distância para poder incorporar todas as possibilidades que as tecnologias de comunicação possam propiciar a todos os níveis e modalidades de educação, seja por meio de correspondência, transmissão radiofônica e televisiva, programas de computador, internet, seja por meio dos mais recentes processos de utilização conjugada de meios como a telemática e a multimídia.

Para atender às diretrizes, os veículos de comunicação de massa são considerados como instrumentos pedagógicos e de disseminação de programas culturais e educativos:

A televisão, o vídeo, o rádio e o computador constituem importantes instrumentos pedagógicos auxiliares, não devendo substituir, no entanto, as relações de comunicação e interação direta entre educador e educando.

Só será permitida a celebração de contratos onerosos para a retransmissão de programa de Educação à Distância com redes de televisão e de rádio quando não houver cobertura da Televisão e de Rádio Educativa, bem como a elaboração dos programas será realizada pelas Secretarias Estaduais, Municipais ou pelo Ministério da Educação.

Utilizar os canais educativos televisivos e radiofônicos, assim como redes telemáticas de educação, para a disseminação de programas culturais e educativos, assegurando às escolas e à comunidade condições básicas de acesso a esses meios. (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6.2, 2001).

De forma geral, a ação da TV Escola foi respaldada no PNE (2001) e, direta ou indiretamente está presente nas Diretrizes para a Educação à Distância, como transcrito a seguir.

É preciso ampliar o conceito de educação a distância para poder incorporar todas as possibilidades que as tecnologias de comunicação possam propiciar a todos os níveis e modalidades de educação, seja por meio de correspondência, transmissão radiofônica e televisiva, programas de computador, internet, seja por meio dos mais recentes processos de utilização conjugada de meios como a telemática e a multimídia.

Elas (as tecnologias utilizadas na educação a distância) constituem hoje um instrumento de enorme potencial para o enriquecimento curricular e a melhoria da qualidade do ensino presencial. Para isto, é fundamental equipar as escolas com multimeios, capacitar os professores para utilizá-los, especialmente na Escola Normal, nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas, e integrar a informática na formação regular dos alunos. (PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6.2, 2001).

A Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP⁸), organização sem fins lucrativos e reconhecida pelo MEC como entidade civil de utilidade pública e interesse social, é a gestora do contrato da TV Escola com o Ministério da Educação desde 1995. Em entrevista concedida, em março de 2017, o novo presidente eleito da ACERP, o jornalista Fernando Veloso, que ocupava até então o cargo de chefe da Assessoria de Comunicação do MEC, reforçou o “compromisso de fortalecer a TV Escola como uma das principais TVs públicas do país, interagindo com as mais de 40 TVs públicas e incentivando a produção audiovisual”.

Sobre a televisão pública Pinheiro (2015) destaca que esta tem um compromisso social com a qualidade, incluindo programação diversificada que respeite as alteridades e dialogue com as minorias, tratando-as de forma afirmativa, necessitando muitas vezes utilizar-se de parcerias em função de ausência de recursos financeiros, pessoal e tecnológico.

Por não possuir um padrão estético engessado, motivado pela produção industrial em série, podem ousar mais na concepção de novos formatos, novas mensagens. Porém, muito deste ideal esbarra com o problema da falta de recurso, ou de know-how, na hora da execução. No Brasil, a tevê pública, na busca por audiência, mas sem se valer de apelações, vem propondo parcerias com realizadores independentes, de várias partes do país, valorizando a diversidade estética e cultural. Para tanto, conta com políticas públicas de financiamento voltadas ao audiovisual – editais de descentralização dos recursos capazes de afiançar produções voltadas à diversidade, à qualidade e às políticas afirmativas. (PINHEIRO, 2015)

Para França (2013), a TV Escola é o canal da educação destinada aos professores e educadores brasileiros, aos alunos e a todos interessados em aprender e não se destina a divulgação de políticas públicas da educação, por ser uma política pública em si, com o objetivo de subsidiar a escola e não substituí-la. **E é justamente este caráter de política, com aplicação pública, que faz da TV Escola uma ferramenta pedagógica** com espaço privilegiado para tratar de questões relevantes, como é o caso das questões ambientais.

⁸ Informações disponíveis em: <http://roquettepinto.org.br/>

5 UM OLHAR PARA AMAZÔNIA

O saber ambiental, em contraponto aos limites impostos pela racionalidade de mercado, busca entender a realidade e oportunizar novos caminhos que permitam a construção de novas realidades para a sustentabilidade da vida.

Segundo Leff (2006), o saber ambiental reafirma o ser no tempo e o conhecer na história, é capaz de estabelecer-se em novas identidades e territórios de vida e reconhece o poder do saber e da vontade de poder como um querer saber.

Para romper os efeitos antrópicos que destroem e que podem comprometer a continuidade do próprio homem, é preciso que uma nova lógica de conhecimento sobre o meio ambiente considere tanto o saber ecológico quanto o saber dos povos.

O saber ambiental é uma epistemologia política que busca dar sustentabilidade à vida; constitui um saber que vincula os potenciais ecológicos e a produtividade neguentrópica do planeta **com a criatividade cultural dos povos que o habitam**. O saber ambiental muda o olhar do conhecimento e com isso transforma as condições do saber no mundo na relação que estabelece **o ser com o pensar e o saber**, com o conhecer e o atuar no mundo. [...] O saber ambiental se forja pulsão por conhecer, na falta de saber das ciências, o desejo de satisfazer essa falta insatisfeita. Daí impulsiona uma utopia como reconstrução da realidade a partir de **uma multiplicidade de sentidos individuais e coletivos, para além de uma articulação científica, de intersubjetividades e de saberes individuais**. (LEFF, 2006, p. 18). **(grifo nosso)**.

Ignorar os saberes ambientais locais pode levar a erros estratégicos, como é o caso dos modelos de desenvolvimento sustentável da Amazônia. Segundo Bittencourt (2013), a desconsideração do saber das populações tradicionais leva a erros estratégicos nos planejamentos intra e extra-regionais, pois as decisões a respeito da Amazônia, em grande parte, se dão longe da floresta, nas mesas de escritórios governamentais, empresariais, não governamentais (ONGs) ou acadêmicos.

Aqueles que decidem com intenções conservacionistas raramente conhecem a realidade dos locais a serem resguardados. Muitos entendem que a Amazônia deva adequar-se aos padrões ocidentais, sem ponderar, contudo, se na floresta já existem soluções, especialmente no que se refere à questão ambiental. Em regra, ignora-se a história complexa e dinâmica da região. Muitos agentes sociais agem segundo análises apriorísticas. Uma dessas análises propõe a crença em uma questão ambiental amazônica reduzida a fatores ecológicos. Entende-se que, diferente disso, as questões em jogo na Amazônia envolvem uma grande disputa por estoques de natureza ainda não regulamentados juridicamente. (BITTENCOURT, 2013, p. 14).

Para Bittencourt (2013), o meio ambiente amazônico deve ser interpretado como patrimônio público da população da região amazônica e a questão ambiental amazônica deve ser vista, sobretudo, por seu viés socioeconômico, em detrimento do recorte puramente

ecológico. Apesar disso, a tensão que emana desse tema diz respeito aos interesses econômicos e à apropriação da natureza amazônica e de suas riquezas, enquanto uma visão rigorosamente ambientalista reduz a questão a seus aspectos ecológicos, sem considerar os interesses políticos e socioeconômicos de quem vive na Amazônia.

Para Leff (2012) é primordial entender que o saber ambiental se constitui através de processos políticos, culturais e sociais, que obstaculizam ou promovem a realização de suas potencialidades para transformar as relações sociedade-natureza. Assim, o saber amazônico só pode ser considerado em sua plenitude se forem observados os interesses provenientes do saber dos povos locais.

No aspecto jornalístico, Bittencourt (2013) acredita no Jornalismo de interesse público, democrático e sintonizado com os interesses da maioria da população amazônica representada pelas classes subalternas. O autor refuta a proposta sujeito-objeto, na qual o jornalista é o sujeito e a sociedade, um objeto e propõe um Jornalismo realizado a partir da perspectiva sujeito-sujeito, em que o repórter é uma agente cultural em sintonia com a realidade e com a intenção de escrever reportagens verazes.

Nesse sentido, para este estudo, que se debruça sobre as fontes dos programas da Nova Amazônia, se faz necessário entender como os estudos, já efetuados sobre os saberes ambientais sobre a Amazônia na área do Jornalismo, abordam, reconhecem e valorizam as fontes de informações e os saberes amazônicos, com a finalidade de estabelecer relações com as análises apresentadas no capítulo 7.

Silva (2006) analisa a temática ambiental da Amazônia no Jornalismo impresso paulista a partir da metodologia de análise de conteúdo dos textos publicados nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* com o objetivo de contribuir para a análise do problema amazônico e sua interface com a mídia, identificando como a Amazônia é retratada nos dois maiores veículos de comunicação de São Paulo. O estudo teve sua base teórica fundamentada na comunicação de massa e na análise do processo de construção da notícia ancorada na tematização e em textos que abordam as relações do capitalismo e do mercado, assim como em críticas ao pós-modernismo e ao crescente processo de mercantilização da natureza. O autor faz reflexões sobre o desenvolvimento sustentável, o desmatamento, as certificações, internacionalização e soberania do território buscando compreender as características e a forma como se manifesta o fenômeno do ambientalismo tardio, originado do capitalismo tardio que é marcado pelo domínio da mercantilização da natureza e suas extensões: “mercado da água”; o “mercado da fome”; o “mercado do ar”; “mercado da vida” etc.. Para o autor, o ambientalismo tardio insere-se na pós-modernidade e caracteriza-se por

um novo tipo de poder global: o da governança sem governo, onde as grandes corporações multinacionais expandem seus sustentáculos para todas as regiões onde é possível lucrar, sendo necessário ir além da luta anticapitalista para superar a pobreza e para realizar mudanças econômicas com inclusão social a partir de técnicas e metodologias que não degradem o meio ambiente. Do ponto de vista da história da comunicação, as questões ambientais passaram a ser cobertas pelos veículos com maior intensidade a partir da luta organizada dos movimentos ambientalistas e pela necessidade dos órgãos de imprensa assumir a ideologia do desenvolvimento sustentável. Os resultados da pesquisa indicam, entretanto, que a cobertura da Amazônia e suas questões ambientais pela grande imprensa ou a imprensa das grandes corporações ainda ocorre de maneira superficial, sem profundidade e aponta que os jornais ainda são veículos que cobrem predominantemente a pauta do grande desastre, das catástrofes ou dos fenômenos ambientais (grandes secas, enchentes, etc.) ou das situações apocalípticas, ou então, o mítico, o sobrenatural e o exótico, sendo que a cobertura mais apurada e coerente fica para as publicações especializadas com um público mais restrito.

Colferai (2009) efetuou estudo para compreender o contexto sócio-histórico e a conformação dos meios de comunicação social do Estado de Rondônia, em especial do Diário da Amazônia, para inferir a existência de um movimento de legitimação de um conjunto de representações culturais como identidade preferencial estadual. Para tanto, o autor efetuou a recuperação do percurso sócio-histórico da Amazônia e Rondônia, e dos discursos postos em circulação em diferentes épocas, a partir da década de 1960, que coincidiu com intensa imigração para Rondônia. O estudo considerou as coberturas de festas ligadas aos complexos culturais ribeirinhos e da colonização, realizadas pelo Diário da Amazônia entre os meses de junho e setembro de 2009. O autor reconhece uma proximidade, porém não suficiente para apreender todo o quadro que compõe a legitimação de um conjunto de práticas e representações culturais como a identidade cultural de Rondônia. Para o autor, não há uma identidade cristalizada em Rondônia, mas diversas identidades que se ligam, cada uma, a grupos imigrantes chegados ao estado desde o século XIX. A figura do indígena, assim como acontece em todo o país, não é forte o suficiente para compor uma identidade, mas práticas residuais, principalmente entre ribeirinhos, ainda são observáveis no trato com o meio, em especial nas florestas e nos rios. Também não foi possível apontar para uma identidade hegemônica, uma vez que não há um grupo claramente hegemônico, mesmo que os imigrantes do processo de colonização, e toda a carga cultural com eles imigrada, ocupem posições políticas e econômicas de destaque. Na fronteira em que se converte Rondônia, por ser o ponto de encontro entre diferentes grupos de imigrantes de referências culturais

absolutamente distintas, o jornal Diário da Amazônia legitima as práticas culturais do complexo da colonização como constituidoras da identidade do estado de Rondônia.

Luft (2010) efetuou estudo sobre a cobertura dos desmatamentos na Amazônia no jornal O Liberal, do Pará, no ano de 2008, baseado na premissa de que as notícias sobre o meio ambiente são construídas a partir de um sistema complexo de relações entre jornalistas e fontes de informação, em que as fontes oficiais predominam no processo. A autora buscou identificar as falas que melhor caracterizam o confronto de opiniões sobre os desmatamentos e sua repercussão na produção noticiosa a partir de análises quantitativas e qualitativas de 230 matérias publicadas. A análise quantitativa revelou predominância das fontes dos setores Políticos: representadas, na sua grande maioria, pelo governo federal – através do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e do Ministério do Meio Ambiente, que atingiram um percentual de 65,21%, seguidas das fontes do meio Científico, Econômico e Social. As fontes do meio Social, representadas pelo cidadão comum, aparecem em último lugar, com um percentual de apenas 6,52%. A análise qualitativa, que considerou as falas que melhor caracterizam o confronto de opiniões, concluiu que madeireiros, políticos, pesquisadores e entidades sociais consideram a falta de regularização fundiária, como a principal causa dos desmatamentos ilegais na Amazônia; e que as ações de fiscalização do governo federal, juntamente com a implementação de políticas públicas, incluindo a criação de Unidades de Conservação (UCs), e o reflorestamento das áreas já degradadas, representam um avanço no combate aos desmatamentos na Amazônia. Por outro lado, a autora concluiu que fontes ligadas aos meios científicos e políticos defendem a manutenção da “floresta em pé”, como a alternativa mais coerente, do ponto de vista social e ambiental, e mesmo econômico, para a preservação da Amazônia, enquanto maior patrimônio genético do planeta e, também, para assegurar a sobrevivência dos mais de 23 milhões de pessoas que vivem na região, principalmente, daquelas populações que dependem do extrativismo para o seu sustento.

Rodrigues (2013) efetuou estudo sobre a cobertura jornalística das secas ocorridas na Amazônia nos anos de 2005 e 2010 a partir da análise da qualidade das informações científicas e ambientais passadas pelos dois principais jornais impressos de Manaus, Diário do Amazonas e A Crítica, durante as coberturas jornalísticas de eventos climáticos extremos. Norteou a pesquisa, a indagação se a imprensa escrita do Amazonas conseguiu ou não informar eficientemente seu público sobre os fenômenos das secas e suas implicações para a vida das populações. Para tanto, a autora adotou ferramentas metodológicas sob a perspectiva das abordagens qualitativas e quantitativas e arcabouços teóricos, em especial das áreas da

Comunicação, do Jornalismo, da Sociologia e da Ciência Política. No aspecto quantitativo, a autora adotou a análise de conteúdo para detectar tendências e modelos de análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos com base em categorias estabelecidas que levaram em conta os princípios do Jornalismo e a abordagem da questão ambiental, dos textos jornalísticos que trataram sobre o fenômeno das secas ocorridas no Amazonas. No aspecto qualitativo, a autora adotou entrevistas para ampliar o espectro analítico para além da mensagem (reportagens) focalizando o processo comunicacional de forma mais ampla, incluindo o estudo das fontes, dos emissores (jornalistas) e dos receptores (leitores). A partir da combinação dos resultados das análises quantitativa e qualitativa, tendo como base os princípios do Jornalismo e de seus gêneros científico e ambiental, a autora concluiu pela falta de qualidade da informação recebida pelos leitores dos jornais analisados, além da pouca contribuição da cobertura jornalística das secas no Amazonas em 2005 e 2010 para tomadas de decisão esclarecidas por parte dos moradores de Manaus sobre as questões relacionadas às mudanças climáticas globais.

Santos e Zucoloto (2016) efetuaram reflexão acerca dos estudos do Jornalismo como discurso sobre a Amazônia através das teorias e metodologias oriundas da comunicação e das ciências sociais. O estudo se propôs a encontrar e nomear as características deste Jornalismo, como forma de valorização, através de uma leitura crítica do Jornalismo, além de dedicar-se ao desafio de pensar sobre a existência de uma ética e uma estética sobre o “verde amazônico”. Para os autores, a estratégia teórica de compreender o Jornalismo enquanto discurso, se dá pela necessidade de romper com imagens preconceituosas sobre a Amazônia e seus sujeitos; se dá ainda por entender que a ciência enquanto prática discursiva, ajuda o Jornalismo a relatar realidades e valores. Como resultado, os autores perceberam que pensar em Jornalismo da/na/para a Amazônia representa uma tentativa de desconstruir formações discursivas que promoveram epistemologias excludentes e assumir que esta é uma tentativa que ultrapassa as fronteiras da ciência pela ciência, mas que representa posicionamento político e estratégias de poder.

Borges Júnior (2017) efetuou pesquisa sobre a construção das imagens da Amazônia pelas publicações da Revista Manchete, entre junho de 1983 e setembro de 1989, suas conexões entre as imagens produzidas pela linguagem jornalística e narrativas literárias e como o Jornalismo aciona essas imagens para construir narrativas do presente. Para o autor, na produção de imagens, o Jornalismo utiliza-se da linguagem-texto, fotografias, gravações, entre outras formas, para a construção de narrativas, sendo que essas distintas formas de narrar possuem a função de possibilitar que as pessoas experienciem a singularidade do

acontecimento noticioso, projetando, ao pensamento, múltiplas visualidades com suas potências construtoras de sentidos e significações. Assim, a palavra ativa e reativa imagens ao pensamento, à memória humana e também registra imagens na grande linha do tempo. O resultado do estudo aponta relações entre as imagens de Amazônia produzidas pelo Jornalismo de revista e a literatura nas publicações da *Manchete* na década de 1980.

Rodrigues, Menezes e Lopes (2018) se propuseram a uma discussão entre processos socioculturais na Amazônia e a produção jornalística ambiental na região, por periódicos amazonenses nos anos de 2005 e 2010, com o objetivo de apontar ideias construídas na historicidade e suas inter-relações com a cobertura de eventos climáticos extremos. Os autores identificaram duas vertentes principais nas disputas ideológicas pela preservação da região, sendo que a primeira é de ordem civilizatória ou cultural, na qual nota-se uma preocupação legítima com a natureza, pela questão da vida, inclusive fomentando movimentos ambientalistas; e a segunda está ligada aos interesses econômicos na relação biodiversidade x tecnologia x recursos hídricos, numa lógica capitalista que vê a natureza como um recurso escasso e reserva de valor comercial para o futuro. Diante dessas duas vertentes, os autores conduziram o estudo bibliográfico interdisciplinar, com uma abordagem pós-colonial, baseada em aportes da Comunicação, Sociologia, Antropologia e Ciências do Ambiente. Para os autores, a Amazônia vem sendo criada e recriada, passando por diferentes configurações dependendo do contexto histórico e dos interesses dominantes, que ora a caracterizam como um paraíso perdido ora como um inferno verde, o eldorado de riquezas ou um dos lugares mais atrasados do mundo, a terra das oportunidades, o pulmão do mundo, o cenário de violentos conflitos agrários, o símbolo da luta ecológica, etc.. Como resultado do estudo, os autores perceberam que a imagem da Amazônia sofre alterações de acordo com o contexto histórico e os interesses dominantes e que a disseminação de ideias sobre a Amazônia (por elites políticas, econômicas, intelectuais e científicas) no processo histórico, forjou uma imagem sociocultural sobre a região que se mantém na contemporaneidade, inclusive no Jornalismo Ambiental e na divulgação científica.

Rodrigues e Borges (2018) buscaram compreender a função social do Jornalismo nos regimes democráticos, seu potencial de difusão de informações científicas e a importância das notícias sobre ciência e meio ambiente na transformação social a partir da análise das publicações do portal *Gazeta do Povo* de Curitiba (PR) por ser o portal mais acessado no estado e devido a sua relevância no cenário jornalístico. Com o objetivo de aferir a qualidade da informação recebida pelos leitores e, conseqüentemente, avaliar se a cobertura jornalística contribuiu ou não para tomadas de decisão esclarecidas por parte dos moradores das

principais capitais das regiões pesquisadas, permitindo reflexões por parte do cidadão e à cobrança de mudanças governamentais e melhores políticas públicas. Os autores organizaram a pesquisa em oito princípios capazes de permitir ao Jornalismo alcançar sua finalidade e que não se descolam da função social do Jornalismo de forma geral: compromisso com a verdade; lealdade ao interesse público; disciplina da verificação; independência das fontes; monitoramento independente do poder; promoção de fórum para a crítica e o comentário público; pautar o significativo em formato interessante e relevante; e o dever com sua consciência. Para os autores, o Jornalismo ambiental precisa estar política, social e culturalmente engajado com a causa do desenvolvimento sustentável e com a melhoria da qualidade de vida das pessoas para resistir a investidas e pressões de governos e instituições públicas e privadas.

Os resultados obtidos indicaram que mais da metade não buscaram apresentar conteúdos educativos, sendo verificado também desinteresse em aliar Jornalismo e educação, critério do Jornalismo ambiental para que o objetivo dessa categoria seja atingido, indicando falhas na cobertura. Com a ressalva de que as matérias relacionadas a questões ambientais rendem pouco acessos e visualizações, os pontos claros observados indicam que os textos deveriam, segundo os critérios, princípios e funções instituídos na fundamentação teórica, abranger mais assuntos relacionados a meio ambiente, ciência e tecnologia, ser mais independente das fontes, usar de outros recursos disponíveis na rede de internet e usar de informações educativas para a sociedade, partindo da justificativa de que o Jornalismo ambiental necessita se engajar para ser um monitor do poder.

5.1 AMAZONAS, BIOMA AMAZÔNIA, AMAZÔNIA LEGAL

Neste capítulo são abordados temas relacionados à Amazônia Legal. Para entender a origem desse termo se faz necessário a compreensão, ainda que brevemente, sobre os termos Amazonas e Amazônia, Bioma Amazônia, além de Amazônia Legal, suas origens e suas representações.

A palavra Amazônia deriva do nome do Rio Amazonas. Durante esse estudo foram diversas as pesquisas para encontrar a origem da palavra Amazonas para a qual foram encontradas duas explicações distintas, além de uma terceira que se utiliza de parte das duas anteriores.

A primeira versão, e preferida pela maior parte dos referenciais pesquisados, indica que a origem do nome Amazonas deve-se ao navegador hispânico Francisco Orellana que, em 1541, teria se deparado com mulheres guerreiras durante o seu percurso de descida pelo afluente do Rio Nepa, que nasce no Equador. Segundo Souza (2014), Orellana teria ficado impressionado com o perfil das combatentes e as histórias, geradas a partir daquele encontro, remeteram-lhes às mulheres guerreiras da mitologia grega, o que fez com que atribuísse o nome Amazonas ao rio. Souza (2014) salienta que inclusive sites oficiais sobre a Amazônia partilham dessa versão sobre Orellana e as mulheres guerreiras, como é o caso do Estado de Mato Grosso, onde informações na página da Secretaria de Planejamento de Mato Grosso (SEPLAN-MT 2011, p. 2) afirmam que o fundamento da nomeação “Floresta Amazônia”, deriva de “amazonas”, mulheres guerreiras da mitologia grega.

A segunda versão decorre do entendimento dos índios nativos da floresta que associavam o nome “Amazonas” à palavra de origem tupi, Amassunu, que significa “ruído das águas” ou “águas que retumbam”. Para Souza (2014), apesar da importância e representatividade do índio para a região, há pouco reconhecimento dos setores públicos sobre esta versão para o nome Amazonas.

Ainda há uma versão híbrida para o termo Amazonas que é aquela utilizada pelo (IBGE, 2014) ao assumir que o nome 'Amazonas' vem da palavra “*amassunu*” de origem indígena e cujo nome teria sido dado ao rio que banha o estado, pelo capitão espanhol Francisco Orellana, em 1541.

Indicadas as versões para o nome Amazonas, surge o termo Amazônia que deriva do nome atribuído ao rio. Nesse caso, para a origem do nome do rio, prevalece a versão atribuída às mulheres guerreiras da mitologia grega.

Mas há mais de um significado do termo Amazônia, portanto se faz necessária maior definição a respeito para não gerar interpretações equivocadas, como destaca Tavares (2011).

Para tratarmos de Amazônia uma primeira pergunta é necessária, de que Amazônia tratamos?? Podemos tratar da Amazônia a partir dos vários conceitos, tais como o político-administrativo, o econômico, o da Amazônia Sul Americana. Podemos então falar de uma Amazônia brasileira e de uma Pan-Amazônia. Com o conceito político-administrativo estamos nos referindo ao conceito de Região Norte, o conceito econômico refere-se à Amazônia Legal, estabelecida na década de 50 para o novo planejamento de integração territorial da região, e o conceito de Pan-Amazônia refere-se à Amazônia Sul-Americana, que integra parte do território dos países limítrofes da Amazônia brasileira. (TAVARES, 2011, p.107).

O termo Amazônia também é utilizado para definir o Bioma Amazônia. O termo bioma, segundo Coutinho (2006) pode ser definido como:

[...] uma área do espaço geográfico, com dimensões de até mais de um milhão de quilômetros quadrados, que tem por características a uniformidade de um macroclima definido, de uma determinada fitofisionomia ou formação vegetal, de uma fauna e outros organismos vivos associados, e de outras condições ambientais, como a altitude, o solo, alagamentos, o fogo, a salinidade, entre outros. Estas características todas lhe conferem uma estrutura e uma funcionalidade peculiares, uma ecologia própria. (COUTINHO, 2006, p.18).

Carneiro Filho e Souza (2009) definem o Bioma Amazônia da seguinte forma:

O Bioma Amazônico, Domínio Ecológico Amazônico ou Domínio Biogeográfico Amazônico é o conjunto de ecossistemas florestais existentes na Bacia Amazônica. Ele tem 6,9 milhões de quilômetros quadrados, distribuídos por nove países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. No Brasil, incluindo áreas de transição e trechos de outras formações vegetais, o Bioma Amazônico tem 4,2 milhões de quilômetros quadrados. (CARNEIRO FILHO; SOUZA, 2009, p. 8).

No mesmo sentido, Val (2014) menciona que nove dos treze países da América do Sul são amazônicos e compartilham as características desta mega região. Ressalta ainda que, embora a maior parte do bioma ocupe o território brasileiro, a responsabilidade é multinacional, pois o bioma amazônico é uma região sem fronteiras.

Figura 1 - Vista aérea do Bioma Amazônia



Fonte: Brasil Escola ⁹

⁹ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/amazonia.htm>

Além disso, os países amazônicos possuem características semelhantes, tanto ambientais, quanto estruturais e, o maior problema, que é manter a floresta em pé, atinge a todos da mesma forma e depende de políticas públicas e de acordos e parcerias internacionais entre esses países para que deles resultem ações eficazes de preservação.

Os nove países amazônicos compartilham de praticamente todas as características que envolvem o enorme bioma amazônico: a diversidade ambiental e biológica, a riqueza mineral, a religião, muitos aspectos culturais, os ribeirinhos e suas crenças e folclores, entre outros. Por outro lado, vários desafios regionais permeiam, da mesma forma, todos os países que integram o bioma amazônico. Entre esses desafios destacam-se: comunicação, transporte, saúde, educação, ciência e tecnologia. Contudo, o maior dos desafios é proporcionar à região desenvolvimento com a manutenção da floresta em pé. Considerando os múltiplos matizes desse imenso bioma multinacional, a abordagem possível é obrigatoriamente interdisciplinar, com produção de informações robustas que permitam intervenções seguras. Em muitos casos, tais intervenções também não resguardam as fronteiras entre os países, envolvendo necessariamente mais de um país. Para isso, duas questões precisam ser encaminhadas de forma soberana e eficaz: cooperação e capacitação de pessoal. (VAL, 2014, p. 20).

O Brasil é o país onde se encontra a maior parte do Bioma Amazônia e, segundo Ribeiro (2005), as pesquisas históricas revelam que a Amazônia foi descoberta poucos meses antes do descobrimento do Brasil, pelo navegador espanhol Vicente Yáñez Pinzón, nos primeiros dias de fevereiro de 1500. O navegador teria tomado posse do rio em nome da Coroa espanhola iniciando a questão geopolítica amazônica entre Portugal e Espanha que somente foi solucionada após duzentos e cinquenta anos pelo Tratado de Madri, em 1750.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004), um país se constitui de seres humanos que precisam conhecer, conviver e trabalhar com outros elementos da natureza biosfera que eles não criam e sobre os quais não têm completo controle, como o ar, água, minerais, plantas, animais e a energia vital do Sol, os quais, entre outros, produzem a variedade paisagística que encontramos na superfície da Terra e podem ser classificados, de forma sintética, segundo biomas.

Bioma é um conceito que os biólogos e geógrafos criaram, na primeira metade do século passado, para descrever grandes sistemas ecológicos definidos, principalmente, pelo clima. Trata-se de uma área com dimensões normalmente superiores a um milhão de quilômetros quadrados em que o clima, a fisionomia da vegetação, o solo e a altitude são semelhantes ou aparentados. O critério florístico não é determinante. Comunidades vegetais que guardem diferenças importantes em termos de composição de espécies podem ser incluídas num mesmo bioma, desde que vivam sob condições ambientais semelhantes. (IBGE, 2004)

Segundo IBGE (2004), baseados no exame de resíduos de vegetação, bem como na consideração da vegetação potencial do território daquilo que o solo e o clima poderiam fazer

crescer, caso os humanos não intervissem, os biogeógrafos estimaram a área dos biomas que formam o Brasil, conforme indicado na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 - Biomas Continentais Brasileiros

Biomas Continentais Brasileiros	Área aproximada em Km²	Em Percentual
Amazônia	4.196.943,00	49,29%
Caatinga	844.453,00	9,92%
Cerrado	2.036.448,00	23,92%
Mata Atlântica	1.110.182,00	13,04%
Pampa	176.496,00	2,07%
Pantanal	150.355,00	1,76%
Total do Brasil	8.514.877,00	100,00%

Fonte: Adaptada de IBGE (2004) ¹⁰.

O Bioma Amazônia ocupa nove estados brasileiros: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, sendo que em seis deles ocupa, praticamente, a totalidade e nos demais parcialmente seus territórios. Em termos percentuais, as áreas ocupadas pelo Bioma Amazônia nos estados brasileiros estão demonstradas na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 - Percentual de ocupação do Bioma Amazônia nos Estados Brasileiros

Estados	Percentual
Acre	100%
Amapá	100%
Amazonas	100%
Maranhão	34%
Mato Grosso	54%
Pará	100%
Rondônia	99%
Roraima	100%
Tocantins	9%

Fonte: Adaptada de IBGE (2004).

¹⁰ A área total do Brasil foi alterada pelo IBGE para 8.515.767,049 km², entretanto os dados oficiais dos biomas permanecem inalterados.

Desde a chegada dos portugueses no Brasil e após o Tratado de Madri, onde se consolidou o domínio dos portugueses, houve grande preocupação com a colonização da Amazônia brasileira. Entretanto, foi durante os governos de Getúlio Vargas que os incentivos à colonização da Amazônia ganharam força, pois, conforme Oliveira (2015) houve investimentos financeiros para expansão da fronteira agrícola da região desde o primeiro governo do presidente Getúlio Vargas.

No último Governo Vargas (1951-1953), com objetivos desenvolvimentistas, foi criada a Amazônia Legal com base na Lei 1.806 de 06 de janeiro de 1953 que dispôs sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia. Tal lei foi revogada e substituída pela Lei nº 5.173 de 27 de outubro de 1966, que também dispôs sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia e criou a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

A Lei nº 5.173/66, em vigor até os dias atuais, prevê que o Plano de Valorização Econômica da Amazônia terá como objetivo promover o desenvolvimento auto-sustentado da economia e o bem-estar social da região amazônica, de forma harmônica e integrada na economia nacional, abrangendo a região compreendida pelos Estados do Acre, Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia, e ainda pelas áreas do Estado de Mato Grosso a norte do paralelo de 16°, do Estado de Goiás a norte do paralelo de 13° e do Estado do Maranhão a oeste do meridiano de 44°.

Embora sem expressão literal no texto das Leis nº 1.806/53 e nº 5.176/66, o termo “Amazônia Legal” passou a ser utilizado para designar a região abrangida pelo Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

Desde a limitação inicial, houve modificações nos estados brasileiros que compõem a Amazônia Legal. A primeira modificação ocorreu em 11 de outubro de 1977 quando a Lei Complementar nº 31 criou o Estado do Mato Grosso do Sul, extinguindo o limite dado pelo paralelo 16°, passando todo o estado do Mato Grosso a fazer parte da Amazônia Legal. A segunda modificação ocorreu com a criação do Estado do Tocantins e a transformação dos territórios federais de Roraima e do Amapá em estados pela Constituição Federal de 5 de outubro de 1988, substituindo o paralelo que dividia o antigo estado de Goiás pelos limites políticos entre Goiás e Tocantins.

Assim, atualmente, a área da Amazônia Legal, segundo dados do IBGE, possui uma extensão total de aproximadamente 5.020.000 km² e corresponde à área dos Estados da Região Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), acrescida da totalidade do Estado de Mato Grosso e dos municípios do Estado do Maranhão situados a oeste do meridiano 44°, sendo essa área total sob a atuação da SUDAM.

Note-se que a área do Bioma Amazônia (4.196.943) é inferior à área da Amazônia Legal (5.020.000) que abriga também partes dos Biomas Cerrado e Pantanal.

A Região Norte, por sua vez, é menor que a Amazônia Legal e seus estados estão todos situados no Bioma Amazônia, exceto 1% do Estado de Rondônia e 91% do Estado de Tocantins que são ocupados pelo Bioma Cerrado.

A figura a seguir indica as delimitações da Amazônia Internacional, da Amazônia Legal e da Região Norte.

Figura 2 - Mapa da Amazônia Internacional, Amazônia Legal e Região Norte do Brasil



Fonte: Portal da Amazônia (2016) ¹¹

¹¹ Disponível em: <http://portalparamazonia.blogspot.com/2016/01/amazonia-legal-e-internacional.html>

Neste estudo, será dado destaque para a Amazônia Legal com seus cerca de 5.020.000 km², correspondentes aos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, Mato Grosso e parte do Estado do Maranhão, o que corresponde a 59% do território brasileiro.

5.2 ESTUDOS DO IBGE SOBRE A AMAZÔNIA LEGAL

No ano de 2011, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou o estudo “Geoestatísticas de Recursos Naturais da Amazônia Legal”¹² que apresenta dados sobre a Amazônia Legal e seu patrimônio natural, com a observação de que este ainda é, em grande parte, desconhecido. O estudo destaca que, apesar do tema cobertura vegetal aparecer, em regra, como a principal preocupação, o patrimônio ambiental da Amazônia Legal vai além da floresta e outros tipos de vegetação, pois inclui um subsolo formado por rochas com alto potencial de armazenamento e transferência de água potável e um solo com um estoque considerável de carbono, que, se liberado para a atmosfera, pode alterar o balanço dos gases de efeito estufa.

Do referido estudo (IBGE, 2011), foram destacados os dados a seguir relacionados sobre a Amazônia Legal e sua relevância para o Brasil e para o mundo como um todo:

- a) Nesta região encontra-se a totalidade do Bioma Amazônia, que é o mais extenso dos biomas brasileiros e grande parte, cerca de 20% (vinte por cento), do Bioma Cerrado;
- b) Abriga a maior floresta tropical do mundo, correspondendo a 1/3 (um terço) das florestas tropicais úmidas do planeta, com um número ainda longe de ser precisado de espécies vegetal e animal, muitas delas endêmicas;
- c) Concentra cerca de 45% (quarenta e cinco por cento) da água subterrânea potável do Brasil;
- d) Com patrimônio natural que ainda carece de conhecimento, estima-se, em nível mundial, que a Floresta Amazônica detenha a mais elevada biodiversidade, o maior banco genético e 1/5 (um quinto) da disponibilidade de água potável;

¹² Integrado do estudo em:
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=249694>

- e) Por ser formado predominantemente por rochas sedimentares, o subsolo da Amazônia Legal tem potencial para exploração de combustíveis fósseis, o que pode ser confirmado pelos campos de petróleo e gás de Urucu, no Amazonas; e
- f) Nas áreas de rochas sedimentares há também a possibilidade de serem encontradas jazidas de calcário, utilizáveis tanto na agricultura como para o fabrico de cimento, sal-gema e gipsita, fontes de gesso para a medicina e a construção civil, e anidrita, fonte de sulfato e cálcio. Também são comuns de serem encontrados depósitos de metais preciosos como ouro, cassiterita e diamante.

Toda essa grande diversidade, aliada à possibilidade de novas descobertas, têm despertado o interesse pela Amazônia Legal levando à sua exploração de forma não sustentável, o que pode trazer efeitos nocivos, não somente para o país, mas para todo o planeta. Portanto, a proteção da Amazônia Legal é primordial e para isso são necessárias políticas públicas eficientes e consistentes ao longo do tempo que possam contribuir efetivamente para a preservação do seu patrimônio natural.

Nesse sentido, Enríques (2008) destaca que as políticas públicas para a Amazônia devem contemplar também as comunidades extrativistas que, historicamente, formam parte da população da Amazônia e que ainda fazem parte da floresta e contam com territórios que exploram de forma sustentável, com práticas extrativistas, com atividade de agricultura familiar e pesca.

Para Mello (2015), a Amazônia, apesar de sua pujança, não tem a atenção devida dos governos brasileiros, pois “região habitada por 25 milhões de brasileiros, 60% de todo o território nacional, convive com uma enorme contradição: constitui-se, ao mesmo tempo, como centro das atenções do mundo e simultaneamente como periferia dos interesses do Brasil” (MELLO, 2015, p.91).

Segundo o autor, a Amazônia mantém, pouco inalterado, o modelo de ocupação e de exploração desde a época da colonização, que pode ser cunhado de **economia de saque**: atividades extrativas de produtos primários, de baixíssimo valor agregado, destinados à comercialização e industrialização em centros mais desenvolvidos, sem retenção de excedente à economia local, mantendo o modelo exógeno de acumulação. Para o autor, os últimos 500 anos marcaram a saga de “ocidentalização da Amazônia” e apresentam características de natureza estrutural.

[...] e apresentam, sem exceção, algumas características comuns, de natureza *estrutural*, que atravessam os tempos e marcam a trajetória socioeconômica regional até ao presente: concentração da produção no setor primário; ausência de verticalização das cadeias produtivas locais; inexistência de investimento em conhecimento como suporte ao aprimoramento dessas cadeias; baixa qualificação profissional da mão de obra; ausência de inovação tecnológica; acumulação exógena do excedente. (MELLO, 2015, p.92)

Mello (2015) salienta ainda que a concentração da produção no setor primário leva a desigualdades sociais e ao desenvolvimento sem progresso, sem adoção de um modelo de sustentabilidade econômica que possa modificar as desigualdades sociais.

[...] No rastro do saque, perderam: exclusão social, pobreza, destruição ambiental, urbanização caótica, atraso tecnológico, economia de enclave, insuficiente infraestrutura logística, fragmentação entre os setores produtivos, nível educacional sofrível, baixa capacidade científica instalada, estruturas estatais ineficientes, desigualdade social. (MELLO, 2015, p. 97).

Madeira (2014) faz uma análise dos planos de desenvolvimento para a Amazônia e de suas relações com programas de governos voltados para acelerar o crescimento econômico do Brasil, desde a institucionalização da noção de desenvolvimento sustentável até as transformações na Amazônia a partir da década de 1980. Para o autor, os modelos até aqui adotados estão subordinados à dinâmica de acumulação de capital, sendo que a infra-estrutura criada, em nome do desenvolvimento sustentável, é voltada prioritariamente para grandes projetos – fato que representa uma continuidade em relação aos modelos anteriores de desenvolvimento. Neste quadro, a exploração dos recursos naturais e os chamados serviços ambientais beneficiam principalmente grandes grupos capitalistas e aprofundam um padrão de desenvolvimento desigual.

Mello (2015) alerta para a urgência de um modelo de sustentabilidade econômica para contrapor **o trágico binômio destruição ambiental/pobreza**, que tem marcado a história dos povos amazônicos, com todas as inerentes e conhecidas implicações ecológicas, econômicas e sociais e indica, como caminho, fortes investimentos em educação e a ciência como pilares para oportunizar essa mudança que passa também pela participação popular.

A constituição e universalização de um ensino de qualidade (em todos os níveis) e a geração de uma robusta, criativa e inovadora economia do conhecimento – como exige a atual etapa civilizatória – são investimentos de primeira grandeza, que se inscrevem como os fundamentos de qualquer plano de desenvolvimento sustentável, em que a geração cumulativa de conhecimentos, a adoção de tecnologias adequadas e a formação continuada de empreendedores, de quadros científicos de excelência e de força de trabalho capacitada em lidar com esses conhecimentos e tecnologias se transformam no vértice estratégico do processo de modernização, de adaptação das estruturas e culturas institucionais às mudanças em curso e da abertura e fortalecimento dos espaços de participação social. (MELLO, 2015, p.97-98).

Assim, a análise das ameaças à Amazônia deve ser feita considerando o olhar para os amazônidas e para projetos de desenvolvimento que possam garantir a participação social na sustentabilidade econômica em harmonia com as riquezas e diversidade.

5.3 AMEAÇAS À AMAZÔNIA LEGAL: UM RECORTE DA REALIDADE

Discorrer sobre ameaças à Amazônia Legal não é tarefa fácil, pois as ameaças são inúmeras e a cada dia surgem novas notícias que impactam aqueles que se importam com o patrimônio natural e com a manutenção do meio ambiente para as geração atual e futuras.

As maiores ameaças às riquezas naturais da Amazônia decorrem da ação humana e são inúmeras, sendo que tentar classificar todas elas dificilmente não resultará em uma tentativa frustrada. Com o objetivo de trazer um recorte da realidade de situações que vêm ocorrendo no Brasil e que ameaçam o patrimônio natural da Amazônia Legal, são apresentados exemplos na forma de reportagens e matérias feitas pela mídia, ordenadas cronologicamente e apresentadas com indicação do título, data de publicação, fonte e resumo, além de imagens, quando disponíveis nas matérias, as quais, foram remixadas, para efeito de colagens, com a finalidade de ilustrar as ameaças que assolam a Amazônia Legal.

As matérias, escolhidas a partir do olhar da autora desse estudo, buscaram ilustrar algumas situações que atingem a Amazônia Legal, como: o desmatamento; a retirada de algumas espécies de árvores de forma desordenada que pode alterar a composição florística e, conseqüentemente, de espécies de animais de uma área da floresta criando as “florestas vazias”; o avanço da agropecuária, considerado principal fator de extinção da fauna por biomas; ausência de práticas sustentáveis, como fonte de renda, para as populações nativas que, sem melhores opções, acabam optando pelo desmatamento ou pecuária; transformação de florestas em plantio de soja; incentivos à extração de petróleo e de outros minerais; legalização fundiária sem planejamento de uso sustentável da terra; áreas indígenas atingidas pela prática de garimpo (legal e ilegal) que contamina os rios e os peixes e causa distúrbios ambientais como o aumento de mosquitos transmissores de doenças; e a demanda internacional por madeira para produção de biomassa para fins de energias renováveis.

O presidente atual, Jair Messias Bolsonaro, que assumiu o governo no Brasil, em 01 de janeiro de 2019, possui diversas posições contrárias aos movimentos ambientalistas em

relação à Amazônia Legal, o que, no momento, constitui uma ameaça à preservação da região que ainda carece de regulamentações e políticas públicas de preservação.

Além disso, durante a finalização dessa dissertação, a partir de agosto de 2019, a Amazônia foi centro das atenções em todas as mídias, incluindo fortemente o veículo televisão, em função das queimadas da floresta que foram veiculadas, mostrando ao mundo inteiro sua fragilidade, frente aos interesses comerciais que, de maneira criminosa, devastam essa riqueza nacional e mundial.

As notícias e reportagens escolhidas estão apresentadas no Anexo I e foram produzidas por mídias que apresentam credibilidade na área do Jornalismo ambiental, embora essa amostra não contemple todas as mídias com credibilidade nessa área.

No Anexo II foram apresentadas notícias e reportagens produzidas entre os meses de agosto e outubro de 2019 sobre as queimadas na Amazônia e sua repercussão em nível nacional e internacional.

No próximo capítulo, apresentamos o caminho metodológico percorrido nesta pesquisa, demonstrando a escolha do *corpus* de análise e o método utilizado para analisar os episódios.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

Nesse capítulo é indicado o caminho que foi utilizado para a seleção e do *corpus* que serviu para análise e das ferramentas adotadas durante o percurso.

6.1 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Na busca do *corpus* para a realização da pesquisa, coletamos no site da TV Escola, através do seu sistema de buscas, todos os programas que estavam ligados à temática ambiental. Além de acessar a videoteca e escolher a opção meio ambiente, também utilizamos uma busca por palavras-chave como: Jornalismo, Jornalismo Ambiental, meio ambiente, ambiente, educação ambiental. Por esse conjunto de buscas, encontramos 186 vídeos que compõem a estrutura de diferentes séries. No entanto, identificamos que a maioria dos vídeos não estavam relacionados aos estudos do Jornalismo ou não se adequaram aos propósitos da pesquisa. Como ilustração, podemos citar a série Futura Profissão – que apresenta diversas carreiras, em nível técnico, e apenas uma dela era de Técnico em Meio Ambiente. Outro exemplo é a série Conhecendo Museus – dedicada a apresentar com detalhes os principais museus do Brasil – que acaba apresentando alguns espaços que trabalham com educação ambiental.

Dessa forma, para delimitar o *corpus* do trabalho, criamos alguns critérios de eliminação: atender as funções do Jornalismo, ser uma produção nacional, apresentar mais de um entrevistado por programa e abordar diretamente às questões ambientais. Nesse sentido, chegamos até a série Nova Amazônia e a sua proposta de mostrar a região Amazônica por um novo olhar, unindo a pesquisa científica à sabedoria dos povos da floresta.

A série Nova Amazônia foi produzida pela TV Cultura do Amazonas, com direção de Jonária França da Silva e apresenta três temporadas compostas por 64 programas (sendo que cada um aborda uma temática diferente como água, resíduos sólidos, educação, cultura local, biodiversidade, economia sustentável, turismo etc.). O lançamento da primeira temporada ocorreu no ano de 2012 e o encerramento da terceira temporada ocorreu no ano de 2015. Desde 2016, os programas fazem parte da grade de programação da TV Escola do Ministério da Educação e podem ser acessados a partir de cadastro efetuado no site da TV Escola. Cada episódio tem tempo de duração entre 23 e 28 minutos e o seu enredo é construído pela fala do repórter e pelas falas das fontes, que são acionadas conforme sua relação com a temática do programa.

A série Nova Amazônia tem a seguinte descrição pelo site da TV Escola: "com um novo olhar sobre a região Amazônica, o programa une pesquisa científica à sabedoria dos povos da floresta. Além de tratar de forma dinâmica os temas regionais que influenciam o planeta, mostra um lugar onde ainda há muito o que ser descoberto".

Para selecionar os programas a serem estudados foram adotados métodos usualmente aplicados na pesquisa social e defendidos por autores como Gil (2008), sendo que, inicialmente, foi efetuado o levantamento de todos os programas da série Nova Amazônia, cujo total corresponde a 64 (sessenta e quatro) programas, os quais foram veiculados entre os anos de 2012 a 2015 e correspondem à população total deste estudo.

Considerando que a população não corresponde a um número significativo que oportunize uma amostra estatística, com indicação de margem de erro e nível de confiança, foi escolhido o método de amostra aleatória sistemática que é uma variação da amostragem aleatória simples, que, segundo Gil (2008) é um procedimento básico da amostragem científica onde a população deverá ser ordenada de modo tal que cada um de seus elementos possa ser unicamente identificado pela posição, com a mesma chance de ser escolhido, o que garante à amostra um caráter de representatividade da população.

Assim, cada um dos programas da série Nova Amazônia foi numerado de 01 (um) a 64 (sessenta e quatro), satisfazendo o requisito de uma população identificada a partir de uma lista que englobou todos os seus elementos, como demonstrado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Programas que integraram a série Nova Amazônia 2012 a 2015

Nº de ordem	Nome do programa	Nº de ordem	Nome do programa	Nº de ordem	Nome do programa	Nº de ordem	Nome do programa
1	Águas 2	17	Rio Gregório	33	Economia solidária	49	Pimenta
2	Turismo 1	18	Amazônia Empreendedora	34	Pesca esportiva	50	Gavião Real e sauim
3	Turismo 2	19	Açaí 1	35	Caminho caboclo	51	Expedição ao Marajó 1
4	Águas 1	20	Artes	36	Estrada de rios	52	Expedição ao Marajó 2
5	Lixo 1	21	Sons da Amazônia	37	Educação e meio ambiente	53	Carbono neutro
6	Lixo 2	22	Culinária	38	Olhares	54	Set Amazônia

Nº de ordem	Nome do programa	Nº de ordem	Nome do programa	Nº de ordem	Nome do programa	Nº de ordem	Nome do programa
7	Educação	23	Amazônia Radical	39	Teatro Amazonas	55	Tatros da Amazônia
8	Consciência Ambiental	24	Sobrevivência na Selva	40	Ecoempreendedorismo	56	Infância na floresta
9	Lixo Eletrônico	25	Guaraná e longevidade	41	Ritmos do Pará 2	57	Manejo Madeireiro
10	Metrópole	26	Caboques	42	Quelônios	58	Mamíferos aquáticos
11	Ciência e Tecnologia	27	Pancs	43	Pupunha	59	Manejo pirarucu 1
12	Guardiões da Floresta	28	Sinais da natureza	44	Poetas	60	Seca e cheia
13	Arqueologia	29	Parintins 1	45	Reserva Ducke	61	Borracha
14	Mulheres	30	Parintins 2	46	Terra Preta	62	Imigração Haitiana
15	Medicina da Floresta	31	Macaxeira	47	Ritmos do Pará 1	63	Flores da Amazônia
16	Jogos Indígenas	32	Peixe gente	48	Catalão	64	Torre Atto

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Segundo Gil (2008), para efetuar a escolha da amostra, procede-se à seleção de um ponto de partida aleatório. Para este estudo, foi adotado o critério aleatório de apurar a amostra com base em 10% da população 64, resultando no número fracionado 6,4, o qual foi arredondado para o número inteiro mais próximo, resultando no número 6. Dessa forma, serão considerados para amostra 06 (seis programas) da série Nova Amazônia neste estudo. O intervalo entre os programas a serem selecionados foi calculado a partir da fórmula, a seguir indicada.

Fórmula 1 - Intervalo

$$\text{Intervalo} \quad (=) \quad \frac{N \text{ (Número total da população)}}{n \text{ (número da amostra)}}$$

Assim, o intervalo a ser considerado para seleção dos programas será de 10, resultante no número inteiro em função da divisão da população (64) pela amostra (6). Para escolha do

primeiro programa a ser selecionado, foram somados todos os números inteiros que compõem a população, o número de programas selecionados e o intervalo, até chegar a um número inferior a uma dezena, como demonstrado no quadro a seguir.

Quadro 2 – Demonstrativo de apuração do número do primeiro programa para análise

Descrição	Números e fórmulas
População	64
Número da amostra	6
Intervalo	10
Somatório	$= 6 + 4 + 6 + 1 + 0 = 17$
Somatório – redução a uma casa	$1 + 7 = 8$

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Com base no primeiro programa a ser selecionado, foi acrescido o intervalo 10 (dez) para os demais 05 (cinco) programas a serem selecionados, reiniciando a lista, quando o intervalo ultrapassou o número total da população.

Quadro 3 – Programas selecionados para análise

Nº de ordem	Nº do programa conforme quadro	Nome do programa
1	8	Consciência Ambiental
2	18	Amazônia Empreendedora
3	28	Sinais da Natureza
4	38	Olhares
5	48	Catalão
6	58	Mamíferos Aquáticos

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

6.2 ANÁLISE DE CONTEÚDO

E se uma guerra varresse do Planeta Terra a espécie humana amanhã? E se depois disso uma nova espécie chegasse ao planeta e quisesse resgatar a história aqui vivida? Se restassem livros, jornais, revistas, filmes, arquivos eletrônicos ou digitais que pudessem ser

lidos, certamente seria possível interpretar, senão a história, mas a vida social da espécie humana.

Para Herscovitz (2008) a análise de conteúdo da mídia é um dos métodos mais eficientes para rastrear a história de uma civilização em função de sua capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado, o que a torna um excelente método a ser utilizado na pesquisa jornalística. Para a autora, a definição de análise de conteúdo jornalística pode ser definido como:

(...) método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. (HERSCOVITZ, 2008, p.126-127b).

Herscovitz (2008) também salienta que a análise jornalística terá melhores resultados se integrar as análises quantitativa e qualitativa, de modo que possam ser compreendidos, tanto o significado aparente (conteúdo manifesto e visível), quanto o significado implícito (conteúdo latente e subtendido). Para a autora, na análise do conteúdo os jornalistas são como detetives na busca de pistas.

(...) os jornalistas, os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambigüidades ou ideologias presentes nos materiais examinados. (HERSCOVITZ, 2008, p.127).

Considerando o problema de pesquisa e os objetivos propostos neste estudo, entendemos que a metodologia de pesquisa mais adequada é a análise de conteúdo.

Para Bardin (2016) a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Para a autora, o funcionamento e o objetivo da análise de conteúdo podem ser resumidos como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2016, p.48).

Bardin (2016) estabelece três fases para análise do conteúdo: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados com inferência e interpretação. Na pré-análise acontecem “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das

hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2016, p.125).

Nesta pesquisa, na pré-análise, conforme descrito no subitem anterior, a escolha do material a ser estudado foi feita a partir de pesquisa no site da TV Escola sobre a temática ambiental onde foram estabelecidos critérios até a delimitação do *corpus* da Série Nova Amazônia. A partir do que Bardin classifica como uma leitura “flutuante” foram identificadas as três temporadas disponíveis da série e o número total de episódios. A partir da exploração do material, verificamos o tempo médio de cada episódio, sendo avaliado o tempo necessário a ser despendido para análise dos mesmos de acordo com os objetivos propostos, chegando-se ao número de oito episódios, escolhidos a partir de formulação indicada no item anterior. A partir da seleção, os episódios dos vídeos completos foram transcritos, os quais são apresentados no capítulo 7, incluindo imagens. Como o que nos move é o conteúdo das falas, as imagens não foram objetos de análise, apesar de representarem um objeto de audiovisual, pois foram incluídas com o objetivo principal de identificar as fontes.

Após a pré-análise foi feita a exploração do material que corresponde a segunda fase da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Para tanto, foram mapeadas as fontes dos episódios, classificadas as fontes conforme tipologia apresentada no item 3 (**especialistas, oficiais, povos da floresta, pessoas locais, institucionais, notáveis, empresariais e turistas**) e identificadas as contribuições das fontes de acordo com as funções do Jornalismo ambiental conforme Bueno (2008) que são **informativa, pedagógica e política**. Para identificar as funções de cada fonte no programa foram delimitadas categorias de análises conforme orientado pelo processo de categorização proposto por Bardin (2016). As categorias estabelecidas para a análise foram pensadas conforme características propostas pela autora e observaram exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade.

A terceira fase proposta por Bardin (2016) refere-se ao tratamento dos resultados com inferência e interpretação que será abordada nesse estudo na seção na análise. Assim, entendemos que trabalhar com essa opção metodológica, nos possibilita alcançar os objetivos propostos e entender qual é a Amazônia que a série está buscando destacar e que veicula na TV Escola a partir do conteúdo das fontes convidadas.

Seguindo o percurso, no próximo capítulo apresentamos os programas e sua análise.

7 ANÁLISE DOS PROGRAMAS

A análise dos programas (episódios)¹³ está apresentada na ordem indicada na seleção. Para cada programa foram indicados inicialmente os dados relativos à temporada, ano de produção, tempo de duração, nome do repórter(es) e temática.

Na sequência é apresentada a transcrição completa das falas do repórter(es) e dos entrevistados, acompanhada de imagens que foram recortadas das respectivas cenas com imagens de fontes e cenários, cuja finalidade, segundo Rose (2013, p. 348) “é gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e uma decodificação, trasladando e simplificando a imagem complexa da tela”.

Após a transcrição dos episódios é feita a análise do conteúdo. Para tanto, inicialmente são apresentadas as fontes acionadas no decorrer do episódio, as quais são apresentadas em quadro contendo Relação das fontes entrevistadas no programa e a classificação proposta, com indicação do nome, da designação conforme o episódio e classificação da fonte. A classificação das fontes, efetuada a partir de análise inicial de todos os episódios, considerou, conforme indicado no Capítulo 3, oito classificações: **especialistas, oficiais, povos da floresta, pessoas locais, institucionais, notáveis, empresariais e turistas**. A classificação das fontes foi orientada pela designação conferida às pessoas, assim, ainda que um entrevistado pertencesse a mais de uma classificação, nos guiamos pela identificação conferida pelo programa.

Na sequência, é apresentada a representação gráfica das fontes, em percentuais, e a análise da distribuição quantitativa das fontes no episódio. Após é realizado outro movimento de análise para identificação da contribuição de cada fonte em relação à temática do episódio, ou seja, qual a função dessas vozes no episódio e sobre o que falam a partir da categorização das fontes com base nas funções básicas do Jornalismo ambiental propostas por Bueno (2008), já explicitadas na seção 2, que são **informativa, pedagógica e política**.

Desse modo, delimitados cada função citada por Bueno como: 1) a informativa: que supre a necessidade dos cidadãos de estarem informados sobre as questões ambientais, com um enfoque para os impactos ambientais em sua rotina; 2) a pedagógica: com destaque para as causas e soluções relacionadas aos problemas ambientais, estimulando o pensamento crítico e a participação dos cidadãos para resolução dos problemas; e 3) a política: envolvimento da população frente aos problemas ambientais e, principalmente, na defesa do

¹³ Programas e episódios foram tratados com o mesmo significado nesse estudo.

ambiente em relação aos crimes ambientais realizados por determinadas empresas e setores (como o agronegócio), sem esquecer as ações tomadas pelos governantes.

Ao final da apresentação dos episódios, é apresentado resumo geral com análise do total das fontes e das suas contribuições em relação a falas **informativa, pedagógica e política.**

7.1 CONSCIÊNCIA AMBIENTAL


Neste episódio, vinculado à primeira temporada do Nova Amazônia e produzido no ano de 2013, com duração de 25 minutos e 10 segundos, o repórter Meike Farias busca mostrar como as escolhas que todos nós, humanos, fazemos impactam no meio ambiente e como essas escolhas podem causar danos no meio ambiente. Nesse contexto, o repórter trata da pegada ecológica que mede quanto a presença de cada pessoa no mundo consome de recursos naturais para suprir as suas necessidades como alimentação, vestuário, moradia, transporte, comunicação, lazer e cultura.

Conforme sinopse¹⁴ disponibilizada pela TV Escola, o episódio Amazônia Empreendedora está assim descrito:

Neste episódio, entenda o que é consciência ambiental e de que forma o Amazonas, referência na preservação de suas florestas, tem lidado com esse conceito de **comportamento individual**. A ideia é mostrar que **todas as ações do homem em seu meio ambiente podem repercutir de forma negativa ou positiva**. (TV ESCOLA, 2013, grifo nosso)

Para acompanhar o episódio e conhecer quem são as pessoas entrevistadas e suas contribuições à temática do programa, segue (Quadro 4) a transcrição completa do episódio com destaque para identificação das fontes e suas falas, assim como a descrição das cenas, além de imagens de fontes e cenários.

Quadro 4 – Transcrição do Programa Consciência Ambiental

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
Repórter Meike Farias 	Repórter Meike Farias reflete sobre os impactos que provocamos no planeta, dando exemplos. O vídeo se divide para enumerar todos os exemplos dados.	Alguma vez você já parou para pensar no quanto é necessário retirar da natureza para manter o seu estilo de vida? Já pensou que isso provoca impactos do planeta? Pois é, cada escolha que você faz no seu dia-a-dia, o que você come, a água que você bebe, a energia que você consome, o carro que você dirige e os resíduos que você gera, tudo isso também gera uma conta que pode ser equilibrada ou muito, muito alta. Assim como os animais silvestres deixam

¹⁴ Essa informação pode ser conferida no site da TV Escola: <https://tvescola.org.br/videos/nova-amazonia-temporada-1-consciencia-ambiental/>


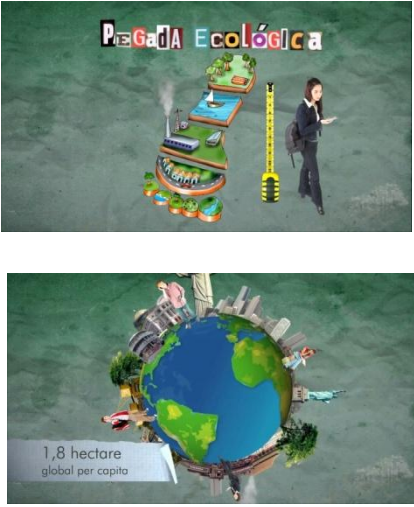

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>suas pegadas na floresta, ou as tartarugas deixam nas praias. Nós, bicho-homem, deixamos nossas pegadas no planeta.</p>
	<p>Vídeo explicativo sobre a Pegada Ecológica.</p>	<p>É Pegada Ecológica, um jeitinho que os ambientalistas encontraram de medir quanto a presença de cada pessoa no mundo consome de recursos naturais para suprir as suas necessidades. A pegada ecológica de um país é o total da área que ele utiliza para produzir todas as demandas de consumo de sua população: alimentação, vestuário, educação, cultura, trabalho, moradia, transporte, comunicação e lazer. Pelas contas dos cientistas a capacidade de recursos disponíveis e renováveis do planeta é de 1,8 hectare global per capita. Mas tem muita gente dando passo maior que as pernas.</p>
<p data-bbox="316 1211 560 1245">Repórter Meike Farias</p> 	<p>O Repórter Meike Farias está um uma praça falando sobre a pegada ecológica do Brasil. Em seguida há cenas de destruição.</p>	<p>A pegada ecológica do Brasil é 2,2 hectares globais. Bem acima da capacidade que o Planeta tem de renovar os seus estoques de recursos naturais. É como na sua casa, quando você gasta mais do que tem...</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Repórter Meike Farias</p> 	<p>O Repórter Meike Farias explica sobre consciência ambiental.</p>	<p>Para mudar os rumos dessa prosa, é preciso consciência ambiental.</p> <p>Não há como negar, consciência ambiental é uma questão de educação. E não é só aquela educação doméstica que nos ensina que jogar lixos nas ruas é um gesto feio. Educação ambiental é coisa muito séria e deve começar na infância.</p>
	<p>O Repórter faz uma pergunta à entrevistada.</p>	<p>Maria Inês, eu te pergunto: o que vem a ser consciência ambiental? O que vale mais apenas nesse conceito?</p>
<p>Maria Inês Higuchi – pesquisadora titular do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental do INPA</p> 	<p>Maria Inês explica o que é consciência ambiental.</p>	<p>A consciência ambiental é muito mais abrangente, muito mais profunda do que um comportamento, por exemplo, de jogar o lixo. A consciência é você ter uma reflexão, você tem capacidade de compreender o que você faz pode trazer repercussão para outras pessoas, para o seu lugar e para o planeta como um todo. Então, esse agir com consciência, quer dizer, agir com responsabilidade, com compromisso, que você está fazendo, está tendo uma resposta. Tem um impacto. Tem uma repercussão. Tem algo que você está mexendo nessa teia de relações. Então essa consciência ecológica é consciência Ambiental.</p>
<p>Daniel Michiles – professor Maués /MA</p> 	<p>O professor está em uma escola, em Maués e enfatiza a importância da educação ambiental na infância.</p>	<p>Se nós incutirmos na mente de uma criança que viver sustentabilidade, viver com o embrião da biodiversidade plantada na mente, vai gerar uma sociedade com consciência, uma sociedade com qualidade, uma sociedade que respeita o meio onde vive. E sabe reutilizar racionalmente todos os seus recursos, gerando, assim, emprego, renda, mas também melhoria da qualidade de vida.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Professora fala aos alunos sobre o peixe-boi e os cuidados com o meio ambiente, enquanto aparecem imagens dela com crianças e também de uma piscina com peixes-boi sendo observados por crianças e adultos.</p>	<p>O peixe boi vive, em média, 60, 65 anos. Então, imaginem o peixe boi viver todo esse tempo, aqui, num tanque. Por isso que a gente precisa não só preservar o peixe-boi, mas todo o meu ambiente.</p>
	<p>Vídeo explicativo sobre estratégias de educação ambiental e imagens de professor ensinando crianças sobre e de cientistas fazendo experiências de reciclagem de bens.</p>	<p>A estratégia da educação ambiental adotada pelo Brasil e a transversalidade. Parece difícil, mas é muito simples. Essa estratégia permite que todas as disciplinas do currículo escolar tratem da questão ambiental.</p>
<p>Maria Inês Higuchi – pesquisadora titular do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental do INPA</p> 	<p>Pesquisadora explica porque a educação ambiental não deve ser vista como disciplina.</p>	<p>Mas a Educação Ambiental não pode acontecer como disciplina, porque ela está presente inclusive na nossa forma aqui de conversar. Nós não deveríamos parar agora e dizer assim: agora vamos fazer educação ambiental. Eu costumo usar uma palavra para fazer essa analogia com a honestidade. Hoje a educação ambiental poderia ser igual a palavra honestidade. Será que a gente precisa de uma disciplina para honestidade?</p>



Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="264 338 612 405">Maria Edilene – Especialista em Educação Ambiental – SDS</p> 	<p data-bbox="676 304 935 439">A entrevistada aborda a interdisciplinaridade para educação ambiental.</p>	<p data-bbox="960 271 1445 752">A educação ambiental, ela é um tema transversal, onde o professor de geografia ele pode passar o conceito sobre gases de efeito estufa, chuva ácida, onde ele já vai estar bordar a temática sobre meio ambiente e até mesmo educação ambiental. Então, não há necessidade dessa disciplina de educação ambiental ser oficializada como uma disciplina em si. Dentro da sala de aula onde professor vai levar essa atividade e onde ele pode estar interagindo de outras maneiras de outras formas, fora da sala de aula, fazendo visitas em bosques, em parques, em outros ambientes.</p>
<p data-bbox="233 786 644 853">Denise Carães – Divisão de Educação Ambiental - Semmas</p> 	<p data-bbox="676 819 935 909">Entrevistada fala sobre conscientização ambiental.</p>	<p data-bbox="960 804 1445 1043">A conscientização ambiental é um processo que ela vai depender e variar de pessoa para pessoa. Aí que entra a educação ambiental, porque por meio das ações que são desenvolvidas, buscando a sensibilização ambiental, é que esse processo pode ocorrer de forma mais rápida e efetiva.</p>
	<p data-bbox="676 1126 855 1149">Narrador em off.</p>	<p data-bbox="960 1126 1445 1193">E a ciência surge como grande aliada nessa busca de um novo cidadão.</p>
<p data-bbox="248 1547 628 1637">Olívia Simão – Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa – Fapeam/AM</p> 	<p data-bbox="676 1397 935 1532">Entrevistada enfatiza a importância da pesquisa para a consciência ambiental.</p>	<p data-bbox="960 1364 1445 2051">De fato, a consciência ambiental se faz por um processo de formação, de educação. É muito importante a gente se preocupar em formar uma sociedade. E a Ciência, a Tecnologia e a Inovação trazem essa questão da consciência ambiental algo muito importante. Um elemento importantíssimo para nós termos a virada nesta questão da sustentabilidade. Para sustentabilidade vamos ter que pensar em modos diferentes de utilizar, de viver e produzir economicamente. E a Ciência e a Tecnologia traz uma perspectiva para isso. A gente pode criar formas de gestão distintas, tecnologias diferentes. E, por isso, a Ciência e Tecnologia, o fomento à pesquisa é muito importante. Então, não podemos pensar em consciência ambiental, sustentabilidade, de forma dissociada. A ciência tem tudo a ver com isso.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Diogo Souza – Pesquisador da Associação Amigos do Peixe-boi/Inpa</p> 	<p>Pesquisador fala sobre a conscientização das crianças.</p>	<p>O INPA antes era um local só de pesquisadores e hoje está popularizando a ciência. É um lugar aberto ao público. O nosso laboratório de mamíferos aquáticos tá de portas abertas para a sociedade, para as crianças, pras pessoas.</p>
 	<p>Pesquisador continua sobre a conscientização das crianças.</p>	<p>Então é importante criar esse exército mesmo de pessoas da nova geração, já que aqui na Amazônia é cultural é você se alimentar de carne de caça. Então, isso é uma ideia que a gente tá tentando reverter. E as crianças são um prato cheio, né. O principal futuro da humanidade são essas crianças. Então, capacitar elas para o futuro é superinteressante.</p>
<p>Igor – estudante</p> 	<p>Estudante responde a alguma pergunta do entrevistador.</p>	<p>Eu nunca tinha visto isso aqui. Eu nem sabia que isso existia.</p>
<p>Repórter Meike Farias</p>  	<p>O Repórter Meike Farias está em Maués – MA (a 258 km de Manaus). Aparecem imagens de crianças, no projeto Agente Ambiental Mirim.</p>	<p>Aqui em Maués, desenvolvimento sustentável é assunto que se aprende desde pequeno. Logo na escola. Mais de 250 crianças e adolescentes participam do Projeto Agente Ambiental Mirim que se tornam multiplicadores da bandeira da preservação.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Daniel Michiles – professor Maués /MA</p> 	<p>Professor explica o objetivo do projeto Agente Ambiental Mirim.</p>	<p>Nós temos o objetivo de plantar a semente da reutilização. Plantar na mente das pessoas que é preciso viver com sustentabilidade, respeitando o meio ambiente, fazendo uso racional dos nossos recursos naturais e projetando para o futuro uma sociedade de sustentabilidade, melhoria da qualidade de vida e de proteção da biodiversidade.</p> <p>Nós, então, cadastramos essas crianças e nós escrevemos as crianças para que elas participem do projeto, que nós entendemos que um projeto de educação ambiental ela vale para toda a sociedade.</p>
<p>Walace Castro - estudante</p> 	<p>Estudante detalha as ações realizadas no projeto.</p>	<p>Nós estamos na praia da Maresia. Nós já fizemos a operação pente-fino, que é para conscientizar e retirar todo o lixo da praia, da cidade e de vários locais. Assim, como a praia da Avenida Antártica e em outros lugares. Assim, como as Praças de Maués e inclusive, principalmente, nas ruas e igarapés.</p>
<p>Talita Soledade Rosa – estudante.</p> 	<p>Estudante relata sua experiência, no projeto. A medida que cita os exemplos, aparecem imagens relacionadas.</p>	<p>Estou há 3 anos aqui no programa. E esse projeto ele modificou muito a minha vida. Mudou muito e minha história. O projeto a gente faz coleta, a gente coleta lixo, a gente reutiliza esses produtos para a gente fazer brinquedos e também a gente sai da SEDEMA. A gente vai nas tavernas, a gente vai nas praias, nos barcos.</p> <p>A gente vai lá, a gente vai sensibilizar as pessoas a não jogar, porque se eles jogarem a embalagem do produto, ele estará</p>


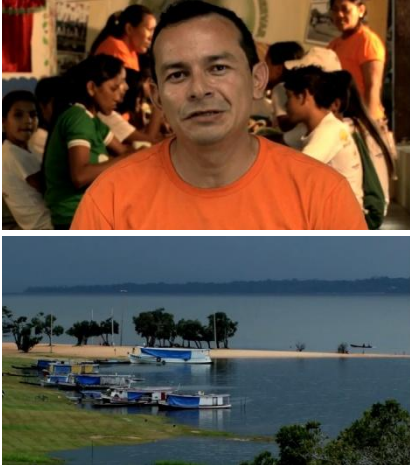

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>prejudicando nossa saúde porque no futuro a gente vai precisar daquela água. Então, eles não estão sabendo que eles estão fazendo, quantas pessoas eles estão prejudicando. Estão se prejudicando a si mesmo.</p>
<p data-bbox="248 848 628 909">Daniel Michiles – professor Maués /MA</p> 	<p data-bbox="676 1066 935 1196">Enquanto entrevistado fala, aparecem imagens da cidade de Maués/MA.</p>	<p data-bbox="963 882 1445 1155">Esse projeto, que é pioneiro em todo o estado do Amazonas, que tem objetivo de semear a cultura da sustentabilidade na nossa cidade e repartir essa cultura através da internet com os outros municípios do nosso estado para mostrar para as pessoas como se faz educação ambiental em atos concretos.</p>
<p data-bbox="256 1426 620 1456">Talita Soledade Rosa – estudante</p> 	<p data-bbox="676 1462 935 1592">Entrevistada fala sobre o impacto do programa na cidade. Aparecem imagens da cidade.</p>	<p data-bbox="963 1476 1445 1682">Cada criança que está aqui nesse programa, no futuro elas vão mostrar para as pessoas o que elas aprenderam aqui e para as crianças também. Vai ser uma sociedade melhor, porque o que eles aprenderam eles estão passando para outras pessoas.</p> <p data-bbox="963 1704 1445 1910">O futuro de Maués para mim é uma cidade melhor. É um país melhor, é uma comunidade melhor. É algo que a gente pode ter consciência e a gente pode tornar aquilo algo melhor: uma cidade bonita, uma cidade sem poluição.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="316 304 560 331">Repórter Meike Farias</p> 	<p data-bbox="676 304 935 405">O Repórter conclui as observações sobre a cidade de Maué.</p>	<p data-bbox="960 304 1442 472">A praia da Maresia agradece. Um dos lugares mais bonitos de todo o Amazonas, o cartão postal de Maués recebe todos os anos mais de 50 mil turistas na Festa do Guaraná e no Festival de Verão.</p> <p data-bbox="960 501 1442 629">A consciência ambiental da criança de hoje contribui para a formação de uma sociedade mais compromissada pela defesa das nossas florestas.</p>
 	<p data-bbox="676 665 935 869">O repórter informa, enquanto aparecem imagens, que irá conhecer a reserva sustentável Juami-Japurá.</p>	<p data-bbox="960 665 1442 902">Daqui de Maués, nós vamos para a reserva de desenvolvimento sustentável Juami, do município de Japurá, onde moradores participam do projeto de preservação de quelônios e mostram, na prática, que consciência ambiental é uma questão de atitude.</p> <p data-bbox="960 931 1251 960">Aqui, o desafio é proteger!</p>
<p data-bbox="233 1245 644 1305">Wildson Tavares – Secretário de Meio Ambiente de Japurá/AM</p>  	<p data-bbox="676 1245 935 1449">Secretário está em Juami, enquanto explica o trabalho que é desenvolvido. Aparecem imagens da comunidade.</p>	<p data-bbox="960 1245 1442 1765">Em Juami é desenvolvido um trabalho de manejo dos ovos no decorrer de toda a calha do rio Japurá. São praias que é onde dá a incidência muito grande de quelônios, no qual a pesca é a retirada desses ovos ainda pelos próprios comunitários é muito frequente e muito efetiva. Então daí a suma importância da fiscalização nesse ponto com esse projeto. Onde vai, toda a calha do rio é monitorada pelos nossos fiscais, agentes e também comunitários que também são parceiros nosso nessas iniciativas. Vão lá, retiram os novos e trazem para praia preservada. A praia é na frente da reserva Joami no Japurá.</p>
<p data-bbox="245 1895 632 1955">José Gonçalves da Silva – Agente ambiental na reserva Juami - Japurá</p>	<p data-bbox="676 1895 935 1955">Agente ambiental conta o trabalho que realiza.</p>	<p data-bbox="960 1895 1442 2058">A gente transfere covas de ovos que a gente consegue dessas praias de cima para cá. Aí a gente... A prefeitura agora tá mantendo um pequeno recurso, tudo legal com autorização do Ibama e Polícia Federal e exército entra</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>prá cá. Então a gente já conseguiu a média de 30 mil por hectare. Essa agora, ela vai dar mais porque nós tínhamos um problema com repiquete perdendo muitos ovos também. Mas a gente vai ver no final que ainda tem muitos tracajás saindo.</p>
	<p>O repórter explica, em off, sobre o monitoramento de ovos de tartaruga, enquanto aparecem cenas deste.</p>	<p>O trabalho de preservação das tartarugas começa com o monitoramento das covas e observação dos ovos. Quando os filhotes chegam são retirados e elevados para tanques especiais onde são alimentados e preparados para voltar à natureza, direto para as águas barrentas do rio Japurá.</p>
<p>Wildson Tavares – Secretário de Meio Ambiente de Japurá/AM</p> 	<p>O entrevistado fala, enquanto aparecem cenas do trabalho desenvolvido.</p>	<p>Eles nascem, são manejados, onde eles irão adquirir maior resistência. Porque vocês sabem, quanto menor o quelônio, mais a probabilidade de ele servir de alimento para outros predadores é muito maior. Então essa é nossa preocupação: retirar ele da área de preservação, adquirir consistência e resistência para poder ser devolvido à natureza.</p>


Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="225 304 635 365">José Gonçalves da Silva – Agente ambiental na reserva Juami - Japurá</p> 	<p data-bbox="678 304 936 365">Entrevistado fala, e aparecem cenas de rio.</p>	<p data-bbox="963 304 1442 439">Eu já cheguei a soltar ai mais de 10 mil filhotes. E a gente sem combustíveis, sem nada, pegava e botava nas caixas de isopor e despejava para lá.</p>
<p data-bbox="225 954 639 1014">Wildson Tavares – Secretário de Meio Ambiente de Japurá/AM</p> 	<p data-bbox="678 954 936 1088">Entrevistado fala, aparecem cenas do Rio Japurá e dos filhotes de tartaruga.</p>	<p data-bbox="963 954 1442 1267">Essa devolução é feita em toda a calha do Rio Japurá. Nós temos um complexo muito grande de lagos em Reserva de Desenvolvimento Sustentável. Ano retrasado nós tivemos a estimativa de 22 mil filhotes para esse ano nós temos uma estimativa de 30 mil filhotes. E esse ano a gente vai, cada ano que passa, a gente tenta aumentar o número de filhotes.</p>
<p data-bbox="225 1565 612 1626">José Gonçalves da Silva – Agente ambiental na reserva Juami - Japurá</p> 		<p data-bbox="963 1588 1442 1861">A gente já deu aula de educação ambiental para crianças. Dia de sexta-feira, quando eu tô de férias, eu já pedi para ir na escola e já dei aula de educação ambiental. Mostrei o trabalho. E até teve criança que falou que o pai dele não vai mais fazer aquilo que ele fazia antes. Então, esse é um recado vindo do meu trabalho.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Repórter fala em off, enquanto aparecem cenas.</p>	<p>Atitudes de pessoas como o seu Zezinho na reserva de Juami, garante a sobrevivência de tartarugas, iaças e tracajás. Sem isso, a chance de sobrevivência dos filhotes diminui consideravelmente e poucos filhotes chegariam a idade adulta sem ajuda dos homens.</p>
<p>Wildson Tavares – Secretário de Meio Ambiente de Japurá/AM</p>  	<p>Enquanto entrevistado fala, aparecem cenas da comunidade local.</p>	<p>Tudo gira em torno das questões ambientais. Preservar, conservar. E hoje sustentar a parte de sustentabilidade tem sido o foco principal de inúmeros órgãos ligados e não ligados ao governo. Isso é importante. É de suma importância. Repassar para própria comunidade, para o próprio ribeirão, que é dele também a tarefa de nos ajudar como poder público.</p>
<p>José Gonçalves da Silva – Agente ambiental na reserva Juami - Japurá</p> 	<p>Entrevistado fala sobre os filhotinhos de tartaruga.</p>	<p>Quando você vai soltar aqueles filhotinhos que tá ali. Sinceridade, da vontade da gente chorar. É a alegria daquele meio mundo de quelônio que tão ganhando a natureza.</p>
<p>Repórter Meike Farias</p> 	<p>Repórter está em uma loja de produtos artesanais.</p>	<p>E quem diria, consciência ambiental é também uma questão de mercado. Produtos ecologicamente corretos viram objeto de desejo de consumidores cada vez mais atentos com a preservação do meio ambiente.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="316 304 560 331">Repórter Meike Farias</p> 	<p data-bbox="676 304 935 439">Repórter está em uma casa construída de resíduos sólidos que iriam para o lixo.</p>	<p data-bbox="960 327 1442 703">Sabe essa casa de madeira que você está vendo atrás de mim? Toda ela está sendo construída com resíduos sólidos que seriam jogados fora, ou seja, a gente está falando de lixo. Lixo da onde? Da madeira que é utilizada nas fábricas de compensado do Brasil inteiro. Não é incrível? Um pesquisador do INPA desenvolveu esse projeto, visando justamente reaproveitar o que ia ser jogado fora. Isso é consciência ambiental.</p>
<p data-bbox="316 826 560 853">Repórter Meike Farias</p> 	<p data-bbox="676 826 935 960">Repórter está em uma loja de produtos ambientalmente corretos.</p>	<p data-bbox="960 844 1442 1296">Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Quem já estudou física já deu de cara com essa máxima: a lei da conservação das massas ou simplesmente lei de Lavoisier. Mas esse é um conceito que já saiu das salas de aula e invadiu o mercado e a cabeça dos consumidores. Institutos de pesquisa e mercado confirmam que os brasileiros estão cada vez mais preocupados com a questão ambiental, valorizando empresas e produtos que não agredem o meio ambiente e que também contribuam para a comunidade.</p>
<p data-bbox="226 1364 544 1391">Moises Frederico – Jornalista</p> 	<p data-bbox="676 1364 935 1498">Entrevistado responde pergunta sem que apareça o repórter perguntando.</p>	<p data-bbox="960 1382 1442 1516">Dentro do artesanato construído pelo caboclo amazonense e do artesanal partindo até do alimento, sem dúvida fica a sugestão para você consumir aquilo que é nosso.</p>
<p data-bbox="226 1778 624 1839">Davi Tikuna – indígena de Benjamin Constant/AM</p> 	<p data-bbox="676 1778 935 1912">Entrevistado responde alguma pergunta, sem que apareça o repórter perguntando.</p>	<p data-bbox="960 1792 1442 1890">Nós, indígenas tikuna do alto Solimões, nós estamos preservando porque sabemos que o nosso futuro está na nossa floresta.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Flávio Cruz – engenheiro e professor</p> 	<p>Entrevistado responde alguma pergunta, sem que apareça o repórter perguntando.</p>	<p>Eu acho que ainda está muito lento. Tem que ter uma mobilização maior por parte das empresas, as produtoras de bens serviços. Se posicionar a favor de produtos ecologicamente corretos e a própria população tem que chegar até ela, um movimento mais forte e imperativo que determine o uso de produtos que estejam de acordo com a preservação ambiental.</p>
<p>Repórter Meike Farias</p> 	<p>Repórter está na FUCAPI</p>	<p>De olho nessa tendência, a Fucapi vem desenvolvendo, há 12 anos, o projeto design Tropical Amazônia. Resíduos florestais e madeiras que não tem valor de mercado, ganha o status de obras de arte.</p>
<p>Robervandro Pinheiro Gonçalves – Gerente do projeto Design Tropical – FUCAPI/AM</p>   	<p>Entrevistado relata como ocorre o processo de reaproveitamento da madeira. Aparecem cenas, na metade da tela, a medida que ele cita detalhes.</p>	<p>O grande diferencial está nos designers. É como você andar na beira do rio e você encontrar espécie madeira jogada na beirada do rio. Quando iniciou esse resíduo, que era a questão do pedaço de madeira que está ali e muitas vezes já está apodrecido ou mesmo sem utilização nenhuma se transformar numa bela arte, numa bela peça. Essa que é a valorização. Mas não só o design, como tem a questão do talento do caboclo, do artesão, do marceneiro, faz parte. Não adianta você fazer uma criação belíssima, mas um artesão não tem habilidade para desenvolver o produto. Quando ele iniciou, o projeto, ele iniciou com o resíduo. Como a Fucapi é uma instituição legal, ela tem que trabalhar com madeira, com espécies legalizadas. Você passou a trabalhar só com madeira manejada, com madeira certificada.</p> <p>A grande diferença também do projeto é que as espécies que são utilizados são espécies com alta densidade. Quando eu falo alta densidade, são madeiras duras que o mercado não tem interesse em adquirir essas espécies. A Muirapiranga, Pau-ferro, Angelim, Ipe. Essas madeiras são muito duras, muito densas. Isso dá um desgaste nas ferramentas muito grande. Então, não tem interesse nenhum.</p>




Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>Um outro grande diferencial da questão das espécies, todas as espécies que são utilizadas, todo trabalho que é realizado com essas espécies diferenciadas. É a cor é a cor natural da madeira. O produto que é utilizado é um produto que não vai descaracterizar a madeira, deixar natural.</p>
	<p>Repórter em off, enquanto aparecem cenas dos produtos e marceneiros.</p>	<p>Os produtos do Design Tropical já estão nos mercados brasileiro, europeu e asiático. E dão os primeiros passos entre os consumidores norte-americanos, gerando renda e emprego em vários municípios amazonenses onde os artesãos brasileiros são treinados e se tornam parceiros.</p>
<p>Jansen Lopes – Designer da Fucapi</p> 	<p>Designer detalha processo para transformar os resíduos em peças. Dando exemplos, aparecem na tela os mesmos.</p>	<p>Nós temos aqui, por exemplo, é um resíduo florestal, que se chama, que poderia ser dispensado, ouriço de castanha. Depois que retirado as castanhas, eles jogam esse fruto fora. Com o trabalho do técnico, a gente pode destacar a textura desse elemento, criando, por exemplo, um conjunto de petisqueira, um prato fruta, destacando a sua textura, agregando valor a uma coisa que poderia ser desperdiçada por jogar fora.</p> <p>Tudo isso a gente mostra para as pessoas, como é importante essa visão do design nesse processo todo. Por exemplo, aqui, nós temos também uma matéria prima que foi desperdiçada, são pequenos pedaços de madeira – feito um trabalho de machetaria em bloco que pode transformar numa esfera, um produto de valor agregado. Ou no caso aqui uma luminária. Aparece como uma base de uma luminária, onde a cúpula é feita de uma entre casca da Sumaúma. Então, nós temos vários projetos desenvolvidos aqui.</p> <p>Aqui, por exemplos, nós temos nesse painel, foi inspirado no grafismo indígena, usado nas cestarias (de cestas de palha) indígenas e trouxemos também para madeira.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Repórter Meike Farias</p> 	Repórter faz pergunta.	Que significa para você Jansen ser designer na floresta Amazônica?
<p>Jansen Lopes – Designer da Fucapi</p> 	Entrevistado responde.	Bom é muito gratificante pra mim trabalhar como design no Amazonas, principalmente que nós temos uma variedade que deu certo de matéria prima da região onde pode ser explorada. Onde pode ser transformado em produtos como vocês podem ver aqui de alto valor agregado, gerando renda para as pessoas. Um artesanato que no princípio é um artesanato de baixo valor agregado se transformar numa obra de arte.
<p>Repórter Meike Farias</p> 	Repórter está em uma horta, e finaliza comprando uma couve.	<p>Eu também sou um consumidor exigente e antenado nos cuidados com o meio ambiente. E hoje vou encerrar o Nova Amazônia fazendo a minha feira com produtos orgânicos.</p> <p>“E ai, Dona Valda, e a couve está pronta? 100%?”</p> <p>Ela responde 100% orgânica. Então, pronto!</p> <p>Saúde para a família e também para o planeta!</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir do vídeo original produzido por Nova Amazônia (2019).

Após a transcrição do programa, direcionamos o nosso olhar para as fontes que foram acionadas no decorrer do episódio. Ao realizarmos o levantamento dessas vozes, conforme os autores que embasam este estudo e pela classificação proposta, apresentamos (Quadro 5) a listagem com as fontes, posição que ocupam no programa e sua classificação.

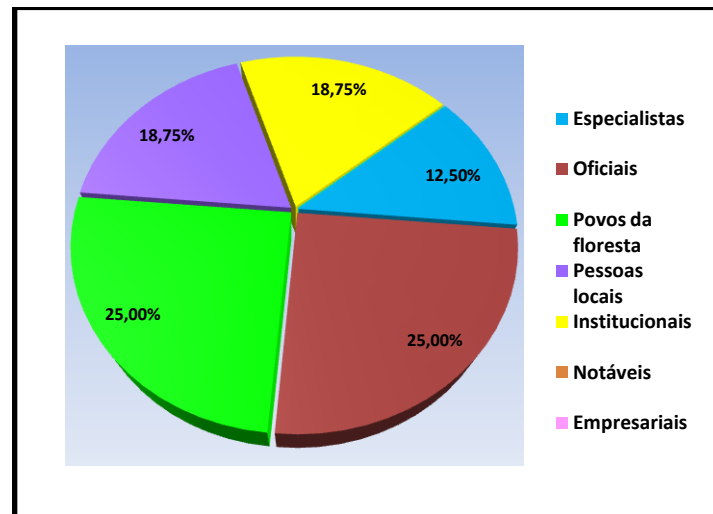
Quadro 5 - Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Consciência Ambiental

Nome	Designação conforme o episódio	Classificação da Fonte
Maria Inês Higushi	Pesquisadora titular do laboratório de psicologia e educação ambiental do INPA	Especialistas
Daniel Michiles	Professor – Maués/AM – Projeto Agente Ambiental Mirim	Especialistas
Maria Edilene	Especialista em Educação Ambiental – SDS	Oficiais
Denise Carães	Divisão de Educação Ambiental/Semmas	Oficiais
Olívia Simão	Presidente da Fundação de Amparo à pesquisa – Fapeam/AM	Oficiais
Diogo Souza	Pesquisador da Associação amigos do peixe-boi/Inpa	Institucional
Igor	Estudante	Pessoas locais
Walace Castro	Estudante/projeto agente ambiental mirim	Povos da floresta
Talita Soledade Rosa	Estudante/projeto agente ambiental mirim	Povos da floresta
Wildson Tavares	Secretário de Meio Ambiente de Japurá/AM	Oficiais
José Gonçalves da Silva	Agente ambiental na reserva Juami-Japurá	Povos da floresta
Moisés Frederico	Jornalista	Pessoas locais
Davi Tikuna	Indígena de Benjamin Constant/AM	Povos da floresta
Flávio Cruz	Engenheiro e professor	Pessoas locais
Robervandro Pinheiro Gonçalves	Gerente do projeto Design Tropical – FUCAPI/AM	Institucionais
Jansen Lopes	Designer da FUCAPI	Institucionais

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Ao analisarmos a distribuição quantitativa das fontes neste episódio, encontramos a presença de dezesseis pessoas que contribuíram com as discussões propostas pelo repórter, cuja proporção pode ser visualizada no gráfico a seguir.

**Gráfico 1 – Representação das fontes em percentuais no programa
Consciência Ambiental**



Fonte: preparada pela autora (2019).

Conforme apresentado no gráfico anterior, as categorias **oficiais e povos da floresta** aparecem com o mesmo percentual de 25%, representadas por quatro pessoas cada uma. Na sequência, aparecem as categorias **pessoas locais e institucionais** com 18,75%, o que corresponde a três pessoas ouvidas em cada uma. E, por fim, a categoria **especialistas** aparece com 12,50%, correspondente a dois entrevistados.

Cabe destaque a duas fontes que não foram classificadas como especialistas em função de suas falas, que são o jornalista Moisés Frederico e do engenheiro e professor Flávio Cruz, classificados como povos locais.

Com essas informações, percebemos que o episódio se propõe a ouvir diversas fontes sobre ações de educação ambiental, incluindo as crianças que representam o principal alvo de ações de conscientização com a finalidade de gerar novo olhar para os futuros cidadãos.

Observamos que houve equilíbrio entre o número das vozes dos povos da floresta e dos oficiais, mas que também houve espaço dedicado às pessoas locais, institucionais e especialistas no decorrer dos 25 minutos e 10 segundos de duração do episódio.

Observamos nessa relação das fontes acionadas no programa, que o professor de Maués, a especialista em educação ambiental do SDS e o Pesquisador da Associação Amigos do Peixe-boi/Inpa atuam diretamente em ações de educação ambiental junto a crianças e à população na busca pela conscientização ambiental, em especial dos estudantes.

Mas de que forma a educação ambiental será capaz de mudar a realidade do descuido do meio ambiente? Percebemos que nesse momento há uma uniformidade entre as fontes

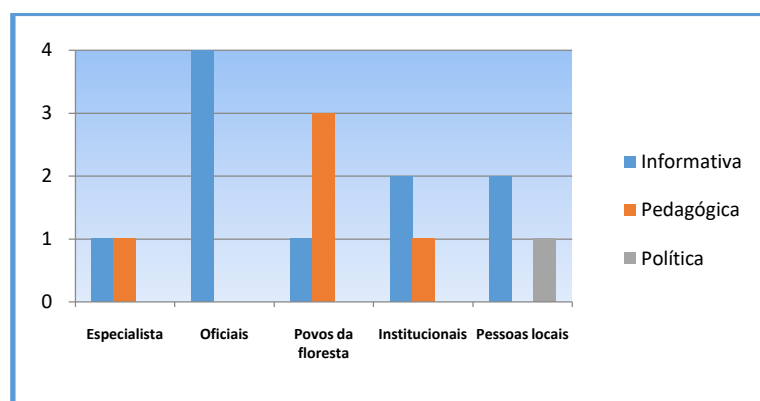
oficiais, institucionais e de especialistas sobre a interdisciplinaridade da educação ambiental que deve permear a educação das crianças nas várias matérias a serem aprendidas nas escolas, o que também é colaborado pelas fontes dos povos da floresta e locais. Assim, observamos que houve busca pela pluralidade das fontes proposta por Bueno (2009) em consonância com Frome (2008), não restringindo o olhar a fontes que já possuem credibilidade em função dos cargos que ocupam.

Observamos que o episódio busca levar ao espectador a importância da educação ambiental em sentido amplo, não restrito a atitudes individuais, mas a uma sensibilização das pessoas, como propõe Isabel Carvalho (2008).

Desde a Pegada ecológica, às ações em escolas, até o cuidado com as tartaruginhas, o episódio apresenta conteúdos de sensibilização para os espectadores, sendo que todas as fontes que apresentadas tiveram contribuição nesse processo.

Pelas categorias já explicitadas anteriormente, com base em Bueno (2008), encontramos que a **função informativa**, com dez pessoas, foi a que permeou as falas das fontes ouvidas. Já a **função pedagógica** aparece com cinco representantes, enquanto na **função política** foi identificada apenas uma das pessoas ouvida, entre os povos locais. No gráfico 2, a seguir, é possível observar as funções de cada fala, conforme a classificação de fontes proposta.

Gráfico 2 – Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Consciência Ambiental



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

A função **informativa**, segundo Bueno (2007) traz a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, a qual foi identificada nas falas da especialista Maria Inês Higuchi, pesquisadora titular do Laboratório

de Psicologia e Educação Ambiental do INPA; dos oficiais: Maria Edilene, especialista em Educação Ambiental – SDS, Denise Carães, representante da Divisão de Educação Ambiental/Semmas, Olívia Simão, presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa – Fapeam/AM e Wildson Tavares, secretário do Meio Ambiente de Japurá/AM; dos povos da floresta, Davi Tikuna, indígena de Benjamin Constant/AM, dos institucionais: Robervandro Pinheiro Gonçalves, gerente do projeto Design Tropical – FUCAPI/AM e Jansen Lopes, designer da FUCAPI; e, por fim, dos povos locais: o estudante Igor e o jornalista Moisés Frederico.

Conforme Bueno (2007), a função **pedagógica** traz explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e indicação de caminhos que incluem, necessariamente, a participação dos cidadãos para a superação dos problemas ambientais. Nesse sentido, foram classificadas, como **pedagógicas**, as contribuições das falas da fonte do especialista Daniel Michiles, Professor – Maués/AM – Projeto Agente Ambiental Mirim; dos povos da floresta, os estudantes do projeto agente mirim Wallace Castro e Talita Soledade Rosa e o agente ambiental na reserva Juami-Japurá, José Gonçalves da Silva, representante da Divisão de Educação Ambiental/Semmas; e, por fim, do especialista Diogo Souza, pesquisador da Associação Amigos do Peixe-Boi/Inpa.

Como função **política**, foi identificada apenas a fala do representante de povos locais, o engenheiro e professor Flávio Cruz, a qual segundo Bueno (2007) refere-se ao envolvimento da população frente aos problemas ambientais e, principalmente, na defesa do ambiente em relação aos crimes ambientais realizados por determinadas empresas e setores (como o agronegócio), sem esquecer as ações tomadas pelos governantes.

O repórter Meike Farias inicia o programa Consciência Ambiental com a fala sobre o quanto é necessário retirar da natureza para manter o estilo de vida de cada pessoa e o como isso pode impactar negativamente no planeta. Na sequência, fala sobre a Pegada Ecológica, conceito criado por ambientalistas justamente para medir o quanto a presença de cada pessoa consome de recursos naturais do planeta, o que, segundo cientistas, corresponde a 1,8 hectares global per capita, enquanto, no Brasil, esse índice é ultrapassado em mais de 22%, chegando a 2,2 hectare per capita. Para Meike, somente a consciência ambiental é capaz de mudar essa realidade, a qual se dá pela educação.

Nesse contexto, a especialista Maria Inês Higuchi, pesquisadora titular do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental do INPA, fala sobre a abrangência da consciência

ambiental e da sua transversalidade, podendo estar presente em vários temas do conhecimento, sendo o mesmo assunto também objeto das falas oficiais da especialista em educação ambiental – SDS, Maria Edilene, e da representante da Divisão de Educação Ambiental – Semmas, Denise Carães, conforme pode ser observado a seguir.

***Maria Inês:** A consciência ambiental é muito mais abrangente, muito mais profunda do que um comportamento, por exemplo, de jogar o lixo. **A consciência é você ter uma reflexão**, você tem capacidade de compreender o que você faz pode trazer repercussão para outras pessoas, para o seu lugar e para o planeta como um todo. Então, esse agir com consciência, quer dizer, **agir com responsabilidade, com compromisso, que você está fazendo, está tendo uma resposta**. Tem um impacto. Tem uma repercussão. Tem algo que você está mexendo nessa teia de relações. Então essa consciência ecológica é consciência Ambiental.*

*Mas a Educação Ambiental não pode acontecer como disciplina, porque ela está presente inclusive na nossa forma aqui de conversar. **Nós não deveríamos parar agora e dizer assim: agora vamos fazer educação ambiental**. Eu costumo usar uma palavra para fazer essa analogia com a honestidade. **Hoje a educação ambiental poderia ser igual a palavra honestidade. Será que a gente precisa de uma disciplina para honestidade?***

***Maria Edilene:** A educação ambiental, ela é um tema transversal, onde o professor de geografia ele pode passar o conceito sobre gases de efeito estufa, chuva ácida, onde ele já vai estar a abordar a temática sobre meio ambiente e até mesmo educação ambiental. **Então, não há necessidade dessa disciplina de educação ambiental ser oficializada como uma disciplina em si**. Dentro da sala de aula onde o professor vai levar essa atividade e onde ele pode estar interagindo de outras maneiras de outras formas, fora da sala de aula, fazendo visitas em bosques, em parques, em outros ambientes.*

*Denise: A conscientização ambiental é um processo que ela vai depender e variar de pessoa para pessoa. **Aí que entra a educação ambiental**, porque por meio das ações que são desenvolvidas **buscando a sensibilização ambiental é que esse processo pode ocorrer de forma mais rápida e efetiva**.*

As falas informativas de Maria Inês, Maria Edilene e Denise vão ao encontro da interdisciplinaridade proposta por Carvalho (1998), onde a educação ambiental deve permear diversos assuntos do conhecimento para sensibilizar os cidadãos.

A fala da presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa – Fapeam/AM, Olívia Simão, embora traga a questão da necessidade de envolvimento de ciência e tecnologia na conscientização ambiental, não trouxe caminhos para que isso acontecesse, motivo pelo qual foi classificada como informativa e não como política.

O mesmo acontece com a fala do secretário do Meio Ambiente de Japurá/AM, Wildson Tavares que traz informações sobre o projeto de manejo de ovos de tartaruga na calha do Rio Japurá, como pode ser observado a seguir.

Wildson: *Em Juami é desenvolvido um trabalho de manejo dos ovos no decorrer de toda a calha do rio Japurá. São praias que é onde dá a incidência de muito grande de quelônios, no qual a pesca é a retirada desses ovos ainda pelos próprios comunitários é muito frequente e muito efetiva. Então daí a suma importância da fiscalização nesse ponto com esse projeto. Onde vai, toda a calha do rio é monitorada pelos nossos fiscais, agentes e também comunitários que também são parceiros nosso nessas iniciativas. Vão lá, retiram os ovos e trazem para praia preservada. A praia é na frente da reserva Joami.*

Eles nascem, são manejados para as pleitas, onde eles irão adquirir maior resistência. Porque vocês sabem, quanto menor o quelônio, mais a probabilidade de ele servir de alimento para outros predadores é muito maior. Então essa é nossa preocupação: retirar ele da área de preservação, mas adquirir consistência e resistência para poder ser devolvido à natureza.

Essa devolução é feita em toda a calha do Rio Japurá. Nós temos um complexo muito grande de lagos em Reserva de Desenvolvimento Sustentável. Também é levado. Ano retrasado nós tivemos a estimativa de 22 mil filhotes para esse ano nós temos uma estimativa de 30 mil filhotes. E esse ano a gente vai, cada ano que passa, a gente tenta aumentar o número de filhotes.

Já a fala informativa institucional de Robervandro Pinheiro Gonçalves, gerente do projeto Design Tropical – FUCAPI/AM traz contribuições sobre o trabalho com resíduos florestais e sua transformação em arte com alto valor agregado através do projeto design Tropical Amazônia, cujos produtos, segundo o repórter Meike Farias, já fazem parte dos mercados brasileiro, europeu e asiático, gerando renda e emprego para vários municípios.

Robervandro: *O grande diferencial está nos designers. É como você andar na beira do rio e você encontrar espécie madeira jogada na beirada do rio. Quando iniciou esse resíduo, que era a questão do pedaço de madeira que está ali e muitas vezes já está apodrecido ou mesmo sem utilização nenhuma se transformar numa bela arte, numa bela peça. Essa que é a valorização. Mas não só o design, como tem a questão do talento do caboclo, do artesão, do marceneiro, faz parte. Não adianta você fazer uma criação belíssima, mas um artesão não tem habilidade para desenvolver o produto.*

[...] A grande diferença também do projeto é que as espécies que são utilizados são espécies com alta densidade. Quando eu falo alta densidade, são madeiras duras que o mercado não tem interesse em adquirir essas espécies. A Muirapiranga, Pau-ferro, Angelim, Ipe. Essas madeiras são muito duras, muito densa. Isso dá um desgaste nas ferramentas muito grande. Então, não tem interesse nenhum. Um outro grande diferencial da questão das espécies, todas as espécies que são utilizadas, todo trabalho que é realizado com essas espécies diferenciadas. É a cor natural da madeira. O produto que é utilizado é um produto que não vai descaracterizar a madeira, deixar natural.

Importante salientar que o trabalho especializado dos designers, aliados ao manejo dos artesãos realça as características originais da madeira, cores e detalhes característicos da planta original, agregando maior valor aos bens produzidos, como pode ser observado na fala entusiasmada de Jansen Lopes, designer da Fucapi.

***Jansen:** Nós temos aqui, por exemplo, é um resíduo florestal, que se chama, que poderia ser dispensado, ouriço de castanha. Depois que retirado as castanhas, eles jogam esse fruto fora. Com o trabalho do técnico, a gente pode destacar a textura desse elemento, criando, por exemplo, um conjunto de petisqueira, um prato fruta, destacando a sua textura, agregando valor a uma coisa que poderia ser desperdiçada por jogar fora. Tudo isso a gente mostra para as pessoas, como é importante essa visão do design nesse processo todo. Por exemplo, aqui, nós temos também uma matéria prima que foi desperdiçada, são pequenos pedaços de madeira – feito um trabalho de machetaria em bloco que pode transformar numa esfera, um produto de valor agregado. Ou no caso aqui uma luminária. Aparece como uma base de uma luminária, onde a cúpula é feita de uma entre casca da Sumaúma.*

[...] Bom é muito gratificante pra mim trabalhar como design no Amazonas, principalmente que nós temos uma variedade que deu certo de matéria prima da região onde pode ser explorada. Onde pode ser transformado em produtos como vocês podem ver aqui de alto valor agregado, gerando renda para as pessoas. Um artesanato que no princípio é um artesanato de baixo valor agregado se transformar numa obra de arte.

A fala informativa de Davi Tikuna, indígena de Benjamin Constant/AM, foi breve sem maior contribuição ao programa: “Nós, indígenas tikuna do alto Solimões, nós estamos preservando porque sabemos que o nosso futuro está na nossa floresta”. O mesmo ocorreu com as falas dos representantes do povo local, estudante Igor, que apenas indicou que não conhecia o projeto do INPA, e do jornalista Moisés Frederico que tratou brevemente sobre o artesanato construído pelo caboclo amazonense, sendo que as três falas parecem ter sido incluídas apenas para apresentar diversidade de vozes no episódio.

As falas pedagógicas com maiores contribuições ficaram por conta da fonte especialista do professor de Maués/MA, Daniel Michiles e da fonte povos da floresta, agente ambiental na reserva Juami-Japurá, José Gonçalves da Silva que tratam sobre dois projetos específicos de sustentabilidade.

O professor Daniel Michiles trata do projeto Agente Ambiental Mirim e da importância de investir na educação das crianças para construir uma sociedade ambientalmente mais equilibrada e sua fala é confirmada pela estudante Talita Soledade Rosa que trata das modificações que o projeto proporcionou na sua maneira de enxergar o meio ambiente.

***Daniel:** Se nós inculcarmos na mente de uma criança que viver sustentabilidade, viver com o embrião da biodiversidade plantada na mente, **vai gerar uma sociedade com consciência, uma sociedade com qualidade, uma sociedade que respeita o meio onde vive.** E sabe utilizar racionalmente todos os seus recursos, gerando, assim, emprego, renda, mas também melhoria da qualidade de vida.*

Nós temos o objetivo de plantar a semente da reutilização. Plantar na mente das pessoas que é preciso viver com sustentabilidade, respeitando o meio ambiente, fazendo uso racional dos nossos recursos naturais e projetando para o futuro uma sociedade de sustentabilidade, melhoria da qualidade de vida e proteção da biodiversidade. Nós, então, cadastramos essas crianças e nós escrevemos as

crianças para que elas participem do projeto, que nós entendemos que um projeto de educação ambiental ela vale para toda a sociedade.

Talita: *Estou há 3 anos aqui no programa. E esse projeto ele modificou muito a minha vida. Mudou muito e minha história. O projeto a gente faz coleta, a gente coleta lixo, a gente reutiliza esses produtos para a gente fazer brinquedos e também a gente sai da SEDEMA. A gente vai nas tavernas, a gente vai nas praias, nos barcos. A gente vai lá, a gente vai sensibilizar as pessoas a não jogar, porque se eles jogarem aquela embalagem do produto, ele estará prejudicando nossa saúde porque no futuro a gente vai precisar daquela água. Então, eles não estão sabendo que eles estão fazendo, quantas pessoas eles estão prejudicando. Estão se prejudicando a si mesmo.*

Daniel: *Esse projeto, que é pioneiro em todo o estado do Amazonas, que tem objetivo de semear a cultura da sustentabilidade na nossa cidade e repartir essa cultura através da internet com os outros municípios do nosso estado para mostrar para as pessoas como se faz educação ambiental em atos concretos.*

Talita: *Cada criança que está aqui nesse programa, no futuro elas vão mostrar para as pessoas o que elas aprenderam aqui e para as crianças também. Vai ser uma sociedade melhor, porque o que eles aprenderam eles estão passando para outras pessoas. O futuro de Maués para mim é uma cidade melhor. É um país melhor, é uma comunidade melhor. É algo que a gente pode ter consciência e a gente pode tornar aquilo algo melhor: uma cidade bonita, uma cidade sem poluição.*

A fala do professor Daniel é colaborada com a breve fala **pedagógica** do estudante Wallace (povos da floresta) que trata das operações efetuadas pelo projeto Agente Ambiental Mirim com operações de conscientização efetuadas envolvendo praças, praia e outros locais de Maués. Da mesma forma, foi breve a fala da fonte institucional, Diogo de Souza, pesquisador da Associação Amigos do peixe-boi/Impa que indicou a popularização da ciência através da abertura do INPA ao público.

Também teve importante contribuição no programa, a fala pedagógica da fonte povos da floresta do agente ambiental na Reserva Juami-Japurá, José Gonçalves da Silva, que trabalha para garantir a sobrevivência de tartarugas, iaças e tracajás, como pode ser observado a seguir.

A gente transfere covas de ovos que a gente consegue dessas praias de cima para cá. [...] Então a gente já conseguiu a média de 30 mil por hectare. Essa agora, ela vai dar mais porque nós tínhamos um problema com repiquete perdendo muitos ovos também. Mas a gente vai ver no final que ainda tem muitos tracajás saindo.

Eu já cheguei a soltar ai mais de 10 mil filhotes. E a gente sem combustíveis, sem nada, pegava e botava nas caixas de isopor e despejava para lá.

O agente também procura passar informações para as crianças, ministrando aulas de educação ambiental.

A gente já deu aula de educação ambiental para crianças. Dia de sexta-feira, quando eu tô de férias, eu já pedi para ir na escola e já dei aula de educação ambiental. Mostrei o trabalho. E até teve criança que falou que o pai dele não vai mais fazer aquilo que ele fazia antes. Então, esse é um recado vindo do meu trabalho.

A fala e as atitudes descritas pelo agente ambiental José Gonçalves da Silva representam a educação ambiental dos afetos proposta por Carvalho (1998), quando pessoas amorosas e sensíveis para com a natureza são capazes de levar uma educação para cidadania, capaz de formar sujeitos atentos e capazes de interferir nas decisões da sociedade sobre os cuidados com o meio ambiente.

A única fala **política** identificada foi a do professor Flávio Cruz, engenheiro e professor, que tratou de mobilização em favor de produtos ecologicamente corretos.

Eu acho que ainda está muito lento. Tem que ter uma mobilização maior parte das empresas, as produtoras de bens serviços. Se posicionar a favor de produtos ecologicamente corretos e a própria população tem que chegar até ela, um movimento mais forte e imperativo que determine o uso de produtos que estejam de acordo com a preservação ambiental.

Nesse episódio observamos a tentativa da pluralidade das vozes, entretanto esta foi permeada por falas breves, tanto informativas como pedagógicas. Prevaleceram as fontes especialistas e oficiais e, em relação às falas, prevaleceram as informativas. Apesar disso, observamos que no episódio foi observado o saber ambiental, proposto por Leff (2012), dos povos da floresta e dos povos locais, em especial na fala do agente ambiental na reserva Juami-Japurá, José Gonçalves da Silva sobre o seu cuidado na preservação dos filhotinhos de tartaruga.

Observamos também que a proposta do projeto design Tropical Amazônia de transformação de rejeitos da floresta em produtos de valor agregado colaboram com a fala de Mello (2015), que destaca a necessidade de um modelo de sustentabilidade econômica fora do setor primário para contrapor o trágico binômio destruição ambiental e pobreza, em especial quando a arte é feita a partir de rejeitos ambientais e possibilita significativo valor agregado com geração de emprego e renda à população local. Nesse sentido, o programa apresentou apenas uma fala política, na figura do engenheiro e professor que tratou sobre a necessidade de mobilização social para o consumo de produtos locais. Entretanto, para que projetos de arte se tornem um modelo econômico, são necessárias políticas públicas que possibilitem financiamentos sistemáticos em formação de mão-de-obra local, o que não foi abordado pelo programa.

Por fim, destacamos que a fala do repórter Meike Farias, que permeou o programa, buscou construir um episódio que tratasse da necessidade da educação ambiental para sensibilizar as pessoas com o cuidado necessário na preservação do meio ambiente.

7.2 AMAZÔNIA EMPREENDEDORA

Neste episódio, vinculado à primeira temporada do Nova Amazônia e produzido no ano de 2013, com duração de 24 minutos e 23 segundos, o repórter Meike Farias busca mostrar o que os amazônidas vem contribuindo para o desenvolvimento sustentável da região a partir de pequenos empreendimentos com produtos regionais e também no desenvolvimento de tecnologias que atendem às demais regiões do país e o papel que as incubadoras de empresas têm nesse processo.

Conforme sinopse¹⁵ disponibilizada pela TV Escola, o episódio Amazônia Empreendedora está assim descrito:

Em um Brasil cada vez mais empreendedor, deixar o "patrão" para trás passou a ser um sonho possível. E em um dos cenários mais inspiradores do mundo - a Amazônia - **não faltam boas ideias para quem sonha com o próprio negócio. Mas para sobreviver à selva do mercado, os empreendedores amazônidas precisam de criatividade, ousadia e persistência.** Neste programa, saboreamos doces exóticos produzidos a partir de uma fruta inconfundível - que uniu uma comunidade no meio da selva ao mercado internacional. Descobrimos que a alta tecnologia é um dos mais promissores (e desconhecidos) produtos originais da Amazônia. E conhecemos de perto o trabalho de órgãos que atuam como verdadeiras "mães" para quem procura o sucesso investindo na floresta: as incubadoras de empresas. (TV ESCOLA, 2013, **grifo nosso**)

Para acompanhar o episódio e conhecer quem são as pessoas entrevistadas e suas contribuições à temática do programa, segue (Quadro 6) a transcrição completa do episódio com destaque para identificação das fontes e suas falas, assim como a descrição das cenas, além de imagens de fontes e cenários.







¹⁵ Essa informação pode ser conferida no site da TV Escola: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/nova-amazonia-temporada-2-sinais-da-natureza>.

Quadro 6 – Transcrição do Programa Amazônia Empreendedora

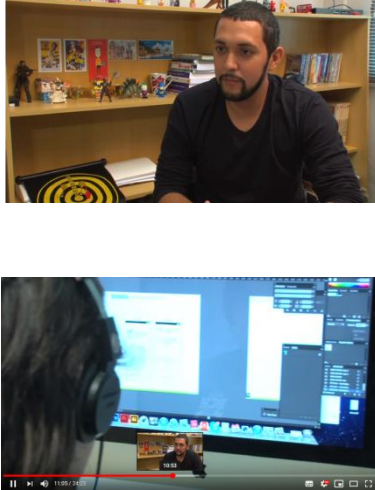


Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>O repórter Meike Farias está no Centro de Incubação e Desenvolvimento Empresarial – CIDE da Amazônia.</p>	<p>Para muita gente, que vem de fora, a Amazônia é assim: um imenso mar de plantas, rios, animais frutas exóticas, e pessoas que vivem uma vida sossegada em meio a tudo isso. Sossegada? Pois é, quando a gente olha um pouco mais de perto, vê uma Amazônia diferente. A luta para garantir a sobrevivência, na cidade, pode ser tão selvagem quanto a que ocorre na floresta. Mas essa batalha pode ficar bem mais fácil quando você conta com uma boa ideia.</p> <p>Tente adivinhar: qual a ligação entre um casal do Amazonas, apaixonado por doces, uma fábrica no meio da floresta e uma feira gastronômica da Europa? A resposta, é o sabor inigualável dessa fruta amazônica, gente, esse aqui é o cupuaçu. Tudo começou com uma receita, ultra secreta, que a dona Jane desenvolveu lá na cozinha dela. Aí ela trouxe pro CIDE; do CIDE ela ganhou o mundo.</p>
<p>Flávio Ennes – sócio da Amazon Doces</p> 	<p>Entrevistado sócio da Amazon Doces relata como iniciou sua atividade empresarial.</p>	<p>A inovação nossa, no caso, a jujuba de cupuaçu. Então, a gente pegou, conseguiu entrar no CIDE, depois de muito tentar, trabalhando em casa, trabalhando em outros locais, sempre queríamos entrar no CIDE - Centro de Incubação de Empresas. Eu tive essa experiência, agora na última feira, de chegar e oferecer a jujuba, da prova, e a pessoa nem aceitar: “Ah, jujuba que não gosto, que engancha no dente.” Mas eu digo que o nome de jujuba é pelo formato, por isso que a gente deu o nome de jujuba, mas é uma coisa totalmente diferente, ela derrete na boca, você põe e ela não gruda. E realmente, quando o pessoal provava, aceitava muito bem.</p>
<p>Jane Barros – sócio da Amazon Doces</p>	<p>Entrevistada, sócia da Amazon Doces, relata sua origem a e realização do sonho com a sua atividade empresarial.</p>	<p>Eu sou do município de Manicoré, então meu pai criou 12 filhos com agricultura. Não conseguindo escoar a produção dele, muitas das vezes ele jogou fora. E eu acho meu trabalho, assim, muito importante. Porque, além de estar divulgando as nossas</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
 <p>Jane Barros sócia da Amazon Doces</p>		<p>frutas amazônicas, eu me sinto feliz porque eu estou realizando um sonho, tá, eu sei que eu posso sobreviver e ter uma boa renda dentro de um município. Eu fico muito feliz com isso, e em saber que lá em Presidente Figueiredo, lá em Amaturá, lá em Manicoré, Rio Preto da Eva, Careiro Castanha, tem pessoas simples como eu, que tem sonhos igual a mim, entendeu? Que estão tentando vender sua produção, tentando criar seus filhos, com respeito, com dignidade e com oportunidade.</p>
<p>José Cabral – Diretor da Sohervas</p>  <p>José Cabral diretor da Sohervas</p>	<p>Entrevistado José Cabral, diretor da Sohervas fala da importância dos produtos originários da Amazônia</p>	<p>Quem olha para a Amazônia acha que a Amazônia não tem nada. Que é um vazio, tem só floresta, não tem mais nada. E é um ledão engano, a Amazônia tem preciosidades que o mundo está por descobrir, com certeza absoluta. A Amazônia é um nome apelativo, então você tem um produto da Amazônia, todo mundo tem curiosidade de saber, de querer saber a história, porque essa é a verdade, em cada fruta tem sua história, tem uma lenda por detrás.</p>
	<p>Imagem da saída da comunidade de Novo Remanso.</p>	<p>Comunidade de Novo Remanso, um pouco mais de 200 quilômetros de Manaus, nós fomos até a fábrica de polpas de frutas UNIFRUIT, mais uma ideia de empreendedores amazônicos que virou realidade.</p>
	<p>Repórter anuncia a próxima matéria, enquanto aparecem imagens do muro da empresa Unifruit e de doces fabricados na Amazônia</p>	<p>Daqui dessa fábrica, vem o cupuaçu, que a dona Jane transforma em doces, com o rótulo e o gostinho da nossa floresta.</p>






Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
 <p>Claudiomar Mendonça Fundador de Unifruit</p>		<p>Trabalhar com frutas, aqui no Amazonas, é meio complicado, por causa do clima, e tem hora que ou chove muito ou tem pouca chuva, mas tudo é desafio. Houve a necessidade de uma agroindústria aqui na região de Novo Remanso por causa da demanda de frutas que foi bem crescente. Muita produção depois que foi instalado um escritório do IDAN local aqui na região, então existia aqui uma produção significativa, mas não tanto. E depois que o IDAN foi localizado aqui nessa região, a produção triplicou. Você está vendo a quantidade de abacaxi que tem nessa beira de estrada.</p>
	<p>Repórter questiona sobre as frutas.</p>	<p>AUNIFRUIT trabalha com que frutas?</p>
	<p>Enquanto o entrevistado responde aparecem imagens de frutas in natura e de polpas embaladas.</p>	<p>Trabalhamos com polpas de abacaxi, polpas de cupuaçu, polpas de taperebá, goiaba, acerola, maracujá, graviola, manga, enfim, vários sabores.</p>
	<p>Enquanto repórter narra surgem imagens da UNIFRUIT na tela.</p>	<p>Então vamos conhecer. A UNIFRUIT em a vantagem de estar localizada ao lado dos produtores rurais, ou seja, tem toda a produção o quintal de casa. Assim, as frutas vêm direto do pé, fresquinhas, para o empacotamento. E, em poucos minutos, já está tudo no saquinho, pronto para abastecer as escolas, mercados e a dona Jane, aquela da jujuba de cupuaçu.</p>






Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
 	<p>Enquanto o entrevistado fala, aparecem na tela imagens de plantações e de produtos embalados.</p>	<p>Se, por exemplo, o produtor planta, mas se não tiver quem compre, como é que ele vai vender? Então, assim, o governo ajuda a gente como fábrica e ajuda o produtor como produtor, porque ele planta gente beneficia e vende para a merenda escolar. E isso é fundamental para produtor, fábrica, enfim, toda a comunidade, para o estado, é bom para todo mundo.</p> <p>E a melhor parte é que, a merenda escolar, as próprias crianças de Novo Remanso estão consumindo produtos daqui.</p> <p>Um produto in natura, um produto de boa qualidade, um produto novo, que não precisa importar de nenhum outro canto.</p>
	<p>Repórter questiona sobre a quantidade de produtores beneficiados.</p>	<p>Quantos produtores são beneficiados por conta da agroindústria de vocês?</p> <p>Eu acho que, hoje, uns 80 a 90 produtores, que a gente compra.</p> <p>80 a 90 famílias, então, né?</p> <p>Isso, isso.</p>
  	<p>Enquanto repórter questiona o entrevistado sobre sentimento em relação a outros produtores, aparecem imagens de jujuba e da sócia da empresa que a produz.</p>	<p>E aí nós também temos o exemplo da dona Jane, que também está no Nova Amazônia, está comercializando já, fazendo a jujuba, fazendo o doce, como é que você se sente, Edmar?</p> <p>Realizado, realizado, porque a gente já consegue ver o nosso produto beneficiado pela empresa.</p> <p>E ganhando o mundo...</p> <p>Ganhando mercado, ganhando mercado.</p>
	<p>O repórter questiona o entrevistado que responde sobre dicas e conselhos para futuros investidores, enquanto aparecem na tela imagens do muro da cooperativa e os dois conversando e fazendo</p>	<p>Estamos para todo o Brasil, pela Nova Amazônia, Edmar, qual é a dica que você dá então para quem está querendo investir, querendo se tornar um microempresário. Quais são, assim, os conselhos que você daria, nesse momento, para as pessoas que estão em casa, que estão com vontade de investir nessa área?</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>um brinde com suco.</p>	<p>Então, o conselho, é que você se você tiver um sonho, corra atrás. Não é fácil, porque, na verdade, nada é fácil, mas se você tiver perseverança, você consegue.</p>
	<p>O repórter anuncia a próxima matéria do programa.</p>	<p>Daqui a pouco, o caminho das pedras, dicas valiosas sobre o que fazer para encarar o mercado feito gente grande, o Nova Amazônia volta já.</p>
	<p>Enquanto repórter fala, aparecem, na tela, imagens de crianças aprendendo a caminhar.</p>	<p>Ninguém nasce pronto, todo mundo começa assim. Arriscando, errando até crescer um pouco mais e aprender a caminhar com as próprias pernas, sem um empurrãozinho de ninguém.</p> <p>Algo muito semelhante acontece, também, na economia. As jovens empresas, quando nascem, não fazem a menor ideia da longa trajetória que têm pela frente. Um país cada vez mais empreendedor, deixar o patrão para trás e tomar conta do próprio nariz passou a ser um sonho possível. O que não quer dizer que seja um sonho fácil, afinal, o mundo dos negócios pode ser assustador. Dar os primeiros passos, requer preparação, persistência e uma boa dose de ousadia.</p>
<p data-bbox="261 1525 614 1585">José Olímpio Neto – Sócio da empresa TAP 4 Mobile</p> 	<p>Entrevista conta como foi o início da sua empresa.</p>	<p>Cara, a gente começou numa salinha 3x3, bem pequenininha, todo mundo ali tinha já as suas carreiras em ambiente de tecnologia ou de criação, enfim, aí o mérito da gente tenha sido mesmo ter a coragem de pular, sair de onde estava, se juntar e fazer a empresa.</p>
	<p>Repórter fala sobre a história do entrevistado e aparecem imagens de smartphones na tela.</p>	<p>O José Olímpio tinha um sonho, juntar algumas boas ideias, somá-las a seu conhecimento na área de tecnologia e transformá-las em um negócio. Produzindo, na capital da floresta, aplicativos para smartphones e tablets de todo mundo.</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Entrevistado fala sobre a atividade de sua empresa e sobre a importância de produzir conhecimentos na Amazônia para todo o país.</p>	<p>Pra quem tá no Amazonas, na Amazônia, e poder fazer uma atividade que te proporciona isso: pegar o teu conhecimento, as suas ideias, embarcar dentro de um aplicativo, colocar em um aparelho celular, smartphone ou um tablet, mandar isso para o Brasil para o mundo. Então isso é sensacional! A gente, que é acostumado sempre a só importar o conhecimento dos outros, então está sendo uma experiência muito boa para a gente. Temos alguns clientes bem especiais, a gente tem a Globosat como cliente nosso, a gente fez aplicativo do Multishow, a gente fez aplicativos do Larica Total, que ficou entre os melhores aplicativos do Brasil, aí foi muito badalado esse aplicativo, e já tem acho que perto de 500 mil downloads só dele, é um público muito específico, um programa de receitas, mas ficou muito bacana. A gente fez Sportv, a gente fez GNT também, a gente atende à Samsung na América Latina e tem outros clientes também. A gente tem clientes em Recife, M V Sistemas, agente procurou, é, agente foi em busca de quem poderia consumir o que a gente está produzindo.</p>
	<p>Repórter fala sobre a falta de recursos no início das atividades da empresa do entrevistado, enquanto aparecem, na tela, imagens de jovens trabalhando em frente a computadores.</p>	<p>A boa notícia: outros dois amigos tinham o mesmo perfil e o mesmo sonho, e uniram forças para dar início à empresa Tap4Mobile. A má notícia: nenhum dos três tinha qualquer experiência em gestão, tampouco estrutura ou recursos para impulsionar o empreendimento. A empresa, recém-nascida, precisava de um padrinho generoso, e encontrou. Daí a gente teve oportunidade de se juntar ao CIDE, que proporcionou toda a questão de estrutura, facilitou network também, enfim, traz uma experiência que uma empresa nova não tem. Então é uma aliança muito importante, eu acredito, para uma empresa está começando.</p>
	<p>Repórter fala sobre as incubadoras da Amazônia e do CIDE, enquanto aparecem, na tela, imagens do portão de entrada do CIDE.</p>	<p>O CIDE é uma, dentre diversas incubadoras de empresas, que atuam na Amazônia. Mas por aí, incubadora de empresas? A gente ouviu sobre isso antes, lá com a dona Jane. Mas o que é uma incubadora, afinal?</p> <p>É o que a gente vai conhecer melhor, agora.</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Repórter fala sobre o CIDE em frente ao painel de entrada.</p>	<p>Por trás desses portões, nada menos que 28 jovens empresas, sobrevivem no mercado e encontraram, aqui, apoio para desenvolver suas ideias inovadoras. O Novo Amazônia mostra para você, como funciona esse verdadeiro berçário de empreendedores.</p>
<p data-bbox="317 920 560 981">José Cunha Barbosa – Presidente do CIDE</p> 		<p>O papel da incubadora, ela é um centro de inovação, de base tecnológica, com essas no setor de biotecnologia e tecnologia de ponta, voltado para aquelas empresas que querem se enquadrar nesses objetivos, no CIDE. O processo, primeiro a empresa que quer vir para o CIDE apresenta o seu projeto, que a gente chama de um plano de negócio, onde ele diz é o que ele vai realizar durante a sua estadia de incubação na incubadora, que ela compreenda um prazo de 4 anos. Nós somos uma empresa mãe, ela vem e vai ficar sobre o nosso manto, e aí nós vamos apoiar em todas as suas atividades. Elas fazem um processo de instalação, consolidação, incubação e depois a graduação. Então nesse processo de quatro anos eles passam sobre essas quatro etapas para eles se consolidarem.</p> <p>Então eu vejo o empreendedorismo como uma saída, principalmente para aquele jovem, para aquela empresa, para aquele que quer seguir, almejar alguma coisa na vida. É uma forma de você dar utilidade, de dar utilização e ter meios da juventude, que hoje está iniciando, conseguir um meio de vida.</p>
<p data-bbox="266 1574 608 1603">Marcos Lima – SEBRAE - AM</p>  	<p>Entrevistado fala da importância sobre ter um plano de negócios para iniciar um novo negócio e também para futuras expansões, enquanto passam, na tela, imagens de livros e de pessoas trabalhando na produção.</p>	<p>Mas é importante que empreendedor tenha um conhecimento mínimo, o que ele vai de fato fazer e ele busque, por meio, de como falei, do plano de negócio ou algum outro instrumento, mas, principalmente, o plano de negócio, ele busque concentrar essas informações, organizadas, para que ele possa, de fato, entender qual vai ser o negócio dele, com são as implicações, como que o mercado se comporta, para que ele possa entrar em determinados nichos que existem e muitas vezes não são atendidos. Conhecer bem o mercado.</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>Esses empreendimentos, muitas vezes começam bem pequenos e conforme eles vão crescendo, é necessário que haja também um plano de negócio. É possível de ser feito um planejamento para essa expansão.</p>
	<p>Repórter anuncia a matéria seguinte, enquanto surge na tela imagem de uma caneta sobre imagens de cédulas de papel (reais).</p>	<p>Daqui a pouco, quando uma ideia original encontra o apoio necessário para se concretizar, tudo é possível. Até mesmo uma caneta, que em vez de escrever, lê e fala.</p>
	<p>O repórter se encaminha para a sede da empresa vencedora do prêmio FINEP de inovação.</p>	<p>Nova Amazônia está na zona sul de Manaus, bairro Japiim, para conhecer mais um caso de sucesso. Dessa vez, uma empresa premiada, que era incubada e agora está caminhando com as próprias pernas. O produto deles, é vencedor do prêmio FINEP de inovação, o mais importante concedido às empresas nessa categoria do país, e a categoria que eles ganharam é a categoria tecnologia assistida. Vamos conhecer? Olá, Paula é você? Então, a Nova Amazônia veio conhecer a Pen Top.</p>
	<p>Repórter é recebido pela entrevistada.</p>	<p>Sejam bem-vindos, podem entrar. Obrigado, vamos lá gente? Boa tarde, tudo bem? Parabéns gente... Obrigada. Paula, conta pra nós, estamos curiosos, em primeiro lugar parabéns pelo prêmio nacional. O que significa da ideia até a concepção de vocês vencerem esse prêmio FINEP, conta para nós a história da Pen Top.</p>
<p data-bbox="300 1648 577 1711">Paula Pedrosa – gerente da Pen Top – AM</p> 	<p>Entrevistada fala do início da empresa, da importância da incubadora e do prêmio FINEP de Inovação.</p>	<p>Isso, na verdade, a Pen Top é uma empresa que nasceu numa incubadora, então ela nasceu como uma empresa planejada, agente fez o plano de negócios para entrar no CIDE, que é o Centro de Incubação, inclusive a gente saiu agora, neste mês de janeiro, a gente vai ficar sendo associado já por 3, 4 anos, vamos ver aí, porque a parceria foi muito boa. E não só esse prêmio, nós trouxemos vários prêmios, e a visibilidade, tanto a empresa quanto para o centro de incubação e à SUFRAMA e todos que apoiam esse centro de incubação. E o</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>prêmio FINEP ele está no nosso plano de negócio, desde 2009, desde a criação. E a gente vem tentando 2009, 2010, 2011 e no ano passado, em 2012, onde foi contemplado tanto na categoria regional, e depois, posteriormente, na categoria nacional do prêmio de acessibilidade. E a intenção é, justamente, ir para os outros estados e mostrar que o Amazonas, sim, faz inovação. Que a gente tem não somente o polo aqui, nós temos pessoas pensantes, que desenvolvem produtos para facilitar, para tornar acessível a todo tipo de público que a empresa vier ater.</p>
  	<p>A entrevistada fala das funções da caneta e surgem na tela imagens da caneta sendo utilizada em livros.</p>	<p>A tecnologia é, justamente, a leitura dos impressos. Você vai apontando a caneta para os impressos ela vai fazendo a leitura conforme a codificação apresentada na impressão. Seleccionamos aqui, tem música também, sons da natureza, informações, vai muito além do escrito, ele vem toda língua portuguesa, mas aqui nós temos mais cinco idiomas. Nós temos a língua portuguesa, espanhol, inglês, italiano e mandarim. Então, ele vem todo sonorizado, tem a parte de música regional, com poesia, como Sandro Braga, que é a parte do eleve-se. Porque o que ele pode colocar noções de música, pode levar a cultura regional, apresentar.</p>
 	<p>Repórter fala sobre o polo industrial de Manaus, sobre o seu isolamento dos grandes centros e sobre a importância de ter como vizinha a floresta com a maior biodiversidade do planeta.</p>	<p>Pois é, Manaus é bem mais do que um polo industrial isolado, cercado de selva por todos os lados. O modelo zona franca, teve importante papel ao estabelecer aqui uma alternativa econômica sustentável, ainda que sujeito a inúmeros desafios para garantir a sua autonomia. A distância desses grandes centros é o maior desses desafios. Mas se, por um lado, esse isolamento em relação aos grandes centros pode limitar algumas oportunidades, por outro, ter como vizinha a floresta com a maior biodiversidade do planeta representa um potencial capaz de compensar qualquer investimento.</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>Dessa mistura tão única entre natureza e urbanidade, tesouros escondidos e grandes ideias nascem a todo o momento. Às vezes no quintal de casa ou nas horas de folga do escritório, o mais difícil é botar a mão na massa e superar as dificuldades de criar um novo negócio em uma região tão particular.</p>
<p>Rosângela Fernandes – coordenadora do CETI – INPA</p>     	<p>Entrevistada fala sobre as particularidades dos produtos da Amazônia e da estrutura que o INPA coloca à disposição dos produtores para que possam desenvolver produtos e registrar patentes comercializáveis.</p> <p>Enquanto isso, surgem, na tela, imagens de coordenadora e de produtos da Amazônia.</p> <p>Na continuidade da fala da entrevistada, surgem imagens de produtos das empresas incubadas no INPA.</p>	<p>A Amazônia é diferente do Brasil, a Amazônia é outro mundo. Então, assim, para se ter o acesso a esses produtos, as nossas frutas são particulares, são diferentes também. Então, organizando isso aí, e dá pra organizar, a gente resolve uma parte do problema, parte do gargalo. Tem quem procura a gente aqui para prestar serviços, prestar serviço no sentido de que existe o caboclo, ribeirinho, que tem muitas formas de fomento para aquele agricultor, mas ele não sabe escrever projetos. O INPA tem pesquisas, tem alunos dos cursos de pós-graduação, e como eles andam por aí, então surgiu a ideia de montar uma empresa de prestação de serviço para elaboração, por meio da prefeitura, para subsidiar projeto pra eles.</p> <p>O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia é referência, no mundo inteiro, um verdadeiro centro de produção de conhecimento sobre a Amazônia.</p> <p>O que pouca gente sabe é que, além das pesquisas, o INPA tem outro papel: transformar as descobertas feitas aqui, em patentes de produtos comercializáveis. Mas nem sempre é fácil romper com esse novo paradigma: dar aplicabilidade às ideias para que não fiquem apenas no papel.</p> <p>A gente tem, hoje, 6 empresas incubadas, área de alimentos, área de cosméticos e a área de fármacos. Uma empresa, em particular, teve acesso à tecnologia, que é a farinha de pupunha. Ela veio no sentido de pedir licença para a produção da farinha de pupunha e viu tudo isso que está acontecendo, esse novo paradigma. E eu disse, olha, eu te dou a licença e ainda te dou apoio, através da incubadora, para fazer isso. E mostrei a vasta forma de fomento que o governo ainda dá para desenvolver essa tecnologia. Então já tem 2 anos que a gente transferiu para essa empresa; a</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>empresa está conosco há 2 anos e, provavelmente, com certeza, na verdade, em novembro a gente está lançando esse produto.</p> <p>Se a gente não organizar o arranjo produtivo local, os produtores organizados, quem tem e quem é o agricultor x daquela fruta, onde ele está, a gente não vai conseguir desenvolver nenhum produto, porque um supermercado não vai querer 10 quilos. Quando a gente divulgar um produto, com base tecnológica a desenvolver uma empresa, dentro do instituto, dando uma incubadora, dá visibilidade, mas para atender é preciso toneladas.</p>
	<p>Entrevistado dá conselhos para jovens empreendedores.</p>	<p>Um conselho que eu posso dar para um jovem empreendedor é que ele não desista da sua ideia. Se ele tem uma ideia, se ele tem um produto que ele vê que tem inovação tecnológica, que ele vê que o mercado vai absorver aquele produto, ele não desista.</p>
	<p>Repórter encerra o programa falando sobre a inspiração da natureza da Amazônia para inovação.</p>	<p>Pequenos empreendedores com ideias grandiosas. A Amazônia é o berço da inovação, embalado pela natureza, no que ela tem de mais inspirador.</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir do vídeo original produzido por Nova Amazônia (2019).

Após a transcrição do programa, direcionamos o nosso olhar para as fontes que foram acionadas no decorrer do episódio. Ao realizarmos o levantamento dessas vozes, conforme os autores que embasam este estudo e pela classificação proposta, apresentamos (Quadro 7) a listagem com as fontes, posição que ocupam no programa e sua classificação.

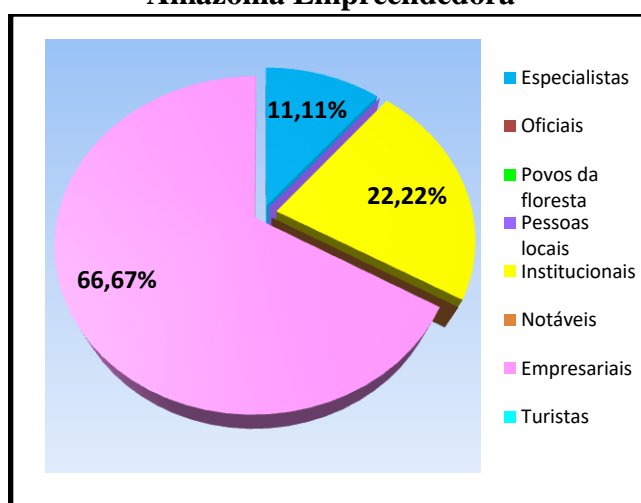
Quadro7 - Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Amazônia Empreendedora

Nome	Designação conforme o episódio	Classificação da Fonte
Flávio Ennes	Sócio da Amazon Doces	Empresariais
Jane Barros	Sócia da Amazon Doces	Empresariais
José Cabral	Diretor da Sohervas	Empresariais
Claudiomar Mendonça	Fornecedor da Unifruit	Empresariais
José Olímpio Neto	Sócio da empresa TAP 4 Mobile	Empresariais
José Cunha Barbosa	Presidente CIDE	Institucionais
Marcos Lima	SEBRAE- AM	Institucionais
Paula Pedrosa	Gerente da Pentop – AM	Empresariais
Rosângela Fernandes	Coordenadora do CETI – INPA	Especialista

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Ao analisarmos a distribuição quantitativa das fontes neste episódio, encontramos a presença de nove pessoas que contribuíram com as discussões propostas pelos repórteres, cuja proporção pode ser visualizada no gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 – Representação das fontes em percentuais no programa Amazônia Empreendedora



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Conforme apresentado no gráfico anterior, a categoria **empresariais** aparece com a maior porcentagem, 66,67% das fontes, representada por seis pessoas. Na sequência, aparece a categoria **institucionais** com 22,22%, o que corresponde a duas pessoas ouvidas. E, por fim, a categoria **especialistas** aparece com 11,11%, correspondente a um entrevistado.

Com essas informações, percebemos que o episódio se propõe a ouvir como os pequenos empreendimentos estão sendo incentivados a partir das incubadoras que atuam na região amazônica para gerar renda à população a partir de produtos locais e desenvolvimento da ciência e tecnologia com apoio do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia).

Observamos que houve equilíbrio entre o número das vozes dos empreendedores ouvidas, mas também houve espaço dedicado às instituições e a especialista no decorrer dos 24 minutos e 23 segundos de duração do episódio.

Observamos que as fontes acionadas no programa, os sócios da Amazon Doces, têm a vivência de morar no local e da importância de valorizar e cultivar as frutas da região. Em especial, a sócia Jane Barros, observa as dificuldades enfrentadas pelos pais para obtenção de renda e a importância de ter uma boa renda dentro do seu município. Essas vozes sentem no seu cotidiano os resultados do apoio do CIDE (Centro de Incubação e Desenvolvimento Empresarial) para expandir os seus negócios e vislumbram as mesmas oportunidades para outros moradores da Amazônia.

Da mesma forma, como salientou a fonte Claudiomar Mendonça da Unifruit, o apoio do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas – IDAM¹⁶ foi decisivo para o desenvolvimento de cooperativas de frutas que oportunizam o escoamento da produção para várias famílias.

Mas até que ponto esses empreendimentos podem afetar a Amazônia? Percebemos que é neste ponto que as fontes institucionais e especialistas entram, para mostrar que os apoios técnicos e científicos podem ser decisivos para transformar uma boa ideia em um produto que pode contribuir para o desenvolvimento sustentável da região. Estas fontes também podem ajudar para lançamentos de produtos com patentes reconhecidas a partir da biodiversidade da Amazônia, assim como bens e serviços de tecnologia de ponta, como é o caso das empresas TAP 4 Mobile, que comercializa aplicativos para tablets e smartphones e Pen Top, vencedora de diversos prêmio, inclusive do FINEP Inovação.

16 O IDAM é o órgão oficial de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Amazonas tem por objetivo a promoção do desenvolvimento socioeconômico das comunidades rurais e como principais atribuições a elaboração, implantação, execução, acompanhamento e controle de planos, programas e projetos de assistência técnica e extensão rural, agropecuária, florestal e pesqueira.

Observamos que o episódio Amazônia Empreendedora busca levar aos expectadores algumas formas de caminhar da Amazônia para o empreendedorismo sustentável. Nesse sentido, as matérias apresentadas vão ao encontro das ponderações de Enríques (2008) sobre a necessidade das políticas públicas para a Amazônia contemplarem as comunidades extrativistas que, historicamente, formam parte da população da Amazônia e que ainda fazem parte da floresta e contam com territórios que exploram de forma sustentável, com práticas extrativistas, com atividade de agricultura familiar e pesca.

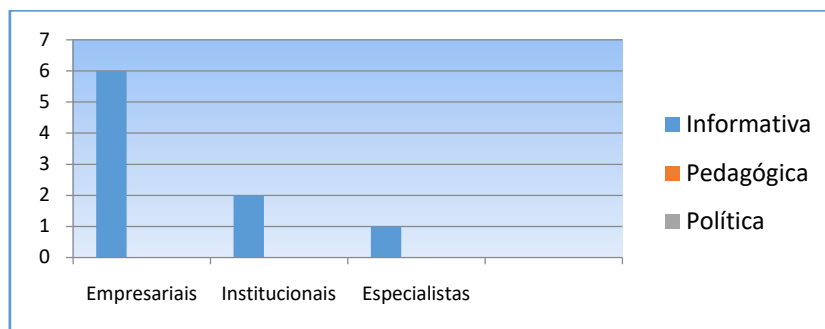
Da mesma forma, o episódio vai ao encontro dos princípios fundamentais para um plano de desenvolvimento sustentável, defendidos por Mello (2015), onde são primordiais a geração cumulativa de conhecimentos, a adoção de tecnologias adequadas e a formação continuada de empreendedores com apoio de quadros científicos de excelência e de força de trabalho capacitada em lidar com esses conhecimentos e tecnologias para se transformarem em processo de modernização, de adaptação das estruturas e culturas institucionais às mudanças em curso e da abertura e fortalecimento dos espaços de participação social.

O episódio traz alternativas de empreendedorismo para combater o alerta de Madeira (2014) sobre os modelos de exploração dos recursos naturais e os chamados serviços ambientais na Amazônia que beneficiam principalmente grandes grupos capitalistas e aprofundam um padrão de desenvolvimento desigual. No geral, as matérias apresentadas tratam de empreendimentos que procuraram agregar valor aos produtos, como a agroindústria de frutas e a fabricação de balas, além das empresas de tecnologia TAP 4 Mobile e Pen Top.

A partir dessas informações, é possível realizar o outro movimento de análise. Assim, buscamos identificar qual a contribuição de cada fonte em relação à temática do episódio, ou seja, qual a função dessas vozes no episódio e sobre o que falam.

Pelas categorias já explicitadas, encontramos somente a **função informativa**, permeando as falas das nove fontes ouvidas. A seguir (gráfico 4), é possível observar as funções de cada fala conforme a classificação de fontes proposta.

Gráfico 4 – Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Amazônia Empreendedora



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Dessa forma, identificamos como informativas as falas dos seis empresários: Flávio Ennes, Jane Barros, José Cabral, Claudiomar Mendonça, José Olímpio Neto e Paula Pedrosa. Também foram informativas as duas falas institucionais de José Cunha Barbosa, presidente do CIDE e de Marcos Lima, representante do SEBRAE-AM, e uma fala da especialista Rosângela Fernandes, coordenadora do CETI-INPA.

Apesar de não figurar como povo local, a fala da empresária Jane Barros compartilha com o repórter a sua vivência na infância e a dificuldade que seus pais enfrentaram para sobreviver da agricultura, como podemos observar neste trecho: “Eu sou do município de Manicoré, então meu pai criou 12 filhos com agricultura. Não conseguindo escoar a produção dele, muitas das vezes ele jogou fora.” A sua fala também pontua as mudanças na sua vida oportunizadas pelo fato de ter empreendido e de poder contar com o apoio de uma incubadora, destacando que as mesmas oportunidades podem ser partilhadas por comunidades vizinhas, como podemos observar nesse trecho:

[...] E eu acho meu trabalho, assim, muito importante. Porque, além de estar divulgando as nossas frutas amazônicas, eu me sinto feliz porque eu estou realizando um sonho, tá, eu sei que eu posso sobreviver e ter uma boa renda dentro de um município. Eu fico muito feliz com isso, e em saber que lá em Presidente Figueiredo, lá em Amaturá, lá em Manicoré, Rio Preto da Eva, Careiro Castanha, tem pessoas simples como eu, que tem sonhos igual a mim, entendeu? Que estão tentando vender sua produção, tentando criar seus filhos, com respeito, com dignidade e com oportunidade.

Do texto é possível observar a importância do estímulo de práticas que estimulem a agroindústria de forma sustentável, como alternativas para os amazônicos. As falas dos empresários Lávio Ennes e Claudiomar Mendonça também tratam dessas oportunidades, conforme podemos observar nos trechos a seguir.

Lávio: A inovação nossa, no caso, a jujuba de cupuaçu. Então, a gente pegou, conseguiu entrar no CIDE, depois de muito tentar, trabalhando em casa, trabalhando em outros locais, sempre queríamos entrar no CIDE - Centro de Incubação de Empresas. Eu tive essa experiência, agora na última feira, de chegar e oferecer a jujuba, da prova [...] E realmente, quando o pessoal provava, aceitava muito bem.

Claudiomar: Trabalhar com frutas, aqui no Amazonas, é meio complicado, por causa do clima, e tem hora que ou chove muito ou tem pouca chuva, mas tudo é desafio. Houve a necessidade de uma agroindústria aqui na região de Novo Remanso por causa da demanda de frutas que foi bem crescente. Muita produção depois que foi instalado um escritório do IDAM local aqui na região, então existia aqui uma produção significativa, mas não tanto. E depois que o IDAM foi localizado aqui nessa região, a produção triplicou. [...] Eu acho que, hoje, uns 80 a 90 produtores, que a gente compra. 80 a 90 famílias, então, né? Isso, isso.

A fala do empresário José Cabral, Diretor da Sohervas, é permeada pelo sentimento amazônico, como no trecho: “*Quem olha para a Amazônia acha que a Amazônia não tem nada. Que é um vazio, tem só floresta, não tem mais nada. E é um ledor engano, a Amazônia tem preciosidades que o mundo está por descobrir, com certeza absoluta. A Amazônia é um nome apelativo, então você tem um produto da Amazônia, todo mundo tem curiosidade de saber, de querer saber a história, porque essa é a verdade, em cada fruta tem sua história, tem uma lenda por detrás.*”. A sua fala, assim como a de Jane Barros é atravessada por suas vivências da floresta e como essa cultura a possibilitou unir vivência prática com obtenção de renda sem prejudicar a floresta, respeitando o ciclo da natureza.

Ao mesmo tempo, gerações que não tiveram vivência com a floresta estão buscando oportunidades sustentáveis com o desenvolvimento de tecnologias para fora da Amazônia, como a fala do empresário José Olímpio Neto, sócio da empresa TAP 4 Mobile, conforme trecho a seguir:

[...] Pra quem tá no Amazonas, na Amazônia, e poder fazer uma atividade que te proporciona isso: pegar o teu conhecimento, as suas ideias, embarcar dentro de um aplicativo, colocar em um aparelho celular, smartphone ou um tablet, mandar isso para o Brasil para o mundo. Então isso é sensacional! A gente, que é acostumado sempre a só importar o conhecimento dos outros, então está sendo uma experiência muito boa para a gente.

No mesmo sentido, a fala de Paula Pedrosa, gerente da Pentop, destaca a importância do incentivo do CIDE para desenvolver tecnologia na Amazônia, reconhecida com prêmios nacionais de inovação.

[...] a Pen Top é uma empresa que nasceu numa incubadora, então ela nasceu como uma empresa planejada, agente fez o plano de negócios para entrar no CIDE, que é o Centro de Incubação, inclusive a gente saiu agora, neste mês de janeiro, a gente vai ficar sendo associado já por 3, 4 anos, vamos ver aí, porque a parceria foi muito boa. E não só esse prêmio, nós trouxemos vários prêmios, e a visibilidade, tanto a empresa quanto para o centro de incubação e à SUFRAMA e todos que apoiam esse

centro de incubação. E o prêmio FINEP ele está no nosso plano de negócio, desde 2009, desde a criação. E a gente vem tentando 2009, 2010, 2011 e no ano passado, em 2012, onde foi contemplado tanto na categoria regional, e depois, posteriormente, na categoria nacional do prêmio de acessibilidade.

Além disso, a fala de Paula Pedrosa destaca a importância do reconhecimento do Estado do Amazonas como inovador e exportador de tecnologia, conforme o trecho:

E a intenção é, justamente, ir para os outros estados e mostrar que o Amazonas, sim, faz inovação. Que a gente tem não somente o polo aqui, nós temos pessoas pensantes, que desenvolvem produtos para facilitar, para tornar acessível a todo tipo de público que a empresa vier ater.

Em relação às duas fontes institucionais, ambas são informativas e explicam como é feito o apoio das incubadoras, como a fala do Presidente do CIDE, José Cunha Barbosa, nos seguintes trechos:

O papel da incubadora, ela é um centro de inovação, de base tecnológica, como essas no setor de biotecnologia e tecnologia de ponta, voltadas para aquelas empresas que querem se enquadrar nesses objetivos, no CIDE. [...] Nós somos uma empresa mãe, ela vem e vai ficar sobre o nosso manto, e aí nós vamos apoiar em todas as suas atividades. Elas fazem um processo de instalação, consolidação, incubação e depois a graduação. Então nesse processo de quatro anos eles passam sobre essas quatro etapas para eles se consolidarem.

Então eu vejo o empreendedorismo como uma saída, principalmente para aquele jovem, para aquela empresa, para aquele que quer seguir, almejar alguma coisa na vida. É uma forma de você dar utilidade, de dar utilização e ter meios da juventude, que hoje está iniciando, conseguir um meio de vida.

Já a fala do representante do SEBRAE do Amazonas, Marcos Lima, ressalta a importância de um conhecimento mínimo de mercado e do planejamento para o sucesso de um pequeno negócio e para a sua expansão.

Mas é importante que empreendedor tenha um conhecimento mínimo, o que ele vai de fato fazer e ele busque, por meio, de como falei, do plano de negócio ou algum outro instrumento, mas, principalmente, o plano de negócio, ele busque concentrar essas informações, organizadas, para que ele possa, de fato, entender qual vai ser o negócio dele, com são as implicações, como que o mercado se comporta, para que ele possa entrar em determinados nichos que existem e muitas vezes não são atendidos. Conhecer bem o mercado.

Esses empreendimentos, muitas vezes começam bem pequenos e conforme eles vão crescendo, é necessário que haja também um plano de negócio. É possível de ser feito um planejamento para essa expansão.

A única fonte especialista é da coordenadora do CETI – INPA, Rosângela Fernandes, e sua fala trata justamente sobre as dificuldades enfrentadas pelos amazônidas para preparar projetos que possam ser passíveis de aprovação para obtenção de benefícios e dos arranjos produtivos que o INPA incentiva, conforme trechos a seguir:

Tem quem procura a gente aqui para prestar serviços, prestar serviço no sentido de que existe o caboclo, ribeirinho, que tem muitas formas de fomento para aquele agricultor, mas ele não sabe escrever projetos. O INPA tem pesquisas, tem alunos dos cursos de pós-graduação, e como eles andam por aí, então surgiu a ideia de montar uma empresa de prestação de serviço para elaboração, por meio da prefeitura, para subsidiar projeto pra eles.

O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia é referência, no mundo inteiro, um verdadeiro centro de produção de conhecimento sobre a Amazônia.

O que pouca gente sabe é que, além das pesquisas, o INPA tem outro papel: transformar as descobertas feitas aqui, em patentes de produtos comercializáveis. Mas nem sempre é fácil romper com esse novo paradigma: dar aplicabilidade às ideias para que não fiquem apenas no papel.

A gente tem, hoje, 6 empresas incubadas, área de alimentos, área de cosméticos e a área de fármacos.

[...] Se a gente não organizar o arranjo produtivo local, os produtores organizados, quem tem e quem é o agricultor x daquela fruta, onde ele está, a gente não vai conseguir desenvolver nenhum produto, porque um supermercado não vai querer 10 quilos. Quando a gente divulgar um produto, com base tecnológica a desenvolver uma empresa, dentro do instituto, dando uma incubadora, dá visibilidade, mas para atender é preciso toneladas.

Conforme a fala do repórter Meike Farias, a Amazônia é muito mais do que um imenso mar de plantas, rios, animais frutas exóticas, e de pessoas que vivem uma vida sossegada em meio a tudo isso, pois para garantir a sobrevivência, na cidade, pode ser tão selvagem quanto a que ocorre na floresta. O apoio das incubadoras e do SEBRAE pode ser decisivo para que pequenos empreendedores possam colocar em prática ideias grandiosas e contribuir para que a Amazônia seja um o berço da inovação embalado pela natureza.

7.3 SINAIS DA NATUREZA

Neste episódio, vinculado à segunda temporada do Nova Amazônia e produzido no ano de 2013, com duração de 25 minutos e 33 segundos, os repórteres Denilson Novo e Barbarah Israel buscam desvendar os sinais que a natureza vem demonstrando como alerta para os impactos negativos ao ambiente. Conforme sinopse¹⁷ disponibilizada pela TV Escola, o episódio Sinais da Natureza pode ser assim descrito:



Mudanças ambientais acontecem periodicamente há milhões de anos em nosso planeta. Porém, as ações do homem no ambiente podem potencializar e acelerar os efeitos dessas alterações. A natureza emite alguns pequenos sinais. Saber interpretá-

¹⁷ Essa informação pode ser conferida no site da TV Escola: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/nova-amazonia-temporada-2-sinais-da-natureza>.

los pode fazer toda a diferença para se evitar uma catástrofe ou conceberem-se soluções para o desenvolvimento urbano. **O programa vai em busca desses "biomonitores" e de como a ciência e as comunidades tradicionais estão aprendendo a lidar com esses indicadores de novos tempos.** (TV ESCOLA, 2018, documento eletrônico, **grifo nosso**)

Para acompanhar o episódio e conhecer quem são as fontes entrevistadas e suas contribuições à temática do programa, segue (Quadro 8) a transcrição completa do episódio com destaque para identificação das fontes e suas falas, assim como a descrição das cenas, além de imagens de fontes e cenários.

Quadro 8 – Transcrição do Programa Sinais da Natureza

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>A Repórter Barbarah Israel explica, em off¹⁸, sobre as mudanças climáticas.</p>	<p>Cheia recorde, secas duradouras, poluição. Os ventos das mudanças sopram por essas bandas, e anunciam que o mundo não é mais o mesmo. E quem vive isso, no seu cotidiano, já percebeu que algo novo, mas que vem acontecendo há alguns anos. Essas mudanças não são silenciosas, basta prestar um pouquinho mais de atenção para perceber que a natureza avisa, quando algo está errado. Os avisos são dados com pequenos sinais, que vão desde mudanças físicas de animais ou árvores, às alterações no clima. E quem vive sob o regime das águas, sabe muito bem o que é conviver com essas mudanças.</p>
	<p>Repórter Denilson Novo entrevista um prático em navegação.</p>	<p>Chiquinho, então, tu conheces bem aí, os furos, os igarapés, as passagens desses rios, dessa região aqui.</p>
<p>Chiquinho – Prático</p>	<p>Prático relata sua experiência na região.</p>	<p>Conheço sim. Nessa área, onde nós trabalhamos, eu conheço muito bem, essa área aqui, como a minha mão. Tanto faz ser o dia, como a noite, eu chego em qualquer lugar, aqui da área que nós navegamos.</p>

¹⁸ Texto gravado e narrado pelo repórter enquanto outras imagens aparecem na tela.







Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		
	<p>Repórter faz pergunta sobre previsões.</p>	<p>Nesse tempo aí, que você trabalha, já há 10 anos, como prático, nessa região, que você conhece tão bem, é possível prever a época exata da cheia, da vazante?</p>
	<p>Entrevistado responde, enquanto aparecem imagens das águas.</p>	<p>Não, agora não dá pra prever, porque tá muito mudado. Antes dava, hoje, não dá muito pra você prever uma data, que vai tá cheio, que vai tá seco, porque tá mudando muito o tempo, o clima, aqui, na nossa região.</p>
	<p>Repórter pergunta sobre como era no passado.</p>	<p>Antigamente, natural, essa mudança era mais ou menos como?</p>
	<p>Entrevistado relata como era antigamente</p>	<p>Antigamente, a mudança, essa época, costumava estar bem mais seco, o rio. Hoje, como você vê, a seca está bastante atrasada.</p>
	<p>Repórter questiona definição das cheias e secas, no passado.</p>	<p>Está atrasada, mas a época de cheia, ia de quando, até quando, e a de seca, ia de quando, até quando?</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Entrevistado responde, enquanto passam imagens da região.</p>	<p>A época da seca é de julho, agosto, até setembro. E a cheia, é de outubro, novembro, até dezembro, janeiro.</p>
	<p>Repórter pergunta</p>	<p>Porque, que você acha, que não dá mais pra prever, essas mudanças?</p>
	<p>Entrevistador responde.</p>	<p>Olha, isso aí é uma coisa, que eu acho que é o tempo que tá mudando, as coisas estão ficando mudada, tá tudo diferente, hoje, até o tempo, o clima, tá mudando. Eu acho que é por isso que está tendo essa mudança, nas águas do rio.</p>
	<p>Repórter explica as consequências das mudanças climáticas.</p>	<p>Todas essas mudanças afetam, também, o ecossistema. Até com certa antecedência, como se fosse um aviso silencioso. Mas para perceber esses alertas, é preciso um olhar mais apurado. E é nesse ponto, que entra a ciência, e os chamados biomonitores.</p>
<p>Adalberto Val – Pesquisador/Inpa</p> 	<p>Pesquisador explica o que são os biomonitores, enquanto fala, o vídeo se divide com alguns exemplos. No decorrer de sua fala, aparecem mais imagens de exemplos, sobretudo, com relação ao Tambaqui.</p>	<p>Biomonitores, se você está se referindo à biologia, de uma maneira geral, a gente poderia chamá-los de sentinela biológica. Sentinelas, são organismos que vão se adaptando às modificações ambientais e manifestam, essas modificações, de alguma forma. Nós, quando estamos estudando esses organismos, buscamos esses identificadores, essas modificações que esses organismos exibem. Essas modificações podem ocorrer em qualquer nível da organização biológica, desde o comportamental, até o nível molecular. Em</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>geral, quando certo organismo não se sente bem, em determinado ambiente, ele tende a deixar esse ambiente, ele tende a mudar para outro ambiente. O homem faz isso, e quase todos os animais fazem isso. Eles exibem modificações em outros níveis da organização biológica. Por exemplo, na respiração, tá certo. Um exemplo, bem típico, da nossa região aqui, é o tambaqui. Quando não existe oxigênio na água, quando o oxigênio está muito baixo, o tambaqui desenvolve os lábios inferiores, expande os lábios inferiores e começa a nadar próximo à superfície da coluna d'água. E ele usa esses lábios, para captar o primeiro filme da coluna d'água, que é mais rico em oxigênio.</p> <p>Então, esses exemplos, são exemplos de organismos sentinelas. O lábio do tambaqui, indica, claramente, que ele está vivendo em um ambiente sem oxigênio. Um peixe, que é típico de um ambiente, que é encontrado em outro ambiente, também indica que naquele ambiente houve uma modificação ambiental importante, que mexeu com o comportamento do animal. Então esse conjunto de organismos, é chamado de sentinelas biológicas.</p>
	<p>Repórter Barbarah Israel mostra exemplo de formigas.</p>	<p>E às vezes, os sinais das mudanças, podem estar onde a gente menos enxerga.</p>
<p>Janaína Brito – Doutoranda em Entomologia/Inpa</p> 	<p>Doutoranda em entomologia explica sobre insetos. À medida que fala, aparecem, na tela, exemplos.</p>	<p>O inseto, ele é um organismo que não é muito visível, que tem uma imagem muito pejorativa, de modo geral. Então se prefere dá ênfase a outros grupos, como os peixes, que têm uma função econômica maior, né. Eu acho que quando a comunidade, em si, passar a ver a utilidade desses organismos, a função deles, eu acho que aí, isso pode, com o passar do tempo estar mudando. Mas é uma questão de tempo, né, de educação mesmo.</p>





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		
<p data-bbox="272 524 604 584">Vivian Campos de Oliveira – Bióloga/Inpa</p> 	<p data-bbox="676 663 938 757">Bióloga fala sobre os insetos. Aparecem exemplos de insetos.</p>	<p data-bbox="963 557 1445 757">Eles são considerados biomonitores porque eles são sensíveis a variação no ambiente. E a presença, ou ausência, de algum determinado tipo de inseto, e também o número de quantidade de espécies, é o que a gente chama de riqueza.</p>
<p data-bbox="272 1128 604 1189">Giselle Amora – Mestre em entomologia/Inpa</p> 	<p data-bbox="676 1323 938 1489">Mestre em entomologia explica sobre o estudo de insetos, aparecem exemplos à medida que ela fala.</p>	<p data-bbox="963 1128 1445 1435">Através do estudo, com os insetos, a gente pode determinar a qualidade do ambiente, né. Existem alguns insetos, que eles são específicos de determinados locais, por exemplo, bichos de lagos, bichos de igarapés, né. Então, através da fauna coletada, a gente consegue determinar de qual tipo de ambiente, aquele animal ele é encontrado.</p>
<p data-bbox="272 1749 604 1809">Vivian Campos de Oliveira – Bióloga/Inpa</p> 	<p data-bbox="676 1783 938 2024">Bióloga fala sobre a qualidade do ambiente e a influência sobre os insetos. Aparecem cenas do igarapé e de insetos, enquanto explica.</p>	<p data-bbox="963 1767 1445 1899">Ambientes preservados, como esses aqui, eles têm uma quantidade de espécies maior, porque têm um número de locais para ele viver e de alimento muito mais variado.</p> <p data-bbox="963 1939 1445 2007">Então, acontece que muitas espécies conseguem viver nesse tipo de ambiente.</p> <p data-bbox="963 2047 1445 2074">Quando a gente impacta o igarapé, de</p>





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>alguma forma, muda esse tipo de substrato, e reduz a quantidade de alimento que existe para esses insetos. E os insetos, deixam de viver, principalmente, aqueles que são muito sensíveis.</p> <p>Existem muitos insetos que são sensíveis a essa variação na qualidade do ambiente, eles exigem um ambiente bem preservado.</p>
<p data-bbox="240 555 635 613">Renato Tavares – Doutorando em entomologia/Inpa</p> 	<p>Doutorando explica como o impacto ao ambiente é constatado. A medida que explica a causa do impacto, aparecem os exemplos na metade da tela.</p>	<p>A gente pode ver, através da avaliação da comunidade dos insetos, se aquele ambiente está sendo impactado, seja por esgoto doméstico, seja pela entrada de efluente industrial. E através de mudança no ciclo de vida desses insetos pode se tornar mais rápido em função do aumento da temperatura. E a gente pode ter uma noção do que está acontecendo com aqueles organismos e consequentemente com o ambiente. Nos ambientes impactados, você vai ter pouquíssimos números de espécies que são tolerantes àquelas condições.</p>
<p data-bbox="272 1142 603 1200">Vivian Campos de Oliveira – Bióloga/Inpa</p> 	<p>Bióloga faz um comparativo entre o ambiente impactado e o não impactado. Aparecem exemplos, no decorrer da fala.</p>	<p>No ambiente preservado, existe um equilíbrio dentro da comunidade. Porque existem predadores, existe, toda a cadeia alimentar está em equilíbrio. E quando a gente vai para um ambiente impactado, os predadores, às vezes, morrem, porque são sensíveis e existe um desequilíbrio naquele ambiente. Então existe um predomínio das espécies tolerantes.</p>
<p data-bbox="256 1729 619 1787">Giselle Amora – Mestre em entomologia/Inpa</p> 	<p>Mestre em entomologia explica o resultado das pesquisas de impacto.</p>	<p>Com o resultado das pesquisas, são feitos projetos para a conservação, manejo e preservação de áreas que foram degradadas, até mesmo de áreas não degradadas. Para, no caso de áreas degradadas, para recuperação dessas áreas, e áreas não degradadas, para a conservação.</p>






Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Repórter Denilson Novo reflete sobre a influência das mudanças climáticas. Aparecem exemplos se contrastando, entre seca e chuva.</p>	<p>A gente ouve falar muito sobre mudanças climáticas e os seus impactos, no meio ambiente. Mas como será, que essas mudanças, afetam o cotidiano de quem depende da natureza para tirar o seu sustento? Será que as coisas, realmente, mudaram?</p>
<p style="text-align: center;">Aluízio Sales - Feirante</p>    	<p>Feirante fala sobre a oferta de peixes. Aparecem imagens de feira e de peixes. Também de rios, barcos e navios.</p>	<p>Na época que, há 10 anos, tinha mais peixe, né. Hoje, tem pouco. Eu me lembro do tempo, em que eu morava no interior, a donde hoje, mora a gente e, há 20 anos, passava navio. Você vê que a natureza, está aí, o rio está enchendo de praia, de terra. E, eu acho que isso aí, falta espaço para os peixes, né.</p>
<p style="text-align: center;">Chiquinho - Prático</p>	<p>Repórter retorna à conversa com prático, refletindo sobre a consequência das mudanças na vida das pessoas.</p>	<p>Essas mudanças, aí, que tem acontecido, que não dá para prever mais da forma como se previa antigamente, que tinha a época, certinha, da seca, a época, certinha da cheia, como é que isso interfere, também, na vida das pessoas que você convive, das histórias que você ouve.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		
	<p>O entrevistado relata as dificuldades que ele percebe, e aparecem imagens de barcos com muitas pessoas.</p>	<p>Isso é coisa que fica muito difícil, né, o pessoal, eles reclamam muito, que fica difícil, para eles, que eles têm que se locomover, das suas comunidades para ir para a cidade, às vezes fazer compra, para o médico. E isso, dificulta muito a vida das pessoas. Eles também reclamam muito disso. Mas é uma coisa que a gente não pode fazer nada, né, porque é uma coisa da natureza, a gente só tem que aceitar isso. Tem que aproveitar, como agora essa época, o rio está começando a secar, então você tem que fazer tudo que você tem que fazer, agora, para esperar a seca. Porque você não pode saber, prever, se ela vai ser grande ou pequena.</p>
<p style="text-align: center;">Jochen Schöngart – Pesquisador-Inpa</p> 	<p>Pesquisador fala sobre as mudanças de extremos, nos últimos 25 anos, no clima de Manaus. Aparecem fotos do Porto de Manaus, de cheias e secas.</p>	<p>Observando os dados, obtidos no porto de Manaus, que tem desde 1903, a gente observa, nos últimos 20, 25 anos, um aumento, tanto de cheias, e também de secas. Isso não se observa nos primeiro 80 anos desse registro. Então, tendo esse aumento de extremos, e isso resulta na pergunta: isso ainda pode ser explicado na variabilidade natural desse regime hidrológico ou temos uma manifestação de mudanças climáticas causado pelo ser humano. Desenvolvemos, um pequeno modelo, para prever cheias, aqui na região Amazônica. Baseado nos níveis de água, em março, aqui no porto de Manaus e nesse modelo, também, são integrados informações de anomalias de temperaturas superficiais do Pacífico Equatorial, também do Atlântico Tropical Norte. E, com esse modelo, a gente pode fazer a previsão, com antecedência de uns 100 dias, 3, 4 meses para a cheia, que ocorre, naturalmente, na segunda quinzena de junho.</p>




Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		
<p data-bbox="240 607 635 636">Adalberto Val – Pesquisador/Inpa</p> 	<p data-bbox="676 589 935 786">Pesquisador fala sobre as adaptações dos peixes às mudanças. Aparecem imagens de peixes, de poluição e da Amazônia.</p>	<p data-bbox="960 589 1445 1173">A gente vem, ao longo desse tempo todo, estudando, basicamente, as adaptações dos peixes às mudanças ambientais, de uma maneira geral. Tanto aquelas naturais, quanto as mudanças causadas pelo homem. A Amazônia é um espaço espetacular para esse tipo de coisa, porque a gente não tem um ambiente constante, permanente. O nosso ambiente, aqui, é um ambiente dinâmico, com oscilações do nível de água, ao longo do ano, da disponibilidade de oxigênio, formação de novos ambientes, desaparecimento de outros ambientes, como ocorre na várzea. E aí, o que acaba acontecendo que os peixes têm que se adaptar, a essas variações naturais do ambiente.</p>
	<p data-bbox="676 1451 935 1570">Repórter Barbrah Israel pergunta sobre a função das folhas.</p>	<p data-bbox="960 1451 1445 1653">Além dos animais, as árvores e plantas podem ser nossas aliadas nessa tentativa de tentar compreender o que acontece nessa luta por espaço, entre cidade e floresta. Qual é, especificamente, a função das folhas?</p>
<p data-bbox="288 1865 587 1928">Michael Hopkins – Curador herbário do Inpa</p>	<p data-bbox="676 1899 935 2065">Curador explica a principal função das folhas, aparecendo um exemplo de folha. Também explica a</p>	<p data-bbox="960 1865 1445 2065">Folha é muito simples, folha ela é para uma função só, que é produzir açúcar. Fotossíntese, usando energia do sol, usando água do solo e usando gás carbônico atmosférico. Para nós, essa reação tem vários efeitos colaterais, um é que ele</p>


Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
 	<p>foto-síntese e suas consequências, aparecendo imagens ao decorrer da fala.</p>	<p>absorve carbono, como já falamos, que é bom, outro é que produz oxigênio, que também é bom, que nós precisamos.</p> <p>E tem outros efeitos colaterais, como esse efeito de respiração, efeito na temperatura local, que ele reduz a temperatura. Diz-se que, uma árvore grande é equivalente a cinco ares condicionadores grandes.</p>
	<p>Repórter pergunta ao entrevistado se a folha pode ser considerada um biomonitor.</p>	<p>A gente pode dizer que a folha é um biomonitor?</p>
<p style="text-align: center;">Michael Hopkins – Curador herbário do Inpa</p> 	<p>Entrevistado responde a pergunta, aparecem cenas dos espaços urbanos e trânsito de Manaus.</p>	<p>Sim, sim, com certeza. A análise da composição, diz coisas, diretamente sobre a atmosfera. Especialmente aqui, em áreas mais urbanas, que tem outras coisas que folhas fazem, que eles estão filtrando o ar, o tempo todo. E, numa cidade com muito trânsito, como Manaus tem, hoje em dia, é muito chumbo, etc. no ar, muito poluentes que são ruins, especialmente metais pesados. E algumas árvores são ótimos filtros para isso. Elas fazem limpeza, do ar. E isso você vê, se tem trânsito aqui, árvores aqui, tem menos poluição aqui, que aqui, porque a árvore funciona como uma barreira, outra função muito importante de árvores no espaço urbano.</p>
	<p>Repórter pergunta se a ação humana influencia o desenvolvimento das árvores. Enquanto aparecem cenas de uma árvore. Entrevistado responde à pergunta.</p>	<p>E na questão do desenvolvimento da planta, da árvore, por exemplo, assim, essas ações do homem, acabam interferindo também?</p> <p>Com certeza. Mas o problema é como quantificar isso, como medir isso. Que sabemos que tem mudanças grossas, realmente, nos últimos anos, nos últimos 50, 100 anos, na atmosfera do planeta. E o planeta está reagindo.</p>
<p>Adalberto Val – Pesquisador/Inpa</p>	<p>Pesquisador explica a</p>	<p>Então, mais recentemente, o que nós</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Aplicação do conhecimento acumulado. Aborda a adaptação à exposição ao dióxido de carbono e aparece uma animação sobre a evolução, ao longo dos anos, das concentrações de CO² na atmosfera.</p>	<p>fizemos foi, usar esse conhecimento, que a gente acumulou ao longo do tempo, estudando os organismos, as variações naturais, para estudar, agora, mais recentemente, como é que esses organismos são capazes de sobreviver às mudanças climáticas, de uma maneira geral. Nós sabemos que, ao longo do processo evolutivo, nós tivemos concentrações, extremamente altas, de dióxido de carbono, na atmosfera. Preocupa é que as variações que nós estamos tendo, os incrementos que nós estamos tendo, hoje, são muitos rápidos, em relação aquilo que aconteceu, ao longo do processo evolutivo. Hoje, nós temos uma escala, que é medida em dezenas de anos, e anteriormente, nós tivemos uma escala, que era medida em milhões de anos. Então os organismos tiveram tempo, de se adaptar, a essas variações todas do ambiente.</p>
	<p>Pesquisador continua, explicando os experimentos feitos no Inpa. Ilustrações surgem à medida que se aborda as situações.</p>	<p>Mas o que nós queremos saber hoje, é como é que os organismos sobrevivem a essas mudanças. É muito provável, que eles tenham conservado, no seu patrimônio genético, informações que permitam eles sobreviverem a essas mudanças. Por quê? Porque, no passado, eles já enfrentaram essas condições, com alto nível de CO². Então, nós construímos, aqui no Inpa, salas, especialmente climatizadas, para reproduzir os cenários climáticos do ano 2100. E nestas salas, nós estamos colocando os peixes, nós estamos colocando insetos, nós estamos colocando plantas, e estudando como é que eles se comportam, nesses novos cenários previstos pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas para o ano 2100. Que são, basicamente, cenários que envolvem altas concentrações de CO², em relação ao que nós temos hoje, e temperaturas de até 6 graus, acima do que a gente tem hoje.</p> <p>Como é que o tambaqui viveria nessa situação? Ele cresceria mais ou cresceria</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>menos? Teríamos mais tabaqui para as nossas mesas ou menos tabaqui? E a malária, como é que ela se comportaria? As plantas cresceriam da mesma forma? Nós não temos essas respostas ainda, mas estamos agora, exatamente nesse momento, estudando isso para poder, então, responder essas questões, brevemente.</p>
	<p>Repórter Denilson Novo pergunta ao indígena sobre as mudanças que a natureza demonstra. Aparecem imagens do povo indígena, enquanto se pergunta.</p>	<p>Para quem vive na floresta, é fundamental saber interpretar os sinais que a natureza dá, né.</p> <p>Como é que vocês compreendem essas mudanças que têm acontecido, no tempo como um todo, no clima?</p>
<p>Ouvídio Tukano - Benzedor</p>  <p>Antigamente, os sábios do povo Tukano conseguiam olhar para as constelações e fazer previsões</p> <p>Antes, com seus cachimbos, os sábios da tribo pediam proteção para o Senhor da Floresta</p>	<p>Benzedor fala como seu povo previa as mudanças climáticas.</p>	<p>Antigamente, os sábios do povo Tukano conseguiam olhar para as constelações e fazer previsões. Ao entardecer, as estrelas já aparecem. Tá tudo bagunçado, não dá para interpretar o tempo... Antes, com seus cachimbos, os sábios da tribo pediam proteção para o Senhor da Floresta. E isso não acontece mais... Temos poucos homens ligados ao espírito da floresta para benzer e pedir proteção e equilíbrio. Por isso o céu nos dá o sinal e o clima bagunçado prova isso.</p>
<p>Bonifácio Baniwa –</p>	<p>Secretario SEIND</p>	

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="331 271 544 297">Secretário SEIND</p> 	<p data-bbox="676 271 935 400">relata a experiência indígena e que não é mais possível se fazer previsões.</p>	<p data-bbox="960 271 1441 1211">Antes, quando se falava de mudança climática, aquecimento global, a gente achou que isso era problema da cidade, problema de quem vive longe. E, na verdade, não é. Ele atinge quem mora no mato, na floresta, nos rios. Porque, como antes, o povo nosso, era orientado, através da posição de constelação, como vai vir as estações, o que pode vir pela frente, isso era um planejamento que um líder podia orientar o povo. Com essa mudança, não é mais possível seguir, por exemplo, a posição de estrelas, de constelações estações que vão vim. Porque mudou muito, a época que era para chover, hoje mudou. O que era época de verão, hoje chove muito. A água não desce, é porque era para ser inverno, inverte isso. Época que era para dar fruta, hoje, inverte também. Dentro do que se explica, na ciência, é por causa do aquecimento, mas no entendimento tradicional, nosso, o que ficou claro é que a posição das estrelas, não orienta mais a estação, quando vai ter piracema, quando vão voar os saús, vários outros tipos de animais, que têm a ver com a nossa vida, que serve de alimento.</p>
	<p data-bbox="676 1352 935 1592">Repórter Barbrah Israel fala sobre o método de determinar a idade de árvores, enquanto aparecem animações. Além de imagens.</p>	<p data-bbox="960 1375 1441 1720">Uma das formas de determinar o que ocorre com o meio ambiente, é observando o tempo de vida das árvores. Essa observação é feita pelos pesquisadores, que utilizam o método científico de nome bem difícil, chamado Dendrocronologia. O método, ajuda a descobrir quantos anos uma árvore possui. A contagem da idade é feita a partir dos anéis localizados dentro dos troncos. Cada anel equivale a um ano de vida.</p>
<p data-bbox="288 2018 587 2074">Michael Hopkins – Curador herbário do Inpa</p>	<p data-bbox="676 2018 935 2074">Curador fala sobre a determinação da idade</p>	<p data-bbox="960 2040 1441 2063">Com essas informações podemos determinar</p>




Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>das árvores.</p>	<p>a idade de uma árvore, podemos obter informações sobre as taxas de incremento, anuais, no diâmetro, e relacionar isso com fatores climáticos e ambientais.</p>
	<p>Repórter Barbarah Israel questiona como a idade das árvores determina o que está acontecendo ao nosso redor.</p>	<p>E como é que a gente pode interpretar, pelas árvores, o que está acontecendo ao nosso redor, é possível?</p>
<p>Michael Hopkins – Curador herbário do Inpa</p> 	<p>Entrevistador explica sobre a preocupação com as mudanças globais.</p>	<p>É possível. Tendo grande preocupação como mudanças globais, causadas pelo ser humano, afeta a dinâmica, os serviços ambientais, dessa floresta, dessa maior floresta tropical do mundo.</p>
	<p>Repórter pergunta.</p>	<p>E vocês conseguem determinar isso só pelos</p>







Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>anéis?</p>
 	<p>Entrevistado explica à medida que aparecem imagens dos anéis de árvores.</p>	<p>Foi uma reconstrução da trajetória de crescimento baseado nos anéis de crescimento dessas árvores.</p> <p>Isso vem, por esse ciclo hidrológico, esse fuso de inundação, com uma cheia e uma seca, durante o ano. Então quando as florestas alargam, as árvores não têm mais condição para crescer, para obter água. Então muda a fisiologia, muda o metabolismo, o crescimento em diâmetro para e resulta na formação do anel anual.</p>
  	<p>Repórter Barbarah Israel comenta sobre os sinais que a natureza envia, sobre mudanças climáticas, citando exemplos e aparecendo cenas, destes, na medida em que são abordados.</p>	<p>Os sinais que a natureza envia, ajudam a prever futuro do meio ambiente, mas é preciso buscar informações, lá no passado, para saber como florestas, animais, rios, entre outros, se comportavam. Só assim, será possível apontar, se houve ou não, mudança climática.</p>
<p>Michael Hopkins –</p>		





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="284 264 592 293">Curador herbário do Inpa</p> 	<p data-bbox="676 264 933 360">Curador explica como os sinais climáticos são interpretados.</p>	<p data-bbox="962 264 1444 577">A gente pode interpretar esses sinais climáticos, essa variação, ano por ano, do clima, anos mais chuvosos, anos menos chuvosos, secas mais severas, secas mais fracas, algumas cheias, reconstruir isso, para séculos atrás, para entender melhor a variabilidade natural, para interpretar, se essas tendências recentes, são ou não mudanças climáticas.</p>
<p data-bbox="240 607 635 636">Adalberto Val – Pesquisador/Inpa</p> 	<p data-bbox="676 674 933 846">Pesquisador explica como proceder, após receber as informações das mudanças climáticas.</p>	<p data-bbox="962 607 1444 1055">De posse dessas informações, nós podemos tomar providências para minimizar ou para mitigar o impacto dessas mudanças sobre a gente. Se os peixes vão crescer menos, como é que a gente poderia, então, trabalhar os ambientes de cultivo, de tal forma a minimizar os impactos dessas mudanças ambientais. Se nós vamos ter outra dinâmica da transmissão da malária, por exemplo, como é que a gente poderia se adaptar e ajustar, as condições, para poder diminuir o impacto dessas mudanças, sobre o homem, de maneira geral.</p> <p data-bbox="962 1084 1444 1397">E é preciso desenvolver novas tecnologias, se valer das tecnologias mais sofisticadas que nós temos hoje, para poder entender como é que os organismos lidam com seus ambientes e, portanto, tratar de interferir nesses ambientes da melhor forma possível, da forma a garantir inclusão social e geração de renda, sem destruir esses ambientes para o futuro da humanidade.</p>
<p data-bbox="328 1458 555 1518">Bonifácio Baniwa – Secretário SEIND</p> 	<p data-bbox="676 1532 933 1592">Secretário fala sobre o impacto da poluição.</p>	<p data-bbox="962 1480 1444 1682">A preocupação, quando se fala, a tristeza dessa poluição, por exemplo. Na medida em que, se polui bastante, o dono do mato, por exemplo, ele está sofrendo. Também, se for poluído, qual vai ser o nosso futuro. E nós dependemos desse ciclo, para sobreviver.</p>
<p data-bbox="328 1980 555 2040">Jochen Schöngart – Pesquisador-Inpa</p>	<p data-bbox="676 2047 933 2074">Pesquisador faz uma</p>	<p data-bbox="962 2033 1444 2074">Às vezes, o ser humano pensa que ele não</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>reflexão sobre o quanto o ser humano depende da natureza.</p>	<p>faz parte da natureza, que ele domina a natureza, mas, na verdade a gente depende do nosso meio ambiente, a gente depende da claridade, da quantidade de água, de um ar limpo. E, tudo isso, entra em uma relação direta com os ecossistemas, aqui no nosso redor.</p> <p>Então, é importante que o ser humano reflita sobre isso. Nós somos parte da natureza.</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir do vídeo original produzido por Nova Amazônia (2019).

Após a transcrição do programa, direcionamos o nosso olhar para as fontes que foram acionadas no decorrer do episódio. Ao realizarmos o levantamento dessas vozes, conforme os autores que embasam este estudo e pela classificação proposta, apresentamos (Quadro 9) a listagem com as fontes, posição que ocupam no programa e sua classificação.

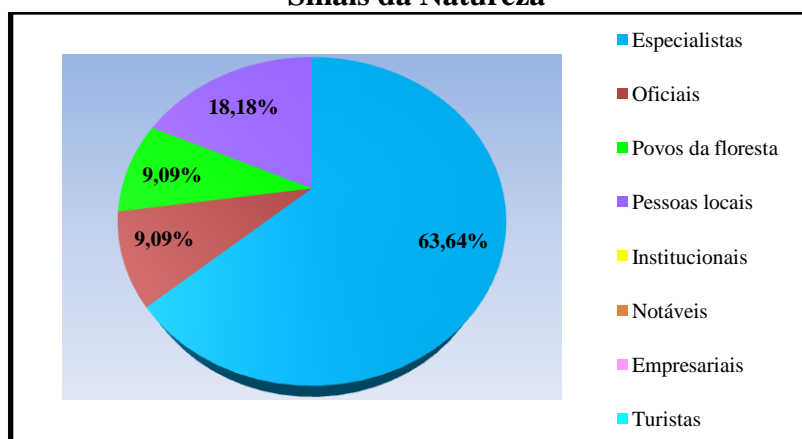
Quadro 9 - Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Sinais da Natureza

Nome	Designação conforme o episódio	Classificação da Fonte
Chiquinho	Prático	Pessoas locais
Adalberto Val	Pesquisador Inpa	Especialistas
Janaína Brito	Doutoranda em Entomologia/Inpa	Especialistas
Vivian Campos de Oliveira	Bióloga/Inpa	Especialistas
Giselle Amora	Mestre em Entomologia/Inpa	Especialistas
Renato Tavares	Doutorando em Entomologia/Inpa	Especialistas
Aluizio Sales	Feirante	Pessoas locais
Jochen Schöngart	Pesquisador Inpa	Especialistas
Michael Hopkins	Curador Herbário do Inpa	Especialistas
Ouvídio Tukano	Benzedor	Povos da Floresta
Bonifácio Baniwa	Secretário Seind	Oficiais

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Ao analisarmos a distribuição quantitativa das fontes neste episódio, encontramos a presença de 11 pessoas que contribuíram com as discussões propostas pelos repórteres, cuja proporção pode ser visualizada no gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Representação das fontes em percentuais no programa Sinais da Natureza



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Assim, conforme pode ser verificado no gráfico anterior, a categoria **especialistas** aparece com a maior porcentagem, 63,64% das fontes, representada por sete pessoas. Na sequência, aparece a categoria **pessoas locais**, com 18,18%, o que corresponde a duas pessoas ouvidas. E, por fim, a categoria povos da **floresta aparece** com 9,09%, correspondente a um entrevistado, e **oficiais** também com 9,09%, correspondendo a um entrevistado.

Em relação à fonte oficial, entendemos que a posição que está ocupando refere-se a um cargo no governo no estado do Amazonas, na Secretaria de Estado para os Povos Indígenas (Seind). Como poderemos observar, logo mais, sua fala está atravessada por sua cultura indígena, o que justificaria a sua possível inclusão na classificação povos da floresta. Mas, como já descrito, a categorização foi realizada conforme identificação da fonte pelo programa.

Com essas informações, percebemos que apesar do episódio se propor a ouvir como a ciência (aqui representada pelas fontes especialistas) e as comunidades tradicionais estão aprendendo a lidar com os sinais da natureza apresentados no programa, são as fontes especialistas que aparecem com maior destaque e representantes. Observamos essa diferença não somente pelo número das vozes ouvidas, mas também pelo espaço dedicado a essas pessoas no decorrer dos 25 minutos e 33 segundos de duração do episódio. As falas dos especialistas, principalmente os pesquisadores do INPA, permeiam todo o programa.

Observamos nessa relação das fontes acionadas no programa que o Prático, o Feirante e o Benzedor têm a vivência do problema, das mudanças ambientais, que estão ligadas às mudanças climáticas e outras questões que rondam o bioma amazônico, como o desmatamento, a extração ilegal de madeira, a mineração e a poluição das águas, etc. Essas vozes sentem, no seu cotidiano, os resultados das ações que estão degradando a existência da floresta e impactando negativamente suas rotinas.

Mas, será que é suficiente saber as transformações da natureza apenas pelo olhar das vivências? Percebemos que é neste ponto que as fontes especialistas entram, para mostrar como “medir” essas mudanças sentidas pelos povos da floresta e pelas pessoas locais.

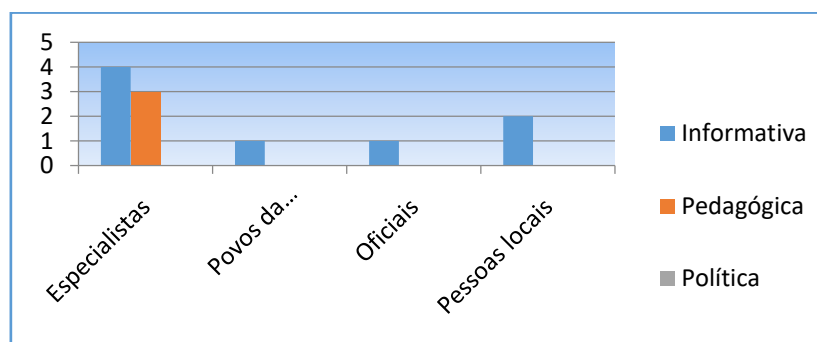
Observamos que o episódio busca levar para quem está assistindo como a ciência caminha junto com as práticas locais. Esse movimento realizado pelo programa nos possibilita observar que a ciência e as práticas cotidianas estão intrinsecamente relacionadas. No entanto, precisamos salientar que a representatividade das quatro categorias encontradas neste episódio demonstra um desequilíbrio perante a diversidade de saberes e, por consequência, a pluralidade de vozes (BUENO, 2008; GIRARDI, LOOSE, CAMANA, 2015). Os diferentes especialistas, apresentados para mostrar como é possível registrar e revelar os biomonitorios

que ajudam a entender esses sinais da natureza, recebem maior atenção e destaque no episódio. Enquanto as demais fontes aparentam estar ali apenas para demonstrar como é possível sentir essas mudanças. Percebemos, assim como destacam as pesquisadoras Baumont, Girardi e Pedroso, que “a ciência expurgou o conhecimento popular e instituiu avanços tecnológicos. O jornal nada mais faz que reproduzir os conceitos dos mestres vencedores” (2008, p. 207-208). Desse modo, torna-se possível questionar a ausência de outras fontes das categorias apresentadas no episódio, como povos da floresta, pessoas locais e oficiais. Observamos que mais indígenas poderiam ter sido ouvidos, assim como ribeirinhos, e também outras fontes que não foram acionadas como as institucionais – representadas, por exemplo, pelas organizações do terceiro setor.

A partir dessas informações, é possível realizar o outro movimento de análise. Assim, buscamos identificar qual a contribuição de cada fonte em relação à temática do episódio, ou seja, qual a função dessas vozes no episódio e sobre o que falam.

Pelas categorias já explicitadas, encontramos que a **função informativa**, com oito pessoas, foi a que permeou as falas das fontes ouvidas. Já a **função pedagógica** aparece com três representantes. Não identificamos na fala de nenhuma fonte da **função política**. No gráfico 6 a seguir é possível observar as funções de cada fala, conforme a classificação de fontes proposta.

Gráfico 6 – Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Sinais da Natureza



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Conforme demonstrado no gráfico anterior, identificamos como informativas as falas das pessoas locais Chiquinho, prático, e Aluízio Sales, feirante; da fonte oficial, Bonifácio Baniwa, secretário Seind; dos povos da floresta, Ouvídio Tukano, benzedor; e dos especialistas, Vivian Campos de Oliveira, bióloga/Inpa, Giselle Amora, Mestre em Entomologia/Inpa, Renato Tavares, Doutorando em Entomologia/Inpa, e Michael Hopkins, Curador Herbário do Inpa.

Em relação às pessoas locais, observamos que Chiquinho compartilha com o repórter o seu saber prático e de vivência sobre as águas da região amazônica, como dos rios e igarapés, como podemos observar neste trecho: “[...] *Nessa área, onde nós trabalhamos, eu conheço muito bem, essa área aqui, como a minha mão. Tanto faz ser o dia, como a noite, eu chego em qualquer lugar, aqui da área que nós navegamos*”. A sua fala também pontua as mudanças no ciclo das águas, que interferem diretamente nos períodos de seca e cheia dos rios, afetando o cotidiano das pessoas que organizam suas vidas pelo ritmo da natureza. A sua fala no programa situa esses sinais para mostrar que a Floresta Amazônica já sofre com os efeitos dos problemas ambientais que ameaçam o seu equilíbrio, mesmo ele acreditando que “*é coisa da natureza*”, como podemos observar nesse trecho:

[...] E isso, dificulta muito a vida das pessoas. Eles também reclamam muito disso. Mas é uma coisa que a gente não pode fazer nada, né, porque é uma coisa da natureza, a gente só tem que aceitar isso. Tem que aproveitar, como agora essa época, o rio está começando a secar, então você tem que fazer tudo que você tem que fazer, agora, para esperar a seca. Porque você não pode saber, prever, se ela vai ser grande ou pequena.

Na mesma perspectiva de Chiquinho, encontramos a fala do feirante Aluízio. A sua contribuição ao episódio também é informativa, pois acaba descrevendo como era a disponibilidade de peixe há 10 anos e como está hoje, conforme trecho abaixo:

Na época que, há 10 anos, tinha mais peixe, né. Hoje, tem pouco. Eu me lembro do tempo, em que eu morava no interior, a donde hoje, mora a gente e, há 20 anos, passava navio. Você vê que a natureza, está aí, o rio está enchendo de praia, de terra. E, eu acho que isso aí, falta espaço para os peixes, né.

Destacamos que essas duas fontes, ao relatarem suas experiências com a Amazônia, por meio de suas atividades de trabalho, mostram para quem está assistindo que os efeitos negativos causados ao ambiente estão interferindo e impactando a vida de quem depende da Floresta para sobreviver.

Ainda na função informativa, encontramos contribuições muito semelhantes de duas fontes: Bonifácio Baniwa, secretário Seind, e Ouvídio Tukano, benzedor. Como já explicitado, Bonifácio, por representar uma secretaria do estado, foi classificado como fonte oficial, mas sua fala é permeada por sua cultura indígena. No entanto, observamos que pelo seu lugar de fala, ele poderia ter abordado ações que vêm contribuindo com as modificações na vida dos indígenas ou tentando amenizar essas mudanças. Mas, também fica o questionamento sobre o papel do repórter e a edição do programa – pontos que nesta pesquisa não serão discutidos.

Com essa ressalva, entendemos que é possível englobar essas duas falas na mesma questão. Tanto pela fala de Bonifácio, quanto de Ouvídio, ficamos sabendo como os povos indígenas se relacionam com a Floresta Amazônica e como desenvolvem suas orientações pelas constelações estelares ao interpretarem os sinais da natureza. No entanto, percebemos no conteúdo de suas falas que é preciso combater, com urgência, os impactos predatórios ao ambiente, pois esses sinais já não permitem que esses povos conduzam suas práticas. Essas interferências no ambiente natural podem estar relacionadas, principalmente, aos fatores que estimulam as mudanças climáticas e que ameaçam a vida de todos que dependem dos ciclos regulares do bioma Amazônico para viver, conforme explicitam Bonifácio e Ouvídio, respectivamente:

Antes, quando se falava de mudança climática, aquecimento global, a gente achou que isso era problema da cidade, problema de quem vive longe. E, na verdade, não é. Ele atinge quem mora no mato, na floresta, nos rios. Porque, como antes, o povo nosso, era orientado, através da posição de constelação, como vai vir as estações, o que pode vir pela frente, isso era um planejamento que um líder podia orientar o povo. Com essa mudança, não é mais possível seguir, por exemplo, a posição de estrelas, de constelações, estações que vão vim. Porque mudou muito, a época que era para chover, hoje mudou. O que era época de verão, hoje chove muito. A água não desce, é porque era para ser inverno, inverte isso. [...]

Antigamente, os sábios do povo Tukano conseguiam olhar para as constelações e fazer previsões. Ao entardecer, as estrelas já aparecem. Tá tudo bagunçado, não dá para interpretar o tempo... Antes, com seus cachimbos, os sábios da tribo pediam proteção para o Senhor da Floresta. E isso não acontece mais... [...]

Observamos que essas alterações no ambiente natural interferem diretamente nas práticas culturais dos povos da floresta e, assim, no ritmo de suas vidas dentro da maior floresta tropical. Por suas falas, quem assiste ao episódio consegue compreender a relação saudável que se estabelece entre a mata e os indígenas, pois para manterem o seu ritmo de vida é preciso manter a floresta saudável.

Em relação às fontes especialistas, encontramos quatro falas ligadas à função informativa, as quais explicam, por meio da ciência e os chamados biomonitorios, como é possível entender os alertas que a natureza emite em relação aos impactos gerados pela poluição e destruição da Amazônia. Assim, pelos registros das falas de Vivian Campos de Oliveira, bióloga/Inpa, Giselle Amora, Mestre em Entomologia/Inpa, Renato Tavares, Doutorando em Entomologia/Inpa, e Michael Hopkins, Curador Herbário do Inpa, percebemos que suas contribuições ao episódio buscam informar como a ciência consegue identificar as alterações no ecossistema amazônico por meio de estudos com insetos e com as árvores. Quem assiste ao episódio, fica sabendo como os especialistas realizam suas pesquisas

e a importância da Floresta Amazônica e suas relações com a fauna, flora e o cotidiano dos amazônidas. Essas contribuições podem ser observadas nos trechos abaixo:

Giselle – *Através do estudo, com os insetos, a gente pode determinar a qualidade do ambiente, né. Existem alguns insetos, que eles são específicos de determinados locais, por exemplo, bichos de lagos, bichos de igarapés, né. Então, através da fauna coletada, a gente consegue determinar de qual tipo de ambiente, aquele animal ele é encontrado. [...] Com o resultado das pesquisas, são feitos projetos para a conservação, manejo e preservação de áreas que foram degradadas, até mesmo de áreas não degradadas [...].*

Renato – *A gente pode ver, através da avaliação da comunidade dos insetos, se aquele ambiente está sendo impactado, seja por esgoto doméstico, pela entrada efluente industrial. E, através de mudanças no ciclo de vida, desses insetos, que pode se tornar mais rápido, em função do aumento da temperatura, a gente pode ter uma noção do que está acontecendo com aqueles organismos, e, conseqüentemente, com o ambiente. Nos ambientes impactados, você vai ter pouquíssimo número de espécies que são tolerantes àquelas condições.*

Vivian – *Eles são considerados biomonitores porque eles são sensíveis à variação no ambiente. E a presença, ou ausência, de algum determinado tipo de inseto, e também o número de quantidade de espécies, é o que a gente chama de riqueza. [...] No ambiente preservado, existe um equilíbrio dentro da comunidade. Porque existem predadores, existe, toda a cadeia alimentar está em equilíbrio. E quando a gente vai para um ambiente impactado, os predadores, às vezes, morrem, porque são sensíveis e existe um desequilíbrio naquele ambiente. Então existe um predomínio das espécies tolerantes.*

Michael – *Folha é muito simples, folha ela é para uma função só, que é produzir açúcar. Fotossíntese, usando energia do sol, usando água do solo e usando gás carbônico atmosférico. Para nós, essa reação tem vários efeitos colaterais, um é que ele absorve carbono, como já falamos, que é bom, outro é que produz oxigênio, que também é bom, que nós precisamos. E tem outros efeitos colaterais, como esse efeito de respiração, efeito na temperatura local, que ele reduz a temperatura. Diz-se que, uma árvore grande é equivalente a cinco ares condicionadores grandes. [...] E, numa cidade com muito trânsito, como Manaus tem, hoje em dia, é muito chumbo, etc. no ar, muito poluentes que são ruins, especialmente metais pesados. E algumas árvores são ótimos filtros para isso. Elas fazem limpeza, do ar [...]*

Conforme a fala do repórter Denilson Novo, os cientistas possuem um olhar mais apurado para entender e revelar os sinais da natureza descritos nos trechos destacados das contribuições de cada fala. No entanto, não encontramos falas relacionadas ao desmatamento na Amazônia, que tem relação direta com os ciclos das águas e por sua vez com toda a fauna e flora que se encontram em todo território da floresta. Também não há discussão sobre a mineração e, por consequência, sobre a contaminação dos peixes com mercúrio ou sobre a expansão da agricultura na Amazônia e o uso de agrotóxicos. Essa lista de ameaças também já emite sinais de transformação da Amazônia, mas o episódio não discutiu essas problemáticas. Optaram por mostrar apenas as consequências que estão ocorrendo pelas mudanças climáticas, mas não discutiram as causas.

Em relação às falas com função pedagógica, encontramos a contribuição das seguintes fontes especialistas: Jochen Schöngart, Pesquisador Inpa; Janaína Brito, Doutoranda em Entomologia/Inpa, e Adalberto Val, Pesquisador Inpa. Destacamos a contribuição de cada fonte nos trechos a seguir:

Janaína – *O inseto, ele é um organismo que não é muito visível, que tem uma imagem muito pejorativa, de modo geral. Então se prefere dá ênfase a outros grupos, como os peixes, que têm uma função econômica maior, né. Eu acho que quando a comunidade, em si, passar a ver a utilidade desses organismos, a função deles, eu acho que aí, isso pode, com o passar do tempo estar mudando. Mas é uma questão de tempo, né, de educação mesmo.*

Jochen – [...] *Às vezes, o ser humano pensa que ele não faz parte da natureza, que ele domina a natureza, mas, na verdade a gente depende do nosso meio ambiente, a gente depende da claridade, da quantidade de água, de um ar limpo. E, tudo isso, entra em uma relação direta com os ecossistemas, aqui no nosso redor. Então, é importante que o ser humano reflita sobre isso. Nós somos parte da natureza.*

Adalberto – [...] *De posse dessas informações, nós podemos tomar providências para minimizar ou para mitigar o impacto dessas mudanças sobre a gente. Se os peixes vão crescer menos, como é que a gente poderia, então, trabalhar os ambientes de cultivo, de tal forma a minimizar os impactos dessas mudanças ambientais. [...] para poder entender como é que os organismos lidam com seus ambientes e, portanto, tratar de interferir nesses ambientes da melhor forma possível, da forma a garantir inclusão social e geração de renda, sem destruir esses ambientes para o futuro da humanidade.*

Observamos que apesar da fala da especialista estar direcionada para explicar o papel dos insetos no ecossistema, a sua abordagem principal acaba se direcionando para postura mais pedagógica ao explicitar a necessidade da população se atentar para a importância desses animais. Como está posto nas categorias, a função pedagógica está ligada a um despertar de consciência da população para os problemas ambientais.

7.4 OLHARES DA FLORESTA




O episódio Olhares da Floresta, com duração de 23 minutos e 16 segundos, faz parte da segunda temporada do programa Nova Amazônia e foi produzido no ano de 2013, onde a repórter Barbarah Israel buscou desmistificar as visões sobre a floresta. Conforme sinopse¹⁹ disponibilizada pela TV Escola, o episódio Olhares da Floresta pode ser assim descrito:



¹⁹ Essa informação pode ser conferida no site da TV Escola: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/nova-amazonia-temporada-2-olhares>.





Barbarah Israel entrevista pessoas com diferentes olhares sobre a Floresta Amazônica, com o objetivo de desmistificar as visões sobre a floresta, que é crucial para o equilíbrio do planeta e o desenvolvimento da região. Ela mostra que, **por mais que a vigilância tenha aumentado nas fronteiras, o desmatamento dentro do território nacional continua sendo o maior desafio para as autoridades**. Este episódio ensina que **preservar a floresta** e o modo de vida dos que vivem nela **é preservar a todos**. (TV ESCOLA, 2013, grifo nosso)



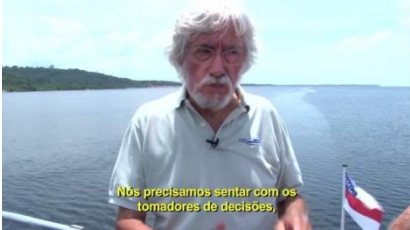

No quadro 10, a seguir, apresentamos a transcrição completa do episódio, com destaque para identificação das fontes e suas falas, assim como para a descrição das cenas para acompanhar o episódio e conhecer quem são as pessoas entrevistadas e suas contribuições à temática do programa, além de imagens de fontes e cenários.







Quadro 10 – Transcrição do Programa Olhares da Floresta








Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	A repórter Barbarah Israel está na floresta da Amazônia.	As lendas se espalharam e durante séculos atraíram milhares de aventureiros ávidos pelas riquezas escondidas na densa floresta. E mesmo hoje em dia muitos ainda veem a Amazônia como uma espécie de santuário intocável. Será mesmo?
General Villas Bôas – Comando Militar da Amazônia 	General fala sobre a Amazônia.	Eu acredito que o principal entrave seja o desconhecimento e a desinformação. Desconhecimento é porque as pessoas não conhecem. Desinformação é algo deliberado no sentido de se gerar um conceito. Gerar uma base de conhecimento sobre Amazônia falsa.
Marina Silva - Ambientalista 	Ambientalista fala sobre a Amazônia.	A Amazônia é uma fonte de desenvolvimento, de qualidade de vida e de diversidade biológica e cultural, portanto não é um problema é uma solução.
Antonio Pereira – cantor e compositor	Cantor fala sobre o interesse econômico sobre a Amazônia, aparecem imagens de rios, visão aérea da	Enquanto houver foco em interesses puramente comerciais, financeiros. Essa coisa de interesse do poder, a floresta corre risco e nós também.

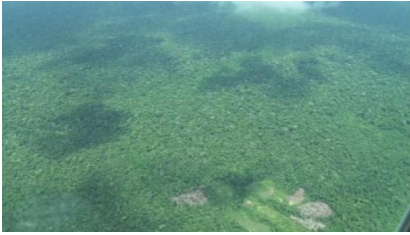




Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>floresta.</p>	
<p>General Villas Bôas – Comando Militar da Amazônia</p> 	<p>Entrevistado fala sobre a elaboração de projetos, na Amazônia. Aparecem imagens da população, floresta e rios.</p>	<p>E com isso se monta uma base de dados sobre a Amazônia, não consistentes. E é sobre essa base de dados que se elabora os diagnósticos e a partir desses diagnósticos se faz a concepção dos programas e projetos que acaba não atendendo as necessidades nem das populações que vivem aqui e nem tem a capacidade de preservar e desenvolver a nossa Amazônia.</p>







Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		
	<p>Repórter fala sobre o programa Nova Amazônia.</p>	<p>O Nova Amazônia foi em busca de pesquisadores, militares, políticos e artistas. Gente de renome internacional e gente nativa da própria floresta. Os objetivos? Comparar e desmistificar visões e opiniões sobre Amazônia, seu papel e seu futuro para o planeta. O resultado? Um novo e surpreendente panorama sobre essa imensidão verde que ocupa metade do mapa do Brasil e do imaginário do mundo.</p>
<p>Jean Michel Cousteau - pesquisador (oceanógrafo)</p> 	<p>Pesquisador fala sobre o inimigo da floresta, em um barco.</p>	<p>O maior inimigo da floresta, é claro, somos nós. Mas, como estamos aprendendo, nós podemos mudar e podemos ajudar a proteger e preservar a floresta.</p>
<p>Bruno Monteiro - gerente regional Censipam</p> 	<p>Gerente está em Censipam.</p>	<p>Alguns países já detêm conhecimento. Então, promover essa integração para que se troque esse conhecimento e comece projetos conjuntos, projetos novos.</p>
<p>General DivJaborandy – Comando Militar da Amazônia</p>	<p>O General está em uma reunião, ou similar. Há um corte em sua fala.</p>	<p>O que precisamos é ter maturidade política e vontade de cumprir a lei. Caso contrário, nós vamos parar no tempo. Não teremos</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>energia, voltaremos para época da lamparina e todo mundo nu, descalço. Ou no mar ou no rio esperando alguma coisa acontecer. Então nós temos que conviver com esse paradoxo: desenvolver e preservar.</p>
	<p>Narração da repórter, enquanto aparecem imagens de destruição da floresta</p>	<p>O mais surpreendente cenário do planeta é também um dos mais ameaçados. A culpa, em boa parte, é do Progresso. Nesses cinco séculos de ocupação da região Amazônica nada se compara a devastação sofrida nesses últimos 50 anos. Hoje os olhos da comunidade internacional voltam-se para floresta e cobram sua conservação.</p>
<p>Jean Michel Cousteau - pesquisador (oceanógrafo)</p> 	<p>O pesquisador fala sobre a conexão entre os que vivem na Amazônia. Ele está em um barco.</p>	<p>Onde quer que você viva na Amazônia: em Manaus, no topo das montanhas ou ao longo da costa, todos estamos conectados. Nós precisamos sentar com os tomadores de decisões, sejam eles do meio ambiente, da educação, e passar essas informações a eles, às pessoas que podem fazer a diferença.</p>
<p>Antonio Pereira – cantor e compositor</p> 	<p>Cantor fala sobre as indiscriminadas ajudas, que podem chegar à Amazônia. Aparecem imagens de rios e floresta.</p>	<p>A intenção desses olhares, né. Se forem de gente que realmente pensa em preservar isso aqui, que seja bem-vindo, por que eu não tenho problema com nacionalidade, eu tenho nada contra ninguém de outras Nações. Eu não gosto de gente ruim gente ruim. E de gente ruim no Brasil também tá cheio.</p>





Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		
	Repórter fala sobre as políticas ambientais.	As políticas ambientais nacionais ainda têm muita evoluir e não há mais tempo a perder, por isso o Brasil enfrenta uma tarefa difícil: construir hoje uma nova Amazônia para um novo século.
<p data-bbox="280 853 596 875">Marina Silva - Ambientalista</p> 	A entrevistada fala sobre recursos naturais e economia.	E pensar que a contabilidade dos recursos naturais devem entrar no balanço das nossas ações econômicas e sociais, isso é muito importante, porque as transformações elas virão a partir da ação dos governos sim, mas também e principalmente a partir de cada setor, de cada segmento da sociedade.
  	A repórter fala sobre os esforços brasileiros. Aparecem cenas relacionadas à medida em que ela fala.	Essa corrida para o futuro já começou. Por terra, pela água e até mesmo pelo céu, o Brasil vem fazendo um verdadeiro inventário da maior floresta tropical do mundo:
	A repórter continua sua narração.	Para conhecer melhor a Amazônia, garantir a soberania brasileira sobre as fronteiras e







Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>supervisionar a exploração de seus recursos.</p>
<p data-bbox="252 573 625 636">Bruno Monteiro - gerente regional Censipam</p>   	<p data-bbox="676 860 940 1093">Entrevistado fala sobre o sistema de proteção da Amazônia. Aparecem imagens da Floresta Amazônica e interações, operação Ágata 7.</p>	<p data-bbox="963 539 1445 1406">O sistema de proteção da Amazônia (Sipam) foi criado como uma resposta do estado brasileiro as declarações das lideranças mundiais, no final da década de 90. Então foi implantado um sistema, que é o Sipam, em toda a Amazônia Legal, composta por nove Estados. Esse sistema tem três centros regionais distribuídos: Manaus, Belém e Porto Velho. A nossa sede fica em Brasília e foi implantado por meio do projeto SIPAM uma grande estrutura na região, estrutura tecnológica que nós utilizamos nas nossas áreas de atuação. Na área de inteligência, de Proteção Ambiental, incluindo a meteorologia, sensoriamento remoto e sistematização de informações. Fazemos análise do movimento aéreo, fazemos análise de imagens, de aeronave de sensoriamento que utilizam radar. E por ser radar nós conseguimos penetrar a camada de nuvens e imagear a Amazônia o ano inteiro. Apoiamos as operações. Os parceiros posso citar como exemplo a operação interações com operação Ágata 7 realizada recentemente nossas fronteiras.</p>
  	<p data-bbox="676 1458 940 1621">Repórter fala sobre o tema do próximo bloco, aparecendo imagens à medida que ela fala.</p>	<p data-bbox="963 1420 1445 2078">Com uma fronteira tão extensa, o que não falta é Amazônia para vigiar. A operação Ágata 7 foi montada para ajudar nesse desafio. Cerca de 34 mil soldados reforçaram a segurança nas divisas do Brasil com outros 10 países sul-americanos. Foi a maior operação entre agências governamentais já realizadas na região, somando esforços das Polícias e das Forças Armadas.</p> <p data-bbox="963 1771 1445 2078">Dia e noite, em terra, nos rios e até no céu. Os alvos prioritários dessa varredura era o comércio ilegal de produtos da floresta e o tráfico de drogas e armas. A vigilância da Amazônia não cabe apenas às forças armadas. Nas fronteiras para dentro, um antigo inimigo permanece ameaçando a falta de consciência dos próprios brasileiros sobre a importância de tudo isso.</p>



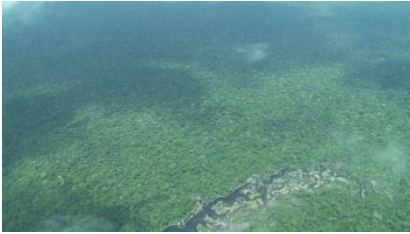


Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
   	<p>Repórter fala sobre a operação Ágata 7, aparecendo cenas no decorrer dos comentários.</p>	<p>Com uma fronteira tão extensa, o que não falta é Amazônia para vigiar. A operação Ágata 7 foi montada para ajudar nesse desafio. Cerca de 34 mil soldados reforçaram a segurança nas divisas do Brasil com outros 10 países sul-americanos. Foi a maior operação entre agências governamentais já realizadas na região, somando esforços das Polícias e das Forças Armadas. Dia e noite, em terra, nos rios e até no céu. Os alvos prioritários dessa varredura era o comércio ilegal de produtos da floresta e o tráfico de drogas e armas. A vigilância da Amazônia não cabe apenas às forças armadas. Nas fronteiras para dentro, um antigo inimigo permanece ameaçando a falta de consciência dos próprios brasileiros sobre a importância de tudo isso.</p>
<p>Antonio Pereira – cantor e compositor</p> 	<p>Cantor fala sobre o relato de um madeireiro. Há um corte no vídeo.</p>	<p>Me parece que era um madeireiro, se eu não me engano, de Rondônia. E ele falou uma coisa muito louca. Ele disse que por ele, se depender de alguma árvore ficar em pé, por ele já foi. Que derrubem todas, porque ele não está preocupado não está preocupado se os filhos dele vão sobreviver depois com isso. Quando eu vejo um camarada falar uma coisa dessa eu aprendo. Eu aprendo que asno não fala, a gente aprende que burro fala.</p>
<p>General DivJaborandy</p>	<p>General fala, em um auditório ou similar.</p>	<p>Se nós entendermos assim, nós estamos assinando o nosso atestado de</p>




Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Há corte no vídeo.</p>	<p>incompetência. E os nossos órgãos de fiscalização ambiental? De educação ambiental do povo brasileiro.</p>
<p data-bbox="280 544 593 571">Marina Silva - Ambientalista</p>   	<p>A ambientalista fala sobre a floresta e o Brasil, aparecendo cenas, ao decorrer da explicação.</p>	<p>É importante a gente ter uma visão sobre a nossa floresta. De que ela é uma fonte de riqueza, de beleza e que a sua preservação faz a diferença no equilíbrio do planeta e no desenvolvimento da nossa região.</p> <p>O Brasil, aliás, tem 22% das espécies vivas do planeta e a maior parte fica na Amazônia. O Brasil tem 11% da água doce disponível no mundo, 86% da água doce que o Brasil dispõe fica na Amazônia.</p>
<p data-bbox="316 1357 558 1384">General DivJaborandy</p> 	<p>General fala da visão do Brasil, no cenário mundial.</p>	<p>Se nós partirmos do pressuposto que de qualquer empreendimento em benefício da coletividade vai destruir o meio ambiente, por que nós não somos capazes de protegê-lo. Então, nós estamos mostrando para o mundo que realmente eles têm razão em dizer que é preciso defender a Amazônia dos brasileiros.</p>
<p data-bbox="280 1686 593 1713">Marina Silva - Ambientalista</p> 	<p>Ambientalista fala sobre investimentos na Amazônia.</p>	<p>De sorte que é preciso traduzir aquilo que já se sabe da importância da Amazônia do seu potencial nas prioridades dos investimentos, na infraestrutura na geração, enfim qualidade de vida para as pessoas.</p>
<p data-bbox="233 2033 644 2060">Antonio Pereira – cantor e compositor</p>	<p>Cantor canta uma música.</p>	





Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		
	<p>Repórter fala sobre Expedições que foram feitas na Amazônia.</p>	<p>De pai para filho, uma herança de décadas de descobertas inestimáveis, histórias surpreendentes e preocupações com o amanhã. O oceanógrafo francês, Jacques Cousteau, na década de 80, foi responsável pela primeira expedição científica totalmente registrada pelas florestas alagadas da Amazônia. Seu filho, Jean Michel, fez parte desta trajetória. Com conhecimento de causa, esse estrangeiro, lança sobre a floresta um olhar mais esclarecido de que muitos brasileiros que vivem aqui e lança um alerta que não pode ser ignorado.</p>
<p>Jean Michel Cousteau - pesquisador (oceanógrafo)</p> 	<p>Pesquisador faz reflexões com respeito a preservação do planeta.</p>	<p>Eu penso que hoje meu pai diria: eu avisei vocês! Precisamos cuidar da Amazônia, de todos os tipos de problemas que precisam ser advertidos. Por exemplo: Manaus em 1981, 1982: 400 mil habitantes. Em 2006, 2007: 1,3 milhão de habitantes. Hoje, dois milhões. E 70% a 80% dos habitantes de Manaus nunca estiveram no interior da floresta. E não entendem o quanto dependem dela e estão conectados a ela. É aí que precisamos focar o quanto pudermos. E não é só Manaus. Manaus é apenas um exemplo, e sim todo o sistema amazônico. Não apenas no Brasil, mas em 10 países. Nós temos problemas enormes de comunicação e educação, educação e educação. O que eu acredito é que se nós protegermos a floresta tropical, protegeremos a nós mesmos. Se protegermos essas águas, protegeremos a nós mesmos. Se protegermos os oceanos, protegeremos a nós mesmos. Isso é tudo! Não se trata de salvar uma árvore. Não é esse o ponto. Somos nós!</p> <p>E poder olhar nos olhos de uma criança e poder dizer: eu quero que você tenha os</p>


Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>mesmos privilégios que eu tive quando eu tinha a sua idade. É disso que se trata. Do contrário, poderemos ser outra dessas espécies que desaparecem e o planeta vai continuar. Eu não quero ir embora. E nós temos a chance de não ir embora.</p>
	<p>Repórter em off, fala, enquanto anuncia o próximo bloco.</p>	<p>Para o artista, uma Amazônia que não é só poesia, é berço, lar e legado.</p>
 	<p>A repórter fala, em off, enquanto passam cenas do contexto narrado.</p>	<p>Nem o paraíso idealizado pelos aventureiros, nem o inferno anunciado pelos alarmistas. O cenário da Amazônia hoje é de incertezas e desafios.</p>
	<p>Entrevistado fala, inicialmente, em off, enquanto passam cenas relacionadas. Em seguida, continua o raciocínio, em on.</p>	<p>É a mudança climática, é a biodiversidade, é a produção de energia renovável, é a produção de alimentos, é a questão da água e muitos outros.</p> <p>E a partir daí a gente entende o apelo enorme que Amazônia tem perante a opinião pública internacional.</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
 		
	<p>Repórter fala em off, sobre preservação.</p>	<p>Mas também de iniciativas que dão certo e de uma busca mais consciente pela compreensão da floresta e preservação não apenas de seus recursos naturais mas também do modo de vida dos que aqui vivem e querem continuar vivendo por muitas gerações</p>
<p data-bbox="245 1193 632 1256">Jóse Bonifácio Baniwa – Secretário Seind</p>   	<p>Secretário fala das necessidades dos povos indígenas. Aparecem, na tela, cenas relacionadas com o que se está falando.</p>	<p>Conseguimos demarcar terra, e depois demarcar terra, o que fazer com a terra? Como fazer com essa terra? O que seu terra tem o valor para o nosso povo? Há muitos povos que está sem terra ou pouca terra para esse povo, né. Uma ilha de terra não é suficiente. A gente tem falado muito a crítica apresentada: muita terra pra pouco índio. Não é esse, né. Porque o ser humano, o mesmo não índio, por exemplo, ele não fica num pedaço de terra. Ele depende de um vasto tamanho de terra, né. Eu sempre falo assim: o morador de um bairro ou de um conjunto de condomínio ele depende de mercado, ele depende de parque, ele depende de feira ele depende de um monte de coisa. Ou de viagem, ou de trabalho, de fábrica, de escritório. Então ele não depende aquele tamanho. Então não se aplica nesse sentido. O índio é isso que ele precisa. Onde ele mora na aldeia dele. Onde ele precisa tirar açaí, onde tirar Pataua. Onde pesca, onde caça. É isso que o tamanho oferece para ele. Então é isso que a consciência humana deveria entender o lado quando</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>alguns falam, né. Que é muita Terra para pouco índico. Na verdade, é porque é esse o espaço que ele precisa para poder dar continuidade a geração, né.</p>
<p data-bbox="280 810 596 837">Marina Silva - Ambientalista</p> 	<p data-bbox="676 810 935 909">Ambientalista fala sobre sustentabilidade. Há corte em sua fala.</p>	<p data-bbox="960 810 1445 1016">É interessante verificar que todos os setores começam a internalizar a ideia da sustentabilidade em suas ações específicas para que ela leva em conta o lucro que é quando se preserva e o prejuízo que causa quando se ignora os aspectos ambientais.</p>
 <p data-bbox="264 1393 612 1451">General Villas Bôas – Comando Militar da Amazônia</p> 	<p data-bbox="676 1124 935 1330">General começa sua fala em off, na tela aparece imagens da floresta. Faz descrição das características do Brasil, em on.</p>	<p data-bbox="960 1155 1445 1500">O Brasil tem 70% das suas florestas originais preservadas e 85% da Amazônia. A floresta compõe um manancial de riquezas muito grande, muito grande. Estima-se que apenas 5% da biodiversidade seja conhecido o pontilhismo do potencial econômico e por outro lado é fundamental que se ofereça alternativas para a população para que ela não precisa viver explorando a natureza de forma predatória.</p>
<p data-bbox="252 1774 628 1832">Bruno Monteiro - gerente regional Censipam</p> 	<p data-bbox="676 1774 935 1899">Gerente fala da importância da regional Censipam. Há cortes, durante sua fala.</p>	<p data-bbox="960 1774 1445 2078">Nós temos que encontrar a equação correta para que a floresta continue de pé, como se diz. Que o ser humano tenha condições de subsistência e tenha a sua renda. Temos uma rede de comunicações e tecnologia de computação versátil via satélite que hoje consta com cerca de 700 Estações. Eu destacaria no uso dessas antenas a parceria com Ministério Desenvolvimento Social,</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>onde nós permitimos, por meio das Antenas, o cadastro das famílias que estão em situação de pobreza e de extrema pobreza para que elas possam ter acesso aos programas de governo. Em suma, toda essa estrutura tecnológica e nós colocamos a serviço dos nossos parceiros. Nosso principal objetivo, naturalmente, é que a população seja beneficiada.</p>
<p>Antonio Pereira – cantor e compositor</p> 	<p>Cantor fala da necessidade em preservar a Amazônia.</p>	<p>Porque a cerca disso a gente vê necessidade de preservar esse Santuário que é Amazônia. Então, a força é isso aí.</p>
	<p>Repórter fala do cantor Antonio Pereira.</p>	<p>Na visão do artista, uma Amazônia que não é só poesia, é berço, lar e legado de todos que aqui vivem. O cantor e compositor Pereira, profundo conhecedor da região fez de sua música um retrato da Amazônia visto por seus próprios filhos. Com lucidez e ironia, ele nos conta e canta esse retrato.</p>
<p>Antonio Pereira – cantor e compositor</p> 	<p>Cantor faz algumas reflexões a respeito da Floresta Amazônica.</p>	<p>Eu acho que a partir do momento em que os interesses estiverem voltados para qualidade de vida do ser humano, a partir desse interesse, interesse com a vida humana, dentro desse prisma, se tem condição de manter um equilíbrio sustentável.</p> <p>Manter a floresta em pé e fazendo com que ela produza para que nós também fiquemos em pé, porque eu acho que é impossível a gente ficar em pé se a floresta se deitar. O objetivo tem que ser focar a vida humana. Enquanto houver foco em interesses puramente comerciais, financeiros e essa coisa de interesse do poder, a floresta corre risco e nós também. Infelizmente, os olhares que nós recebemos ainda nem sempre são de gente que quer realmente que permaneça lindo. Não, os olhares geralmente são para as riquezas. Infelizmente é isso.</p> <p>A gente sabe que se fecha muito os olhos para tanto o desmatamento e os impactos ambientais têm sido bem menores, né. Mas, infelizmente, o desmatamento continua. E a gente vai fazer o que? Somos nós que estamos desmatando. Então nós estamos muito olhando para os olhares preocupados</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Cantor canta música, em off, e na tela passam cenas da Amazônia.</p>	<p>com o que olha para cá, mas nós mesmos somos inimigos da floresta.</p> <p>Vou cantar uma canção para vocês. Chama-se Lendas (Júnior Lima e Sérgio Albuquerque):</p> <p>Um velho do mato Com sangue de índio Conta suas lendas para os curumins De um rio doce, meio abarrotado Dois dragões dourados Lá de Parintins Uma moça linda, um moço encantado Saem da festança Pra não mais voltar aqui</p>
	<p>A repórter fala, e ao fundo, a música continua.</p>	<p>Há muita gente de olho na Amazônia, mas quando esses olhares se encontram podem contribuir para que todos nós possamos compreender melhor esse lugar. A Amazônia agradece os amazônidas também.</p>
<p>General Villas Bôas – Comando Militar da Amazônia</p> 	<p>General fala, enquanto música continua no fundo.</p>	<p>A Amazônia pertence ao Brasil e aos brasileiros, embora isso não isente da responsabilidade que nós temos perante o mundo e perante as gerações futuras. Mas, ninguém tem autoridade para nos ensinar como devemos preservar, como devemos cuidar da Amazônia.</p>
	<p>Música continua, em off, e imagens da Amazônia.</p>	<p>Minha floresta de estórias Conta o que Manaus não viu O que dá brilho na mata Não se apagou por um fio A noite é uma moça Que namora o dia Que só se encontram Nessa harmonia A cabocla linda</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>Que encanta a floresta Nas noites de lua É Vitória-Régia Um canto mais doce Rasga o coração Foi o uirapuru Quem cantou essa canção</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir do vídeo original produzido por Nova Amazônia (2019).

Após a transcrição do programa, direcionamos o nosso olhar para as fontes que foram acionadas no decorrer do episódio. Ao realizarmos o levantamento dessas vozes, conforme os autores que embasam este estudo e pela classificação proposta, apresentamos (Quadro 11) a listagem com as fontes, posição que ocupam no programa e sua classificação.

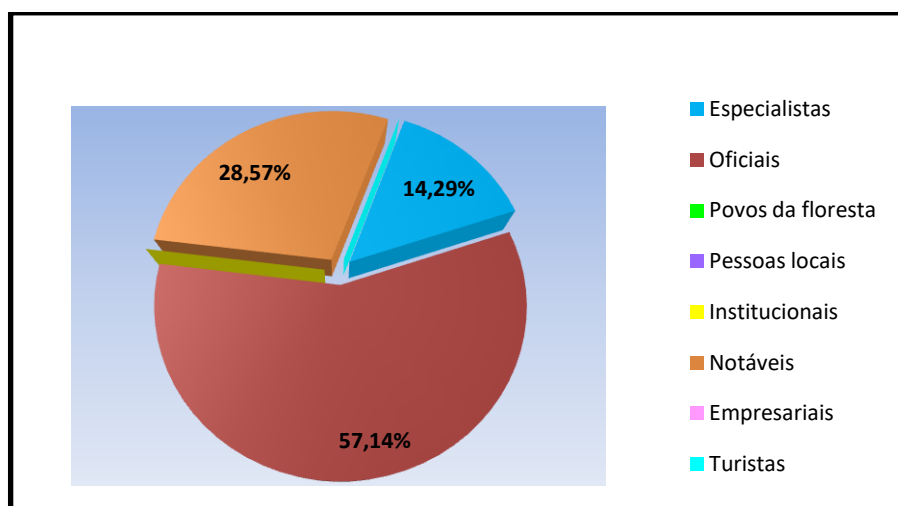
Quadro 11 - Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Olhares Sobre a Floresta

Nome	Designação conforme o episódio	Classificação da Fonte
General Villas Bôas	General do Comando Militar da Amazônia	Oficiais
Marina Silva	Ambientalista	Notáveis
Antonio Pereira	Cantor e compositor	Notáveis
Jean Michel Cousteau	Pesquisador (oceanógrafo)	Especialista
Bruno Monteiro	Gerente regional do Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (Censipam)	Oficiais
General Div. Jaborandy	General do Comando Militar da Amazônia	Oficiais
Jóse Bonifácio Baniwa	Secretário da Secretaria de Estado para os Povos Indígenas do Estado do Amazonas (Seind)	Oficiais

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Ao analisarmos a distribuição quantitativa das fontes neste episódio, encontramos a presença de sete pessoas que contribuíram com as discussões propostas pela repórter, cuja proporção pode ser visualizada no gráfico a seguir.

Gráfico 7 – Representação das fontes em percentuais no programa Olhares da Floresta



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Conforme demonstrado no gráfico anterior, a categoria **oficiais** aparece com a maior porcentagem, 57,14% das fontes, representada por quatro pessoas. Na sequência, está a categoria **notáveis** com 28,57%, que corresponde a duas pessoas ouvidas. E, por fim, a categoria **especialistas** aparece com 14,29%, correspondente a apenas um entrevistado. As demais categorias de fontes não tiveram representação.

Em relação às fontes oficiais, dos quatro entrevistados, um deles ocupa um cargo no governo no estado do Amazonas, na Secretaria de Estado para os Povos Indígenas (Seind). Como poderemos observar, logo mais, sua fala está atravessada por sua cultura indígena, o que justificaria a sua possível inclusão na classificação povos da floresta. Mas, como já descrito, a categorização foi realizada conforme identificação da fonte pelo programa.

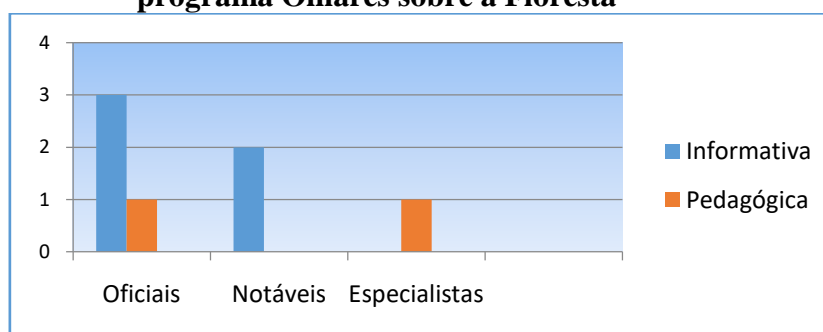
Com essas informações, percebemos que apesar do episódio se propor a ouvir pessoas com diferentes **Olhares sobre a Floresta**, não foram ouvidas vozes dos povos da floresta ou dos povos locais. O episódio privilegiou fontes oficiais de segurança e de governo. Ressaltamos, porém, que a fala do secretário da Seind, José Bonifácio Baniwa, trouxe a visão do índio, portanto dos povos da floresta, entretanto, como dito anteriormente, ele foi entrevistado como fonte oficial do governo.

Observamos também que, além de privilegiar as fontes oficiais, houve maior espaço dedicado às fontes de segurança das forças armadas no decorrer dos 23 minutos e 16 segundos de duração do episódio. A fonte especialista, representada por apenas um pesquisador, teve sua fala recortada e um espaço reduzido no programa.

A partir dessas informações, é possível realizar o outro movimento de análise. Assim, buscamos identificar qual a contribuição de cada fonte em relação à temática do episódio, ou seja, qual a função dessas vozes no episódio e sobre o que falam.

Das sete fontes ouvidas, cinco foram falas de contribuições informativas e duas pedagógicas, cuja representação gráfica é apresentada a seguir.

Gráfico 8 – Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Olhares sobre a Floresta



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Segundo Bueno (2007), a função informativa preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental e, nesse sentido, foram classificadas como informativas as falas do General Villas Bôas, do Comando Militar da Amazônia; da ambientalista e ex-senadora Marina Silva; de Antônio Pereira, cantor e compositor; de Bruno Monteiro, gerente regional do Censipan; e de José Bonifácio Baniwa, secretário da Seind. Para exemplificar, foram selecionadas algumas falas dessas fontes.

A primeira fala de contribuição informativa é da fonte oficial do General Villas Boas que atua no Comando Militar da Amazônia e que obteve o maior destaque durante o episódio Olhares da Floresta. O General traz diversas informações em suas falas, sendo que a primeira trata sobre levantamento de dados não consistentes sobre a Amazônia e explica o que acontece com a adoção de programas e projetos sobre estes concebidos, conforme o seguinte trecho:

“E é sobre essa base de dados que se elabora os diagnósticos e a partir desses diagnósticos se faz a concepção dos programas e projetos que acabam não atendendo as necessidades, nem das populações que vivem aqui, e nem tem a capacidade de preservar e desenvolver a nossa Amazônia.”

Em outras falas, a fonte oficial Villas Boas trata da importância da Amazônia para a opinião pública internacional e faz um alerta para a soberania nacional, conforme os seguintes trechos:

É a mudança climática, é a biodiversidade, é a produção de energia renovável, é a produção de alimentos, é a questão da água e muitos outros. E a partir daí a gente entende o apelo enorme que Amazônia tem perante a opinião pública internacional.

Todos os olhos pairam sobre a nossa floresta. Porque a Amazônia há estimativas de que ela abrigaria 23 trilhões de dólares de recursos naturais. Ela tem um papel a representar muito grande na integração sul americana que vai se dar em torno da Amazônia.

[...] A Amazônia pertence ao Brasil e aos brasileiros, embora isso não isente das responsabilidades que nós temos perante o mundo e perante às gerações futuras. Mas, ninguém tem autoridade para nos ensinar como devemos preservar, como devemos cuidar da Amazônia. (grifo nosso).

A segunda fala, classificada como informativa, é da fonte classificada como notável, do cantor e compositor Antônio Pereira. O notável explica seu pessimismo em relação ao desmatamento e à população da Amazônia, nos trechos a seguir:

*Me parece que era um madeireiro, se eu não me engano, de Rondônia. E ele falou uma coisa muito louca. Ele disse que por ele, se depender de alguma árvore ficar em pé, por ele já foi. **Que derrubem todas, porque ele não está preocupado não está preocupado se os filhos dele vão sobreviver depois com isso.** Então, quando eu vejo um camarada falar uma coisa dessa eu aprendo. Eu aprendo que asno fala, a gente aprende que burro fala. (grifo nosso)*

[...] Mas, infelizmente, o desmatamento continua. E a gente vai fazer o quê? Somos nós que estamos desmatando. Então nós estamos muito olhando para os olhares preocupados com o que olha para cá, mas nós mesmos somos inimigos da floresta.

[...] O objetivo tem que ser focar a vida humana. Enquanto houver foco em interesses puramente comerciais, financeiros e essa coisa de interesse do poder, a floresta corre risco e nós também.

A terceira fala, classificada como informativa, foi a da notável Marina Silva, ambientalista e atuante no meio político como senadora pelo Estado do Acre, entre 1995-2011, e ex-ministra do Meio Ambiente. Apesar de fazer parte do meio político, a fala de Marina Silva foi classificada como informativa porque ela procura dar a dimensão da Amazônia e da sua valoração, além do papel dos governos para explorar adequadamente o potencial da Amazônia e melhorar a qualidade de vida das pessoas, conforme os trechos a seguir:

A Amazônia é uma fonte de desenvolvimento, de qualidade de vida e de diversidade biológica e cultural, portanto não é um problema, é uma solução.

[...] É importante a gente ter uma visão sobre a nossa floresta. De que ela é uma fonte de riqueza, de beleza e que a sua preservação faz a diferença no equilíbrio do

planeta e no desenvolvimento da nossa região. O Brasil, aliás, tem 22% das espécies vivas do planeta e a maior parte fica na Amazônia. O Brasil tem 11% da água doce disponível no mundo, 86% da água doce que o Brasil dispõe fica na Amazônia.

[...] De sorte que é preciso traduzir aquilo que já se sabe da importância da Amazônia, do seu potencial, nas prioridades dos investimentos, na infraestrutura na geração, enfim, de qualidade de vida para as pessoas.

A quarta fala classificada como informativa é da fonte oficial Bruno Monteiro, gerente regional do Censipan, que explica o projeto de proteção ambiental da Censipan e da estrutura colocada à disposição da população, conforme podemos observar nos seguintes trechos:

O sistema de proteção da Amazônia (Sipam) ele foi criado como uma resposta do estado brasileiro às declarações das lideranças mundiais, no final da década de 90. Então, foi implantado um sistema, que é o Sipam, em toda a Amazônia Legal, composta por nove Estados. [...] A nossa sede fica em Brasília e foi implantado, por meio do projeto SIPAM, uma grande estrutura na região, estrutura tecnológica que nós utilizamos nas nossas áreas de atuação. Na área de inteligência, de Proteção Ambiental, incluindo a meteorologia, sensoriamento remoto e sistematização de informações.

[...] Temos uma rede de comunicações e tecnologia de computação versátil, via satélite, que hoje consta com cerca de 700 estações. Eu destacaria no uso dessas antenas a parceria com Ministério Desenvolvimento Social, onde nós permitimos, por meio das antenas, o cadastro das famílias que estão em situação de pobreza e de extrema pobreza para que elas possam ter acesso aos programas de governo.

A quinta e última classificada como informativa, é de José Bonifácio Baniwa, secretário da Seind, classificado como fonte oficial, apesar de sua origem indígena, conforme anteriormente explicado. A fala do secretário trata sobre a demarcação de terras indígenas e sobre a importância do entendimento do espaço necessário para os índios sobreviverem de acordo com sua cultura.

Conseguimos demarcar terra, e depois de demarcar terra, o que fazer com a terra? Como fazer com essa terra? O que seu terra tem o valor para o nosso povo? Há muitos povos que tá sem terra ou pouca terra para esse povo, né. Uma ilha de terra não é suficiente. A gente tem falado muito a crítica apresentada: muita terra pra pouco índio. Não é isso, né!

[...] O índio é isso que ele precisa. Onde ele mora na aldeia dele. Onde ele precisa tirar açaí, onde tirar Pataua. Onde pesca, onde caça. É isso que o tamanho oferece para ele. Então, é isso que a consciência humana deveria entender, o lado quando alguns falam, né. Que é muita Terra para pouco índio. Na verdade, é porque é esse o espaço que ele precisa para poder dar continuidade a geração, né.”

Para Bueno (2007), a função pedagógica diz respeito à explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos que incluem, necessariamente, a participação dos cidadãos para a superação dos problemas ambientais.

Nesse sentido, foram classificadas, como pedagógicas, as contribuições das falas da fonte oficial do General Div. Jaborandy do Comando Militar da Amazônia e da fonte especialista do pesquisador e oceanógrafo, Jean Michel Cousteau. Para exemplificar, foram selecionadas algumas falas dessas fontes.

As falas do General Div. Jaborandy referem-se à conscientização sobre a importância de empreendimentos em favor da comunidade e sobre o cumprimento de leis para desenvolver e preservar a Amazônia e do discurso de destruição do meio ambiente que pode levar à uma visão mundial equivocada sobre o Brasil, conforme os trechos a seguir:

O que precisamos é ter maturidade política e vontade de cumprir a lei. Caso contrário, nós vamos parar no tempo. Não teremos energia, voltaremos para época da lamparina e todo mundo nu, descalço. Ou no mar ou no rio, esperando alguma coisa acontecer. Então nós temos que conviver com esse paradoxo: desenvolver e preservar.

[...] Se nós partirmos do pressuposto que de qualquer empreendimento, em benefício da coletividade, vai destruir o meio ambiente, por que nós não somos capazes de protegê-lo. Então, nós estamos mostrando para o mundo que realmente eles têm razão em dizer que é preciso defender a Amazônia dos brasileiros.

Já a segunda fala, classificada como pedagógica, do especialista pesquisador e oceanógrafo, Jean Michel Cousteau, é no sentido de preservação da Amazônia e da importância de levar informações dos povos amazônicos a quem toma decisões, além das deficiências de comunicação e de educação que acabam deixando vulnerável a proteção da Amazônia, conforme os trechos a seguir.

Onde quer que você viva na Amazônia: em Manaus, no topo das montanhas ou ao longo da costa, todos estamos conectados. Nós precisamos sentar com os tomadores de decisões, sejam eles do meio ambiente, da educação, e passar essas informações a eles, às pessoas que podem fazer a diferença.

Nós temos problemas enormes de comunicação e educação, educação e educação: “O que eu acredito é que se nós protegermos a floresta tropical, protegeremos a nós mesmos. Se protegermos essas águas, protegeremos a nós mesmos. Se protegermos os oceanos, protegeremos a nós mesmos. Isso é tudo!”

Da análise das fontes e de suas contribuições no episódio Olhares da Floresta, é possível questionar a ausência de outras fontes das categorias apresentadas no episódio, como povos da floresta e pessoas locais. Apesar da fala do secretário da Seind, observamos que mais indígenas poderiam ter sido ouvidos, assim como ribeirinhos, pessoas locais, e também outras fontes que não foram acionadas como as institucionais, como organizações do terceiro setor.

Ao concluir o episódio, a repórter Barbarah Israel salienta que o cenário atual da Amazônia é de incertezas e desafios, não sendo nem o paraíso idealizado pelos aventureiros, nem o inferno anunciado pelos alarmistas e que é necessário construir hoje uma nova Amazônia para um novo século.

7.5 COMUNIDADE DE CATALÃO

Neste episódio, vinculado à primeira temporada do Nova Amazônia e produzido no ano de 2015, com duração de 26 minutos e 23 segundos, a repórter Barbarah Israel apresenta a comunidade de Catalão e o modo de viver dos ribeirinhos, desde a construção de suas casas flutuantes a suas rotinas do dia a dia no convívio com as cheias do Rio Negro.

Conforme sinopse²⁰ disponibilizada pela TV Escola, o episódio Comunidade de Catalão está assim descrito:

O programa visita a comunidade de Catalão para conhecer os ribeirinhos, que optaram por trocar a terra pelas águas, e apresenta como eles fazem para viver em harmonia com o regime de cheias e vazantes do Rio Negro. O episódio vivencia o cotidiano desses moradores e mostra como atividades simples, como ir à escola, ao mercado e cuidar da casa, criaram um estilo de vida único. Também revela como as casas flutuantes são construídas sem agredir e desmatar o meio ambiente. (TV ESCOLA, 2015)

Para acompanhar o episódio e conhecer quem são as pessoas entrevistadas e suas contribuições à temática do programa, segue (Quadro 12) a transcrição completa do episódio com destaque para identificação das fontes e suas falas, assim como a descrição das cenas, além de imagens de fontes e cenários.

²⁰ Sinopse pode ser encontrada em: <https://tvescola.org.br/videos/nova-amazonia-catalao/>

Quadro 12 – Transcrição do Programa Comunidade de Catalão.






Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Repórter Barbarah Israel</p> 	<p>A repórter Barbarah Israel está em uma casa flutuante.</p>	<p>Aparentemente, parece uma casa comum. De repente, dá uma balançadinha, e a gente se dá conta de que está em uma casa flutuante. Essa aqui, é a casa da dona Raimunda, que é presidente da Associação de Moradores, aqui de Catalão, e uma espécie de faz tudo, aqui pro pessoal da comunidade, né, dona Raimunda?</p>
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	<p>Líder da comunidade responde.</p>	<p>Com certeza.</p>
	<p>Repórter faz pergunta à entrevistada.</p>	<p>E aí, como é que é a vida, aqui, em uma comunidade flutuante?</p>
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	<p>Entrevistada responde.</p>	<p>Ah, para nós, que já estamos acostumados, é comum, é normal, né, muito aconchegante, gostoso. Pra gente, é tudo que a gente precisa, de uma comunidade boa, é essa com certeza. Mas nem percebe que mora em cima da água, a gente vive uma vida normal.</p>
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	<p>Repórter pergunta sobre a relação com a água.</p>	<p>E a relação de vocês, com a água, como é que é?</p>


Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	<p>A líder comunitária explica a visão deles, sobre a água. Aparecem cenas de galinha e de crianças em casa flutuante.</p>	<p>Pra nós, já virou terra, de tão comum que é, entendeu? Então, é tão comum a forma de vida, que a gente já vive, na água, como alguém que vive em terra, já é comum pra nós. E nós não temos dificuldade, a forma de viver, eu acho que é a mesma forma de quem vive em terra. Pra nós, a água a é terra.</p>
	Repórter interage.	A água é a terra?
	Entrevistada complementa.	A água é a terra. Nós temos 300 e poucos habitantes, né.106, 110 famílias, nessa faixa aí.
	Repórter pergunta.	Cerca de 300 habitantes, então?
	Entrevistada responde.	É, temos mais de 300 habitantes.
	Repórter pergunta.	E a senhora está aqui, há mais de 20 anos?
	Entrevistada responde.	24 anos, eu moro aqui.
	Repórter interage.	24 anos...
	Entrevistada comenta uma pergunta retórica.	Já dá pra se adaptar, né?
	Repórter pergunta.	Já deu pra se acostumar, né?





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Entrevistada responde.	Com certeza, se era acostumada em terra, já me acostumei na água, e é isso aí.
	Repórter Barbarah Israel faz pergunta, enquanto acompanha a entrevistada nas redondezas de sua casa flutuante.	Dona Raimunda, como é que a senhora veio parar aqui, no Catalão?
	A entrevistada responde à pergunta, enquanto caminha em direção a um barco.	Ah, vim do Juruá, visitar uma família, né, que morava aqui. Ai, logo em seguida, minha família veio também e eu arranjei um trabalho, gostei e fiquei. E, tá aí, 24 anos que moro no Lago do Catalão e nem pretendo sair tão cedo.
	A repórter interage no diálogo. Enquanto isso, entra, junto com a entrevistada, em um barco.	Então, a senhora morava no Juruá, veio pra cá visitar...
	Entrevistada reafirma.	Um parente, né.
	Repórter confirma.	Um parente, e acabou ficando...
	Entrevistada complementa. Aparecem imagens de casas flutuantes.	Acabei ficando e até hoje, estou aqui. Cheguei em 89 e estou aqui até hoje, né, 2014, ainda estou no Catalão.






Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Repórter pergunta, em off, enquanto passam cenas de casas flutuantes.</p>	<p>Caramba, e quando a senhora chegou aqui, o que mais, assim, a senhora achou diferente, de morar, assim, já existiam várias casas, aqui?</p>
	<p>Entrevistada responde, em off, e continuam cenas de casas flutuantes.</p>	<p>Poucas.</p>
	<p>Repórter confirma a afirmação.</p>	<p>Poucas?</p>
	<p>Entrevistada responde e complementa, em off, e as cenas anteriores continuam.</p>	<p>Existiam, aqui não existiam, acho que não, 20 e poucas pessoas, na época, né, não tinha comunidade, não tinha escola. Quando eu cheguei, já fui fazendo uma reviravolta...</p>
	<p>Repórter interage.</p>	<p>Com esse seu jeitinho, já foi ali...</p>
	<p>Entrevistada continua comentando, enquanto está em um barco, parado.</p>	<p>Já fui ajeitando uma escola, já fiz um cursinho, já passei pra professora, trabalhei já 6 anos como professora. E daí, foi só crescendo, foi crescendo a comunidade, e você vê, hoje, né. E já, parou de crescer porque a gente deu um basta, porque não tinha mais espaço para colocar tantos flutuantes.</p>
	<p>A repórter pergunta, em off.</p>	<p>O Catalão pertence ao município de Iranduba, né?</p>






Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Entrevistada responde.	De Iranduba.
	Repórter, em off, pergunta.	Não é de Manaus, apesar de estar mais perto de Manaus.
	Entrevistada, responde, em off.	Perto de Manaus, perto de Careiro, né. Nós moramos aqui no final de Iranduba, nós moramos entre Solimões e Rio Negro.
	Repórter, pergunta, em off.	Vocês moram perto do encontro das águas?
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	Entrevistada responde.	Próximo, nosso ponto de referência, tenho orgulho em dizer, encontro das águas.
	Repórter comenta.	Olha aí, que maravilha.
	A entrevistada acrescenta, enquanto passam imagens do encontro dos rios Negro e Solimões. Também são mostrados, turistas em barcos, visitando a comunidade.	Nós, se a gente quiser, hoje, tomar banho na água branca a gente vai, bem aqui do lado, se quer da água preta, bem aqui do lado. Então, moramos entre a água branca e a água preta, Rio Negro e Solimões. A comunidade é uma atração, dá pra vocês verem, né, estamos aqui, tá aí a turistada aí.
	Repórter comenta.	Dois barcos de uma vez, na falta de um, apareceram dois.
	A entrevistada concorda, enquanto passam mais turistas.	E já vem outro, aí ó.





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>A repórter comenta, em seguida, chega ao Viveiro de Pirarucu da comunidade.</p>	<p>Mais um, ali ó. Então aqui, é o viveiro de pirarucu, onde vêm vários turistas, conhecer?</p>
	<p>A entrevistada, explica.</p>	<p>Aqui é, todos os dias, vem turista aqui, vem ver a pesca do pirarucu.</p>
	<p>A repórter pergunta.</p>	<p>E como é que é o turismo, aqui, dona Raimunda? A comunidade, por si só, já é uma super atração, né?</p>
	<p>A entrevistada responde.</p>	<p>Já é uma super atração, com certeza.</p>
	<p>Enquanto a repórter faz o reconhecimento do local, aparecem imagens, na tela, do mesmo.</p>	<p>Aqui a gente tem uns artesanatos...</p>
	<p>A entrevistada acrescenta.</p>	<p>Essa aqui é a...</p>
	<p>A repórter comenta.</p>	<p>A parada obrigatória.</p>
	<p>A repórter encontra um turista no Viveiro do Pirarucu.</p>	<p>Eu estou aqui com o Humberto, que é chileno, e veio conhecer a comunidade do Catalão. E aí, Humberto, o que que você tá achando?</p>
<p>Humberto Contreras - turista</p> 	<p>O turista colabora.</p>	<p>Acredito ser uma experiência bastante, acho que inovadora, para quem é de fora. Eu acredito que é uma particularidade do povo brasileiro, e ainda mais uma experiência como essa, assim. Já tinha ido a outros países, que não são fixos, mas nunca flutuantes. Assim, a dinâmica do povo, representar a sua cultura, eu considero que é extraordinário. Por ser explorada de forma sustentável, mas conforme a cultura das pessoas.</p>






Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="261 300 616 356">Herculano Borges – Cooperativa Solinegro</p>  	<p data-bbox="676 300 938 439">Entrevistado responde pergunta em que não aparece a imagem da repórter.</p> <p data-bbox="676 479 938 618">Enquanto fala, aparecem, a repórter Barbarah e dona Raimunda, pescando.</p>	<p data-bbox="962 300 1445 506">E depois que o turismo chegou aqui, melhorou muito a vida de várias pessoas, como a minha, das pessoas que têm restaurante, das que têm criação de pirarucu, que fazem artesanato, né. E tem condições de melhorar muito mais ainda.</p>
	<p data-bbox="676 918 938 1057">A repórter pergunta, em off, enquanto há imagens de um criador de peixes.</p>	<p data-bbox="962 918 1445 1057">E esse é um turismo interessante, porque ele é um turismo de base comunitária, ou seja, ele é feito pelas próprias pessoas aqui da comunidade, né?</p>
<p data-bbox="261 1209 616 1265">Herculano Borges – Cooperativa Solinegro</p> 	<p data-bbox="676 1209 938 1265">O entrevistado responde.</p>	<p data-bbox="962 1209 1445 1621">Exatamente. O dono do restaurante é comunitário, o pirarucu é comunitário. É, nós temos, 6 a 8 pessoas, da nossa cooperativa, que são da nossa comunidade, que moram na comunidade. E a gente acaba, de qualquer forma, atraindo mais turismo para a nossa comunidade, porque a gente tem a embarcação. Traz o turista para o restaurante, traz o turista para a criação do pirarucu, traz o turista pra comprar artesanato que, muitas vezes, são feitos pelos comunitários.</p>
	<p data-bbox="676 1673 938 1812">A repórter questiona, em off, enquanto passam cenas de uma família, em um barco.</p>	<p data-bbox="962 1673 1445 1729">E como será, o dia a dia, em uma comunidade flutuante?</p>





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Repórter narra, em off, barco coletando crianças para levá-las à escola.</p>	<p>Ó, gente, tá chegando aí, o barquinho escolar, que vai levar a criançada, de volta pra casa. Ó a criançada entrando.</p>
	<p>Raimunda Viana – líder comunitária, mostra escola da comunidade, falando em off.</p>	<p>Cuidado pra não se machucarem, meninos! Eita, lálá! Essa aqui é a nossa escola, né, Nossa Senhora Aparecida, Lago do Catalão, município de Iranduba. Ela é uma escola, hoje, com 7 salas, nós estamos, na faixa, de 200 alunos.</p>
	<p>Repórter pergunta, em off, enquanto aparecem cenas de crianças na escola.</p>	<p>Vocês têm 200 crianças aqui, mas nem todas são daqui, têm outras, de outros municípios, que vêm estudar aqui?</p>
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	<p>Entrevistada corrige equívoco da repórter.</p>	<p>Não, do mesmo município, só da outra comunidade.</p>
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	<p>Repórter em off. Entrevistada continua a explicar sobre a escola. É interrompida por cumprimento das crianças.</p>	<p>Ah, desculpa, é da outra comunidade. Comunidade vizinha, mas sendo do mesmo município. Aí a gente, nós temos, graças a Deus, uma qualidade de merenda excelente, nós temos, aqui, a merenda da agricultura familiar, que é uma merenda, quase que 100%, natural. Não falta merenda, professores, também, são excelentes, graças a Deus, nossa escola... - Oi bebê! Deus te abençoe -.</p>






Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Repórter em off, enquanto barco com crianças é mostrado.</p>	<p>Dona Raimunda, eles vão deixando, um por um, na porta de casa?</p>
	<p>A entrevistada responde ao questionamento, por momentos o vídeo se volta para o barco escolar com crianças.</p>	<p>Cada um, vai deixando na porta da sua casinha. De manhã, pega, e quando termina as aulas, na mesma procedência, vai deixando cada um, olha lá, como é que é. Da forma que ele pega, o aluno, e assim vai sendo... no início da aula, no final da aula, o mesmo processo.</p>
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	<p>Repórter pergunta, em off. Entrevistada responde. E acrescenta.</p>	<p>E quantas viagens, ele tem que dar, para deixar todo mundo? Ele enche a primeira vez, a lancha, que não pega todos, aí deixa nas suas casas e pega a segunda remessa. Até entregar todos. Eu sempre dava entrevista e falava que no dia que eu conseguisse luz elétrica e um ponto que gerasse renda para as mães mais carentes, eu estava realizada, lá no Catalão e eu iria partir para outro lugar. Aí, a luz elétrica a gente conseguiu, graças à Deus, que foi uma vitória sem tamanho.</p>
 	<p>Repórter pergunta, em off. A entrevistada responde e esclarece mais detalhes, aparecendo cenas do interior de uma casa, de casas flutuantes e de crianças brincando na água.</p>	<p>Quanto tempo que teve, que chegou a luz? 2007. Nós passamos 4 anos lutando, brigando, chorando por essa luz, mas valeu a pena, entendeu? Essa história da luz elétrica aqui, foi uma coisa que se for contar... foi 4 anos de muito sacrifício, mas eu quero dizer que a gente, tudo vale a pena. Por que a briga que a gente teve, o sacrifício, as decepções, e hoje a gente ter uma luz elétrica na sua casa. Vivia no escuro, né, comia na lamparina, na vela, não tinha uma televisão. Hoje, você tem ventilador, você tem geladeira, tem umas pessoas que tem até ar condicionado. Então isso, dá... olha, tem uma luta, minha filha? Vá em frente, que tudo vale a pena. E aqui é um lugar muito perigoso, porque, é bom, mas tem os seus lados perigosos. É tipo assim, o filho também tem que ter cuidado para não cair n'água, porque já morreu criança afogada aqui, de cair na água, né.</p>





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>Então a gente tem muito cuidado. Hoje, criança, com 2 anos, tá sabendo nadar. Com 2 anos, a criança hoje sabe nadar, já pela preocupação. Pessoas que chegaram aqui não sabiam o cuidado que se tinha que se ter, aconteceu várias mortes de criança. Hoje, graças a Deus, o bebê, cedinho, já está na água, já sabe nadar.</p>
	Repórter pergunta, em off.	Vocês tinham alto índice de morte por afogamento, aqui na comunidade?
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	Entrevistadora comenta.	<p>Sim, sim... aconteceu várias vezes, aconteceu, mas graças a Deus, isso aí acabou, né, todo mundo teve cuidado, a gente fez uma campanha de cuidados, aí. Então, criança, hoje, não sabe nem falar direito, mas pode jogar na água, que sabe nadar que é uma beleza. É um mérito, já, que a gente conquistou. A gente aprendeu a viver, que a gente não sabia, viver aqui na água, aí já aprendeu, a viver sob as águas, colocando-se o bebê, pra aprender a nadar.</p>
	Repórter on, conversa com morador da comunidade.	<p>Uma das famílias mais tradicionais e mais antigas, aqui da Comunidade do Catalão, é a família Borges. Eles chegaram, aqui, desde a década de 60?</p>
<p>Manoel Borges - aposentado</p> 	Entrevistado confirma o ano da chegada.	60.
	Repórter on.	Desde a década de 60, não é, seu Manoel?
	Entrevistado confirma.	É, justamente.
	Repórter interage com morador.	E aí?
	Entrevistado comenta.	Isso aqui, era muito feio, quando nós chegamos.
	Repórter indaga.	Era?




Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Entrevistado confirma.	Era...
	Repórter pergunta.	O que que mais mudou, o que mais mudou?
<p data-bbox="284 412 593 441">Manoel Borges - aposentado</p> 	Entrevistado relata sua experiência.	Mudou porque alimpou tudo, né? Mas a gente chegou, foi afastando mais os peixes que tem, e aí foi o tempo que os velho foi diminuindo, foi se acabando, diminuindo, aí já veio outros parentes dele, né, aí já foi crescendo de novo, mas que os veteranos, mesmo, tá indo tudo.
	Repórter pergunta, ainda na casa do entrevistado.	E o senhor chegou aqui, o senhor tinha quantos anos?
	Entrevistado responde.	Eu cheguei, eu tava com 9 anos de idade. Hoje eu tenho 60 anos
	Repórter interage.	Então, o senhor chegou aqui, não tinha luz...
	Entrevistado confirma.	Não.
	Repórter pergunta.	Quase não tinha casa, por aqui?
	Entrevistado responde.	Não, não.
	Repórter pergunta, em on.	Quantas casas tinham, seu Manoel, quando o senhor chegou?
	Entrevistado responde, em off, enquanto passam imagens da comunidade.	Flutuante, só tinham 3 flutuantes. Que era o Ibesabá, que chamavam, né, da Compensa, e do R. Pereira e Amoraís.
	Repórter pergunta, em off.	Sua família é a maior família, que tem aqui no Catalão?
	Entrevistado responde, em off.	Maior família que tem é a família de Borges, essa vila aí todinha, essa flutuante todinha, quase toda, é Borges.
	Repórter descontrai, com o entrevistado.	Não chama mais nem Catalão, chama Vila Borges, viu?
	Entrevistado complementa.	Pois é, isso aí, já teve muito farto, esse Catalão.
	Repórter pergunta, on.	E, seu Manoel, o senhor se considera um homem abençoado?





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Manoel Borges - aposentado</p> 	Aposentado responde.	Rapaz, eu me acho, por Deus, que Ave Maria, quando atacou essa doença em mim, que eu peguei esse derrame... peguei não, ela me pegou, eu fiquei, peguei muito a Deus. Eu fiquei todo, movê dizer, uma banda morta. Então, se eu chegasse aqui, no meu flutuante, eu ia andar, sem perecer da cadeira de roda. La eu andava, ou outros me carregava. Ainda passei uns 2 dias, 4 dias, arrastando a bunda no assoalho, mas depois, graças a Deus, até hoje. Eu ando assim, meio troncho, mas vai embora.
	Repórter, on.	Mas o senhor está bem, aí, seu Manoel, tá inteiro, olha aí, ó... Tá inteiro. Tá aí, o seu Manoel... Quem nasce no Catalão, é o que?
	Entrevistado responde.	Rapaz, só pode ser, catalanense, né?
	Repórter on.	Catalhãoense, então, ó, seu Manoel aqui, um veterano, catalhãoense, dando uma lição de vida, aqui, com todas as dificuldades, tá aqui ó, senso de humor, com toda essa natureza, né, seu Manoel? Só resta agradecer....
	Entrevistado concorda.	É, só resta agradecer a Deus, que ele sempre dá uma saúde, pra nós todos, né. Isso é que é a coisa importância, pra nós.
	Repórter, em off, enquanto na tela há uma criança remando em um barco.	Leo, você que ensinou, essa criançada toda, a nadar?
	O estudante responde.	Foi.
	A repórter pergunta.	Foi? Com quantos anos você aprendeu a nadar?
	Estudante responde.	Três.
	Repórter confirma.	Três aninhos?
	Entrevistado corrige.	Dois.
	Repórter faz pergunta à entrevistado, em on, sentada a beira do rio.	Dois anos. E quem te ensinou?
	Entrevistado responde.	Papai.
	Repórter pergunta.	O Manoel? Foi?





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Leo Borges - estudante</p> 	Entrevistado responde.	Ele e minha mãe, que já morreu, já.
	Repórter faz pergunta.	Tua mãe já tá lá no céu?
	Estudante responde.	Tá.
	Repórter pergunta.	E como é que foi para ensinar esses meninos, aí, a nadar? Como que é a tua tática?
<p>Leo Borges - estudante</p> 	Estudante explica, e aparece, na cena, crianças mergulhando na água.	É botar eles aqui, ficar, mandar eles bater perna. Ai essa daqui, tinha um medo danado, só pulava daqui pra cá, só era isso.
	Repórter pergunta.	Esse que tá brincando aí?
	Estudante responde e complementa.	Só andava pelo cabo, agora consegue atravessar essa parte aqui, consegue aquele ali.
	Repórter faz pergunta.	Então tu coloca ele, nas costas, e manda ele bater perna, e vai?
	Entrevistado responde, em off, enquanto aparecem crianças mergulhando.	Eu soltava um, aí já tava: ai! Aí afundava...
	Repórter faz pergunta, em off.	E você gosta de morar, aqui no Catalão?
	Entrevistado responde, em off.	Gosto mesmo. Mais com a minha titia, ali, ó.
	Repórter pergunta.	Dona Raimunda?
	Entrevistado confirma.	É.
	Repórter faz pergunta.	Ela é legal?




Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Entrevistado responde.	É, e muito.
	Repórter pergunta.	Não quer, tu não tem vontade, de ir morar em Manaus?
	Entrevistado responde.	Não, não muito. Assim, porque tem muita violência.
	Repórter interage.	Tem, né?
	Entrevistado acrescenta.	Toda hora, é, morte, morte pra lá, morte pra cá, acidente.
	Repórter faz pergunta.	É aqui, o que que vocês costumam fazer, qual que é a brincadeira, de criança, que vocês mais gostam?
	Entrevistado responde.	Jogar bola, mas tá fundo.
	Repórter questiona.	Vocês jogam bola aonde aqui, que só tem rio?
	Entrevistado explica.	Aqui, quando seca...
	Repórter faz pergunta.	Só na época em que está seco?
	Entrevistado detalha, em off, enquanto passam cenas de um barco no rio.	É... quando não tem bola, e tá na época do Marimari, nós vamos colher Marimari, por aí.
	Repórter pergunta.	Marimari é o que, uma fruta?
	Entrevistado confirma.	É.
	Repórter Barbarah Israel prova fruta exótica.	Vamos ver...
	Dona Raimunda observa a expressão da repórter.	Fez uma cara... não gostou muito não?
	Repórter opina sobre a degustação.	Não, é, até que é bom.
	Dona Raimunda complementa.	Azedinho, né.
	Repórter concorda.	É, azedinho. Mas é um azedinho bom.
	Repórter está entrevistando carpinteiro naval, sobre casas flutuantes que ele constrói.	Toda vez que eu olho para essas casas flutuantes, eu fico me perguntando: como será que elas foram construídas. E aqui, ao meu lado, pra responder essa pergunta, o Laércio, que é, praticamente, o engenheiro da floresta, já nasceu com esse dom e já construiu um monte de casa, aqui no Catalão, né, Laércio?

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Entrevistado confirma.	Já.
	Repórter pergunta.	Quantas casas você já construiu aqui?
	Entrevistado responde, em off, enquanto aparecem cenas de casas flutuantes.	Já tá com umas 20, mais ou menos.
	Repórter interage.	20 casas?
	Entrevistado confirma.	Foi, 20 casas.
	Repórter pergunta.	E há quanto tempo que você trabalha com isso?
	Entrevistado responde.	16 anos, 16 anos, mais ou menos, no mínimo.
	Repórter pergunta.	E como é que você aprendeu, Laércio, a construir casas flutuantes?
<p data-bbox="245 922 632 949">Laércio da Silva – carpinteiro naval</p> 	Carpinteiro responde, em off, enquanto aparecem cenas dele trabalhando.	É de dom, eu nunca fiz uma faculdade, pode colocar um engenheiro aí, que é aprovado. Nasci no interior, e me criei no interior. Agora, moro em Manaus, mas não mudou nada.
	Repórter pergunta.	Você mora em Manaus, e vem trabalhar aqui no Catalão, construindo casas, todos os dias?
	Entrevistado responde.	Todos os dias. Inclusive, eu tô querendo mudar de ideia, deixar a casa lá e fazer uma flutuante, para mim, aqui, né. Que é melhor pra mim.
	Repórter pergunta.	Pois é, você já fez flutuante pra tanta gente, ainda não fez um pra você?
<p data-bbox="245 1536 632 1563">Laércio da Silva – carpinteiro naval</p> 	Entrevistado comenta.	Um colega até falou assim, poxa, você já fez tantos flutuantes, será que tu não sabe acertar um pra você? Acho que dá pra mim acertar, né.





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Repórter demonstra curiosidade sobre o processo de construção.	E Laércio, me conta uma coisa, como é que é para construir um flutuante? A gente está olhando aqui, tem esses troncos... são os troncos específicos, pode ser de qualquer árvore? Como é que é, conta aí?
 	Entrevistado explica o procedimento, especificando o material utilizado.	Isso aqui é, a gente chama de boia, ele é açacu. Açacu. Só pode fazer dele, outra madeira, não pode não. Porque ela é própria mesmo, ela não afunda, ela é própria pra fazer casa aquática mesmo.
	Repórter pergunta.	Quanto é que sai, pra construir uma casa mediana, assim, uma casa flutuante, digamos, de 3 quartos, assim?
	Entrevistado faz outra pergunta.	De 3 quartos? O preço total, pra sair?
	Repórter.	É.
	Entrevistado.	Com madeira e tudo?
	Repórter confirma.	É, com madeira e tudo.
	Entrevistado fala.	Eu acho que, uns 40.
	Repórter.	40 mil reais?
	Entrevistado confirma.	É, uns 40 mil reais, dá pra fazer.
	Repórter pergunta.	E em quanto tempo que você constrói uma casa?
	Entrevistado responde.	Depende do tamanho. Nesse caso, de 3 quartos, uns 40 dias, eu deixo ela na chave.
	Repórter comenta.	Gente, 40 dias, é muito rápido. Você e mais um ajudante, só vocês dois?
	O carpinteiro confirma.	Só nós dois.






Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Repórter, em on, enquanto entrevistado está no rio, flutuando em um pedaço de madeira.</p>	<p>E essa aqui, é o açacu, né, essa daí que você usa?</p>
	<p>Entrevistado responde.</p>	<p>É, essa aqui que eu uso.</p>
	<p>Repórter pergunta.</p>	<p>E de onde é que ela vem, Laércio?</p>
<p>Laércio da Silva – carpinteiro naval</p>  	<p>Entrevistado explica, em cima de uma peça de madeira. Aparecem imagens do rio, ao descrever como a madeira chega à comunidade.</p>	<p>Vem lá do Rio Purus, em Solimões. Aí o pessoal lá, pegam aí é pescar dela. Ela vem baixando, no rio, aí tem pessoa já própria pra pegar ela. Aí tora só aqui, a parte aqui, do galho, aí o resto, é torado a raiz, aí vem com tudo. A maioria caída do barranco, o barranco delas. O barranco desaba, ela cai, na água, aí vai baixando e eles pegam ela.</p>
	<p>Repórter em off, enquanto aparecem imagens do rio, como descrito anteriormente.</p>	<p>Ou seja, pra quem pensa que isso daí é retirado da floresta de forma ilegal...</p>
	<p>Entrevistado.</p>	<p>Não é, não é. Ela cai no rio, e eles trazem ela já derrubada, já.</p>
	<p>Repórter, em off, interage.</p>	<p>Vem trazendo desde o Purus...</p>
<p>Laércio da Silva – carpinteiro naval</p> 	<p>Carpinteiro complementa, enquanto aparecem cenas deles trabalhando.</p>	<p>Purus, vem do Purus, Solimões. Sem derrubar, sem coisar com a floresta.</p>

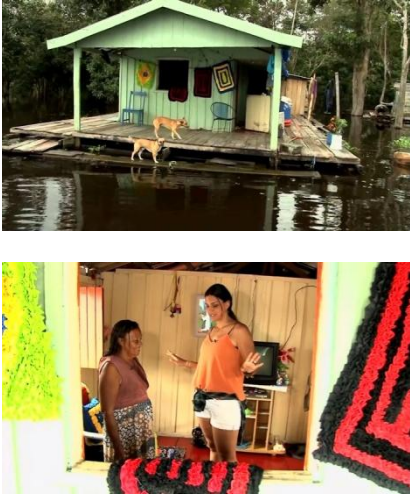



Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Repórter, chega na casa da dona Maria dos Tapetes. Na sala da casa, faz pergunta.</p>	<p>Chegamos na casa da dona Maria dos Tapetes, dona Maria! Invadindo, aqui, a sala da dona Maria, e já dá pra ver que ela é bem colorida, cheia de fuxicos. A senhora que fez tudo que está aqui, dona Maria?</p>
	<p>Entrevistada responde.</p>	<p>Só eu que faço tudo isso.</p>
	<p>Repórter comenta e pergunta.</p>	<p>Nossa, é um trabalho muito legal, heim. As almofadas também?</p>
	<p>Entrevistada responde.</p>	<p>Sou eu quem faço as almofadas.</p>
	<p>Repórter comenta.</p>	<p>Olha aqui, que coloridas. Tudo ela que faz.</p>
<p>Maria Picanço - artesã</p> 	<p>Entrevistada mostra seu artesanato.</p>	<p>Tá aqui essas duas também.</p>
	<p>Repórter pergunta.</p>	<p>E a senhora passa o dia costurando?</p>
<p>Maria Picanço - artesã</p> 	<p>Entrevistada explica.</p>	<p>O dia costurando. Às vezes, eu fico só de tarde, né, de manhã tem as coisas pra fazer, fazer o almoço, né, lavo a roupa, e depois, eu vou só sentar pra costurar, fazer fuxico e costurar na máquina. A minha máquina tá ali, ó.</p>
	<p>Repórter comenta, mostrando a sala da casa. Depois, em off, faz pergunta sobre a horta e o galinheiro flutuante, enquanto aparecem cenas dos mesmos.</p>	<p>E essa salinha, toda arrumadinha. Olha, gente, que bonitinha a casa da dona Maria.</p>






Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
		Quando o rio tá secando, o que que a senhora faz com a sua horta e seu galinheiro flutuante?
<p data-bbox="316 533 558 562">Maria Picanço - artesã</p> 	Entrevistada responde, enquanto estão fora da casa.	Vai embora.
	Repórter pergunta.	Vai embora como?
	Entrevistada responde.	Lá pra beira.
	Repórter pergunta.	A senhora arrasta eles, juntos?
	Entrevistada responde, enquanto aparecem imagens das galinhas.	É, ele vai embora. Agora as galinhas, fica aqui em cima. Fica aqui em cima e a gente vai lá pra baixo, leva o flutuante.
	Repórter pergunta.	Eles estão presos, está preso por uma corda?
	Entrevistada responde.	É, tá amarrado.
	Repórter supõe.	Ou ele tá solto?
	Entrevistada corrige.	Não, tá amarrado nesse aqui.
	Repórter pergunta.	Pronto, simples assim?
	Entrevistada confirma.	Humhum.
	Repórter pergunta.	Aí vai embora, leva a horta junto?
	Entrevistada confirma.	Vai embora, a gente vai e leva a horta.
<p data-bbox="288 1518 587 1547">Estevão Picanço - pescador</p> 	Entrevistado responde, alguma pergunta que não apareceu a repórter fazendo-a.	Minhas filhas estão tudo lá, é meu e dela. Tem três filhos homem e uma mulher.
	Repórter pergunta, em off.	Mas eles vão pra trabalhar?





Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Entrevistado confirma.	É, trabalhar.
	Repórter pergunta, em off.	É o que que você mais gosta, de morar aqui no Catalão, o que que é, o que mais te encanta, assim?
	Entrevistado responde.	É a pescaria.
	Repórter pergunta	Tem muito peixe aqui?
<p data-bbox="288 483 587 517">Estevão Picanço - pescador</p> 	Entrevistado responde.	Tem, tinha, tinha e agora já diminuiu.
	Repórter pergunta.	Tu já pescou vários, né?
	Entrevistado comenta.	Já. E agora eu vou plantar, sabe, porque o negócio do peixe está devagar, né, e aí a gente tem que se ajudar.
	Repórter pergunta.	É você quem construiu essa horta flutuante?
	Entrevistado confirma.	Sim senhora.
	Repórter pergunta.	E como é que é pra construir?
	Entrevistado detalha.	Rapaz, aí, eu peguei as boia, né, aí eu botei viga, por cima, falta ajeitar, ela não está ajeitada ainda.
	Repórter pergunta, em off, enquanto aparecem cenas da horta.	E essa ideia de usar as canoas foi de quem, foi sua?
	Entrevistado explica.	É, porque aguenta terra né.
	Repórter comenta, em off, enquanto aparece a dona Maria.	Olha, fica até um trabalho de paisagismo, né? Tô vendo aqui, numas casas chiques, uma canoa e vocês já tem uma. Toda casa tem uma.
	A repórter pergunta, na casa da dona Raimunda.	É, dona Raimunda, aqui é sua casa, do lado é a casa do seu filho, do outro lado a casa de outro familiar, aí é praticamente a Vila da dona Raimunda também?








Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>A entrevistada responde, em off, enquanto aparecem cenas da vila.</p>	<p>Também. Que a vila Borges, é vila da dona Raimunda, né. Que sempre é parente daqui, parente dali, outro parente ali, irmão para ali, sobrinho para ali, acaba sendo uma família.</p>
	<p>Repórter pergunta.</p>	<p>E quando tem briga, assim, de vizinho, como é que faz?</p>
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p> 	<p>Entrevistada responde.</p>	<p>Ah, isso é raro acontecer, né, mas se eu não gostar do meu vizinho, por algum motivo, pego a minha casa, coloco na canoa e vou embora, moro lá no outro canto. Não posso ficar: ai, não gosto! Não, mas a gente não briga não, isso é só se a gente quiser sair, a gente sai, né.</p>
	<p>Repórter pergunta.</p>	<p>E agora, esquecendo a dona Raimunda presidente da associação, merendeira, mãe da comunidade, esquecendo tudo isso, o que que essa comunidade, essa vida ribeirinha, significa para você?</p>
<p>Raimunda Viana – líder comunitária</p>  	<p>Entrevistada responde.</p>	<p>Olha, significa, para mim, eu me sinto mãe, aqui desse lugar, entendeu? Se alguém da minha comunidade está passando por uma situação boa, pra sorrir, eu tô sorrindo junto. Se tá passando difícil, pra chorar, eu choro junto, entendeu. Então, eu me sinto de uma forma mais que uma líder, mais que uma moradora, eu me sinto, assim, uma mãe, realmente, da minha comunidade. Eu já tentei ir embora várias vezes, não tive coragem, porque eu amo esse lugar.</p>
	<p>Repórter comenta.</p>	<p>Pra mim, o que eu vou levar, disso tudo, dessa experiência, é ver como as pessoas, aqui, são conectadas com a água.</p>

Imagem de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Entrevistada complementa.	Com certeza, e somos felizes.
	Repórter confirma.	E são felizes.
	Entrevistada reafirma.	Com certeza.
	Repórter agradece, se despedindo.	Obrigada!

Fonte: Elaborado pela autora a partir do vídeo original produzido por Nova Amazônia (2019).

Após a transcrição do programa, direcionamos o nosso olhar para as fontes que foram acionadas no decorrer do episódio. Ao realizarmos o levantamento dessas vozes, conforme os autores que embasam este estudo e pela classificação proposta, apresentamos (Quadro 13) a listagem com as fontes, posição que ocupam no programa e sua classificação.

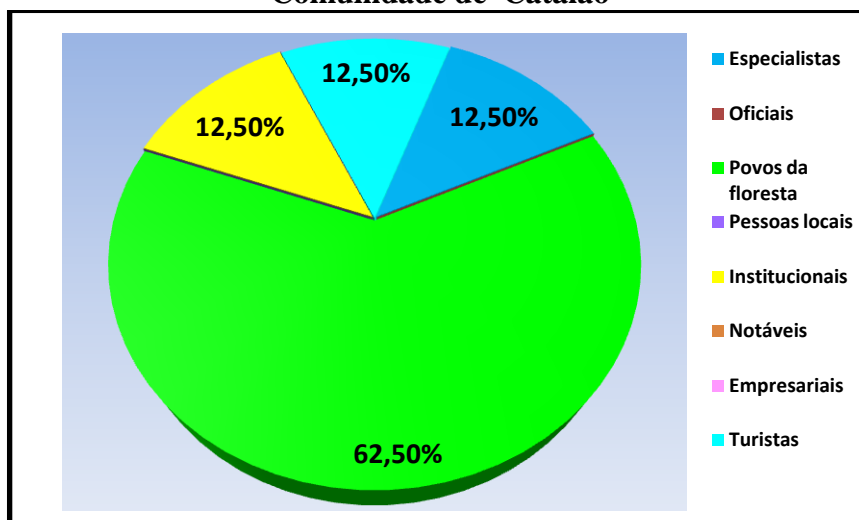
Quadro 13 - Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Comunidade de Catalão

Nome	Designação conforme o episódio	Classificação da Fonte
Raimunda Viana	Líder comunitária	Povos da Floresta
Humberto Contreras	Turista	Turistas
Herculano Borges	Cooperativa Solinegro	Institucionais
Manoel Borges	Aposentado	Povos da Floresta
Leo Borges	Estudante	Povos da Floresta
Laércio da Silva	Carpinteiro Naval	Especialistas
Maria Picanço	Artesã	Povos da Floresta
Estevão Picanço	Pescador	Povos da Floresta

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Ao analisarmos a distribuição quantitativa das fontes neste episódio, encontramos a presença de 08 pessoas que contribuíram com as discussões propostas pela repórter, cuja proporção pode ser visualizada no gráfico a seguir:

Gráfico 9 – Representação das fontes em percentuais no programa Comunidade de Catalão



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Assim, conforme pode ser verificado no gráfico anterior, a categoria **povos da floresta** aparece com a maior porcentagem, 62,50% das fontes, representada por cinco entrevistados. Após, três categorias aparecem com o mesmo percentual de contribuição nas falas. A categoria **especialistas** aparece com 12,50% das fontes, representada por uma pessoa. Na sequência, aparece a categoria **turistas** com 12,50%, correspondente a uma pessoa ouvidas, o que se repete na categoria **institucionais**, com 12,50% e uma pessoa ouvida.

Em relação à categoria **povos da floresta** esta foi representada de forma diversificada, envolvendo uma líder comunitária, um aposentado, um estudante, uma artesã e um pescador. A categoria **instituições**, entendemos que a posição que está ocupando refere-se ao representante da Cooperativa Solinegro, enquanto que a categoria especialista está representada por carpinteiro naval que atua na construção de casas flutuantes, tipo de construção indispensável para a região do Catalão.

Com essas informações, percebemos que o episódio, que se propôs a apresentar a comunidade de Catalão e o modo de viver dos ribeirinhos que convivem com as cheias e vazantes do Rio Negro, vivenciando rotinas dos moradores e suas moradias flutuantes, apresentou vozes diversificadas dos **povos da floresta**, conseguindo mostrar a rotina de crianças, como ir à escola e brincar, assim como de adultos que desenvolvem atividades

produtivas e também de aposentado com longa vivência na região. Além da diversidade, a categoria povos da floresta ocupou o maior espaço no episódio no decorrer 26 minutos e 23 segundos. A fala da líder comunitária, Raimunda Viana permeia a maior parte do programa.

Observamos na relação das fontes acionadas no programa que o aposentado, o pescador e a líder comunitária têm longa experiência no convívio com a rotina peculiar do local, onde o modo de viver muda conforme as cheias e vazantes do Rio Negro. As falas dos três moradores ribeirinhos ressaltam as dificuldades da pesca pela escassez de peixe, em função das mudanças climáticas e da poluição das águas, o que impacta negativamente em suas rotinas.

Mas como as crianças estudam e se divertem na comunidade? A líder comunitária, Raimunda, mostra à repórter o barquinho que pega as crianças em casa e as leva até a escola, que também se localiza em uma construção flutuante, e que atende cerca de 200 crianças da comunidade ribeirinha. A brincadeira, conforme a fala do estudante, Léo Borges, fica por conta do jogo de bola, na época da seca, ou, na época da cheia, na busca da frutinha do Marimari e da natação nas águas do rio. A presença do turista também é um forte aliado do comércio local, ressaltado por Herculano Borges, da Cooperativa Solinegro, pois diariamente vários barcos visitam a comunidade trazendo turistas que se surpreendem com a rotina dos ribeirinhos, como foi o caso do chileno Humberto, que já tendo visitado comunidades semelhantes em outros países, se surpreendeu pelo modo de convívio sustentável da comunidade de Catalão.

E como são construídas as casas para sobreviverem às cheias do Rio Negro? Quem responde isso é o carpinteiro naval, Laércio da Silva, morador de Manaus, que já construiu 20 casas na região e que observa o uso sustentável de materiais dispensados pela própria natureza.

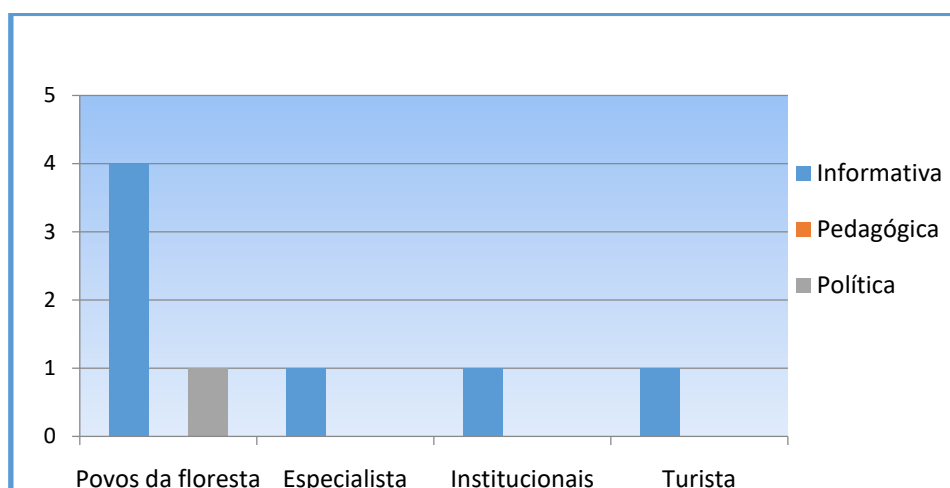
Observamos que o episódio busca levar para quem está assistindo a vida das pessoas que convivem com as cheias e vazantes de rios, suas peculiaridades e seu convívio sustentável com o meio ambiente, indicando que é possível esse convívio, inclusive com o incremento do turismo local feito e administrado primordialmente pelos povos da floresta, indicando o saber amazônico dos povos locais (LEFF, 2012).

A partir dessas informações, é possível realizar o outro movimento de análise. Assim, buscamos identificar qual a contribuição de cada fonte em relação à temática do episódio, ou seja, qual a função dessas vozes no episódio e sobre o que falam.

Pelas categorias já explicitadas, encontramos que a **função informativa**, com sete pessoas, teve diversidade de falas, apesar da **fonte política**, representada por apenas uma

peessoa, ter tido grande espaço na reportagem. Não identificamos na fala de nenhuma fonte da **função pedagógica**. No gráfico a seguir é possível observar as funções de cada fala, conforme a classificação de fontes proposta.

Gráfico 10 – Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Comunidade do Catalão



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Conforme demonstrado no gráfico anterior, identificamos como função informativa das fontes dos povos da floresta, Manoel Borges, aposentado; Léo Borges, estudante; Maria Picanço, artesã; e Estevão Picanço, pescador. Também foram classificadas com a função informativa as falas da fonte Institucionais por Herculano Borges, representante da Cooperativa Solinegro; da fonte Especialista por Laércio da Silva, carpinteiro naval; e da fonte Turista por Humberto Contreras.

A fala da líder comunitária, Raimunda Viana, classificada como povos da floresta, apesar de ter contribuído com muitas informações, sua fala foi classificada com a função política, em função de seu papel na comunidade de Catalão, como presidente da associação, merendeira, mãe da comunidade e fundadora da primeira escola.

Entre as fontes povos da floresta, iniciamos por Manoel Borges que compartilha sua experiência de vida no Catalão com a repórter, com sentimento de pertencimento no local onde vive desde a década de 1960, como pode ser observado nos seguintes trechos de sua fala em resposta à pergunta da repórter sobre as mudanças entre a época de sua chegada até agora.

Flutuante, só tinham 3 flutuantes. Que era o Ibesabá, que chamavam, né, da Compensa, e do R. Pereira e Amorais.

*Maior família que tem é a família de Borges, essa vila aí todinha, essa flutuante todinha, quase toda, é Borges.
Não chama mais nem Catalão, chama Vila Borges, viu?*

A fonte povos da floresta, Léo Borges, estudante, cuja fala informativa trata de sua contribuição na comunidade ensinando as crianças a nadar, o que é primordial para quem vive e convive com as águas dos rios todo o tempo.

*É botar eles aqui, ficar, mandar eles bater perna. Ai essa daqui, tinha um medo danado, só pulava daqui pra cá, só era isso.
Só andava pelo cabo, agora consegue atravessar essa parte aqui, consegue aquele ali.
Eu soltava um, aí já tava: ai! Aí afundava...*

Maria Picanço, artesã, fonte povos da floresta, contribui com informações sobre o seu trabalho artesanal, que é vendido aos turistas, e também de sua rotina diária, conforme observamos nos seguinte trecho de sua fala “ [...] o dia costurando. Às vezes, eu fico só de tarde, né, de manhã tem as coisas pra fazer, fazer o almoço, né, lavo a roupa, e depois, eu vou só sentar pra costurar, fazer fuxico e costurar na máquina. A minha máquina tá ali, ó”.

A fala da fonte povos da floresta, Estevão Picanço, pescador, trata de seu encantamento pelo local e como a pesca tem sido prejudicada em função da redução de peixes na região, o que resulta na necessidade de atividades alternativas para manter o sustento, conforme pode ser observado no trecho “ [...] E agora eu vou plantar, sabe, porque o negócio do peixe está devagar, né, e aí a gente tem que se ajudar”. Sobre a ideia de fazer uma horte em uma canoas, Estevão informa “Olha, fica até um trabalho de paisagismo, né? Tô vendo aqui, numas casas chiques, uma canoa e vocês já tem uma. Toda casa tem uma”.

Em relação à fala institucional, observamos que Herculano Borges compartilha com a repórter o seu saber sobre a forma de interação da comunidade na atividade de atendimento e atração turística que representa melhoria de vida, como podemos observar neste trecho:

E depois que o turismo chegou aqui, melhorou muito a vida de várias pessoas, como a minha, das pessoas que têm restaurante, das que têm criação de pirarucu, que fazem artesanato, né. E tem condições de melhorar muito mais ainda. E esse é um turismo interessante, porque ele é um turismo de base comunitária, ou seja, ele é feito pelas próprias pessoas aqui da comunidade, né?”

A fala do especialista, Laércio da Silva, carpinteiro naval, traz informações sobre a construção das casas flutuantes há 16 anos na comunidade de Catalão e do manejo com a

madeira adequada e de forma sustentável, conforme pode ser observado em trechos de sua fala.

[...] Isso aqui é, a gente chama de boia, ele é açacu. Açacu. Só pode fazer dele, outra madeira, não pode não. Porque ela é própria mesmo, ela não afunda, ela é própria pra fazer casa aquática mesmo.

Vem lá do Rio Purus, em Solimões. Aí o pessoal lá, pegam aí é pescar dela. Ela vem baixando, no rio, aí tem pessoa já própria pra pegar ela. Aí tora só aqui, a parte aqui, do galho, aí o resto, é torado a raiz, aí vem com tudo. A maioria caída do barranco, o barranco delas. O barranco desaba, ela cai, na água, aí vai baixando e eles pegam ela.

[...] Ela cai no rio, e eles trazem ela já derrubada, já. Purus, vem do Purus, Solimões. Sem derrubar, sem coisar com a floresta.

Pela fala do carpinteiro Laércio, é possível resgatar a Leff (2006) sobre levar em consideração o saber popular sobre a Amazônia, pois o manejo da madeira pelo carpinteiro ocorre de forma sustentável, sem a necessidade de desmatamento.

A fala do turista Humberto Contreras trata da importância de conhecer a realidade dos ribeirinhos e de como a região é explorada de forma sustentável por sua comunidade, como pode ser observado no trecho de sua fala: “Acredito ser uma experiência bastante, acho que inovadora, para quem é de fora. [...] Assim, a dinâmica do povo, representar a sua cultura, eu considero que é extraordinário. Por ser explorada de forma sustentável, mas conforme a cultura das pessoas”.

Por fim, seguimos para análise da fonte povos da floresta, Raimunda Viana, cuja função de sua fala, que permeia todo o programa, foi classificada como política. Raimunda contribui para o programa em diversos momentos, tratando dos ciclos das águas e de como interferem na vida das pessoas que moram na comunidade Catalão, de seus feitos na área da saúde, educação e de infraestrutura.

Raimunda chegou ao Catalão em 1989, quando havia cerca de 20 casas, poucas pessoas e nenhuma escola; mas já chegou revolucionando. Da fundação da primeira escola, onde também foi professora, à batalha pela energia elétrica, a moradora ribeirinha interferiu na vida das pessoas como no transporte fluvial e na merenda escolar que provêm da agricultura familiar, como observado em alguns trechos de sua fala.

[...] Aí a gente, nós temos, graças a Deus, uma qualidade de merenda excelente, nós temos, aqui, a merenda da agricultura familiar, que é uma merenda, quase que

100%, natural. Não falta merenda, professores, também, são excelentes, graças a Deus, nossa escola...

[...] Nós passamos 4 anos lutando, brigando, chorando por essa luz, mas valeu a pena, entendeu? Essa história da luz elétrica aqui, foi uma coisa que se for contar... foi 4 anos de muito sacrifício, mas eu quero dizer que a gente, tudo vale a pena. Por que a briga que a gente teve, o sacrifício, as decepções, e hoje a gente ter uma luz elétrica na sua casa. Vivia no escuro, né, comia na lamparina, na vela, não tinha uma televisão. Hoje, você tem ventilador, você tem geladeira, tem umas pessoas que tem até ar condicionado. Então isso, dá... olha, tem uma luta, minha filha? Vá em frente, que tudo vale a pena.

A ribeirinha também influencia na prevenção contra acidentes com afogamento de crianças:

[...] Sim, sim... aconteceu várias vezes, aconteceu, mas graças a Deus, isso aí acabou, né, todo mundo teve cuidado, a gente fez uma campanha de cuidados, aí. Então, criança, hoje, não sabe nem falar direito, mas pode jogar na água, que sabe nadar que é uma beleza. É um mérito, já, que a gente conquistou. A gente aprendeu a viver, que a gente não sabia, viver aqui na água, aí já aprendeu, a viver sob as águas, colocando-se o bebê, pra aprender a nadar.

Raimunda Viana é uma líder comunitária que faz a diferença na comunidade Catalão, que não nasceu lá, mas aprendeu a conviver e respeitar a natureza, promovendo melhoria de vida das pessoas, em nome do seu amor pelo local onde mora, como pode ser observado no trecho a seguir.

[...] Olha, significa, para mim, eu me sinto mãe, aqui desse lugar, entendeu? Se alguém da minha comunidade está passando por uma situação boa, pra sorrir, eu tô sorrindo junto. Se tá passando difícil, pra chorar, eu choro junto, entendeu. Então, eu me sinto de uma forma mais que uma líder, mais que uma moradora, eu me sinto, assim, uma mãe, realmente, da minha comunidade. Eu já tentei ir embora várias vezes, não tive coragem, porque eu amo esse lugar.

Observamos, a partir do programa que à medida que a comunidade se estabeleceu no Catalão, passaram a surgir necessidades sociais que precisaram ser supridas e que o saber local é primordial para que o meio ambiente seja minimamente impactado.

Assim, o Programa Catalão cumpriu a função proposta por Bueno (2007) de levar a experiência dos cidadãos comuns e de sua relação com o meio ambiente onde vivem. Da mesma forma, o programa Catalão trabalhou com Jornalismo que dá espaço para a realidade que transcende o universo pessoal de quem o assiste, pois mostra uma realidade que a maioria das pessoas desconhece (GIRARDI e SCHWAAB, 2008), não se restringindo a mostrar apenas os aspectos negativos da questão ambiental, pois mostra a integração harmoniosa da Comunidade Catalão que se adapta naturalmente às vazantes e cheias sazonais do Rio Negro.

7.6 MAMÍFEROS AQUÁTICOS


Neste episódio, vinculado à terceira temporada do Nova Amazônia e produzido no ano de 2013, com duração de 26 minutos e 19 segundos, a repórter Barbarah Israel apresenta o risco enfrentado pelo boto vermelho em função da sua carne ser valorizada por servir de isca para a pesca da Piracatinga que serve para exportação.

Conforme sinopse²¹ disponibilizada pela TV Escola, o episódio Mamíferos Aquáticos está assim descrito:






As lendas que antes conseguiam manter os botos a salvo dos pescadores, perderam força... E o valor econômico falou mais alto. Estima-se que, se o ritmo da matança continuar, em apenas três décadas o boto vermelho entrará na lista de animais em extinção. E o motivo? A carne do boto serve de isca para a pesca da Piracatinga, peixe muito valorizado na Colômbia e no Japão. Outro problema enfrentado pela população de botos na região vem da exploração através do ecoturismo. Para encarar o problema, o projeto Ecoturismo Amigo do Boto Vermelho, da Ampa (Associação Amigos do Peixe-boi), quer mostrar que preservar esse mamífero também pode trazer recursos para a população ribeirinha. (TV ESCOLA, 2015)






Para acompanhar o episódio e conhecer quem são as pessoas entrevistadas e suas contribuições à temática do programa, segue (Quadro 14) a transcrição completa do episódio com destaque para identificação das fontes e suas falas, assim como a descrição das cenas, além de imagens de fontes e cenários.






Quadro 14 – Transcrição do Programa Mamíferos Aquáticos




Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>A repórter Barbarah Israel está no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, para apresentar o peixe-boi.</p>	<p>Desde 1974, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, vem realizando o delicado trabalho, de tirar da lista de animais em extinção, o maior mamífero aqui da região: o peixe boi. Aqui ao meu lado, o Anselmo, que é veterinário e tem a missão de cuidar dessas coisinhas, bem fofinhas, desde pequenininho, né Anselmo, até o processo de eles poderem voltar pro habitat natural.</p>






²¹ Sinopse pode ser encontrada em: <https://tvescola.org.br/videos/nova-amazonia-mamiferos-aquaticos/>





Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Anselmo d’Affonsêca – veterinário - Inpa</p> 	<p>O veterinário explica sobre a história, envolvendo o peixe-boi, e algumas características do mesmo. Aparece, na tela, imagem de um criatório com peixe-boi.</p>	<p>Isso, nós recebemos os filhotes, que são resgatados, e aqui a gente cuida, pra depois, tentar devolver à natureza. É uma espécie, que está ameaçada, por conta da caça, que ocorreu. Principalmente, dos anos 30 aos 50, houve uma grande demanda de pele, pra fabricação de correias industriais, pra maquinário industrial, com o início da industrialização, no sul do país. E, nessa época, 200 mil animais foram mortos, em 20 anos. Então, imagine um animal desse, que tem 1 filhote a cada 3 anos, né, vai ficar adulto a partir dos 10 anos de idade, então a reposição desses animais, que foram tirados da natureza em grande escala, ela é muito lenta.</p>
	<p>A repórter conta sobre o surgimento da AMPA, em off, enquanto há imagens do peixe-boi sendo observado.</p>	<p>Em 2000, um grupo de pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia criou a Ampa – Associação Amigos do Peixe Boi. Por meio da pesquisa, o objetivo da associação é a preservação das 5 espécies de mamíferos aquáticos, existentes na Amazônia.</p>
	<p>A repórter entrevista o coord. Ambiental da Ampa.</p>	<p>E o trabalho da Ampa, então, é educacional?</p>
<p>Rafael Tavares – coord. Ambiental - Ampa</p> 	<p>Entrevistado explica o papel da Ampa.</p>	<p>É, educacional, fomentar pesquisa, auxiliar na pesquisa e no trabalho de educação ambiental, de resgate e reabilitação desses animais.</p>
	<p>Veterinário Anselmo, fala em off, enquanto aparecem cenas dos animais.</p>	<p>Hoje, nós estamos com 57 animais, nós estamos recebendo uma média de 7 a 8 filhotes por ano.</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="236 304 641 367">Anselmo d’Affonsêca – veterinário - Inpa</p> 	<p data-bbox="676 264 935 295">Repórter interage.</p> <p data-bbox="676 403 935 537">Veterinário reafirma, e fala sobre a sobrevivência dos filhotes.</p>	<p data-bbox="960 264 1203 295">7 a 8 filhotes por ano?</p> <p data-bbox="960 403 1445 470">É, tem uma taxa de sobrevivência em torno de 70% a 80%, né.</p>
<p data-bbox="236 716 641 779">Anselmo d’Affonsêca – veterinário - Inpa</p>  	<p data-bbox="676 645 935 676">Repórter faz pergunta.</p> <p data-bbox="676 748 935 851">Veterinário responde e passam de piscinas para os animais.</p>	<p data-bbox="960 645 1382 676">E vocês recebem como, esses animais?</p> <p data-bbox="960 716 1445 1061">São animais que são resgatados, normalmente são animais, filhotes que são encontrados vagando, sozinhos, e a população ou pega ou informa ao IBAMA, Secretaria de Meio Ambiente. E alguém resgata esse animal. O animal é trazido, geralmente, pelo IBAMA, ou pela Polícia Ambiental, às vezes, pela Secretaria de Meio Ambiente do município, e chega até aqui. Aí, começa o nosso trabalho aqui.</p>
	<p data-bbox="676 1330 935 1433">Repórter pergunta, em off, enquanto, na tela, o peixe-boi é mostrado.</p>	<p data-bbox="960 1330 1445 1397">E aí, tá crescendo? Então, agora a gente está fazendo o que, é um exame de biometria?</p>
<p data-bbox="236 1639 641 1702">Anselmo d’Affonsêca – veterinário - Inpa</p> 	<p data-bbox="676 1639 935 1742">Veterinário explica o exame que está sendo feito no animal.</p>	<p data-bbox="960 1639 1445 2051">É biometria, é, a biometria ela é feita semanalmente, nos filhotes, para avaliar a condição física do animal, vê se ele está se desenvolvendo, ganhando peso. E serve também como estudo, parâmetro de estudo, de crescimento, né. Os padrões de crescimento. Serve, recentemente, nós estamos, estivemos, estamos, inclusive, em andamento, uma tese em mestrado, com testes de diferentes tipos de alimentação. E, é necessário que você faça a biometria para avaliar as diferentes dietas.</p>





Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Repórter comenta, em off.	Mas esse é calminho, né, Anselmo, ele está bem quietinho. Olha, que gostoso...
<p data-bbox="233 577 644 645">Anselmo d’Affonsêca – veterinário - Inpa</p> 	Veterinário opina.	A gente torce, pra que não seja tão calmo assim. É, porque a ideia é soltar, né.
	A repórter faz pergunta.	E qual é o maior desafio, que vocês têm hoje, no projeto?
	Veterinário explica.	Hoje, é a soltura. Hoje, o nosso maior desafio, é porque, como eu falei, nós recebemos 7 a 8 animais, por ano, filhotes, né. Nós, dividimos essa tarefa com o pessoal do CPPMA de Baubina, da Eletronorte, que tem uma estrutura bastante semelhante à nossa. E, a gente tá em uma situação em que a gente não tem como colocar tantos animais. Então, nós temos que pensar em soltura, só que soltura de animais é um processo complicado, com gastos muito grandes, você tem que manter uma equipe, no campo, direto.
	Repórter colabora com a conversa.	Não é só soltar, e pronto, né, tem todo um monitoramento...
	Entrevistado continua a explicação sobre a soltura dos animais.	Exatamente. Com riscos grandes, né, porque são animais acostumados ao cativeiro, você joga no ambiente natural. Hoje, a gente está minimizando esses riscos, com um processo de pré-soltura. Nós colocamos 6 animais num lago de piscicultura, em Manacapuru, esse lago tem características de um lago amazônico, tem comida, tem água, muito próxima, tudo muito parecido com o


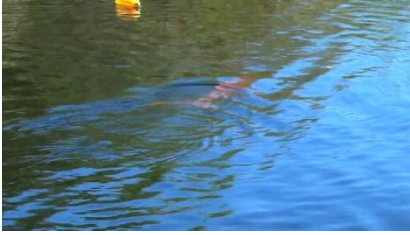



Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		ambiente natural. Então esses animais estão há mais de um ano lá, nós fizemos uma recaptura, eles estão bem. Esses animais, eles têm uma grande chance, uma chance muito, muito, muito grande, né, de adaptação ao ambiente natural. Nós estamos muito esperançosos, com essas novas perspectivas. Então eu acho, que de agora em diante, a gente vai ter boas notícias, quanto a questão de reintrodução na natureza.
	Repórter, em off, enquanto aparecem imagens do peixe-boi.	E agora, de volta pra água. Eles têm um nome específico, cada um?
	Entrevistador responde, enquanto o peixe é alimentado.	Cada um é cada um e tem um nome. E, quando os animais chegam, de uma localidade, a gente tenta identificar o nome de um igarapé, o nome de uma localidade, normalmente de origem regional ou indígena, pra que a gente possa batizá-lo com aquele nome. Um nome sono, curto, bonito, e aí, com isso facilita, a gente já sabe, mais ou menos, a procedência já pelo nome.
	Repórter pergunta.	E Anselmo, como é que está a situação pra esses animais saírem da lista de extinção? Tá longe, tá perto, já teve pior? Como é que tá?
	Entrevistado responde, animal continua sendo alimentado.	Acho que já teve pior. Eu, com essa espécie, eu sou otimista. Eu acho que a gente tem obtido uma resposta muito boa, do público em geral, as populações. No interior, hoje, tem acesso a televisão, qualquer recanto, hoje, da Amazônia, chega televisão. E aí, a gente sempre tem passado essa mensagem de que é ilegal, a problemática da espécie, a gente sempre tenta passar a informação. E a gente nota, hoje, na própria informação pra resgate de filhotes, uma maior preocupação das populações, no interior, uma maior, é, um maior envolvimento, né. E isso tem, eu acho, que tem melhorado a situação da espécie.




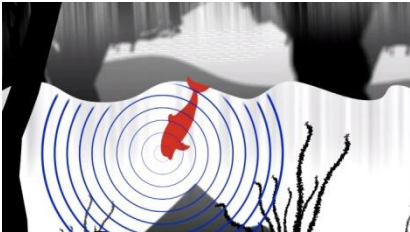


Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	<p>Em off, a repórter faz chamada para o próximo bloco do programa.</p>	<p>E no próximo bloco, uma comunidade que encontrou, no turismo sustentável, uma excelente oportunidade para gerar renda e, de quebra, proteger o boto-cor-de-rosa.</p>
 	<p>A repórter está em um barco, em direção à comunidade de São Tomé, município de Iranduba. Mostra também, a cheia do Rio Negro. Chegando lá, conhece o projeto Amigos do Boto-Vermelho.</p>	<p>O Novo Amazônia está indo até a comunidade de São Tomé, no município de Iranduba, pra conhecer um projeto de conservação do boto-vermelho. Ou melhor, boto-cor-de-rosa, como é mais conhecido, aqui na região. E que tem como objetivo, estabelecer um novo relacionamento, entre os botos e os moradores, e ainda, contribuir, diretamente, com a preservação ambiental.</p> <p>Ufa! Acabamos de chegar, aqui na comunidade de São Tomé, e gente, olha que interessante reparar: nesse momento, a gente tá passando pelo período da cheia do Rio Negro, dá uma olhada, ali, naquela casinha, ó. Com água, até na metade.</p>
 <p>Stella Rentel – bióloga - Ampa</p> 	<p>Surgem imagens de boto vermelho, enquanto a bióloga da Ampa explica o projeto que desenvolvem.</p>	<p>Para enfrentar o problema, o projeto Amigos do Boto-Vermelho, da Ampa, quer mostrar que preservar esse mamífero também pode trazer recursos para a população ribeirinha.</p> <p>Esse trabalho, que a gente faz, aqui na comunidade, é focado no ecoturismo com o boto-vermelho, porque é uma atividade que vem crescendo muito na Amazônia, principalmente nessa região, próxima de Manaus. E é uma atividade que está crescendo, sem nenhum controle, sob. Então, a gente não sabe, exatamente, o impacto que ela gera sob as populações de boto ou sobre as comunidades ribeirinhas, que acabam trabalhando com isso. Então, o que a gente quer fazer, é trabalhar de uma maneira colaborativa, né, e mais sustentável. E valorizar essa atividade, que é muito interessante, que é essencial. Pra que as pessoas tenham conhecimento de como esse animal, realmente, funciona na natureza, entendeu. Que é uma oportunidade tão única, de vê ele aqui, livre, então a gente quer valorizar isso.</p>







Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p>Davi Souza – morador da comunidade</p> 	<p>Morador, em um barco, relata sua relação com o boto.</p>	<p>Que antes, eu também, não gostava muito deles, ele chegava perto e eu queria afastar ele. Hoje em dia, não, eu já quero ele mais perto de mim.</p>
	<p>Enquanto passam imagens de botos-vermelhos, em off, repórter faz pergunta.</p>	<p>Aprende muito sobre os botos, depois que teve o contato com o pessoal do Inpa?</p>
<p>Marcia Ferreira – moradora da comunidade</p> 	<p>Moradora da comunidade relata o aprendizado.</p>	<p>Eu já aprendi bastante, porque, primeiro, preservar ele, né, que ninguém tinha esse conhecimento, de preservar. Porque pra mim, assim, eu só vinha aqui pra alimentar ele, pra ganhar meu dinheiro, mas eu não pensava assim, que ele precisa de proteção também, né. Aí, com eles aí, já aprendi muita coisa. Já mudou bastante, o meu jeito de interagir com ele.</p>
	<p>A repórter pergunta, para a moradora da comunidade.</p>	<p>E agora a senhora consegue, além de fazer esse turismo mais sustentável, de tirar sua renda, a senhora também, tem a informação pra alimentá-los da maneira correta, de forma que isso não prejudique a existência deles?</p>
	<p>A moradora da comunidade confirma, em off.</p>	<p>Isso.</p>
<p>Stella Rentel – bióloga - Ampa</p> 	<p>A bióloga comenta o comportamento dos moradores da comunidade.</p>	<p>Eles trabalham, com os botos, há muito tempo, então, o próprio seu Davi e a dona Marcia, já têm uma postura muito diferente, em relação ao trabalho que eles estão realizando. Eles têm uma consciência ambiental fortíssima, de maneira que as crianças, também, da comunidade, estão participando dessa interação sustentável e colaborativa. Faz, isso, por si só, já é, pra gente, um resultado bem importante.</p>







Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="284 376 592 405">Iraides Miranda - professora</p> 	<p data-bbox="676 340 935 510">A professora está com a repórter, em sua sala, e fala sobre o impacto, dos botos, para a comunidade.</p>	<p data-bbox="960 340 1442 860">É, o boto trouxe uma grande mudança, na parte financeira, pro seu Davi, com a dona Marcia, né, e começaram. E depois, após, o turista, pra comunidade, né. Se os comunitários, pega o peixe, vende pro seu Davi, aí o seu Davi vai alimentar os boto, ele está gerando uma renda pras outras família, né. E daqui, o seu Davi leva, essas pessoas que vem pra cá, como vocês, que são turista, pra gente. Aí vão pro restaurante do seu Tomé, depois vai pra pousada do Jacaré, então é um contato que tem através dos boto. Então os boto trouxeram, uma coisa, de uma benefício bom, para a comunidade.</p>
<p data-bbox="272 907 608 936">Stella Rentel – bióloga - Ampa</p>  	<p data-bbox="676 907 935 1037">Bióloga fala dos prós e contras do projeto. A tela se divide para mostrar botos nadando.</p>	<p data-bbox="960 907 1442 1776">O pró é sempre o conhecimento que a gente pode passar pra essas pessoas. Então alguém poder ver como esse animal se alimenta, como ele se locomove, poder perder o medo, entendeu, e despertar uma curiosidade. A gente passar toda a informação que a gente precisa passar para essas pessoas. Porque é um animal que vem sendo ameaçado, cuja população tá caindo, então, passar essa informação, pra população, é essencial pra gente, sem a menor dúvida. Além disso, bem, o contra é sempre esse impacto que a gente ainda não conhece. A gente não sabe, realmente, o quanto a gente tá afetando as populações de boto. Porque tem a questão da alimentação, as pessoas dão alimentos descontroladamente, então às vezes eles perdem o hábito de procurar o seu próprio alimento e começam viciar nos flutuantes. Então, é mais por aí, que a gente precisa tomar muito cuidado, de como a gente está impactando os botos, e como a gente está impactando as comunidades que vivem disso.</p>
	<p data-bbox="676 1856 935 2027">Repórter comenta, em off, sobre os botos e faz pergunta, em seguida, à pesquisadora.</p>	<p data-bbox="960 1856 1442 1986">Ouvir o que os botos têm a dizer, podem nos ajudar a entender melhor o comportamento desses animais, ajudando a preservá-los.</p>







Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
		<p>Angélica, o que são todos esses equipamentos que você tem, aqui?</p>
<p data-bbox="268 797 608 857">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p> 	<p>Pesquisadora mostra os equipamentos que utiliza, enquanto explica-os.</p>	<p>Então, eu tenho, aqui, alguns equipamentos que a gente usa na pesquisa, pra estudar o som dos animais, que é a ciência, que a gente chama, de bioacústica. Então, aqui, eu tenho um hidrofone, e um gravador. Esse hidrofone, como diz o nome, ele é pra água, ele tem esse sensor aqui, que capta o som de baixo d'água, então ele fica aqui dentro, e com o gravador, eu consigo gravar tudo que está acontecendo de baixo d'água.</p>
	<p>Em off, repórter pergunta.</p>	<p>E qual o objetivo desse seu trabalho?</p>
<p data-bbox="268 1496 608 1556">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p> 	<p>Pesquisadora fala sobre a utilidade da sua função.</p>	<p>Então, aqui o que eu estou tentando fazer é definir quais os impactos que a atividade do ecoturismo pode causar no comportamento do boto. Então, entender um pouco do som que eles fazem, pode ajudar a gente a entender os níveis de estresse, deles. Por exemplo, alguns golfinhos, têm sons muito característicos de estresse, de combate. Então, às vezes, muitas vezes, a gente não consegue enxergar o que os animais estão fazendo, mas com o som, a gente pode tá conseguindo entender o tipo de comportamento que eles podem tá fazendo, de baixo d'água, a gente não está vendo. Então caracterizar esses sons, identificar esses sons, pode dizer muito pra gente, sobre o comportamento deles.</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Repórter faz pergunta, em off.	Então esse tipo de estudo, é pra identificar se essas atividades, que estão cada vez mais frequentes, aqui na Amazônia, que é mergulhar com os botos, se isso causa ou não algum tipo de estresse...
	Entrevistada responde, em off.	Exatamente. Que tipo de estresse pode tá causando, quais mudanças a gente pode perceber a curto prazo, dessa interação com os bichos, e conhecer melhor da biologia do animal, o que isso pode dizer pra gente, como, no futuro, manejar essa atividade, de forma que cause baixo impacto.
	A repórter fala, e ao fundo, a música continua.	Há muita gente de olho na Amazônia, mas quando esses olhares se encontram podem contribuir para que todos nós possamos compreender melhor esse lugar. A Amazônia agradece os amazônidas também.
	Repórter faz pergunta, em off, para bióloga.	Conta pra gente, um pouquinho, pra quem nunca ouviu falar de boto, como é que você descreveria esse animal?
<p data-bbox="268 1303 609 1330">Stella Rentel – bióloga – Ampa</p>  	Bióloga explica.	O boto, bem, a gente conhece os golfinhos, marinhos, como padrão, e ele, diferente deles, ele entrou, na Amazônia, pelo Oceano Pacífico, antes do outros subirem. Então ele teve muito tempo pra se adaptar a essa imagem, esse ambiente de área alagada, de várzea e de floresta alagada.

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="268 271 609 331">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p> 	<p data-bbox="676 271 911 297">Pesquisadora explica.</p>	<p data-bbox="960 271 1441 645">Eles produzem sons, com vários... são órgãos diferentes, aparatos vocais diferentes, então, eles têm, por exemplo, um órgão, que fica no topo da cabeça, que a gente chama de melão, que produz os cliques, e a maior parte desses cliques, os estudos que se tem, são feitos com base na eco locação, né, que é a capacidade do animal, de explorar o ambiente, utilizando o som. Então, ele produz um clique, com uma frequência muito alta.</p>
<p data-bbox="268 730 609 790">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p> 	<p data-bbox="676 658 879 685">Repórter pergunta.</p>	<p data-bbox="960 658 1441 719">O clique, que você diz, é o que, é como se fosse um barulho de um clique, assim?</p>
<p data-bbox="268 730 609 790">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p>  	<p data-bbox="676 730 935 826">Pesquisadora explica, aparece vídeo animação.</p>	<p data-bbox="960 730 1441 1037">É como se fosse um estalo. Um estalinho. Só que esse estalo tem uma duração, assim, que tem um padrão, então, o que que acontece, esse som, na água, o som viaja muito rápido. Então o som bate, em um obstáculo, e volta, na forma de eco, para o animal. Então ele recebe esse eco, interpreta esse eco, e sabe quais são os obstáculos, o que ele vai encontrar à frente.</p>
<p data-bbox="268 1346 609 1373">Stella Rentel – bióloga - Ampa</p> 	<p data-bbox="676 1346 935 1406">Bióloga explica sobre botos.</p>	<p data-bbox="960 1346 1441 1547">E sabem se locomover, e sabe achar alimento, e juntamente, escapar, por meio dessas raízes, todas a baixo d'água, de uma maneira, assim... ainda mais nessa água escura e barrenta, que a gente tem na Amazônia, eles são superdependentes disso.</p>
<p data-bbox="268 1650 609 1711">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p> 	<p data-bbox="676 1650 935 1747">Pesquisadora continua explicando sobre o boto.</p>	<p data-bbox="960 1650 1441 1957">Então, o boto é um animal bastante adaptado, pra região Amazônica. Ele consegue entender essa mudança do nível do rio, eles migram bastante. Quando o rio sobe, eles, geralmente, vão pros igapós, pras florestas alagadas, pras várzeas. E, também seguindo, o fluxo dos peixes, que também vêm pra essas áreas. Quando o rio seca, eles ficam, geralmente, no leito dos rios.</p>



Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="236 271 641 331">Rafael Tavares – coord. Ambiental - Ampa</p>  	<p data-bbox="676 271 935 434">Entrevistado explica o desafio que o projeto enfrenta. No vídeo, aparece imagem de um animal.</p>	<p data-bbox="960 271 1445 680">A gente tem experiência, de outros projetos, pelo Brasil, que trabalha com, praticamente com, muda só o objeto de estudo, praticamente, né, o animal é outro. Então, tem projetos que trabalham, que tiveram grandes desafios, e tão vencendo. O nosso, também, é um grande desafio. É, levar essa mensagem, fazer com que as pessoas tenham essa consciência, que um animal vivo, ele pode ser muito mais rentável, às vezes, nas questões turísticas, do que um animal morto, no prato, por exemplo.</p>
 <p data-bbox="236 1151 641 1184">Vera da Silva – pesquisadora - Inpa</p> 	<p data-bbox="676 882 935 1046">Pesquisadora fala sobre o histórico dos botos. Começa em off, com imagens do boto na tela, e finaliza on.</p>	<p data-bbox="960 882 1445 1046">No passado, o boto era protegido, por lendas, superstições, até mesmo o medo, né. Os pescadores não gostavam de se envolver com o boto, de matar. E isso protegeu, essa espécie, por muitos anos, várias décadas, né.</p>
	<p data-bbox="676 1458 916 1491">Repórter fala, em off.</p>	<p data-bbox="960 1458 1445 1621">Além das águas dos rios da Amazônia, o boto também vive no imaginário dos ribeirinhos. Acredite se quiser, mas há quem diga que se comer a carne do boto, ficará enfeitado por ele, ou até mesmo louco.</p>
	<p data-bbox="676 1771 935 1832">Repórter faz pergunta, em barco.</p>	<p data-bbox="960 1771 1445 1899">Como é que era, antes, rolava um certo preconceito, uma certa lenda, aí, do pessoal mais antigo da comunidade, como é que foi, isso aí?</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="272 271 603 331">Marcia Ferreira – moradora da comunidade</p> 	<p data-bbox="676 271 932 331">Entrevistada conta como era no passado.</p>	<p data-bbox="963 271 1441 544">Pelos antigos, aqui, o pessoal tinha um preconceito, de: ah! Não pode chegar perto do boto, que, fora de hora, hora de 6 horas, meio dia, que olhar pro boto, o boto dá dor de cabeça. Aí então, a gente tinha um pouco de preconceito, de chegar perto dele. A gente, desde criança, ninguém chegava perto do boto.</p>
 <p data-bbox="233 882 644 911">Nair Alves – moradora da comunidade</p> 	<p data-bbox="676 613 932 674">Moradora relata sua experiência.</p>	<p data-bbox="963 613 1441 815">E aqui, era respeitado, todo mundo, todos os moradores, as mulheres, quando não têm uma dor de cabeça, tá entendendo, e já tem aquilo: ah! Essa dor de cabeça é porque você não podia ir lá pro rio, tá entendendo como é? É assim que a gente vivia aqui.</p>
 <p data-bbox="284 1426 593 1456">Iraides Miranda - professora</p> 	<p data-bbox="676 1158 932 1256">Professora conta oportunidade de visita aos botos.</p>	<p data-bbox="963 1158 1441 1431">Eu ainda tenho medo de boto, mas... eu nunca cheguei, assim, foi um dia, fui pra dentro da água, com os alunos todos, mas assim, quando o boto se aproximou de mim, eu fiquei ali, paradinha, ali no meu cantinho. Mas assim, as crianças me passaram uma energia que eu não tinha, porque, as crianças eram muito menores do que eu.</p>
	<p data-bbox="676 1702 932 1762">Repórter faz pergunta, em off.</p>	<p data-bbox="963 1702 1441 1762">Ele não tem medo do homem, não vê o homem como uma ameaça?</p>
<p data-bbox="268 1774 612 1834">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p> 	<p data-bbox="676 1774 932 1834">Pesquisadora responde e comenta mais.</p>	<p data-bbox="963 1774 1441 2007">Eu acredito que não, eu acredito que não. Eles são bastante inquisitivos, né, então se tem muitas histórias, por exemplo, dos caboclos ribeirinhos, que têm medo do boto porque ele bate na canoa, puxa o remo. Então, de uma certa forma, eles procuram um pouco.</p>

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Repórter observa botos próximos.	Olha gente, bem aqui, pertinho.
<p data-bbox="268 577 609 640">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p> 	Pesquisadora comenta.	É, eles procuram até um pouco interagir com as pessoas, mas sempre mantendo uma certa distância, também, do conforto.
<p data-bbox="229 922 647 949">Nair Alves – moradora da comunidade</p>  	Moradora relata história. Aparece imagem do boto.	Comigo aconteceu, né. Mas assim, deles quererem embarcar dentro da canoa, sabe, mas é porque aqui, em Manaus não, mas aqui é aquele tempo antigo. Quando as mulheres ficavam menstruadas, aí os botos atacavam por causa, daquele pitchu do sangue, né. E era verdade, porque aconteceu comigo, aqui fora.
 <p data-bbox="268 1769 609 1796">Stella Rentel – bióloga - Ampa</p> 	Bióloga fala sobre o comportamento dos botos. Começa em off, com imagens de botos, mas conclui on.	Eles são curiosos, eles vão, geralmente, atrás de marulho de motor. Então as pessoas, às vezes, têm medo porque acham que o boto está seguindo eles, no barco, porque eles vão atrás, eles querem saber o que que é, eles vão... como a gente viu, eles vêm, cutucando, eles vêm querer saber, eles são, na verdade, bem dóceis.

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Repórter pergunta.	O boto, pelo que eu tô vendo aqui, é um bicho bem curioso, né?
<p data-bbox="268 338 609 398">Angélica Nunes – pesquisadora bolsista</p> 	Pesquisadora fala dos botos.	Eles são bastante, eles não mostram, eles não têm nenhum medo, da gente, eles chegam bem perto. Então, se você mostra algum objeto diferente, alguma coisa que ele nunca viu, ele vai querer chegar perto, vai querer escanear, identificar, eles vão, não tem, eles são bastante curiosos, não têm medo mesmo.
	Repórter fala em off, enquanto vídeo animação descreve. Depois, faz uma pergunta.	Nas noites de lua cheia, boto-cor-de-rosa se transforma em um homem, vestido de branco, capaz de seduzir qualquer mulher. Aquela que cair, em seu encanto, é levada para o fundo do rio. Isso é o que diz uma das lendas, que alimenta o medo que as pessoas têm, do boto-cor-de-rosa. Agora, me diz uma coisa, e essa história, de que o boto engravida as meninas, é verdade?
<p data-bbox="229 1001 647 1025">Nair Alves – moradora da comunidade</p> 		Não, isso é uma lenda. E, eu sei bem pouco a história, né, que os antigos falavam, que na época em que as moças não podiam namorar, que era proibido namorar, e, quando elas davam uma escapulidinha, por ali, que engravidavam, aí elas falavam que era do boto, pros pais que era muito rígido, botavam fora de casa, quando elas engravidavam, né, que, sem pai. Aí, pra elas ficarem, continuarem e o pai não botar fora de casa, elas diziam que era do boto. Aí aceitavam, as moças, as mulheres, que engravidavam.
<p data-bbox="284 1458 577 1482">Iraides Miranda - professora</p> 	Professora fala das histórias que ouvia dos avós.	Eu ouvia isso, há muito tempo, né. Já nasci ouvindo isso dos meus avós, que contavam pra gente, do boto que engravidava, né, que o boto aparecia, um rapaz aparecia numa festa, muito bonito e, na mesma hora, não era um rapaz, era um boto. E as meninas da época, das gerações do passado, meus avós contavam muito, assim, que as meninas engravidavam, e aí culpava o boto.
<p data-bbox="229 1778 647 1803">Nair Alves – moradora da comunidade</p> 	Moradora relata história presenciada pelos seus pais.	O boto emprenhou uma menina na praia grande. Aí saia pra cima, pra cima peixe, pra baixo gente. Nasceu, só fez nascer da mulher, passou uns 3, 4 minutos, morreu. E ela morreu com 9 dias depois. Mas isso foi verdade, que meus pais viram. Ela, só tinha ela, de filha, desse homem.

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
<p data-bbox="268 304 608 333">Stella Rentel – bióloga - Ampa</p> 	Repórter pergunta.	<p data-bbox="962 271 1406 300">Já vi que você se apaixonou pelos botos?</p> <p data-bbox="962 306 1445 367">Ah, sim. Aqui, todo mundo se encanta, não tem...</p>
	Repórter descontrai com a bióloga.	Olha o boto aí... vai aparecer, aí, depois, o filho do boto, heim...
<p data-bbox="229 687 647 716">Nair Alves – moradora da comunidade</p> 	Entrevistada comenta.	Porque o boto é atraente, né.
	Repórter pergunta.	Ele atrai, mesmo?
	Entrevistada responde, em off.	Mas é mesmo. Só basta aqueles olhinhos, bem pequenininhos, né.
	Repórter comenta e pergunta.	E falavam que o boto, se transformava em um cara muito lindo, o galanteador, e tal, e acabava encantando todas as moças das comunidades. A senhora nunca ficou encantada pelo boto não, dona Márcia?
<p data-bbox="272 1516 608 1576">Marcia Ferreira – moradora da comunidade</p> 	Entrevistada responde.	Não.
	Repórter brinca	Não? Só pelo seu Davi mesmo?
	Entrevistada responde, sorrindo.	Só pelo seu Davi, mas não é boto não.

Imagens de fontes e cenários	Descrição	Falas
	Repórter, em off.	As lendas, que protegiam os botos, perderam força, e o valor econômico, falou mais alto. Mesmo com todo esse charme, o boto não conseguiu escapar das garras dos pescadores. Estima-se, que a população de botos, diminuiu 10%, por conta da matança indiscriminada. O motivo: a carne do boto serve de isca para a pesca da piracatinga, peixe muito valorizado na Colômbia e no Japão.
 <p data-bbox="245 1391 632 1417">Vera da Silva – pesquisadora - Inpa</p>	Pesquisadora fala sobre as leis de proteção do boto. Parte em off, enquanto aparecem imagens do respectivo assunto.	<p data-bbox="960 846 1442 1016">Hoje, ainda se está caçando, matando boto, ilegalmente. E nós já temos uma moratória, mas que ainda não foi publicada no Diário Oficial, pra suspender a pesca da piracatinga, comercial, durante 5 anos.</p> <p data-bbox="960 1057 1442 1438">Então isso, vai dá uma folego, pra espécie, pros botos, que vão poder se reproduzir, crescer e, vamos dizer assim, repor, pelo menos parte do número que foi retirado. A gente vai tá trabalhando, nesse período, pra desenvolver iscas alternativas, pra encontrar outras maneiras de se capturar a piracatinga, que é uma pesca legítima, sem infringir uma lei, e sem matar um animal que é tão importante pra região e pro ecossistema aquático da Amazônia.</p> <p data-bbox="960 1442 1442 2029">O boto, ele não é ameaçado de extinção dentro do que a gente, da classificação, da pela IUCM, que é um órgão internacional que classifica as espécies, e também o IBAMA. Nós temos uma espécie que é amplamente abundante, bastante numerosa, ainda, na região. Mas, ela não se encontra ameaçada porque ela é abundante, hoje, mas se o ritmo de retirada e matança continuar como está, provavelmente, em menos de 3 décadas a gente vai ter uma espécie que vai estar classificada como uma espécie ameaçada. Então, vamos dizer assim que, a necessidade do dinheiro, esse recurso fácil, foi mais forte do que as lendas, e mesmo uma legislação federal que protege esse animal.</p>

Após a transcrição do programa, direcionamos o nosso olhar para as fontes que foram acionadas no decorrer do episódio. Ao realizarmos o levantamento dessas vozes, conforme os autores que embasam este estudo e pela classificação proposta, apresentamos (quadro15) a listagem com as fontes, posição que ocupam no programa e sua classificação.

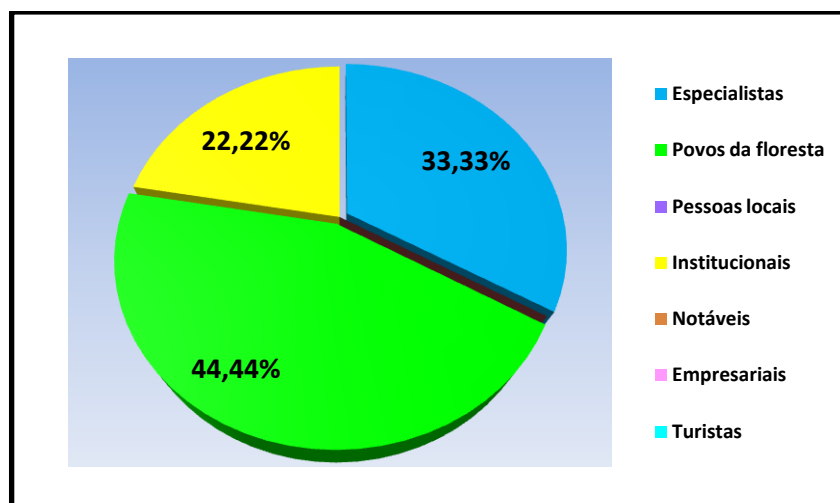
Quadro 15 - Relação e classificação das fontes entrevistadas no programa Mamíferos Aquáticos

Nome	Posição	Classificação da Fonte
Anselmo d’Affonsêca	Veterinário - INPA	Especialistas
Rafael Tavares	Coordenador Ambiental - AMPA	Institucionais
Stella Rentel	Bióloga - AMPA	Institucionais
Davi Souza	Morador da comunidade	Povos da Floresta
Marcia Ferreira	Moradora da comunidade	Povos da Floresta
Iraides Miranda	Professora da Comunidade	Povos da Floresta
Angélica Nunes	Pesquisadora bolsista	Especialistas
Vera da Silva	Pesquisadora - INPA	Especialistas
Nair Alves	Moradora da comunidade	Povos da Floresta

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Ao analisarmos a distribuição quantitativa das fontes neste episódio, encontramos a presença de nove pessoas que contribuíram com as discussões propostas pelos repórteres, cuja proporção pode ser visualizada no Gráfico 11, a seguir:

Gráfico 11 - Representação das fontes em percentuais no programa Mamíferos Aquáticos



Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Assim, conforme pode ser verificado, no Gráfico 11, a categoria **povos da floresta** aparece com a maior porcentagem, 44,44% das fontes, representada por quatro pessoas. Na sequência, aparece a categoria **especialistas** com 33,33%, o que corresponde a três pessoas ouvidas. E, por fim, a categoria **institucionais** aparece com 22,22%, correspondente a duas pessoas entrevistadas.

A categoria povos da floresta está representada por quatro moradores ribeirinhos, entre eles uma professora da mesma comunidade. A categoria especialistas está representada por três pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Já a categoria institucionais está representada por dois representantes da Associação Amigos do Peixe Boi – Ampa, a qual, segundo informações da repórter Barbarah Israel, é uma organização sem fins lucrativos criada em 2000 por pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia com o objetivo da associação é a preservação das 5 espécies de mamíferos aquáticos, existentes na Amazônia.

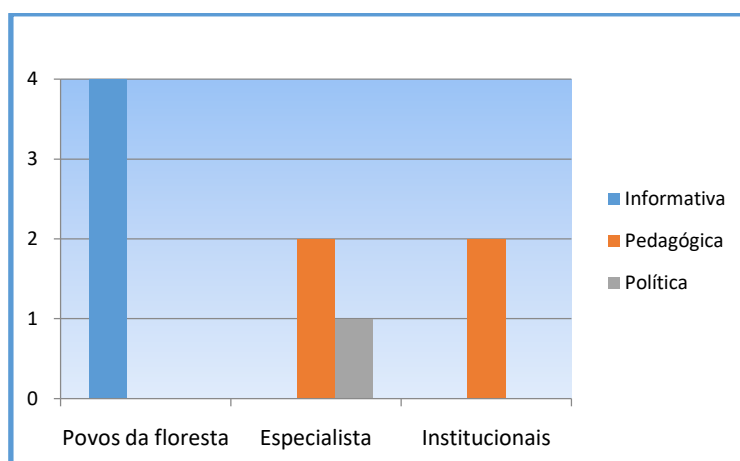
Com essas informações, percebemos que o episódio se propôs a apresentar o risco de extinção dos botos da Amazônia e ouviu fontes de especialistas e de instituições que trabalham com ciência e educação para orientar os povos da floresta e as comunidades para lidar com formas de resgate e cuidados desses animais e também como a sua preservação pode render uma atividade produtiva.

Observamos que apesar do número de fontes ser maior de especialistas, suas vozes ocupam quase o mesmo tempo das fontes institucionais, pois ambas permeiam todo o programa no decorrer dos 26 minutos e 19 segundos de duração do episódio.

A partir dessas informações, é possível realizar o outro movimento de análise. Assim, buscamos identificar qual a contribuição de cada fonte em relação à temática do episódio, ou seja, qual a função dessas vozes no episódio e sobre o que falam.

Pelas categorias já explicitadas, a partir da classificação proposta por Bueno (2007), encontramos que a **função pedagógica**, com quatro pessoas, foi a que permeou as falas das fontes ouvidas. Já a **função informativa** aparece na fala dos quatro moradores da comunidade ribeirinha. Foi identificada apenas uma pessoa, cuja fala teve **função política**. No Gráfico 12 a seguir é possível observar as funções de cada fala, conforme a classificação de fontes proposta.

Gráfico 12 – Contribuição das fontes mapeadas conforme classificação proposta no programa Mamíferos Aquáticos



Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Conforme demonstrado no gráfico anterior, identificamos com função informativa as falas dos povos da floresta, moradores da comunidade ribeirinha, Davi Souza, Márcia Ferreira, Nair Alves e a professora Iraídes Miranda.

Como função pedagógica foram identificadas as falas dos especialistas Anselmo d’Affonsêca e Angélica Nunes, veterinário do Inpa e pesquisadora bolsista, respectivamente. Também foram identificadas como função pedagógica as falas institucionais dos representantes da Ampa, o coordenador ambiental Rafael Tavares e a bióloga Stella Rentel.

Foi identificada apenas uma fala na função política que é a da pesquisadora do Inpa Vera da Silva.

Observamos nessa relação das fontes acionadas no programa que os povos da floresta passaram a entender a relação do boto com o meio ambiente a partir das informações que receberam do Inpa e da Ampa e mudaram a sua forma de lidar e enxergar o animal, como pode ser observado na fala informativa da moradora Márcia Ferreira sobre os conhecimentos recebidos do Inpa:

Eu já aprendi bastante, porque, primeiro, preservar ele, né, que ninguém tinha esse conhecimento, de preservar. Porque pra mim, assim, eu só vinha aqui pra alimentar ele, pra ganhar meu dinheiro, mas eu não pensava assim, que ele precisa de proteção também, né. Aí, com eles aí, já aprendi muita coisa. Já mudou bastante, o meu jeito de interagir com ele.

Essas vozes passaram a ver o boto também como uma fonte de renda, mas não como isca para a pesca da picaratinga, e sim com o ecoturismo, como pode ser observado na fala informativa da professora Iraides Miranda:

É, o boto trouxe uma grande mudança, na parte financeira, pro seu Davi, com a dona Marcia, né, e começaram. E depois, após, o turista, pra comunidade, né. Se os comunitários, pega o peixe, vende pro seu Davi, aí o seu Davi vai alimentar os boto, ele está gerando uma renda pras outras família, né. E daqui, o seu Davi leva, essas pessoas que vem pra cá, como vocês, que são turista, pra gente. Aí vão pro restaurante do seu Tomé, depois vai pra pousada do Jacaré, então é um contato que tem através dos boto. Então os boto trouxeram, uma coisa, de uma benefício bom, para a comunidade.

Por muito tempo, os botos foram protegidos por lendas, como observa a fonte especialista, Vera da Silva, pesquisadora do Inpa: “ *No passado, o boto era protegido, por lendas, superstições, até mesmo o medo, né. Os pescadores não gostavam de se envolver com o boto, de matar. E isso protegeu, essa espécie, por muitos anos, várias décadas, né*”.

Alguns moradores mais antigos ainda acreditam na lenda, como pode ser observado na fala informativas da moradora da comunidade Nair Alves, confirmada pela fala, também informativa, da professora Iraides Miranda que ouvia a história contada por seus avós:

Nair: O boto emprenhou uma menina na praia grande. Aí saia pra cima, pra cima peixe, pra baixo gente. Nasceu, só fez nascer da mulher, passou uns 3, 4 minutos, morreu. E ela morreu com 9 dias depois. Mas isso foi verdade, que meus pais viram. Ela, só tinha ela, de filha, desse homem.

Iraides: Eu ouvia isso, há muito tempo, né. Já nasci ouvindo isso dos meus avós, que contavam pra gente, do boto que engravidava, né, que o boto aparecia, um rapaz aparecia numa festa, muito bonito e, na mesma hora, não era um rapaz, era um boto. E as meninas da época, das gerações do passado, meus avós contavam muito, assim, que as meninas engravidavam, e aí culpava o boto.

As gerações atuais, com acesso a informações, não acreditam mais na lenda do boto, como pode ser observado na fala informativa da moradora Nair Alves:

Não, isso é uma lenda. E, eu sei bem pouco a história, né, que os antigos falavam, que na época em que as moças não podiam namorar, que era proibido namorar, e, quando elas davam uma escapulidinha, por ali, que engravidavam, aí elas falavam que era do boto, pros pais que era muito rígido, botavam fora de casa, quando elas engravidavam, né, que, sem pai. Aí, pra elas ficarem, continuarem e o pai não botar fora de casa, elas diziam que era do boto. Aí aceitavam, as moças, as mulheres, que engravidavam.

Com a lenda sem credibilidade, o valor econômico passou a ser a grande ameaça para o boto que é utilizado como isca para a pesca da piracatinga, peixe valorizado na exportação para a Colômbia e Japão, pela fala de função política, da especialista, Vera da Silva, pesquisadora do Inpa, que faz um alerta para a criação de alternativas de renda para a população, de modo a evitar a caça ilegal do boto e preservar a espécie.

Hoje, ainda se está caçando, matando boto, ilegalmente. E nós já temos uma moratória, mas que ainda não foi publicada no Diário Oficial, pra suspender a pesca da piracatinga, comercial, durante 5 anos. Então isso, vai dá uma folego, pra espécie, pros botos, que vão poder se reproduzir, crescer e, vamos dizer assim, repor, pelo menos parte do número que foi retirado.

A gente vai tá trabalhando, nesse período, pra desenvolver iscas alternativas, pra encontrar outras maneiras de se capturar a piracatinga, que é uma pesca legítima, sem infringir uma lei, e sem matar um animal que é tão importante pra região e pro ecossistema aquático da Amazônia.

O boto vermelho, ou boto cor-de-rosa, nome mais comumente conhecido, é uma espécie ameaçada de extinção, sendo que houve grande matança entre as décadas de 1930 e 1950 por conta de grande demanda por pele, como pode ser observado na fala pedagógica da fonte especialista Anselmo d’Affonsêca, veterinário do Inpa:

É uma espécie, que está ameaçada, por conta da caça, que ocorreu. Principalmente, dos anos 30 aos 50, houve uma grande demanda de pele, pra fabricação de correias industriais, pra maquinário industrial, com o início da industrialização, no sul do país. E, nessa época, 200 mil animais foram mortos, em 20 anos. Então, imagine um animal desse, que tem 1 filhote a cada 3 anos, né, vai ficar adulto a partir dos 10 anos de idade, então a reposição, desses animais, que foram tirados da natureza em grande escala, ela é muito lenta.

Na fala do veterinário há preocupação com relação à devastação sofrida pela Amazônia nos últimos 50 anos:

O mais surpreendente cenário do planeta é também um dos mais ameaçados. A culpa, em boa parte, é do Progresso. Nesses cinco séculos de ocupação da região

Amazônica nada se compara a devastação sofrida nesses últimos 50 anos. Hoje os olhos da comunidade internacional voltam-se para floresta e cobram sua conservação.

A fala de Anselmo d’Affonsêca é corroborada pela matéria apresentada no item 5.3 Ameaças à Amazônia vão muito além das queimadas (Alisson, Agência FAPESP, 2013) que tratou sobre as ameaças à conservação da Amazônia como o desmatamento, extração inadequada de madeira, queimadas até o manejo inapropriado de recursos pesqueiros.

A Ampa atua, desde o ano de 2000, na educação das comunidades com o objetivo de preservar a espécie, como pode ser observado nas falas educativas das fontes institucionais, como a do coordenador ambiental da Ampa, Rafael Tavares, sobre a o trabalho da Ampa e da mensagem que está sendo levada às comunidades que convivem com o boto.

É, educacional, fomentar pesquisa, auxiliar na pesquisa e no trabalho de educação ambiental, de resgate e reabilitação, desses animais.

[...] É, levar essa mensagem, fazer com que as pessoas tenham essa consciência, que um animal vivo, ele pode ser muito mais rentável, às vezes, nas questões turísticas, do que um animal morto, no prato, por exemplo.

Conforme já mencionado pelas fontes povos da floresta, o boto tem sido utilizado no ecoturismo na região, mas essa atividade vem crescendo de forma indiscriminada como pode ser observado na fala pedagógica da fonte institucional, Stella Rentel, bióloga da Ampa.

Esse trabalho, que a gente faz, aqui na comunidade, é focado no ecoturismo com o boto-vermelho, porque é uma atividade que vem crescendo muito na Amazônia, principalmente nessa região, próxima de Manaus. E é uma atividade que está crescendo, sem nenhum controle.

Então, a gente não sabe, exatamente, o impacto que ela gera sob as populações de boto ou sobre as comunidades ribeirinhas, que acabam trabalhando com isso.

Então, o que a gente quer fazer, é trabalhar de uma maneira colaborativa, né, e mais sustentável. E valorizar essa atividade, que é muito interessante, que é essencial. Pra que as pessoas tenham conhecimento de como esse animal, realmente, funciona na natureza, entendeu. Que é uma oportunidade tão única, de vê ele aqui, livre, então a gente quer valorizar isso.

Mas, como saber se a atividade de ecoturismo poderá afetar o boto vermelho? Para isso, a fala pedagógica da fonte especialista Angélica Nunes, pesquisadora bolsista, trata do seu trabalho de monitoramento do comportamento dos botos com o ecoturismo:

Então, aqui o que eu tento fazer é definir quais os impactos que a atividade do ecoturismo pode causar no comportamento do boto, então, entender um pouco do som que eles fazem, pode ajudar a gente a entender os níveis de estresse, deles. Por exemplo, alguns golfinhos, têm sons muito característicos de estresse, de combate. Então, às vezes, muitas vezes, a gente não consegue enxergar o que os animais estão fazendo, mas com o som, a gente pode tá conseguindo entender o tipo de comportamento que eles podem tá fazendo, de baixo d’água, a gente não está vendo.

Então caracterizar esses sons, identificar esses sons, pode dizer muito pra gente, sobre o comportamento deles.

Observamos que o episódio busca mostrar a fragilidade dos botos vermelhos e o que está sendo feito para preservar a espécie e também como a população reage aos ensinamentos que recebe mudando práticas econômicas que transformam a matança em preservação, mostrando ainda como a ciência e a educação podem modificar as práticas locais em prol da natureza.

No entanto, precisamos salientar que a representatividade das três categorias encontradas, neste episódio, demonstra um desequilíbrio perante a diversidade de saberes e, por consequência, a pluralidade de vozes (BUENO, 2008; GIRARDI, LOOSE, CAMANA, 2015). Assim como ocorreu com o episódio Olhares da Floresta, prevaleceram as fontes e as falas de especialistas e institucionais, pois as falas dos povos da floresta, em sua maioria, foram baseadas em conhecimentos repassados por estes.

Assim, percebemos novamente o destaque das pesquisadoras Baumont, Girardi e Pedroso sobre a prevalência da ciência sobre o conhecimento popular. Entretanto, nesse caso, justifica-se a interferência da ciência, pois os conhecimentos repassados aos ribeirinhos reduziram a mortandade dos botos vermelhos que deixaram de ser usados como isca para gerar renda pelo ecoturismo com cuidado e preservação. Resta, entretanto o questionamento quanto à ausência de fontes oficiais que poderiam ter contribuído no episódio com informações sobre políticas públicas a respeito da preservação do boto cor-de-rosa.

7.7 RESUMO GERAL DOS EPISÓDIOS

Como demonstrado nos itens anteriores, ao todo foram analisados seis episódios da série Nova Amazônia, sendo eles: Consciência Ambiental, Amazônia Empreendedora, Sinais da Natureza, Olhares, Catalão e Mamíferos Aquáticos; cujo resumo geral das fontes e das suas contribuições em relação a falas informativa, pedagógica e política é apresentado no Quadro a seguir.

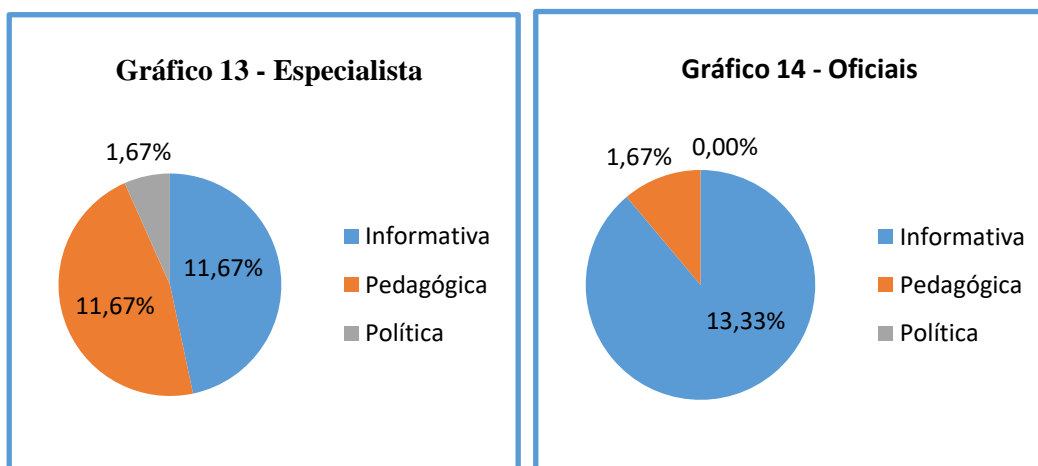
Quadro 16 – Resumo Geral da classificação das fontes entrevistadas nos programas

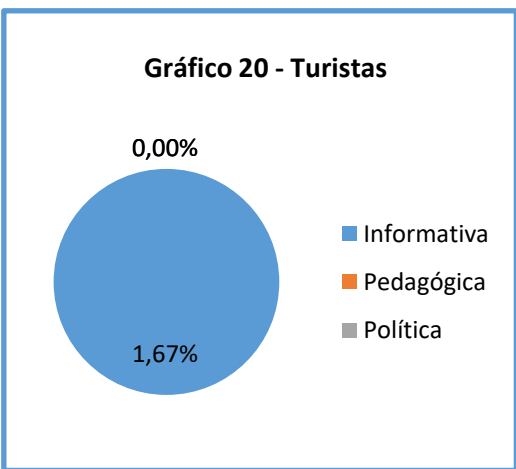
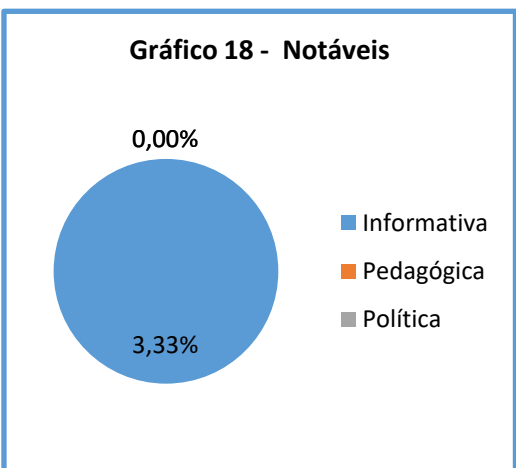
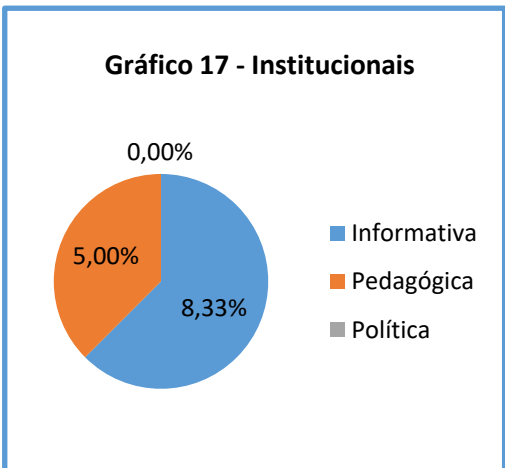
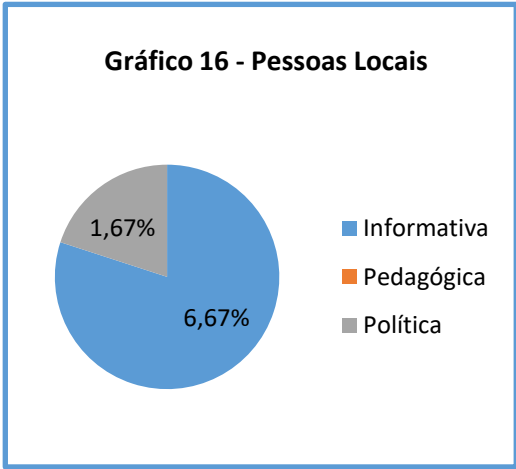
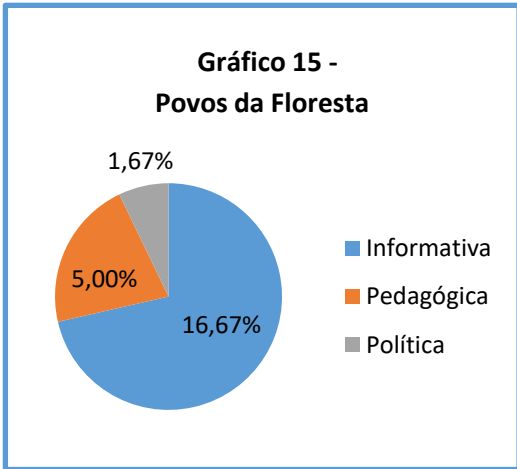
Fontes/ Falas	Informativa	Pedagógica	Política	Total
Especialista	7	7	1	15
Oficiais	8	1	-	9
Povos da floresta	10	3	1	14
Pessoas locais	4	-	1	5
Institucionais	5	3	-	8
Notáveis	2	-	-	2
Empresariais	6	-	-	6
Turistas	1	-	-	1
Total	43	14	3	60

Fonte: preparada pela autora (2019)

Conforme pode ser verificado no Quadro 16, nos seis programas selecionados houve contribuição de 60 fontes: 15 especialistas, nove oficiais, 14 povos da floresta, cinco pessoas locais, oito institucionais, dois notáveis, seis empresariais e um turista. A contribuição predominante das funções das falas foi informativa, com 43 contribuições, seguida da fala na função educativa, com 14 contribuições e, por último, houve apenas três contribuições de fala na função política.

Em termos percentuais, a contribuição das fontes é demonstrada nos gráficos a seguir.



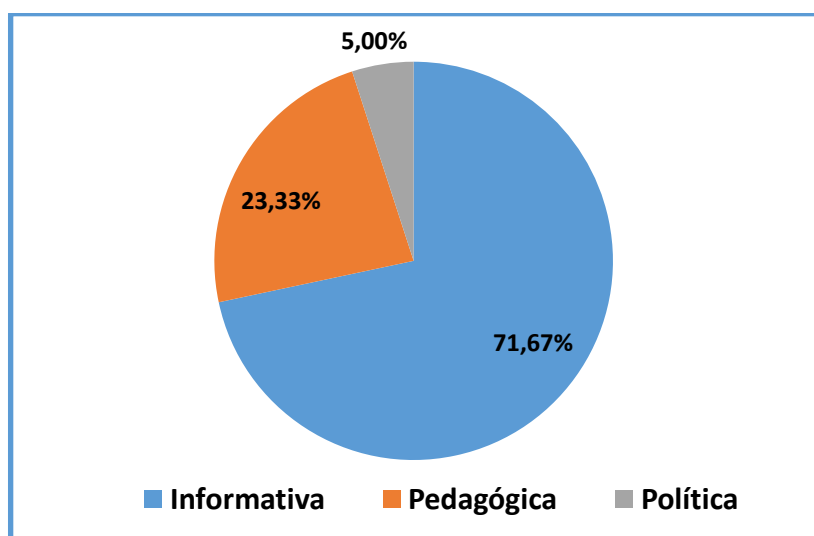


Em termos percentuais, nos programas selecionados, o maior percentual de fontes ouvidas refere-se à classificação de **especialistas**, no total de 25%, sendo que suas falas tiveram nas funções informativa e pedagógica, o mesmo percentual de 11,67% e de apenas 1,67% na função política. As fontes classificadas como **oficiais** tiveram 15% de participação no total das fontes, sendo que suas falas representaram 13,33% na função informativa e 1,67% na função pedagógica, sem representação na função política. As fontes classificadas como **povos da floresta** tiveram a segunda maior participação entre as fontes, no total de 23,33%, sendo que suas falas tiveram participação de 16,67% na função informativa, 5% na função pedagógica e 1,67% na função política. As fontes classificadas como **pessoas locais** representaram 8,33% do total das fontes, sendo que suas falas foram classificadas na função informativa em 6,67% e na função política em 1,67%, não havendo contribuição na função pedagógica.

As fontes classificadas como **institucionais** representaram 13,33% do total de fontes e suas falas contribuíram em 8,33% das falas informativas e em 5% das falas pedagógicas, sem contribuição na função política. As fontes classificadas como **notáveis** representaram apenas 3,33% do total das fontes e sua fala teve função apenas informativa. As fontes classificadas como **empresariais** representaram 10% do total das fontes e sua fala teve função também apenas informativa. O mesmo ocorreu em relação às fontes classificadas como **turistas**, com a menor contribuição, de apenas 1,67% e cuja fala também foi apenas informativa.

Em relação à posição total, o gráfico a seguir demonstra os percentuais gerais das falas.

Gráfico 21 – Total das classificações das fontes nos episódios



Fonte: preparado pela autora (2019)

Como pode ser verificado no **Grafico 21**, a predominância das falas foi informativa, com o percentual de 71,67%, representado por 43 fontes; seguido pelas falas pedagógicas, no percentual de 23,33% proferidas por 14 fontes; e, por fim, apenas 5% foi a contribuição das falas políticas, proferidas por três fontes.

Assim como ocorre com a educação e o Jornalismo, verificamos que as contribuições informativas, em muitos aspectos, se confundem com as falas educativas, porém, como a proposta desse estudo foi classificar a função da fala em apenas uma categoria, a informativa se sobrepôs nas classificações efetuadas. Apesar das fontes especialistas terem tido a maior contribuição com 15 pessoas ouvidas, o saber dos povos da floresta teve grande representação com 14 pessoas e, se forem somadas as pessoas locais, com cinco representantes, pode ser verificado que houve forte influência na composição dos programas. Essas fontes apresentam informações relevantes, desconhecidas do público em geral e devem ser levadas em consideração na discussão de políticas públicas, pois como proposto por Bittencourt (2013) a desconsideração do saber das populações tradicionais leva a erros estratégicos nos planejamentos intra e extra-regionais.

A crítica maior fica por conta da carência de fontes oficiais que pudessem colaborar com falas políticas para indicar como as realidades apresentadas nos programas analisados poderiam contribuir no estabelecimento de políticas públicas para levar emprego e renda à população dos povos locais e da floresta da região Amazônica.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Bioma Amazônia ocupa quase a metade do território brasileiro. Os primeiros ocidentais a chegar à Amazônia foram os espanhóis, meses antes dos portugueses avistarem a costa brasileira, os quais somente obtiveram domínio daquela região após o Tratado de Madri em 1750. Apesar da imensidão geográfica e de ocupar nove estados brasileiros, a região somente teve maior atenção do Estado, no segundo Governo de Getúlio Vargas (1951-1953) que criou, em 1953, a Amazônia Legal e o Plano de Valorização Econômica da Amazônia que foi revogado e novamente estabelecido, durante o primeiro Governo do presidente Castello Branco (1964-1967) pela Lei nº 5.173/66, em vigor até os dias atuais, e que prevê como objetivo a promoção e o desenvolvimento auto-sustentado da economia e o bem-estar social da região amazônica, de forma harmônica e integrada na economia nacional.

Passados mais de 500 anos da chegada dos europeus e mais de 50 anos do projeto de valorização para o seu desenvolvimento econômico, a Amazônia permanece carente de um projeto que garanta a participação social na sustentabilidade econômica em harmonia com suas riquezas e diversidade naturais, conforme salientam Enríques (2008), Madeira (2014) e Mello (2015).

Nesse contexto, ancorado por Leff (2006), é necessário disseminar um saber ambiental que possa estabelecer políticas públicas que vinculem os potenciais ecológicos e de produtividade com a criatividade cultural dos povos que a habitam, pois, conforme assevera Bittencourt (2013), grande parte das decisões sobre a Amazônia ocorrem em escritórios, governamentais ou não, muito longe das realidades locais, o que leva a erros estratégicos e conseqüente fracasso ou ineficiência de projetos de desenvolvimento sustentável.

Assim, faz-se necessário conscientizar a população local, acerca da importância do seu papel no contexto econômico e social, e promover o apoio da sociedade para o estabelecimento de políticas públicas de desenvolvimento sustentável que protejam a Amazônia, sem descuidar do bem-estar social da sua população. E, para que isso aconteça educação e informação são fundamentais, fazendo com que as áreas de Educação e de Jornalismo tenham papel fundamental nesse contexto, áreas estas, que segundo Empinotti e Paulino (2018), estão historicamente próximas e confluem no âmbito cultural.

A série Nova Amazônia da TV Escola é um excelente exemplo da confluência da Educação com Jornalismo, pois enquanto os principais objetivos da TV Escola são capacitar, aperfeiçoar e atualizar educadores da rede pública, a série Nova Amazônia decorre de um trabalho jornalístico que traz um novo olhar sobre a região Amazônica, unindo pesquisa

científica à sabedoria dos povos da floresta para mostrar temas regionais que influenciam no meio ambiente do planeta.

Nesse contexto o estudo aqui proposto buscou verificar como os programas da Série Nova Amazônia da TV Escola tratam da diversidade das fontes e quais as funções dessas fontes em suas falas. Para tanto, foram mapeadas as fontes dos episódios e classificadas entre **especialistas, oficiais, povos da floresta, pessoas locais, institucionais, notáveis, empresariais e turistas**. Também foram identificadas as contribuições de suas falas, de acordo com as funções do Jornalismo ambiental conforme Bueno (2008) que são **informativa, pedagógica e política**, cuja identificação e delimitação para análise observou o processo de categorização proposto por Bardin (2016). As categorias estabelecidas para a análise foram pensadas conforme características propostas pela autora e observaram exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade.

Os programas selecionados foram Consciência Ambiental, Amazônia Empreendedora, Sinais da Natureza, Olhares, Catalão e Mamíferos Aquáticos. Para cada programa foi efetuada transcrição completa dos programas, apresentação das fontes e sua classificação, apresentação gráfica de sua representatividade, além das funções das suas falas. Na sequência, foram apresentadas análises das falas e conexão com o referencial teórico que guiou esse estudo.

Os programas analisados cumpriram com a função pedagógica do Jornalismo ambiental proposta por Bueno (2007) no cuidado das reportagens e na mediação com as fontes, de modo a levar informações relevantes sobre a região Amazônica ao público em geral, inclusive no que se refere a alternativas sustentáveis de emprego e renda.

Uma característica forte presente nos programas analisados é o sentimento de orgulho e de pertencimento de quem vive na Amazônia, desde os ribeirinhos do Catalão, até aqueles que vivem em grandes centros, como Manaus.

Desse estudo, fica o alerta já feita por Bittencourt (2013) sobre a necessidade de ouvir as vozes da população que vive na Amazônia, de conhecer as suas necessidades e os saberes que elas detêm. Ancorada por Mello (2015), somente assim será possível estabelecer políticas públicas capazes de atender uma região tão complexa e dinâmica como a Amazônia e que considerem fatores ecológicos e fatores sociais dos povos que nela vivem e que necessitam de atividades produtivas de maior valor agregado para sair do modelo de concentração da produção no setor primário que leva e/ou acentua desigualdades sociais.

A série Nova Amazônia contribui para a sensibilização das pessoas para a importância das questões ambientais, conforme proposto por Isabel Carvalho (2018), pois uniu de forma

articulada o propósito da TV Escola em levar educação de qualidade, para formação de professores da rede pública, ao Jornalismo como formador de opinião em mídia de grande visibilidade.

Os programas analisados apresentaram realidades de natureza e sociedade que transcendem o universo pessoal do cidadão que o assiste e vive longe da Amazônia, cumprindo a proposta de Girardi e Schwaab (2008) sobre a necessidade de mostrar realidades desconhecidas e que envolvam o espectador, sem enfatizar apenas a perspectiva de destruição da natureza ou a separação entre natureza e a sociedade.

É preciso, e necessário, que programas dedicados às questões ambientais tenham essa dimensão bem desenhada em sua estrutura. É preciso que esses programas estimulem o engajamento do “espectador” e isso pode vir das fontes entrevistadas por iniciativa do repórter. O enfoque desta pesquisa foram as fontes ouvidas, mas compreendemos que os repórteres tiveram papel fundamental no conteúdo presente na fala das pessoas ouvidas.

Além da função educativa, o Jornalismo Ambiental também defende as funções participativa e transformadora, por esse motivo programas que estimulem a consciência ambiental do seu público tornando-os sensíveis aos diversos problemas da Amazônia são primordiais para promover o debate, a discussão e a reflexão sobre o papel do cidadão nas mudanças urgentes por um mundo ambientalmente saudável e equilibrado. Precisamos aprofundar o debate para que não só a informação vire conhecimento, mas também ação, reflexão e transformação.

E, nesse sentido, o Jornalismo Ambiental pode contribuir para alertar a população brasileira e mundial para conter a devastação da Amazônia, pois como observou a fonte especialista, veterinário do Inpa, Anselmo d’Affonsêca, no episódio Mamíferos Aquáticos, **é inaceitável que a Amazônia seja o mais surpreendente cenário e também um dos mais ameaçados do planeta.**

Entendemos que a série Nova Amazônia contribuiu para levar informações sobre a Amazônia para professores, educadores, alunos e à sociedade em geral através de um canal de grande divulgação que é a TV Escola, disponível de forma gratuita a toda a população com acesso a TV aberta, constituindo-se em importante ferramenta pedagógica no auxílio para conscientização ambiental sobre os cuidados com a Amazônia para toda a população brasileira.

Para que serve o Jornalismo Ambiental? Por que é necessário estudar o Jornalismo Ambiental? Será que é possível vivermos em uma sociedade ambientalmente sustentável, equilibrada e justa?

Viver em mundo sem excessos, sem descarte de metais pesados nos rios; sem poluir o ar; desmatar as florestas e os biomas; caçar animais silvestres para alimentar o comércio ilegal; minerar regiões que hoje apresentam perigo eminente para as populações do seu entorno? Será que conseguimos consumir menos? Menos plástico, menos papel, menos açúcar, menos veneno em nosso alimento? Será que ainda é possível reverter todo esse quadro de exploração, poluição e degradação do nosso ambiente, que sem a presença do ser humano tem o seu funcionamento em equilíbrio com seus ciclos naturais, com suas estações com tempo certo para chegar e partir, com toda a sua teia da vida conectada e pulsando vida em cada ser que faz parte de todo esse sistema complexo, sábio e generoso que compõem a nossa MÃE TERRA?

Esses “serás” demonstram uma pequena amostra do que o ser humano foi capaz de fazer ao ambiente para se desenvolver, para evoluir, para se descobrir. às custas do fim do outro, o ser humano se faz e se fortalece como uma entidade superior e dominadora. Com a idéia de produzir alimento em grande escala, pulveriza grande quantidade de veneno nos alimentos para combater as ditas pragas, que na verdade são seres vivos buscando sua sobrevivência no seu habitat que foi destruído. Veneno que além de matar essas vidas diretamente, se dissipa no ar e começa a fazer parte do organismo das pessoas, tanto pela ação de respirar quanto pela ingestão nos alimentos.

Então, nós precisamos do Jornalismo Ambiental para mostrar que é possível, sim, sair desse caos que se apresenta como formas de viver. O Jornalismo Ambiental pelo seu caráter engajado, transformador, educativo, libertador, sistêmico, que luta por todas as formas de vida no Planeta, tem a possibilidade de levar até a população informações e conhecimentos necessários para começar a questionar e romper com esse padrão de vida destrutivo. Com o Jornalismo Ambiental conseguimos mexer na terra e semear novas sementinhas, possibilitando que ganhem vida idéias que revolucionem positivamente todo esse quadro descrito anteriormente.

Quando escolhemos estudar as contribuições do Jornalismo Ambiental, encontramos na Série Nova Amazônia da TV Escola contribuições de caráter informativo e educativo no tratamento de questões ligadas ao meio ambiente e a relação com os povos que o habitam, suas particularidades, necessidades e formas de co-existência.

Ao buscar a diversidade de saberes pelo olhar das diferentes pessoas que habitam uma mesma região, o JA possibilita que novos conhecimentos possam emergir e mostrar que a nossa realidade não permeia a vida de todo mundo. Conseguimos perceber que, sim, somos diferentes e plurais. Os saberes diversos encontram no JA o caminho para chegar como pequenos pontos de luz e, assim, iluminar mentes e corações para necessidade de entender a existência e a necessidade do outro no nosso cotidiano.

Quando olhamos para a Amazônia pelos programas da Série Nova Amazônia, encontramos pontos de luz e esperamos, com essa dissertação, iluminar algumas mentes e corações para engajá-los na proteção desse tesouro que é de todos nós.

A Amazônia é fundamental para o Brasil e para o mundo e deve fazer parte de políticas públicas que levem em conta as vozes de seus Povos e de sua Natureza.



Figura 3 – Rios na Amazônia - Autor desconhecido, Editora Horizonte, in <http://amazobio.blogspot.com/2010/05/origem-do-nome-amazonia.html>

E, para concluir, a mensagem que fica desse trabalho é:



Figura 4 - Autora no Parque Unipraias em Balneário Camboriú, SC, 2017.

REFERÊNCIAS

ALISSON, Elton. **Ameaças à Amazônia vão muito além das queimadas. 23. Set.2013. Agência FAPESP.** São Paulo. 2013. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/ameacas-a-amazonia-vaio-muito-alem-das-queimadas/17908/>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

ANDRADE, Valéria Brumano. **Comunicação e Educação: usos e apropriação do canal TV Escola em escolas públicas.** 2002. 90f. Dissertação (*Magister Scientiae*) - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2002.

AZAMBUJA, Cíntia Neves. **Jornalismo Educativo: da teoria à prática na TV universitária.** 2008. 326 f. Dissertação. Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro. 2008.

BACCHETTA, Víctor. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, V. L. (Ed.). **Ciudadanía planetária.** Montevideo: IFEJ/FES, 2000. p. 18-21.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do Jornalismo Ambiental brasileiro. In: **Revista Brasileira de História da Mídia.** VOL. 6, Nº 2. Teresina. jul./dez. 2017.p. 110-125.

BITTENCOURT, Maurício Pimentel Homem de. **Jornalismo Alternativo Para a Questão Ambiental Amazônica.** Tese de Doutorado. 276 f. Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Orientadora: Profa. Dra. Eda Terezinha de Oliveira Tassara. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-04122013-202449/pt-br.php>. Acesso em 28 de maio de 2019.

BIZZOTTO, Marcia. **Cientistas temem que projeto de lei europeu incentive desmatamento no Brasil. BBC Brasil. 17 jan.2018.** Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42721425>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

BRASIL, Ambiente. **Os riscos ao meio ambiente no governo Bolsonaro. 20. Nov.2018. Ambiente Brasil.** Curitiba, 2018. Disponível em: <http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2018/11/20/148561-os-riscos-ao-meio-ambiente-no-governo-bolsonaro.html>. Acesso em 08 de janeiro de 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

BRASIL. Lei n. 9.795, de 1999. Dispôs **sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

BRASIL. Lei n. 10.172, de 2001. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

BRASIL. Lei n.1.806 de 06 de janeiro de 1953. **Dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia, cria a Superintendência da sua execução e dá outras providências**. Revogada pela Lei n° 5.173, de 1966. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1806.htm. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

BRASIL. Lei n.5.173, de 27 de outubro de 1966. **Dispõe sobre o Plano de Valorização Econômica da Amazônia; extingue a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), cria a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5173.htm#art63. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

BRASIL. Lei Complementar n° 31, de 11 de outubro de 1977. Cria o Estado de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp31.htm. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

BRASIL. Presidência da República Secretaria Especial de Comunicação Social Departamento de Pesquisa de Opinião Pública. **Pesquisa Domiciliar – Avaliação de Governo e Comunicação**. Relatório Final Empresa Responsável: IBOPE. Brasília – DF. 2017

BRASIL. Ministério da Educação. Notícia: **Roquette Pinto, responsável pela TV Escola, tem novo diretor**. 14 de março de 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/222-noticias/537011943/46281-roquette-pinto-responsavel-pela-tv-escola-tem-novo-diretor>

BORGES JÚNIOR, Carlos. Linguagem e narrativa, Jornalismo e literatura: a construção das imagens de Amazônia na revista Manchete da década de 1980. **Verso e Reverso**, 31(77):111-124, maio-agosto 2017 Unisinos, São Leopoldo, RS. 2017.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008. p. 105-116.

BUENO, Wilson da Costa. O Jornalismo Ambiental circula na arena da ciência e da política. In: **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**. Ano 13. n. 13. P. 113-126. jan/dez. 2009.

CAETANO, Bruna. **Crescimento do garimpo ilegal na Amazônia atinge duramente áreas indígenas**. 14. Dez.2018. **Brasil de Fato**. São Paulo. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/12/14/crescimento-do-garimpo-ilegal-na-amazonia-atinge-duramente-areas-indigenas/>. Acesso em 05 de janeiro de 2019.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix/Amana-Key, 1998.

CARNEIRO FILHO, Arnaldo; SOUZA, Oswaldo Braga de. **Atlas de pressões e ameaças às terras indígenas na Amazônia brasileira**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009. Disponível em: https://www.socioambiental.org/banco_imagens/pdfs/Atlas.pdf.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **As epistemologias ecológicas**. Porto Alegre, 2018. Entrevistadores: alunos da disciplina Debates interdisciplinares sobre Jornalismo Ambiental do PPGCOM/UFRGS em 13 nov. 2018.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental**. Brasília: Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998. Disponível em: <http://www.agraer.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/05/Livro-EducaçãoAmbiental-ISABEL.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2019.

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Jornalismo e Identidade na Amazônia as Práticas Culturais Legitimadas no Jornal Diário da Amazônia como Representações Identitárias de Rondônia**. Dissertação. 198f. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da

Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009. Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Escosteguy.
Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2192/1/000419171-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em 23 de março de 2019.

CONDE, Maria Rosa Berganza. A contribuição de Robert Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (Orgs.). **A era glacial do Jornalismo: teoria social da imprensa. Vol. 2.** Porto Alegre: Sulina, 2008 (15-32).

COUTINHO, Leopoldo Magno. **O conceito de bioma.** Acta Bot. Bras. vol.20 no.1, p. 13-23. São Paulo Jan./Mar. 2006. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-3306200600010000
Acesso em 04 de janeiro de 2019.

DINIZ, Maiana. **Amazônia ameaçada: problemas fundiários são entraves para fim do desmate. 19. Mai.2016. Agência Brasil.** Brasília, 2016. Disponível em:
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-05/amazonia-ameacada-problemas-fundiarios-sao-entraves-para-fim-do-desmate>. Acesso em 02 de dezembro de 2018.

DORNELLES, Beatriz Correa P. Dornelles; GRIMBERG, Daniela Grimberg. Jornalismo Ambiental: análise dos critérios de noticiabilidade na web. **Revista Vozes e Diálogo.** Itajaí, v. 11, n.1, jan./jun. 2012. p. **68-81.**

EMPINOTTI, Marina Lisboa. PAULINO, Rita de Cássia Romeiro. Aproximações entre Jornalismo e educação. págs 53-63 in **Revista Comunicação & Educação.** Ano XXIII. N° 1. jan/jun 2018. São Paulo. 2018.

ENRÍQUEZ, G. E. V. **Desafios da Sustentabilidade da Amazônia: Biodiversidade, cadeias produtivas e comunidades extrativistas integradas.** Tese (Doutorado) Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília - UnB. Brasília/DF, 2008.

FONSECA, A., JUSTINO, M., CARDOSO, D., RIBEIRO, J., SALOMÃO, R., SOUZA, Jr., C., & VERÍSSIMO, A. 2018. Desmatamento na Amazônia Legal. **Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (março 2018) SAD (p.1).** 20.Abr.2018. Imazon. Belém, 2018.
Disponível em:
<https://imazon.org.br/publicacoes/boletim-do-desmatamento-da-amazonia-legal-marco-2018-sad/>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

FRANÇA, Alberto Luiz Rodrigues. **O Uso da Televisão na Educação a Distância (EAD): Um Estudo Sobre o Centro de Mídias da SEDUC no Amazonas.** Dissertação de mestrado.

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. 113 f. Orientadora: Dra. Denize Piccolotto Carvalho Levy. Manaus, AM. 2013.

FROME, Michael. **Green Ink: uma introdução ao Jornalismo ambiental**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

GANS, H., **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. Evanston: Northwestern University Press. 1980. Série: Medill Visions da American Press. Editora: Northwestern University Press; 2 edição. 2005

GELOS, HernánSorhuet. Periodismo ambiental: eje comunicacional del siglo XXI. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008. p. 67-74.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni. **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

GIRARDI, Ilza et al. Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, n. 1, p. 132-152. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2972>>.

GIRARDI, Ilza et. al. A pesquisa em Jornalismo Ambiental na região Sul do Brasil. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo** – SBPJor, 11, 2013, Brasília.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise do conteúdo em Jornalismo in Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.) – **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

IBGE. **Mapa de Biomas e de Vegetação do Brasil**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. 2004. Acesso em 28 de dezembro de 2018.

IBGE. **Geoestatísticas de recursos naturais da Amazônia Legal**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=249694>. Acesso em 26 de dezembro de 2018.

IBGE. **Geoestatísticas de recursos naturais da Amazônia Legal**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=249694>. Acesso em 26 de dezembro de 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cadastro de Municípios localizados na Amazônia Legal. Rio de Janeiro, 2014**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/amazonialegal.shtm?c=2>. Acesso em 28 de dezembro de 2018.

JOHN, L. A imprensa "especializada": um papel ainda incerto na educação ambiental. In: TRAJBERG, R.; MANZOCHI, L. H. **Avaliando a educação ambiental no Brasil**: materiais impressos. São Paulo: Gaia, 1996. p. 153-172.

JOHN, Liana. **Imprensa, meio ambiente e cidadania. 2001**. Ciência & ambiente, Santa Maria, n.23, p.87-94, jul./dez. 2001.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2006

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LOOSE, Eloisa Beling. GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O Jornalismo Ambiental e seu Caráter Educativo. **Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2024-1.pdf>. Acesso em 18 de abril de 2019.

LUFT, Maria Schirley. **Jornalismo ambiental na Amazônia: as fontes de informação na cobertura dos desmatamentos no Jornal O Liberal do Pará**. 203 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4120>. Acesso em 21 de janeiro de 2019.

MADEIRA, Welbson do Vale. Plano Amazônia Sustentável e Desenvolvimento Desigual1. **Ambient. soc.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 19-34, Set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2014000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08 Jul. 2019.

MEDITSCH, Eduardo. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? **BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Lisboa, (s.v., s.n.), p. 1-13, 1997. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-Jornalismo-conhecimento.pdf>.

MELLO, Alex Fiúza de. Dilemas e desafios do desenvolvimento sustentável da Amazônia: O caso brasileiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 107, Coimbra, Setembro 2015: 91-108. 2015. Versão *online* disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=2182-743520150002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 de março de 2019

MORAES, Cláudia Herte de; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. Enlaces entre Educomunicação e Jornalismo Ambiental: a mudança climática em questão in **Educomunicação e diversidade : múltiplas abordagens**. São Paulo, SP: ABPEducom, [2016] [recurso eletrônico]. p. 15-32. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148874>. Acesso em 14 de maio de 2019.

MULLER, Peter. **Maior aumento de desmatamento da Amazônia em dez anos. 23.Nov.2018.WWF Brasil**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?68662/maior-aumento-desmatamento-amazonia-dez-anos>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

OLIVEIRA, Márcio Vieira. **Jornalismo Ambiental como instrumento de Educação Ambiental: o Jornal Agora na conservação das dunas do Cassino**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2005. Orientador Sirio Velasco.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. **“Conquistando o Oeste”: Amazônia Legal Brasileira e o caso de Nova Xavantina/MT**. *Fronteiras: Revista de História | Dourados, MS | v. 17 | n. 30 | p. 248 - 272 | Jul. / Dez. 2015*. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/4874/0>. Acesso em 13 de dezembro de 2018.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Org.). **A era glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PINTO, M. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade**. Braga: Vol. 14 (1-2), p. 277-294, Universidade do Minho, 2000.

PINHEIRO, Júnior. Televisão de qualidade, cultura popular e experiências de narrativas seriadas na televisão pública. **ETD – Revista Temática Digital**. Ano XI, n. 11. Paraíba, 2015. Disponível em: NAMID/UFPB - <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em 15 dez.2018.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. **Reflexões sobre as pesquisas em TV no Brasil – propostas metodológicas e formas de análise dos telejornais**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 146-162, set./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.146-162>. Acesso em 28 out.2019.

PORCELLO, Flávio. CARVALHO, Douglas. FREITAS, Fabiana Rossi da Rocha; BRITES, Francielly BRITES. O TeleJornalismo e a Cobertura de Desastres Ambientais: uma Análise do Caso Samarco. 2016. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo. 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0683-1.pdf>. Acesso em 13 de março de 2019

PRESOTTI, Clarissa. “**Exploração de petróleo ameaça corais da Amazônia**” alerta **WWF-Brasil. 06.Jun.2017.WWF Brasil**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?uNewsID=58522>. Acesso em 05 de janeiro de 2019.

RODRIGUES, Allan Soljenitsin Barreto. **Jornalismo e meio ambiente na Amazônia: a cobertura de eventos ambientais extremos pela imprensa escrita de Manaus**. 2013. 203 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Orientadora: Prof^a. Dra. Iraildes Caldas Torres. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3140>. Acesso em 06 de janeiro de 2019.

RODRIGUES, Allan Soljenitsin Barreto. MENEZES, Gleilson Medins de. LOPES, Rafael de Figueiredo. **Jornalismo e Processos Socioculturais na Amazônia: Ressonâncias Ideológicas na Cobertura Ambiental. Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 2, n. 2, p. 19-47, Mai-Ago. 2018. Palmas, TO. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/download/5029/13037/>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

RODRIGUES, Allan Soljenitsin Barreto; BORGES, Patrícia Vaz. Análise da cobertura de problemas ambientais pelo Jornal online Gazeta do Povo. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas**, v. 2, n. 2, p. 130-151, Mai-Ago. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/download/5029/13037/>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. **A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa à soberania restrita**. Edições do Senado Federal, v. 64. Brasília: Senado Federal, 2005. Disponível em:
<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1112/000746688.pdf?sequence=4>.
 Acesso em 25 de dezembro de 2018.

SABINO, Juliana L. M. F.; DAVID-SILVA, Giani; PADUA, Flávio L. Cardeal. **O potencial da imagem televisiva na sociedade da cultura audiovisual**. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo, v. 39, n. 2, p. 65-80, Aug. 2016. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442016000200065&lng=en&nrm=iso Acesso em 23 Out. 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201625>.

SANTINI, Daniel. **Agropecuária é a principal ameaça para espécies em extinção. 22.Dez.2014. O Eco**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:
<https://www.oeco.org.br/blogs/oeco-data/28843-agropecuaria-e-a-principal-ameaca-para-especies-em-extincao/>. Acesso em 02 de janeiro de 2019.

SANTOS, Pollyana Dourado dos; ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. **Pensar o Jornalismo na Amazônia**. Revista Tropos, ISSN: 2358-212X, volume 5, número 2, edição de Dezembro de 2016. Universidade Federal do Acre - Rio Branco, 2016. Disponível em:
<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/tropos/article/view/762>. Acesso em 21 de dezembro de 2018.

SCHENEIDER, Nadia Helena. **TV Escola na era digital: trajetória e perspectivas educacionais e culturais**. 2010. 211 f. Tese - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Unisinos. São Leopoldo, 2010. Orientador prof. Dr. Valério Cruz Brittos.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no Jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVA, Gilberto. **O ambientalismo tardio: A Amazônia como Temática Ambiental no Jornalismo Impresso Paulista**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, 175 f. São Paulo, 2006. Disponível em:
<https://casperlibero.edu.br/mestrado/dissertacoes/o-ambientalismo-tardio-a-amazonia-como-tematica-ambiental-no-jornalismo-impresso-paulista/>. Acesso em 02 de janeiro de 2019.

SOUZA, Maria Ivonete de. **Do Observar ao Cuidar: interdependências trabalho educação no/do campo e a Amazônia Mato-Grossense**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2014. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/178265/001064354.pdf?sequence=1>.
 Acesso em: 22 de dezembro de 2018.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A Amazônia brasileira: formação histórico-territorial e perspectivas para o século XXI. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 29 - Especial, pp. 107 - 121, 2011. Disponível em:
www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74209/77852+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br
Acesso em 03 de janeiro de 2019

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TV ESCOLA. **Site da TV Escola**. 2016. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/sobre>>.

UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. CORTEZ EDITORA , São Paulo-SP. 1988.

VAL, Adalberto Luis. Amazônia um bioma multinacional. **Cienc. Cult., São Paulo**, v. 66, n. 3, p. 20-24, Set. 2014. Disponível em:
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000300010.
Acesso em 22 de dezembro de 2018.

VIZEU, Alfredo. O teleJornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. Págs. 77-83. **Revista FAMECOS**, nº 40. Porto Alegre. 2009. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/6321/4596>.
Acesso em 30 de julho de 2019.

ANEXO I – REPORTAGENS PARA ILUSTRAÇÃO DE UM RECORTE SOBRE A AMAZÔNIA

O objetivo das reportagens a seguir apresentadas é trazer um recorte da realidade de situações que vêm ocorrendo no Brasil e que ameaçam o patrimônio natural da Amazônia Legal, para o que consideramos válido e ilustrativo deixar marcado como se encontra a Amazônia no período de realização da dissertação.

As notícias escolhidas foram produzidas por mídias que apresentam credibilidade na área do Jornalismo ambiental, embora essa amostra não contemple todas as mídias com credibilidade nessa área.

Os grifos em negrito (**grifo nosso**) indicados no texto procuram dar destaque a questões relevantes tratadas nas matérias, as quais foram resumidas de forma a contemplar o essencial, na visão da autora, em relação ao título dado à notícia. Para melhor destaque, cada notícia inicia uma nova página.

a) Ameaças à Amazônia vão muito além das queimadas (Alisson, Agência FAPESP, 2013)

Data da publicação: Setembro/2013

Fonte: Elton Alisson – Agência FAPESP – São Paulo

Resumo:

Há outros tipos de ameaças à conservação da Amazônia, além do desmatamento, que ocorrem em pequena escala e em áreas de várzea da região – como a extração inadequada de madeira e o manejo inapropriado de recursos pesqueiros –, que podem gerar transformações tão importantes na floresta nas próximas décadas quanto às queimadas.

Esses fenômenos, contudo, são menos perceptíveis e não são facilmente detectáveis na paisagem por imagens aéreas, como são as próprias queimadas, por acontecerem no interior da floresta e fora do chamado “Arco do desmatamento amazônico” (região de borda do bioma que corresponde ao sul e ao leste da Amazônia Legal e abrange todos os estados da região Norte, mais Mato Grosso e uma parte do Maranhão). Por isso, podem passar despercebidos e não merecer a mesma atenção recebida pelos desmatamentos pelos órgãos fiscalizadores.

O alerta foi feito por Hélder Queiroz, pesquisador do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMA), durante o sétimo encontro do Ciclo de Conferências 2013 do BIOTA-FAPESP Educação, realizado no dia 19 de setembro em São Paulo. (grifo do autor)

“A diminuição do desmatamento é, sem dúvida, muito importante para a conservação da Amazônia, mas ele não representa a única ameaça ao bioma”, afirmou Queiroz.

“Também há **um grupo grande de ameaças, composto por transformações de *habitat* em pequena escala realizadas exatamente da mesma forma nos últimos 50 anos e de difícil detecção**, mas que geram mudanças importantes na composição e na estrutura da floresta e cujos efeitos serão prolongados por muitas décadas”, estimou. (**grifo nosso**).

A extração inadequada de madeira da Floresta Amazônica, por exemplo, pode alterar o número de espécies de animais que vivem em uma determinada área da selva. Isso porque, de acordo com o pesquisador, algumas espécies de árvore cuja madeira tem grande valor comercial – e, por isso, são mais visadas – também podem ser importantes para alimentação da fauna.

A retirada dessas espécies de árvore de forma desordenada pode alterar a composição florística e, conseqüentemente, de espécies de animais de uma área da floresta, ressaltou Queiroz. (grifo nosso).

“A abertura de pequenas clareiras para remoção específica dessas espécies de madeira não é detectada pelas imagens de satélite porque, geralmente, elas têm poucos metros quadrados”, disse Queiroz.

“Ao final de três décadas, todas as espécies dessas árvores e, conseqüentemente, a fauna que dependia delas podem desaparecer da região”, alertou. (grifo nosso).

Outra ameaça que está se tornando um problema na Amazônia, de acordo com o pesquisador, é a **pesca desordenada da piracatinga (*Calophysus macropterus*) – espécie de peixe sem escama, apreciada para consumo**, conhecida popularmente como “urubu d’água”, por ser carnívora e se alimentar de restos de peixe e outros animais. Para a pesca do peixe na região amazônica **está sendo utilizada como isca a carne de jacaré e de boto cor-de-rosa. Por causa disso, o número de botos cor-de-rosa – também conhecidos como botos-vermelhos (*Inia geofrrensis*) – diminuiu em diversas regiões da Amazônia**, indicam dados de monitoramento da espécie na região da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) de Mamirauá fornecidos pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). (grifo nosso).

“A carcaça de um jacaré ou de boto cor-de-rosa vale, no máximo, R\$ 100,00 na região amazônica e gera aproximadamente entre 200 e 300 quilos dessa espécie de peixe”, disse Queiroz. “Além de uma crise pesqueira, esse problema representa um sistema de valoração da biodiversidade que está profundamente desequilibrado”, avaliou.

Já em terra, segundo o pesquisador, **a caça desordenada de determinadas espécies de animais tem resultado** no surgimento do que alguns autores denominaram no início da década de 1990 de “florestas vazias” – áreas de floresta em pé, mas nas quais as **principais espécies de animais responsáveis pela reprodução, polinização e dispersão de sementes desaparecem em razão da caça desenfreada**. (grifo nosso). (...)

Em geral, a maior parte dessas ameaças “imperceptíveis” ocorre nas chamadas florestas alagadas ou de várzea – que representam quase um quarto de toda a extensão da Amazônia, ressaltou o pesquisador.

Submetidas ao regime de alagamento diário, sazonal ou imprevisível – de acordo com o regime de chuvas –, essas regiões de baixas altitudes são alagadas por águas brancas, de origem andina, escoadas, principalmente, pelos rios Solimões e Madeira. **Como são muito produtivos – por suas águas receberem grandes cargas de nutrientes e sedimentos –, os recursos naturais das florestas de várzea da Amazônia são abundantes. Por isso, são densamente ocupadas desde o período pré-colombiano**. (grifo nosso).

“Praticamente 75% da população amazônica [cerca de 8 milhões de pessoas] está diretamente inserida nesses ambientes de várzea ou em suas proximidades, vivendo, trabalhando e transformando essas regiões”, disse Queiroz. (grifo nosso).

“Isso significa que esses ambientes são mais ameaçados do que os localizados no ‘arco do desmatamento’, porque recebem maior impacto diário das populações, ainda que não sejam detectados na paisagem, como o desmatamento”, comparou. (grifo nosso).

Justamente por terem grande densidade populacional, é difícil criar Áreas Prioritárias para Conservação (Arpa) nessas regiões de floresta alagada, contou Queiroz. “Existem poucas áreas protegidas e muitas propostas de criação de Arpas em florestas alagadas da Amazônia”, afirmou. Algumas delas são as RDS de Mamirauá e Amanã, que, juntas, somam quase 3,5 milhões de hectares da Amazônia. (...)

Os pesquisadores da instituição fazem pesquisas voltadas principalmente para o manejo sustentável dos recursos naturais. E, mais recentemente, começaram a desenvolver tecnologias sociais voltadas ao tratamento de água e ao saneamento ambiental, entre outras finalidades. “Desde 2010 estamos expandindo nossas ações. Atualmente elas atingem 150 mil pessoas. Mas esperamos chegar, nos próximos anos, a 1,5 milhão de pessoas”, contou Queiroz.

b) Agropecuária é a principal ameaça para espécies em extinção (Santini, O Eco, 2014)

Data da publicação: 22 dezembro de 2014

Fonte: Daniel Santini – Jornalista da Associação O Eco

Figura 5 - Bois em pasto aberto vizinho à Área de Proteção Ambiental Raimundo Irineu Serra, em Rio Branco (AC)



Fonte: Daniel Santini (2014)

Resumo:

O desmatamento ilegal da Floresta Amazônica avança a despeito da importância. A nova relação de espécies ameaçadas de extinção ([clique aqui para ver a lista completa](#)), divulgada na semana pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) e pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), aponta que a agropecuária é a principal ameaça para fauna em risco no Brasil. (**grifo do autor**).

Os dados apresentados pelo MMA **ilustram um ciclo já conhecido por ambientalistas, em que florestas são substituídas, primeiro por pastos, para, depois, darem lugar a plantações de monocultivo em latifúndios com uso intensivo de agrotóxicos e alto impacto ambiental.** O avanço das fronteiras agrícolas acontece em todos os biomas terrestres com amplo financiamento de bancos públicos e privados, que, por vezes, desconsideram a variável ambiental ao conceder empréstimos e facilidades de financiamento. (**grifo nosso**).

O avanço da pecuária na Amazônia, por exemplo, tem sido apoiado com recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO), que é gerenciado pelo Banco da Amazônia. Trata-se de fundo criado para promover o crescimento equilibrado da região, com o objetivo declarado de **“atender às atividades produtivas de baixo impacto ambiental, cuja macro diretriz é o desenvolvimento sustentável da Região Norte”.** (**grifo nosso**).

Em todos os biomas terrestres, o avanço e intensificação da produção agropecuária são apontados como principal vetor para o risco de extinção, conforme é possível observar no gráfico divulgado pelo MMA e reproduzido abaixo: (**grifo nosso**).

Figura 6 – Vetores importantes para o risco de extinção da fauna para o bioma

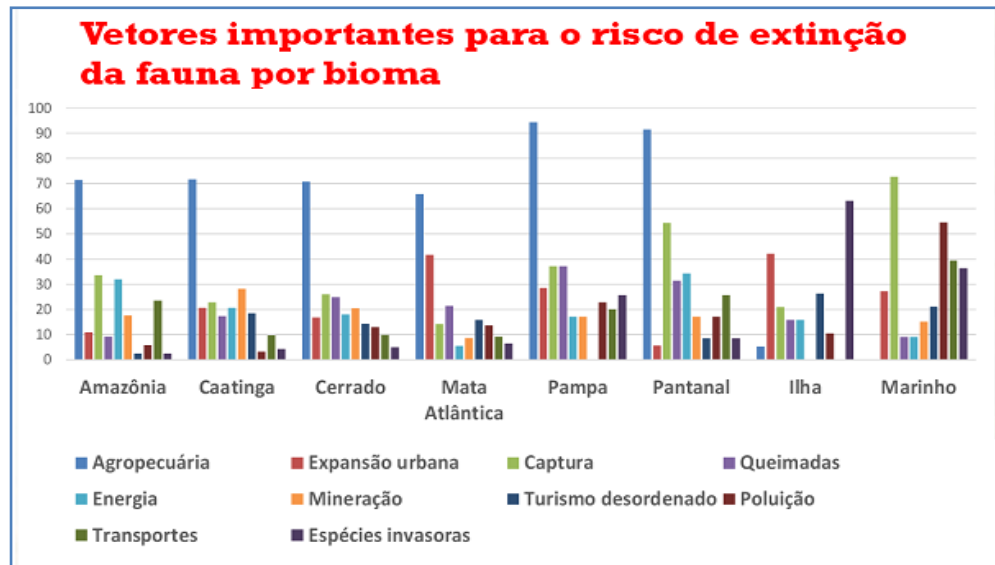


Imagem: Reprodução/MMA (2014)

O infográfico também traz informações significativas sobre outras ameaças graves ao meio ambiente. No bioma Marinho, na Amazônia e no Pantanal, a captura é fator de grave risco para a fauna. No Cerrado e no Pampa, ela fica praticamente junto com as queimadas, comuns na limpeza de terreno para abertura de pastos. Na Mata Atlântica e em Ilhas, a expansão urbana assume papel de destaque. Na Caatinga, o destaque é para a mineração.

c) Amazônia ameaçada: problemas fundiários são entraves para fim do desmate (Diniz, Agência Brasil, 2016)

Data da publicação: Maio/2016

Fonte: Por Maiana Diniz - Repórter da Agência Brasil – Brasília

Figura 7 - Área degradada no Município de Colniza, noroeste de Mato Grosso



Fonte: Marcelo Camargo/ Agência Brasil (2016)

Resumo:

O desmatamento ilegal da Floresta Amazônica avança a despeito da importância que a comunidade científica mundial e a sociedade atribuem ao bioma e ao impacto de sua destruição no clima do planeta. **Em Mato Grosso, a região noroeste abriga o último maciço da floresta no estado e sofre forte pressão para exploração madeireira e ocupação de novas áreas para a produção agropecuária. (grifo nosso).**

Entre os meses de agosto e dezembro de 2015, 419 quilômetros quadrados de Floresta Amazônica desapareceram do mapa no estado, de acordo com dados do Sistema de Alerta do Desmatamento (SAD), operado pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), com base em imagens de satélite geradas pela plataforma Google Earth Engine (EE). **(grifo nosso).** (...) Análises de imagens de satélite mostram que a tendência de retomada do desmatamento no estado começou em 2013. Segundo a especialista do Instituto Centro de Vida (ICV) de Mato Grosso Alice Thuault, **o desmatamento total detectado de agosto a dezembro de 2015 é 670% maior do que o registrado no mesmo período em 2013. (grifo nosso).**

“O padrão do desmate no estado mudou nos últimos 15 anos, provavelmente por causa dos satélites que dificultam que grandes áreas sejam derrubadas. Hoje, temos vários desmates pequenos, enquanto no passado eram mais comuns os grandes”, disse Alice. Segundo ela, **o fato indica que novos pequenos proprietários continuam abrindo áreas, especialmente no noroeste do estado. (grifo nosso).**

O chefe da Unidade do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) do município de Juína, responsável pela fiscalização de toda a região noroeste do estado, Evandro Selva, explica que o potencial econômico da madeira e das terras da região ameaçam o que resta da floresta. “Há uma certa ganância pelos recursos madeireiros **do último maciço florestal de Mato Grosso e que tem colocado em xeque a sobrevivência da floresta na região. O avanço da agricultura nas áreas de pecuária tem empurrado o gado ao norte, e essas florestas já**

enfraquecidas pela exploração madeireira vão cair, é uma conta matemática”, avalia. (grifo nosso). (...)

A secretária adjunta de Gestão Ambiental da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Elaine Corsini, disse que **o governo de Mato Grosso está cada vez mais preocupado em oferecer alternativas econômicas ao desmatamento no estado, especialmente para os pequenos produtores. “Dar alternativas para não desmatar, para gerar uma renda,** vender madeira como fonte de renda. É preciso fazer com que tenham incentivos para usar territórios que já foram abertos no passado que, em muitas situações, o Código Florestal considera como áreas consolidadas, abertas antes de 2008, mas que ele possa produzir nessas áreas e evitar a abertura de novas áreas. **Pensar em alternativas para que essas pessoas possam se estabelecer, produzir e viver da produção em áreas que já foram abertas,”** explica. (grifo nosso). (...)

Elaine disse que as iniciativas para frear o desmatamento no estado estão previstas no Programa Municípios Sustentáveis. “O projeto vai captar recursos do Fundo Amazônia para fazer a regularização fundiária em diversos municípios. Teremos recursos para cadastrar os pequenos e fazer um levantamento de quem está no campo, produzindo o que, o que vai auxiliar no controle e planejamento para essas áreas”, disse Elaine, **lembrando que o trabalho de combate ao desmatamento é conjunto e precisa envolver diversos órgãos. (grifo nosso). (...)**

A bióloga Alice Thuault, diretora adjunta do Instituto Centro de Vida, destaca que, além da problemática fundiária, o Brasil precisa avançar na regularização ambiental das propriedades rurais para combater desmates e queimadas ilegais. **Para Alice, a demora na implementação do Código Florestal Brasileiro gera uma expectativa de que a legislação não será colocada em prática.**

Além disso, dá a impressão de que novas áreas poderão ser regularizadas e consolidadas para a produção agropecuária e que a recuperação de passivos ambientais não será cobrada de quem está desmatando agora. **“A gente está em 2016, o código foi aprovado em 2012, e poucos avanços aconteceram. Estamos numa situação em que todos estão duvidando que a política pública vai pegar e será colocada em prática”,** disse. (grifo nosso). (...)

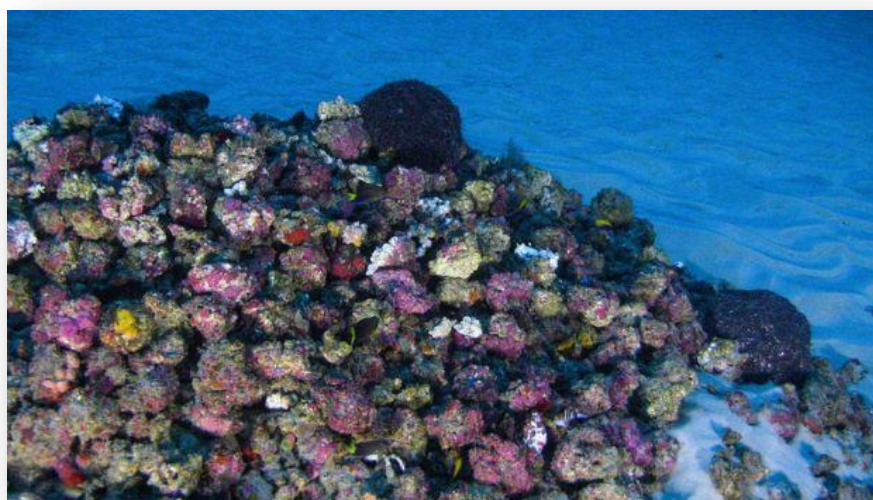
A superintendente do IBAMA em Mato Grosso, Livia Martins, disse o Código Florestal pode ter influenciado o aumento do desmatamento. **“Toda vez que se cria uma expectativa de mudança de legislação, cria-se uma certeza na mentalidade rural de que vai haver alguma facilitação, seja ela qual for. Até virar prática, a gente já perdeu uma boa parte da floresta.** Então, sempre que há mudança de norma, é preciso haver uma estratégia de comunicação forte para que a gente possa atingir o entendimento daqueles que estão em locais distantes do estado.” (grifo nosso).

d) “Exploração de petróleo ameaça corais da Amazônia”, alerta WWF-Brasil (Presotti, WWF, 2017)

Data da publicação: Junho de 2017

Fonte: *Clarissa Presotti* - WWF-Brasil

Figura 8 - Formações de corais na foz do Amazonas



Fonte: Greenpeace²² (2017)

A costa norte do Brasil é uma das principais fronteiras do país para exploração de petróleo e gás. Centenas de blocos exploratórios já foram leiloados na região nos últimos anos pela Agência Nacional do Petróleo (ANP).

Mas a atividade coloca em risco o futuro de um ecossistema de corais com características únicas do planeta – recentemente descoberto por cientistas brasileiros na foz do Rio Amazonas. O estudo que comprovou a existência desse sistema recifal foi publicado pela revista *Science Advances*, na edição de 22 de abril de 2016. **(grifo nosso).**

Já existem duas empresas com autorização para explorar petróleo na região. Mas os estudos de impacto ambiental foram realizados antes da confirmação pelos pesquisadores da barreira de corais, de extensão estimada em mais de 9 mil quilômetros quadrados.

O assunto foi tema de audiência pública na Comissão de Meio Ambiente do Senado Federal nesta terça-feira (6). O evento reuniu acadêmicos, empresários da área de Petróleo e Gás, representantes do governo e de organizações ambientalistas, como o WWF-Brasil e Greenpeace.

O coordenador de Políticas Públicas do WWF-Brasil, Michel Santos, alertou para as ameaças da exploração de petróleo próxima ao ecossistema de corais, que é único no mundo. “Precisamos de pesquisas científicas para demonstrar a dinâmica desses recifes com a região e estudos de impactos ambientais condizentes com esse bioma”. **(grifo nosso).**

Segundo Santos, o WWF-Brasil segue a mesma recomendação do Ministério Público Federal (MPF) para que seja suspensa a exploração da atividade na Foz do Rio Amazonas.

²² Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?uNewsID=58522>

“Devemos seguir o princípio da precaução. E não há motivos para se abrir no país nova fronteira de exploração de petróleo em uma região única do mundo, ainda mais em um momento em que há diversas propostas no Congresso Nacional para a revisão do processo de licenciamento, simplificando as etapas e flexibilizando-o”, complementou o coordenador. **(grifo nosso)**.

O IBAMA já concedeu licença ambiental para que empresa Total E&P do Brasil, responsável pelo trabalho de extração de petróleo no local, realize os estudos prévios e perfuração de sondagens. No entanto, na época, não se sabia exatamente como era esse sistema recifal na região, sua real extensão e peculiaridades.

Para o coordenador da Campanha de Clima e Energia do Greenpeace, Thiago Almeida, **apesar dos blocos de exploração petrolífera não estarem exatamente em cima da área conhecida dos recifes, há sempre um risco de acontecer algum vazamento. (grifo nosso)**

“O bloco mais próximo dos corais está a 8 quilômetros e a empresa pretende perfurar a 28 quilômetros dos corais. Uma distância considerada pequena”.

Além disso, Almeida ressaltou que os estudos ambientais não levaram em consideração a instabilidade do solo e nem todas as correntes marítimas específicas da região. “Já foram constatados pela própria ANP 27 acidentes em 95 tentativas de explorar a bacia da foz do Amazonas”, informou o ativista do Greenpeace.

O professor Ronaldo Francini, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que fez a primeira observação *in loco* do recife de corais da Amazônia, alertou que são ecossistemas raríssimos, que vivem até 150 metros de profundidade. (grifo nosso).

“O recife funciona como um reservatório de biodiversidade que preserva corais – ameaçados nas áreas rasas por conta das mudanças climáticas, da pesca e, principalmente, da poluição costeira”. (grifo nosso).

Durante sua apresentação, o professor fez um alerta sobre a pequena quantidade de unidades de conservação marinhas no Brasil. Segundo ele, menos de 1% das águas brasileiras são protegidas (proteção integral). **“E são nessas regiões estão 5% de todas as espécies, com alta produtividade pesqueira e geram alimento e renda para mais de 125 milhões de pessoas”. (grifo nosso).**

O coordenador do WWF-Brasil também ressaltou **a importância da manutenção e criação de Unidades de Conservação marinhas, que são menos de 2% do território nacional.** “As metas de Aichi, das quais o Brasil é signatário, estabelece 10% de áreas protegidas costeiras e marinhas até 2020. E o Programa Marinho do WWF-Brasil trabalha para que essa meta possa ser cumprida, com o apoio na gestão e criação de novas UCs”. **(grifo nosso).** (...)

e) Desmatamento na Amazônia Legal (Fonseca *et.al*, Imazon, 2018)

Data da publicação: Março/2018.

Fonte: Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (março 2018) SAD (p. 1).
Imazon. Belém, 2018.

Em março de 2018, o SAD detectou 287 quilômetros quadrados de desmatamento na Amazônia Legal. Neste boletim, a fração de desmatamento entre 1 e 10 hectares foi de 18% do total detectado (44 quilômetros quadrados). Considerando somente os alertas a partir de 10 hectares, houve aumento de 249% em relação a março de 2017, quando o desmatamento somou 71 quilômetros quadrados. Em março de 2018, o desmatamento ocorreu no Mato Grosso (40%), Roraima (21%), Pará (18%), Amazonas (14%) e Rondônia (7%). As florestas degradadas na Amazônia Legal somaram 102 quilômetros quadrados em março de 2018. **Em relação a março de 2017 houve aumento de 28%, quando a degradação florestal somou 74 quilômetros quadrados.** Em março de 2018 a degradação foi detectada em Roraima (95%) e Mato Grosso (5%). (**grifo nosso**).

A matéria está apresentada na forma de infográfico, cuja imagem não foi possível copiar para reprodução. Para ilustrar a matéria, foi utilizada figura no site Conexão Planeta que trata do mesmo assunto em agosto de 2018, pela jornalista Suzana Camargo.

Figura 9 – Desmatamento na Amazônia



Fonte: *site* Conexão Planeta por Suzana Camargo (2018)

- f) **Pesquisadores receiam que maior demanda por energias renováveis incentive o corte de árvores para produção com biomassa (Bizzoto, BBC Bruxelas, 2018)**

Data da publicação: Abril/2018

Fonte: Marcia Bizzotto - De Bruxelas para a BBC Brasil

Figura 10 - Manejo de Madeira na Amazônia



Fonte: Getty Images in BBC Bruxelas (2018)

Resumo:

Um projeto de lei atualmente em negociação na União Europeia (UE) poderia incentivar o desmatamento no Brasil e aumentar as emissões de gases de efeito estufa, apesar de ter como objetivo intensificar o uso de energias renováveis no bloco.

É o que afirma um grupo de mais de 600 cientistas e acadêmicos - entre eles oito relatores do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, do nome em inglês) - em uma carta enviada ao Parlamento Europeu (PE), que votou uma série de emendas ao texto nesta quarta-feira, abrindo caminho para a negociação final com as demais instituições europeias. (grifo nosso).

A proposta, elaborada pela Comissão Europeia (braço Executivo da UE), prevê aumentar para entre 27% e 35% a proporção de fontes renováveis exigida no consumo total de energia do bloco. **O problema, segundo os cientistas, é a existência de uma "falha grave" no texto. (grifo nosso).**

Entre as fontes consideradas como energias renováveis **se inclui a madeira, de maneira genérica, o que permite que indústrias e centrais elétricas que abatem árvores para produzir calor ou eletricidade se beneficiem de incentivos e subsídios europeus para a produção de energias limpas. (grifo nosso).**

Resíduos resultantes da fabricação de papel ou móveis, por exemplo, são amplamente utilizados como biomassa na produção de energia na UE há anos, uma prática aprovada pelos cientistas.

No entanto, **eles temem que a maior demanda por energias renováveis incentivaria a indústria a cortar árvores** especificamente para produzir biomassa, em lugar de usar apenas madeira residual. **(grifo nosso).**

Mais barata e simples que a produção de energia eólica ou solar, a energia a partir de biomassa também é uma alternativa para as centrais elétricas movidas a carvão, alvo de uma campanha de extinção na UE, que podem se beneficiar de ajudas públicas para reconversão e usar suas instalações para **produzir energia com a queima de madeira. (grifo nosso).**

A preferência europeia pela biomassa na produção de energia renovável está relatada em um estudo realizado pela própria Comissão Europeia em 2016 sobre o impacto ambiental dessa demanda sobre os Estados Unidos, principal fornecedor de madeira granulada para o bloco. **(grifo nosso).**

Figura 11 - Energia obtida a partir de biomassa é mais barata que energia eólica ou solar



Fonte: Getty Images in BBC Bruxelas (2018)

(...) Bruxelas estima que em 2020 a biomassa responderá por 42% das energias limpas consumidas na UE. **"Estima-se que a bioenergia será, sozinha, a maior fonte de novas demandas por madeira no futuro próximo, e isso deverá causar um aumento nas plantações de pinos, em detrimento das áreas agrícolas e de florestas naturais"**, agrega o estudo. **"A conversão de florestas naturais em florestas plantadas é uma preocupação** e a demanda projetada de exportação de madeira granulada e bioenergia doméstica sugere que a prática continuará". **(grifo nosso).**

A nova demanda europeia superaria a capacidade das florestas locais e causaria um **"grande impacto sobre as florestas mundiais e a biodiversidade"**, afirmou à BBC Brasil Jean-Pascal van Ypersele, professor da Universidade Católica de Lovaina (Bélgica), co-presidente do IPCC entre 2008 e 2015. **(grifo nosso).**

"Para fornecer só um terço da energia renovável adicional exigida em 2030 a UE teria que queimar uma quantidade de madeira muito superior a sua produção total atual. As importações europeias de madeira aumentariam consideravelmente, ameaçando as florestas brasileiras." **(grifo nosso).**

Segundo o professor, **"só a demanda europeia por madeira já degradaria as florestas mundiais, mas se outros países decidirem seguir o exemplo da UE e também começarem a usar madeira para produzir energia o impacto seria catastrófico"**. **(grifo nosso).** (...)

"Em lugar de incentivar Indonésia e Brasil a preservar suas florestas tropicais, o que esse projeto de lei está dizendo é **basicamente 'está bem cortar suas florestas se for para produzir energia'.**" **(grifo nosso).** (...)

A **Associação Europeia de Biomassa (AEBIOM)**, que representa 120 associações e empresas ligadas à produção de biomassa, argumenta que a produção europeia de madeira aumentou em 5 bilhões de metros cúbicos nos últimos 25 anos e que a indústria não utiliza mais que 63 por cento do aumento anual, apesar de o consumo de energias renováveis na UE ter dobrado de volume nos últimos quinze

anos. Ademais, assegura que as centrais europeias de energia de biomassa não utilizam madeiras inteiras e não poderiam competir com os preços oferecidos para essa matéria pelas indústrias de móveis e construção. **(grifo nosso)**. "Afirmar que o desenvolvimento de bioenergia sólida na Europa incentiva o desmatamento em países como Indonésia ou Brasil é incorreto. As importações de bioenergia são estáveis e limitadas", defende a associação, em um artigo assinado por seu secretário geral, Jean-Marc Jossart. **(grifo nosso)**. (...)

Segundo os cientistas, **as emissões de CO2 de uma central elétrica à base de madeira granualada são em média 50% superiores à de uma central à base de carvão e pelo menos 3 vezes superiores à de uma central à base de gás natural.** **(grifo nosso)**.

"Nossa estimativa conservadora é de que o uso de madeira deliberadamente abatida (para produzir energia) no lugar de combustíveis fósseis emitiria pelo menos duas vezes mais CO2 por kw/h em 2050", advertem os cientistas na carta enviada aos deputados europeus. **(grifo nosso)**.

Levaria "décadas ou séculos" para que o crescimento de novas florestas e a redução no uso de combustíveis fósseis fossem capazes de zerar o saldo de CO2 na atmosfera. **(grifo nosso)**

g) **Os riscos ao meio ambiente no governo Bolsonaro (Brasil, 2018)**

Data da publicação: Novembro de 2018

Fonte: Deutsche Welle In Ambiente Brasil, Curitiba

Figura 12 - Área desmatada no Estado do Pará



Fonte Reuters/U.Marcelino (2018)

Resumo:

A natureza do Brasil é plena de superlativos: ela dispõe da maior floresta tropical, com uma excepcional biodiversidade e as maiores reservas de água doce do mundo. Além do mais, é gigantesco o potencial de energia eólica, solar e hidrelétrica, assim como de biomassa.

Esses tesouros naturais estarão agora ameaçados pelos mais altos escalões da política? Há anos o recém-eleito presidente **Jair Bolsonaro** vem criticando normas ambientais supostamente rigorosas demais, que atravancariam o setor agrícola. Agora eleito, **ele promete dar fim à “indústria da multa”, que considera criminosa: “Vamos botar um ponto final em todos os ativismos do Brasil. Vamos tirar o Estado do cangote de quem produz.” (grifo nosso).**

O general Oswaldo Ferreira, que chegou a ser cotado para ministro da Infraestrutura, expressou nostalgia pelos tempos da ditadura militar: “Quando eu construí estrada [BR-163], não tinha nem Ministério Público nem IBAMA [...] **Derrubei todas as árvores que tinha à frente sem ninguém encher o saco. Hoje, o cara, para derrubar uma árvore, vem um punhado de gente encher o saco**”, disse ao Estado de S. Paulo. **(grifo nosso).**

Luiz Antônio Nabhan Garcia, presidente da União Democrática Ruralista (UDR) e colaborador próximo de Bolsonaro, exigiu a extinção do Ministério do Meio Ambiente e a subordinação da pasta ao da Agricultura: “Não podemos, um setor tão relevante para o Brasil, ser submetidos a perseguições ideológicas, a perseguições que levam a uma desestabilização do campo.”

Bolsonaro chegou a anunciar a fusão dos dois ministérios, mas voltou atrás porque a proposta não agradava nem o setor agropecuário nem os ambientalistas. **Mas a subordinação das questões ambientais aos interesses do setor agropecuário parece certa no futuro governo. (grifo nosso).**

“O que não pode mais acontecer é briga entre ministérios”, disse o presidente eleito. “E os problemas estão aí: a indústria das multas, e para você tirar uma licença ambiental não pode levar dez anos. Com essa forma xiita de tratar o meio ambiente, estou preocupado.”

No meio ambiente, Jair Bolsonaro segue passos de seu ídolo, Donald Trump. (grifo nosso). (...)

Marcio Astrini, coordenador de políticas públicas do Greenpeace, declarou à DW que, por enquanto, é tudo especulação. “A única certeza que temos é que o Bolsonaro não quer um ministério forte, seja pela indicação de uma pessoa que não é da área, seja pela fusão do ministério. **Mas parece que o objetivo dele, independentemente do caminho que for tomar, é enfraquecer o Meio Ambiente.**” (grifo nosso).

Adriana Ramos, da ONG Instituto Socioambiental (ISA), vê a questão de modo semelhante: “**Há uma visão de que o meio ambiente é um problema, de que cumprir as regras ambientais é um impeditivo ao desenvolvimento**, e não só na área de agricultura, mas também em outras.” (grifo nosso). (...)

Bolsonaro coloca igualmente em cogitação a saída do país do Acordo do Clima de Paris, por trás do qual ele vê a intenção de roubar dos brasileiros a soberania sobre a Região Amazônica. (grifo nosso). “Eu sei que o [corredor] Triplo A está em jogo. Uma grande faixa que pega dos Andes, passa pela Amazônia e vai até o Atlântico, de 136 milhões de hectares, estaria não mais sob nossa jurisdição, mas sob a jurisdição de outro país. Nós poderíamos abrir mão da nossa Amazônia?” **Só se essa cláusula for eliminada, diz Bolsonaro, o Brasil permanecerá no tratado do clima.** (grifo nosso).

Ambientalistas se espantam por Bolsonaro engolir fake news como essas – esse corredor não está previsto no Acordo de Paris. “Só ele pode explicar de onde tirou essa ideia”, comenta Astrini. “Esse assunto nunca existiu. Me parece um desconhecimento, me parece mais preconceito e desinformação.” (grifo nosso).

Na realidade, o país ganha com as conferências do clima, afirma. “O Brasil pode pressionar os países envolvidos a trazer soluções. **Se o Brasil sair, não faz mais essa pressão e não acessa mais os fundos que resultam dessas negociações. E dá as costas para o planeta.**” (grifo nosso).

Ricupero considera os planos de saída uma “estupidez homérica”. Pois, com a atual crise econômica, o país já quase cumpriu as reduções de emissões carbônicas acordadas para 2025. Astrini supõe que **Bolsonaro esteja seguindo o exemplo de seu ídolo declarado, Donald Trump**, que já anunciou a saída do Acordo de Paris. Mas “está copiando a política errada” e “não há mérito algum em copiar os erros dos outros”. (grifo nosso).

Bolsonaro prometeu, ainda, uma abertura das reservas naturais e indígenas em favor da agricultura e da mineração. “Isso dá incentivo para o desmatamento crescer no Amazonas”, alerta Astrini. (grifo nosso). (...)

No geral, os planos do presidente eleito parecem pouco amadurecidos para a ambientalista, para quem trata-se de “anúncios feitos muitas vezes intempestivamente, não tem nada de concreto, no papel”. **Astrini espera que Bolsonaro não concretize suas promessas, que na verdade são ameaças: “Para o bem do meio ambiente, para o bem da Amazônia, da economia do país, dos povos que dependem da floresta para viver, como os povos indígenas, espero que ele não cumpra o que prometeu.”** (grifo nosso).

h) Maior aumento de desmatamento da Amazônia em dez anos (Muller, WWF, 2018)

Data da publicação: Novembro/2018

Fonte: Peter Muller - WWF-Brasil

Figura 13 - Desmatamento na Amazônia 1



Fonte: WWF / Peter Muller (2018)

Resumo:

Os ministérios do Meio Ambiente (MMA) e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) divulgaram hoje (23) a taxa preliminar do Projeto de Monitoramento do Desmatamento na Amazônia Legal por Satélite (PRODES). Entre agosto de 2017 e julho de 2018, o sistema registrou aumento no desmatamento da Amazônia de 13,7% em relação aos 12 meses anteriores. Foram suprimidos 7.900 km² de floresta amazônica, o que equivale a mais de cinco vezes a área da cidade de São Paulo. Essa é a maior taxa divulgada desde 2009, ano em que se registrou 7.464 km². Os estados que mais desmataram foram Pará (35,9%), Mato Grosso (22,1%), Rondônia (16,7%) e Amazonas (13,2%). “O aumento do desmatamento da Amazônia diminui a competitividade dos produtos brasileiros diante de um mercado global que busca produtos livres de desmatamento. Além disso, a destruição da Amazônia também prejudica o cumprimento dos compromissos que o Brasil assumiu no Acordo de Paris, de diminuição na emissão de gases de efeito estufa, e na Convenção sobre Diversidade Biológica”, afirma Mauricio Voivodic, diretor-executivo do WWF-Brasil. (...)

O Brasil se transformou em referência global pela criação do sistema de monitoramento do desmatamento na Amazônia e, sobretudo, por reduzir suas taxas. Apesar da intensificação dos esforços de fiscalização e apreensão dos produtos de atividades ilegais na Amazônia promovidas pelo governo brasileiro, a maior parte do desmatamento na Amazônia continua sendo feito por atividades ilegais, que segue impune na justiça brasileira. (...)

A Amazônia nos presta serviços ambientais inestimáveis: a biodiversidade, a umidade imprescindível para a formação das chuvas que caem também no centro-sul do país, a contribuição para a regulação do clima, a minimização dos impactos de eventos climáticos mais drásticos, entre outros. Para manter esses e outros serviços ambientais à sociedade, é fundamental combater o desmatamento e a degradação florestal com rigor. (grifo nosso).

i) **Crescimento do garimpo ilegal na Amazônia atinge duramente áreas indígenas (Caetano, Brasil de Fato, 2018)**

Data da publicação: Dezembro de 2018

Fonte: Bruna Caetano – Brasil de Fato, São Paulo.

Figura 14 – Índios da Amazônia



Fonte: Leo Ramirez (2018)

Segundo mapa que reúne informações da prática em terras demarcadas e protegidas, são 453 pontos de garimpo no Brasil. O garimpo no Brasil não é ilegal, e o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) regula as atividades de extração em determinados locais, **contudo, a mineração em áreas protegidas e reservas indígenas é proibida**. Mas de acordo com o mapa Amazônia Saqueada, realizado pela Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (RAISG) e pela InfoAmazônia, a região pan-amazônica é explorada em mais de 2.312 pontos de 245 áreas no Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela, **com extração de ouro, diamantes e coltan. (grifo nosso)**.

A pesquisa inédita compilou dados sobre a situação de mineração ilegal ao longo dos sete milhões de metros quadrados do território amazônico, e deu origem à ferramenta que permite o acesso ao conteúdo de forma interativa. A plataforma digital permite visualizar as informações sobre cada ponto de mineração disponível no mapa. Só no Brasil, de acordo com a RAISG, são 453 garimpos em 132 áreas. **(grifo nosso)**.

Segundo Alicia Rolla, geógrafa do **Instituto Socioambiental (ISA)**, que coordena a Raisg, um dos objetivos é trazer a visão da Pan-Amazônia como um organismo integral que unifica os países amazônicos. De acordo com ela, **existe uma dificuldade de acompanhar o garimpo ilegal, que possui diversas implantações diferentes, e nem sempre é possível visualizá-las através de imagens de satélites. (grifo nosso)**.

As informações obtidas sobre a exploração em áreas indígenas e de conservação são obtidas através das instituições que trabalham na Rede. Alguns países colaboraram com levantamentos por terceiros ou até por órgãos oficiais, que foram reunidos na pesquisa. Alicia acredita que o mapa possui um papel importante para a compreensão da dinâmica extrativista de minérios. “O garimpo está presente

dos dois lados da fronteira, e os garimpeiros as atravessam inclusive para fugir de fiscalização. Outra coisa que conseguimos observar é que a prática ilegal possui uma proximidade com a legal”, afirma a geógrafa.

A prática do garimpo, de forma geral, tem importantes consequências ambientais. Quando acontece de forma ilícita e em áreas demarcadas e de preservação, o impacto é sentido com maior potência pelos indígenas e comunidades ribeirinhas que dependem dos recursos naturais. O uso do mercúrio para separar o ouro da areia contamina os rios, e, conseqüentemente, os peixes. Além disso, a extração de minérios provoca desmatamento para acessar o subsolo, e assoreamento dos rios, causando distúrbios ambientais como o aumento de mosquitos transmissores de doenças. (grifo nosso).

“Nossa terra está demarcada pelo governo federal desde 1992, mas não está sendo respeitada”, alega Dário Vitório Kopenawa Yanomami, vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami, de Roraima. De acordo com ele, o garimpo é responsável pela contaminação dos rios e da terra Yanomami. **“Várias doenças estão surgindo por conta da contaminação e de crimes ambientais feitos pelos garimpeiros”**, denuncia Dario. (grifo nosso).

O povo Yanomami se organiza através da associação, por onde denunciam os abusos na área indígena, que possui cerca de 9.419.108 hectares. “A Hutukara recebe as denúncias e as encaminha para órgãos públicos como a Fundação Nacional do Índio (Funai), Polícia Federal (PF), Ministério Público Federal (MPF) e para o Exército Brasileiro, para que assumam suas responsabilidades” afirma. Dário conta que a associação não consegue acabar com o garimpo sozinha, já que a atividade é bem organizada. “Estamos fazendo o trabalho de denúncia, mostrando o sofrimento e as ameaças de morte que recebemos pela defesa do território”, diz. (grifo nosso).

“Nós temos três grupos Yanomami isolados, que não querem se aproximar dos não-índios. Eles estão correndo muito risco.” Ele conta que, no mês de julho, dois índios isolados foram mortos por garimpeiros. “Fizemos denúncia para a Procuradoria-Geral da República e Ministério da Justiça, e pedimos investigação sobre o garimpo ilegal, além de pedir investigação sobre as mortes para o MPF e Polícia Federal”. (grifo nosso).

De acordo com a pesquisa da RAISG, **a partir de 2010, novas balsas de extração de minérios começaram a chegar na terra Yanomami, e ao final de 2016, o sobrevoo já identificava 49 na região.** No rio Uraricoera, no estado de Roraima, cerca de 40% do ouro coletado é dividido para os trabalhadores (cerca de 14 pessoas), e o resto pertence ao proprietário, que fica na cidade. (grifo nosso).

A intensificação deve-se acirrar a partir de 2019, com o início do **governo de Jair Bolsonaro.** O presidente eleito fez declarações na quarta-feira (12) críticas à proteção do meio ambiente em um vídeo no seu *Facebook*. **“No subsolo de Roraima existe uma tabela periódica. Níquel, urânio, ouro, nióbio. Tem que poder trabalhar sua terra (...) Cabem algumas hidrelétricas no Vale do Rio Poti. Com todo respeito ao meio ambiente, gerar energia para quem não tem.”** Cerca de 46% da área do estado é território indígena. (grifo nosso).

No vídeo, defendeu que os índios não devem ser "pré-históricos" e precisam se integrar à sociedade, além de criticar o Acordo de Paris, que possui medidas redução e mitigação de impactos das mudanças climáticas. **Bolsonaro já havia afirmado que, se depender dele, não haverá mais demarcações de terras para indígenas,** e reiterou a decisão durante um encontro com parlamentares do DEM também na quarta-feira (12). (grifo nosso).

Para 2019, o povo Yanomami prepara sua resistência às ameaças de Bolsonaro contra os indígenas. “Nossas lideranças tradicionais, guerreiros da floresta, já estão sabendo sobre o governo eleito”, afirma Dário. **“Estamos nos organizando e vamos nos posicionar para cobrar nossos direitos que estão na Constituição. Ele precisa respeitar as áreas demarcadas, não pode quebrar o protocolo e enfrentar as autoridades anteriores que fizeram as demarcações”**, conclui. (grifo nosso).

ANEXO II – REPORTAGENS NOS MESES DE SETEMBRO DE 2019 SOBRE QUEIMADAS NA AMAZÔNIA

Durante a finalização dessa dissertação, a Amazônia foi objeto de uma série de reportagens sobre as queimadas que aumentaram sobremaneira em relação ao ano anterior. Tal situação levou a Amazônia ao centro das atenções em nível mundial, o que pode ser verificado no recorte das reportagens a seguir apresentadas, o que reforça as ameaças constantes ao patrimônio natural da Amazônia Legal e que não poderia deixar de ser representado nesse recorte da realidade sobre a Amazônia e a repercussão internacional, inclusive em relação à posição política do Brasil em relação a países que se posicionaram sobre os controles necessários ao desmatamento no período de realização da dissertação.

Os grifos em negrito (**grifo nosso**) indicados no texto procuram dar destaque a questões relevantes tratadas nas matérias, as quais foram resumidas de forma a contemplar o essencial, na visão da autora, em relação ao título dado à notícia. Para melhor destaque, cada notícia inicia uma nova página.

a) **Queimadas na Amazônia triplicam em agosto e superam média histórica (Estadão, 2019)**²³

Data da publicação: Setembro de 2019

Fonte: Ricardo Moraes/Reuters – Estadão, São Paulo.

Figura 15 – Queimada na Amazônia



Fonte: Ricardo Moraes/Reuters (2019)

²³ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/queimadas-na-amazonia-triplicam-em-agosto-e-superam-media-historica/>

A **principal hipótese** de especialistas para o aumento do fogo **é que as queimadas estão ocorrendo para limpar as árvores que foram derrubadas antes.**

De acordo com dados do Programa Queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), **os focos de incêndio neste mês de agosto na Amazônia foram quase o triplo do registrado no ano passado.**

Até este sábado (31), foram 30.901 focos de incêndio, ante 10.421 em agosto do ano passado – alta de 196%. O total também supera a média histórica para o mês, de 25.853, para o período entre 1998 e 2018. É ainda o mais alto desde agosto de 2010 – ano de seca histórica severa, que teve 45.018 focos.

Os focos de queimadas estão espalhados por todo o chamado arco do desmatamento, que vai do Acre, passando por Rondônia, sul do Amazonas, norte do Mato Grosso e sudeste do Pará. A principal hipótese de especialistas é que queimadas estão ocorrendo para limpar o que foi derrubado antes.

Na última sexta-feira (30), o presidente Jair Bolsonaro alterou o decreto que proibia as queimadas em todo o país durante o período da seca e abriu uma exceção para as práticas agrícolas fora da Amazônia Legal. O novo decreto presidencial, publicado em edição extra do Diário Oficial, permite a realização de queimadas em razão de “práticas agrícolas, **fora da Amazônia Legal**, quando imprescindíveis à realização da operação de colheita, desde que previamente autorizada pelo órgão ambiental estadual.

A medida alterou o decreto publicado pelo presidente um dia antes, na quinta-feira, 29, e que havia proibido por 60 dias a realização de queimadas em todo o território nacional.

No dia 21 de agosto, a coordenação do **Observatório do Clima, grupo que reúne cerca de 50 ONGs** em prol de ações contra as mudanças climáticas, afirmou que o recorde de focos de incêndio observados neste ano é apenas “**o sintoma mais visível da antipolítica ambiental do governo de Jair Bolsonaro**”.

b) Um em cada três focos de queimadas na Amazônia tem relação com o desmatamento (WWF, 2019)²⁴

Data da publicação: Setembro de 2019

Fonte: WWF (Editorial)

Figura 14 – Focos de queimadas na Amazônia



Fonte: WWF – Brasil (2019)

Na Amazônia, 31% dos focos de queimadas registrados até agosto deste ano localizavam-se em áreas que eram floresta até julho de 2018. A conclusão é de uma análise feita pela equipe do WWF-Brasil, sobre focos de queimadas no bioma, com base em séries históricas de imagens de satélite e em dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

Esse resultado revela que aproximadamente um em cada três focos de queimadas registrados em 2019 não tiveram relação com a limpeza de pastagens, mas sim com queimadas que sucederam o corte de áreas de floresta, no ciclo tradicional de corte e queima. Historicamente, na Amazônia, o uso do fogo é um dos estágios finais do desmatamento após o corte raso da floresta.

Os líderes dos países amazônicos devem assinar hoje (6/9), na cidade de Letícia, na Colômbia, um Pacto Pela Amazônia. A proposta consistia em coordenar esforços para defender o bioma nesta imensa crise. Mas o governo brasileiro pode pressionar para que o pacto seja fraco e apoiar a mineração e outras indústrias extrativistas, com grandes impactos ambientais, prejudicando toda a região.

²⁴ Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?72843/amazonia-um-em-tres-queimadas-tem-relacao-com-desmatamento>

O mês de agosto trouxe notícias preocupantes para a Amazônia brasileira: a área com alertas de desmatamento foi de 1.394 km², um valor 120% maior do que o mesmo mês em 2018. Somente nos oito primeiros meses de 2019, a área total com alertas de desmatamento foi de 6 mil km², um valor 62% maior do que o observado para o mesmo período em 2018.

Acompanhando o rastro do desmatamento, o número de focos de queimadas na Amazônia, entre janeiro e agosto de 2019, cresceu mais de 110%, na comparação com o mesmo período de 2018. Ao todo, foram registrados 46.825 pontos, segundo a medição do Programa Queimadas do INPE. Esse valor representa um aumento de 64% em relação à média dos últimos dez anos (2009-2018) para o mesmo período.

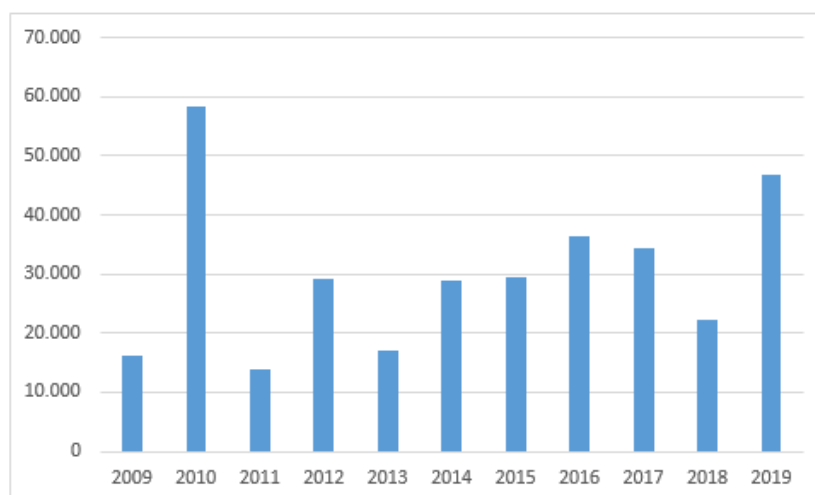


Gráfico – número de focos de queimadas no bioma Amazônia nos oito primeiros meses de cada ano

A nova análise realizada pela equipe da WWF-Brasil corrobora [nota técnica recém-publicada](#) pelo IPAM (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia) verificou que 30% dos focos de fogo registrados nos primeiros oito meses de 2019 localizavam-se em florestas públicas não destinadas (20%) ou áreas sem informação cadastral (10%). As florestas públicas não destinadas ainda carecem de destinação para uma categoria fundiária de proteção e –portanto, por definição, qualquer desmatamento ou fogo que acontece ali é de origem ilegal.

Em síntese, as análises apontam que não está ocorrendo na Amazônia um aumento de queimadas em pastagens, ou mesmo de incêndios florestais fora de controle –mesmo porque estamos num ano mais úmido, com a floresta menos suscetível a esses incêndios acidentais– mas sim uma verdadeira epidemia de desmatamento, na qual o fogo vem sendo utilizado intencionalmente como ferramenta para limpeza de áreas recém-desmatadas.

De acordo com Mauricio Voivodic, diretor-executivo do WWF-Brasil, as queimadas na Amazônia não são naturais –elas são deliberadamente deflagradas, de forma ilegal, por madeireiros e grileiros– e só poderão ser controladas com uma ação conjunta do governo, do setor privado e da sociedade.

"Pedimos à sociedade que apoie um modelo de desenvolvimento para a Amazônia que seja capaz de estimular a ciência e a tecnologia, o uso sustentável da biodiversidade e o respeito aos povos indígenas e comunidades tradicionais", disse Voivodic.

Segundo ele, a menos que o governo aplique leis e penalidades mais rigorosas para colocar um fim nessas atividades ilegais, o mundo continuará testemunhando a devastação de uma das principais proteções naturais existentes contra a crise climática.

"Fazemos um apelo para que os governos dos países amazônicos lutem contra o desmatamento e a grilagem relacionada à exploração de terras públicas. E também pedimos que o setor privado implemente mecanismos de rastreabilidade e transparência para garantir a eliminação da compra de bens -especialmente carne, madeira e produtos de mineração- provenientes de áreas ou atividades ilegais", afirmou Voivodic.

Em agosto de 2019, uma área de 24.944 km² foi queimada na Amazônia brasileira. Essa área corresponde a mais de quatro vezes a que foi registrada no ano anterior, de 6.048 km².

Ao longo de 2019, a área total da Amazônia destruída por incêndios é estimada em cerca de 43.753 km². No mesmo período, em 2018, foram queimados 17.553 km², o que representa um aumento de quase 150% neste ano.

Áreas protegidas sob ameaça

Segundo dados preliminares do Mapbiomas, mais de 90% dos desmatamentos registrados nos três primeiros meses de 2019 no Brasil foram realizados sem autorização do órgão ambiental competente, ou seja, são totalmente ilegais. Por meio da ferramenta, é possível detectar que 40% dos alertas validados no primeiro trimestre de 2019 ocorreram em áreas nas quais sequer poderia haver autorização, pois são unidades de conservação, terras indígenas ou áreas de preservação permanente, como nascentes.

Um dado preocupante, que demonstra a sensação de impunidade reinante na Amazônia, é o aumento significativo do desmatamento em áreas protegidas (Parques Nacionais, terras indígenas etc.). Entre janeiro e agosto de 2019, o desmatamento nessas áreas cresceu 84% em relação a 2018 e mais de 190% em relação a 2017.

A proporção de área com alertas de desmatamento dentro de áreas protegidas em relação ao total de alertas na Amazônia também sinaliza uma tendência de elevação nos últimos três anos avaliados: 11% em 2017, 13% em 2018 e 17% em 2019. [Dados do IPAM](#) mostram que 20% dos focos de queimadas registrados até agosto deste ano ocorreram dentro de áreas protegidas, e que apesar da proteção ambiental que conferem, foi observado aumento surpreendente aumento no número de focos de queimadas em UCs em 2019, com o dobro dos focos registrados em relação à média dos últimos oito anos.

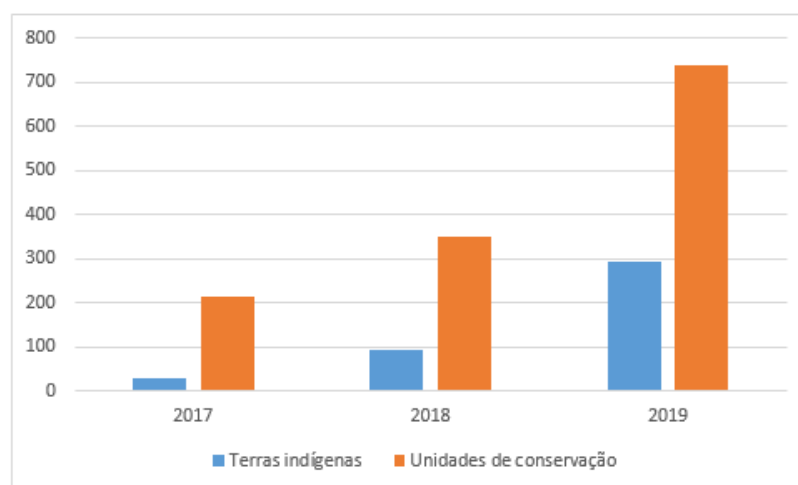


Gráfico - Área com alertas de desmatamento (km²) em unidades de conservação e terras indígenas nos oito primeiros meses de cada ano. Fonte: Deter/INPE

Todos esses dados e análises deixam claro que os esforços do Governo Federal devem se concentrar sobretudo na prevenção do desmatamento ilegal, com ações efetivas de fiscalização e punição àqueles que vêm infringindo a lei. É o caso, por exemplo, dos mais de 300 grileiros que invadiram a terra indígena Trancheira-Bacajá, no Estado do Pará, que estão derrubando e colocando fogo na floresta com a intenção de se apossarem da área e mais tarde revende-la no lucrativo mercado de terras roubadas do patrimônio público.

Apenas em julho foram desmatados 945 hectares de florestas na terra dos Xikrin, um aumento exponencial impulsionado pela sensação de impunidade que vigora em áreas de fronteira na Amazônia como decorrência dos discursos e ações adotadas pelo atual governo.

c) **Congresso dos EUA discute impacto da Amazônia nos elos comerciais com Brasil (Jornal do Brasil)**²⁵

Data da publicação: Setembro de 2019

Fonte: Marina Dias – Jornal do Brasil, Rio de Janeiro

Figura 15 – Queimadas na floresta Amazônia



Fonte: REUTERS/Ueslei Marcelino)

Deputados americanos debateram nesta terça-feira (10) no Congresso medidas para auxiliar no **combate ao desmatamento da Amazônia e os possíveis impactos da política ambiental do governo Jair Bolsonaro (PSL) nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos.** (grifo nosso)

Durante audiência pública da Comissão de Relações Exteriores da Câmara, parlamentares mostraram preocupação com **o aumento das queimadas e do desmatamento na floresta -classificados por eles como crise global--**, mas não foram assertivos sobre condicionar um acordo comercial entre Washington e Brasília a uma mudança da postura de Bolsonaro diante de temas como a preservação do meio ambiente. (grifo nosso)

Mesmo congressistas de oposição a Donald Trump, aliado de Bolsonaro, concentraram suas exposições na ideia de que é preciso buscar ações conjuntas para resolver a crise de repercussão internacional, sem afirmar que o tema possa criar obstáculos para o relacionamento entre os dois países.

²⁵ Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/2019/09/1016268-congresso-dos-eua-discute-impacto-da-amazonia-nos-elos-comerciais-com-brasil.html>

O deputado democrata Albio Sires, que presidiu a audiência intitulada "Preservando a Amazônia: um imperativo moral compartilhado", chegou a dizer que essa não era uma "boa abordagem no momento" e que o objetivo do debate era apenas encontrar soluções sincronizadas entre EUA e Brasil para resolver o problema na floresta.

"Não acho que seriam condições [a serem colocadas para o fechamento de um acordo comercial], mas algo que façamos juntos. Vamos trabalhar juntos, encontrar uma solução", disse Sires a jornalistas no final da sessão.

"Quero chamar atenção para o que está acontecendo na Amazônia e ter certeza de que isso não é uma sessão sobre atacar alguém, mas sobre as preocupações que temos em relação à floresta e o que podemos fazer para continuar preservando-a, porque isso é importante para o mundo."

A economista brasileira Monica de Bolle participou da audiência e fez críticas à condução da gestão Bolsonaro diante da crise da Amazônia.

Segundo ela, a premissa ambiental deveria, sim, passar pelas conversas entre os governos no âmbito de qualquer acordo de comercial e ser usada pelos americanos para mobilizar o Planalto sobre o tema.

"Acho que tanto do lado republicano quanto do lado democrata existe uma preocupação grande com essas questões de meio ambiente e, sendo assim, qualquer acordo que venha a ser firmado com o Brasil, seja de facilitação de comércio ou algo mais ambicioso, vai conter essas normativas. Isso é comércio no século 21."

Desde que os números sobre o crescimento da devastação e queimadas na Amazônia começaram a ser divulgados, no mês passado, Bolsonaro tem minimizado a situação na área e dito que o caso envolve soberania nacional, discurso ecoado por Trump. Para Bolle, esse alinhamento não ajuda a combater a crise, pelo contrário.

O líder brasileiro rechaçou, por exemplo, US\$ 20 bilhões (cerca de R\$ 81 milhões) oferecidos pelo G-7 (grupo dos países mais ricos e industrializados do mundo) após trocar ataques com o presidente francês, Emmanuel Macron, anfitrião da cúpula mais recente do bloco, e se ateve à ajuda logística de governos aliados, como o americano.

Depois da audiência, o encarregado de negócios da embaixada do Brasil em Washington, Nestor Forster, disse à reportagem que é preciso discutir a crise na Amazônia "sem paixões incendiárias" e que levar o debate sobre meio ambiente para o comércio exterior pode resultar em um "efeito rebote."

"Não se pode usar meio ambiente como punição. Isso ricocheteia, volta para a Amazônia. Isso seria restringir empresas que podem investir mais por lá."

O presidente da Earth Innovation Institute, Daniel Nepstad, e o diretor de políticas da International Conservation Caucus Foundation, Bill Millan, também participaram da audiência e discutiram como o comércio e as atividades de agropecuária podem impactar no desmatamento e na preservação da floresta.

Nepstad ponderou que algumas empresas de mercados importantes para o Brasil têm se movimentado --e podem continuar a fazê-lo-- sobre o consumo de produtos que não estejam associados à Amazônia.

Desde que a crise na floresta eclodiu, com forte cobertura da imprensa internacional, marcas americanas e europeias já anunciaram suspensão de compra de couro e soja do Brasil.

Os parlamentares seguiram a linha global de que o problema na Amazônia é de preocupação de todos os países e não só do governo brasileiro, contrariando o discurso de soberania nacional de Bolsonaro.

"O Brasil é um país soberano, respeito isso. Mas isso tem implicações. A política ambiental não é mais apenas política doméstica, é política internacional. E é por isso que estou desapontado por os Estados Unidos não estarem à mesa com o acordo climático de Paris e acho que devemos usar qualquer ferramenta disponível para preservar e proteger o mundo, o que quer que possa significar", disse o democrata Dean Phillips.

O republicano Francis Rooney, por sua vez, afirmou que é preciso equilibrar a dependência global da Amazônia e a necessidade de o Brasil prosperar. "Todos nós temos interesse em incentivar as pessoas a lidar com as mudanças climáticas e sermos verdes."

Nestor Forster, por sua vez, disse que não vê discrepância de visões entre o governo brasileiro e os parlamentares americanos, já que a preocupação com o meio ambiente "é de toda a humanidade." **No entanto, ele ressaltou mais uma vez a tese de Bolsonaro de que cabe somente ao Brasil agir sobre seus recursos naturais e território. "É uma decisão soberana do país". (grifo nosso)**

d) Salles sugere que países ricos paguem 120 dólares por hectare para proteger Amazônia (Deutsche Welle)²⁶

Data da publicação: 07 de Outubro de 2019

Fonte: Deutsche Welle - Alemanha

Figura 16 – Queimadas na floresta Amazônia

Ministro do Meio Ambiente defende pagamento para que proprietários mantenham áreas que poderiam ser derrubadas legalmente. Pesquisador aponta que proposta ignora que a maior parte do desmatamento na região é ilegal.



Fonte: Flávio Fomer

O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, sugeriu que países ricos paguem para que áreas do bioma da Amazônia que poderiam ser legalmente desmatadas continuem intactas. Ao jornal *Financial Times*, Salles afirmou que um valor de 120 dólares por ano por hectare seria suficiente para remunerar fazendeiros e moradores locais que não explorassem suas terras. **(grifo nosso)**

Proprietários de terras na Amazônia têm direito de explorar até 20% de suas áreas, segundo o Código Florestal. O mecanismo sugerido por Salles seria aplicado a essas áreas privadas passíveis de serem exploradas dentro da lei, e não a unidades de conservação ou terras indígenas, nas quais 100% do território deve ser mantido intacto.

"O custo de oportunidade [de preservar a floresta] deve ser pago por alguém, e quando nós dizemos alguém, isso significa aqueles que têm os fundos ou as fontes financeiras necessárias para isso", afirmou o ministro. **(grifo nosso)**

²⁶ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/salles-sugere-que-países-ricos-paguem-120-dólares-por-hectare-para-protoger-amazônia/a-50727725>

No início de outubro, Salles foi a Berlim e a Londres para conversar com representantes de governos, empresas e jornalistas em um esforço para melhorar a imagem do país após a alta no desmatamento e de queimadas na Amazônia. A França e a Irlanda anunciaram que poderiam bloquear o acordo de livre comércio entre a União Europeia e Mercosul, e empresas e fundos de financiamento ameaçaram com boicotes e redução de investimentos no Brasil. (grifo nosso)

Na Alemanha, Salles tentou reaver uma verba de 155 milhões de reais para projetos de conservação florestal no Brasil que havia sido congelada em agosto, mas não obteve sucesso. Ao anunciar o bloqueio, a ministra do Meio Ambiente, Proteção da Natureza e Segurança Nuclear da Alemanha, Svenja Schulze, disse que a política do presidente brasileiro em relação à Amazônia "deixa dúvidas se ainda persegue uma redução consequente das taxas de desmatamento".

À época do anúncio dos alemães, Bolsonaro tratou o congelamento dos repasses com desprezo. "Ela [Alemanha] não vai mais comprar a Amazônia, vai deixar de comprar a prestações a Amazônia. Pode fazer bom uso dessa grana. O Brasil não precisa disso", disse o presidente, para em seguida voltar a atacar os alemães: "Eu queria até mandar recado para a senhora querida [chanceler federal] Angela Merkel. Pegue essa grana e refloreste a Alemanha, tá ok? Lá tá precisando muito mais do que aqui." (grifo nosso)

Além da Alemanha, a Noruega também suspendeu em agosto um repasse de 133 milhões de reais ao Fundo Amazônia, destinado à proteção da floresta. Após a divulgação da decisão dos noruegueses, Bolsonaro criticou o país nórdico – e aproveitou para lançar mais um ataque à Alemanha. "A Noruega não é aquela que mata baleia lá em cima, no Polo Norte, não? Que explora petróleo também lá? Não tem nada a oferecer para nós. Pega a grana e ajuda a Angela Merkel a reflorestar a Alemanha", disse. (grifo nosso)

Em outubro, durante discurso de abertura da 74ª Assembleia Geral da ONU, em Nova York, Bolsonaro disse que "é uma falácia dizer que a Amazônia é patrimônio da humanidade" e, sem mencionar nomes, disse que "um ou outro país, em vez de ajudar, embarcou nas mentiras da mídia e se portou de forma desrespeitosa, com espírito colonialista". (grifo nosso)